

AUTORA DO LIVRO
ANTES QUE ELA DIGA NÃO

FERNANDA FREITAS

ANTES QUE ELA DESISTA

LIVRO II DA SÉRIE – SOBRE NÓS





**ANTES QUE ELA
DESISTA**

FERNANDA FREITAS

**ANTES QUE ELA
DESISTA**

1º edição

Para o grupo de A Seleção.

01.

NASH

Fazer aniversário é bom pra caralho.

É aquele dia do ano em que você se sente importante de verdade para as outras pessoas. E, apesar de ninguém dispensar uma festa universitária, boa parte das pessoas que estão na minha casa essa noite, comemorando meu aniversário comigo, são realmente amigos. Ou amigo de amigos.

Também tem aqueles que eu nunca vi antes, mas que me desejam feliz aniversário mesmo eu não fazendo ideia de quem são. Bom, mas eles sabem quem *eu sou*.

Sou Christopher Nash, o Ala-Armador do time de basquete da Universidade Duke, em Durham, na Carolina do Norte. Mas muitas pessoas também me conhecem como o cara mais mulherengo do campus, e essa reputação procede.

Gosto de sexo. Compareci nesse departamento aos catorze anos durante um acampamento da escola. Confesso que não fazia a menor ideia do que estava fazendo. Transei por puro instinto, era muito novo e nem sabia tocar uma garota direito. Foi estranho, rápido demais e em um pânico da porra, com medo que um dos monitores pegasse a gente.

Tenho certeza que também não foi legal para ela, que, assim como eu, era virgem. Deve ter uma estatística em algum lugar que mostre o quanto as pessoas classificam a sua primeira vez como ruim. Nunca ouvi alguém dizer que a primeira vez foi uma coisa boa. E acho que para as meninas é ainda mais complicado, por conta da dor.

De qualquer forma, modéstia parte, eu melhorei e *muito* nesse departamento ao longo dos anos. Não é à toa que tenho a reputação que tenho.

Nunca namorei, e também não pretendo. Também nunca me apaixonei

por ninguém. Algumas meninas eu acabei gostando mais ao longo dos anos, e essas eu trouxe para a minha vida, tornando-as minhas amigas. Mas se me perguntarem se eu já disse “eu te amo” para uma garota, a resposta é não. Nunca disse, nem de brincadeira. Sei que muitos caras soltam um “eu te amo” quando estão transando ou, pior, para *conseguir* transar, mas eu acho isso o cúmulo. Se você é seguro de si, tem um bom papo e sabe como tratar uma mulher, não precisa apelar para o lado sentimento para conseguir transar com ela.

Para ser bem honesto, eu não acredito em amor. Acredito em conveniência, e que as pessoas se acostumam umas com as outras.

Tenho a minha mãe para agradecer por essa conclusão.

“Melhora essa cara, Nash, porra!”, reclama Jeremy.

Eu e meus amigos estamos no quintal fumando um baseado enquanto a música ensurdecadora toca no interior da casa. Não sei como os vizinhos ainda não chamaram a polícia.

Jeremy é um dos meus companheiros de time, de república e um dos meus melhores amigos também.

Nós dividimos uma casa grande em Raleigh, uma cidade vizinha a Durham. Moramos em sete homens. É um verdadeiro caos, e a casa mais parece um motel do que qualquer outra coisa. Tem sempre mulher entrando e saindo. Nunca dá para saber quando vamos encontrar uma convidada pelos corredores.

“Foi mal, estava com a cabeça longe”, digo, e Jeremy me passa o baseado para que eu dê uma tragada. “Alguém viu o Derek? O cara sumiu.”

“Ele foi atrás da Sophie”, conta Ryan, meu outro colega de república. “O cara não cansa de levar fora dessa garota.”

Derek é outro dos meus melhores amigos e mais um dos caras com quem divido a casa. Atualmente, ele está focado em tentar ficar com uma caloura chamada Sophie. Conhecemos a menina por acaso em uma lanchonete chamada Tina’s, que fica perto da nossa casa. Sophie trabalha lá, e o cara ficou maluco pela garota, já que ela parece ser a primeira que não cai aos seus pés. Boa sorte para ele.

Nesse momento, a porta de vidro que dá para o quintal se abre e eu vejo uma morena conhecida — e gostosa — saindo de dentro da casa.

Eretria Kinsley é a irmã caçula do meu amigo, companheiro de time e colega de república, Kyle. Sabem o que isso quer dizer? Que Eretria é território proibido, pois Kyle arrancaria a minha cabeça e o meu pau se eu

tentasse alguma coisa com a sua irmãzinha. No entanto, Eretria não tem nada no diminutivo. Ela é uma verdadeira tentação ambulante, usando um vestidinho preto, curto e justo, que marcam as suas curvas deliciosas. O cabelo escuro está solto e os olhos verdes estão destacados por uma maquiagem preta que a faz parecer bem mais velha do que é.

Meu pau chega a se contorcer dentro da calça.

Linda pra caralho.

“Oi, meninos”, ela diz, se aproximando de mim e dos meus amigos. Suas pernas infinitas brilham, e eu tenho certeza que a sua pele deve ser quente e macia.

Ainda bem que Kyle não está por perto, pois ele não ficaria feliz em ver como eu estou olhando para a sua irmã nesse momento.

“Oi, Tria”, eu a cumprimento com o sorriso mais descarado que o mundo já testemunhou.

Eretria me olha de cima a baixo, sorrindo lascivamente para mim. “Oi, Nash. Feliz aniversário.”

“Obrigado, gata. Que tal um abraço?” Abro os braços para ela que, rindo, vem me abraçar. Sinto seus seios macios se apertarem contra o meu peito quando ela envolve os braços ao redor do meu corpo.

Porra. Péssima ideia.

Me afasto dela depressa, antes que possa sentir a ereção que cresce descontroladamente por baixo do zíper da minha calça.

“Quantos aninhos, bebê?”, ela me pergunta, brincalhona.

“Vinte e um, e posso te mostrar que não tenho nada de bebê, gata. Meu quarto é logo ali em cima.”

Jeremy dá risada. “Isso aí. Continua. Se o Kyle te ouvir, vai te castrar, Nash”, ele me alerta.

“Eu gostaria de ver ele tentar”, Eretria desafia. Até a voz dela é sensual. “Enfim, eu estou procurando a Sophie, vocês a viram?”

“Acho que vi ela indo embora”, conta Ryan.

“Indo embora? Mas...”

Um celular começa a apitar, e Eretria enfia a mão no decote do vestido e tira o aparelho de lá.

Minha nossa.

Porra.

Nunca quis tanto ser alguma coisa na vida como queria ser esse celular agora. Só de pensar de estar no meio dos seios dela, eu...

“Ah, ela foi mesmo embora. Acabei de receber uma mensagem.” Ela digita alguma coisa depressa no celular e depois o enfia de volta onde ele estava, e eu percebo que os caras estão tão boquiabertos quanto eu. “Algum de vocês viu a Savannah? Eu estou me perdendo das minhas amigas hoje.”

“Ela está com o Babyface”, responde Jeremy, e a voz dele sai um pouco mais grossa que o normal. O cara está babando na garota que estamos proibidos de tocar.

Babyface é outro dos meus colegas de time e república. Ele ganhou esse apelido depois que ouvimos uma garota dizer que ele tinha carinha de bebê.

Nem preciso mencionar o quanto apelidos são perigosos. Graças a Deus, o meu apelido é o meu sobrenome. Na verdade, meu sobrenome é quase o meu nome, porque ninguém me chama de Christopher além do meu pai.

“Que ótimo. Agora estou sozinha” Eretria bufa. “Parece que vou ter que encontrar alguém para me distrair. Enfim, parabéns de novo, Nash, e muito bom ver vocês, meninos. Vocês são colírios para os meus olhos.” Ela nos lança uma piscadela sedutora antes de ir embora.

Mencionei o quanto ela rebola ao andar?

Santo Deus.

Eu estou tão excitado agora que corro sério risco de explodir a qualquer momento. Essa mulher é a oitava maravilha do mundo.

“Eu quero essa mulher”, diz Ryan, babando.

“A população masculina inteira quer essa mulher”, corrige Jeremy. “Mas ela é território proibido. O *Bro Code* existe por um motivo. Então, podemos bater uma pensando nela, mas não podemos estar dentro dela.”

Reprimos um gemido. “Cara, não fala de estar dentro dela.”

“*Bro Code* é um belo filho da puta!”, declara Ryan.

Jeremy e eu apenas concordamos com a cabeça.

E eu tenho certeza absoluta que os dois estão pensando exatamente o mesmo que eu.

ERETRIA

Eu sou uma péssima amiga.

Prometi ficar com Sophie a festa inteira, mas, ao invés disso, tentei bancar o cupido para ela e Derek, o que resultou em ela indo embora da festa.

Recentemente, Savannah e eu descobrimos que Sophie sofreu uma tentativa de estupro. Fiquei tão chocada com a revelação que perdi

momentaneamente a capacidade de falar. Logo eu, que sempre tenho uma opinião sobre tudo. Mas a minha amiga parecia tão destruída que eu não soube o que dizer. Só sei que senti um ódio borbulhar dentro de mim.

Desgraçado imundo! Filho da puta!

Tenho vontade de enfiar uma bomba nuclear na bunda do maldito sempre que penso nesse assunto.

Deus, me perdoe pelos meus pensamentos assassinos.

Sophie, Savannah e eu dividimos um dormitório na Bassett House, alojamento para calouros da Universidade Duke. Nos conhecemos há pouco mais de três meses, mas essas garotas já são muito importantes para mim. Nós nos conectamos imediatamente, e eu nem acredito que consegui dar tanta sorte de ter não uma, mas duas colegas de quarto sensacionais.

E é justamente por gostar tanto delas que eu tomei as dores de Sophie. Não só por ser amiga dela, mas também porque sou mulher. E *nenhuma mulher* deveria ser intimidada, agredida ou violentada por ninguém.

Viva o feminismo!

Talvez eu não devesse ter facilitado o caminho para Derek. Sei como Sophie se sente em relação aos homens, mas senti no fundo do meu coração que ele nunca a machucaria. Ele pode ser arrogante e irritantemente insistente, mas não é uma pessoa ruim. Sei que não. Eu sou ótima em ler as pessoas só de olhar para os olhos delas, e não vi maldade nenhuma nos de Derek.

Mas, se eu estiver errada, vou deixar que Sophie me dê a punição que julgar adequada.

Depois de deixar os meninos no quintal, vou até a cozinha atrás de mais uma bebida. Ainda não vi o meu irmão em lugar nenhum, o que é um milagre, porque Kyle parece ter um radar que soa dentro da sua cabeça sempre que eu estou por perto.

Meu querido irmão é pior que um maldito guarda costas. Mas, se ainda não apareceu atrás de mim, significa que deve estar se atracando com alguma garota. Abençoada seja a criatura que o está mantendo longe de mim.

Não me entenda mal. Eu amo o meu irmão, apesar de tentar fazer da vida dele um inferno. Mas é só uma brincadeira saudável. Coisa de irmã mais nova. No entanto, conheço e entendo os motivos de Kyle para achar que eu tenho pré-disposição para me meter em encrenca. Meu histórico não está do meu lado. Mas, em minha defesa, eu cresci e mudei. Não sou mais uma garotinha em perigo. Mas meu irmão mais velho não entendeu isso ainda. Ou,

simplesmente não quer aceitar. Não sei.

Começo a ficar entediada cerca de meia hora depois, já que Sophie foi embora e Savannah desapareceu no andar de cima junto com Babyface.

Babyface. Rá. Apelidos assim, na minha opinião, é pagamento de carma. Um cara daquele tamanho com um apelido desses...

Bebi o suficiente para estar com a visão turva, mas ainda estou consciente de quem eu sou e de onde estou. Não me permito ficar podre de bêbada quando estou sozinha, como agora. Todo mundo sabe que uma mulher muito bêbada e sozinha é ímã pra homem babaca.

Machismo é uma merda.

Estou saindo do banheiro no andar de cima quando dou de cara com Nash, que estava esperando do lado de fora. Seus olhos cinzentos estão abraçados pela vermelhidão do baseado que ele estava passando com os garotos, e o cabelo castanho está uma bagunça — como se ele tivesse passado as mãos pelos fios várias e várias vezes —, mas ele é tão sexy que sinto meus músculos internos se contraírem ao serem inundados por uma onda de calor.

Deus.

Faz meses que eu não transo.

O último cara com quem eu transei foi Lucas Fisher. E, bom, vamos apenas dizer que não terminou bem.

“Oi, gata.”

“Duas vezes na mesma noite? Deve ser o destino”, eu provoco.

Ele abre um sorriso lascivo. “Não sei sobre destino, mas sei sobre desejo.” Nash umedece os lábios, e os seus olhos carregados de luxúria encaram os meus. “Fala pra mim, Tria, você tá tão louca pra trepar comigo como eu tô pra trepar com você?”

O raio de Zeus vem direto do céu e atinge o meio das minhas pernas. Minha nossa.

Sorrio. “Você gosta de brincar com fogo, hein?!”

“Você nem imagina o quanto”, ele diz, dando um passo na minha direção. Eu dou um passo para trás e Nash entra no banheiro, fechando e trancando a porta atrás de si.

Ele se aproxima de mim, me encurralando na parede. Suas mãos enormes estão no meu quadril, me segurando, e o seu corpo quente e musculoso pressiona o meu. Consigo sentir o volume da sua calça na minha barriga, mas não consigo tirar os olhos dele.

“Meu irmão vai matar você.”

“Ele vai matar a nós dois, gata. Mas, até quando você quer reprimir essa tensão sexual entre nós? Porque, mesmo que a gente não arranque as roupas um do outro essa noite, você sabe tão bem quanto eu que isso vai acabar acontecendo eventualmente.” Ele dá de ombros, despreocupado. “Por que esperar?”

Nash olha para mim com uma intensidade que rouba todo o ar dos meus pulmões. É praticamente impossível respirar. Não consigo pensar direito porque meu corpo está latejando de desejo por ele. Acho que nunca senti uma atração forte assim por ninguém. Sinto todo o meu corpo sendo consumido; meus batimentos estão acelerados e a adrenalina de fazer algo errado é tão gostosa quanto é assustadora.

Umedeço os lábios. “E o que te faz pensar que uma noite só vai ser o suficiente?”, provoco. “Eu tenho que te avisar, docinho, uma vez que você estiver dentro de mim, você não vai mais parar de pensar quando estará de novo. Você nunca vai esquecer de mim porque eu sou muito boa de cama.”

“Você está esquecendo com quem está falando, gata.”

Sorrio. “Não, não estou. Mas *você* não faz a menor ideia de onde está se metendo, *gato*.” Corro os meus dedos pelo abdômen de pedra de Nash e o sinto estremecer com o meu toque. Minhas mãos desabotoam a sua calça e descem o zíper lentamente. “Mas, se você está tão disposto assim em descobrir, então me beija logo.”

02.

ERETRIA

Nash gruda os lábios nos meus e não perde tempo para enfiar a língua na minha boca. Ele irradia calor e sensualidade, e me sinto inebriada pelo seu perfume masculino. E quando ele enfia as mãos por dentro do meu vestido, agarrando a minha bunda e me erguendo do chão, eu arquejo. Nash me levanta como se eu não pesasse nada e me coloca sentada na pia do banheiro.

Abro as pernas para que ele se acomode no meio delas e arranco o seu suéter preto por cima da cabeça. A luz do banheiro está apagada agora, mas o faixo de luz entrando pela janela é suficiente para que eu veja a tatuagem que cobre um lado do seu peito. É um leão. A juba chega perto da clavícula e pega uma parte do seu ombro e braço. Caramba. É muito sexy.

Passo meus dedos pelo desenho, admirada. “Sexy.”

“Gostou?” Ele olha para a própria tatuagem.

“É bonita.”

Começo a distribuir beijos pela tatuagem de Nash, chegando à clavícula e trilhando o caminho até o pescoço. Ele solta um gemido gutural antes de puxar meu vestido para cima e tirá-lo pela minha cabeça. Quando olha para mim de novo, seus olhos cinzentos estão nublados de puro desejo. Sei que ele gosta do que vê, e isso faz um bem enorme para o meu ego.

“Gostou?”, repito a sua pergunta.

“Se eu gostei?”, ele ecoa, com a voz rouca. “Ah, se gostei.”

Estava meio que torcendo para que tivesse a chance de ficar com ele essa noite, então caprichei. Vesti uma lingerie vermelha em cima e embaixo, toda rendada e transparente. O formato do sutiã valoriza muito os meus seios, e sei que é para eles que Nash está olhando.

Ele umedece os lábios ao mesmo tempo em que tira o meu celular do meio dos meus peitos e abre o fecho do meu sutiã. A peça mal está fora do

meu corpo e Nash já toma um dos meus mamilos enrijecidos na boca. As terminações nervosas dos meus seios são extremamente sensíveis, então, quando ele circula o mamilo com a língua e chupa com força, eu vejo estrelas.

“Isso é bom”, eu murmuro.

Bom é pouco, mas não vou massagear o ego dele assim tão fácil. Nash vai precisar me enlouquecer até que eu esteja gritando o seu nome.

Seus lábios quentes descem pela minha barriga, deixando beijos molhados pela minha pele, e quando chega ao tecido da calcinha, Nash puxa as minhas pernas com força, me colocando sentada bem na beiradinha da pia.

“Traz essa boceta pra cá”, ele ordena.

Minha nossa.

Passando os dedos em mim, por cima da calcinha, seus lábios se repuxam em um sorriso. “Você tá muito molhada”, ele constata.

“E você está perdendo tempo falando”, digo.

Sem dizer mais nada, Nash empurra o tecido da minha calcinha para o lado e, em um piscar de olhos, sua língua está em cima do meu clitóris inchado. Ele chupa lentamente, me torturando, enquanto me contorço inteira. Isso é muito gostoso. Nash sabe o que está fazendo, o que não me surpreende nem um pouco. Ele não só usa a língua, como os lábios e os dentes, me devorando e me enlouquecendo. Um gemido desesperado me escapa assim que ele enfia um dedo dentro de mim.

Quando levanta a cabeça para me olhar e eu vejo a humidade nos seus lábios, quase me desfaço.

“Quero olhar pra você quando você gozar”, ele diz, enquanto mexe não um, mas dois dedos dentro de mim agora, massageando o meu clitóris com o polegar, indo do ritmo lento e torturante ao ritmo acelerado e delicioso. Gemo, jogando a cabeça para trás. “Isso, gostosa. Geme pra mim.”

Os dedos de Nash encontram aquele ponto específico que me faz morder o lábio inferior com muita força para não gritar.

Eu gemo, tentando não ser muito escandalosa.

“É isso aí, Tria.” Ele chupa meu clitóris de novo, com força, e eu explodo em um orgasmo delicioso. “Goza pra mim, gata. Assim.”

Ele continua com os dedos em mim enquanto estremeço, deixando a sensação maravilhosa do orgasmo se espalhar pelo meu corpo.

Nash me chupa de novo, passando a língua por mim todinha, e eu tremo. Estou ultrassensível agora.

“Delícia.”

Antes que eu possa me recuperar, Nash enfia a mão enorme no meu cabelo e me puxa para mais um beijo. Consigo sentir o meu gosto na sua língua quando ele a desliza para dentro da minha boca.

Perdi completamente o controle da situação. Ele está comandando tudo. Mas não por muito tempo.

Gosto de homens seguros, que sabem o que estão fazendo, que assumem o controle e me fazem sentir o que Nash acabou de me fazer sentir. No entanto, também gosto de comandar. E Christopher Nash não vai nem saber o que o atingiu quando eu assumir o controle.

NASH

Eretria Kinsley emite sons que deveriam ser proibidos pelo bem-estar da sanidade masculina. Porra. Eu estou duro. Muito mesmo. Tanto que sinto meu pau doer. Mas Eretria não tem o intuito de prolongar o meu sofrimento.

Assim que se recupera do orgasmo que eu acabei de lhe proporcionar, ela pula para fora da pia e suas mãos hábeis disparam para o cóis da minha calça. Ela ajoelha na minha frente e puxa a minha calça e a minha cueca para baixo, finalmente libertando o meu pau dolorido.

“Hum”, ela murmura, satisfeita com o que vê, e é tão sensual que quase me faz explodir. “Isso vai ser interessante.”

Ela segura o meu pau pela base e levanta os olhos verdes para mim. E, cara, quando uma mulher está ajoelhada na sua frente e levanta os olhos para você... Não tem coisa mais sensual no mundo.

“Acho melhor você encostar na parede, docinho”, ela diz, movendo a mão habilidosa sobre o meu pau. “Não quero que você caia quando eu terminar.”

Gosto da sua confiança, mas ela não faz a menor ideia de quantos boquetes eu já recebi na vida. “Vou ficar bem”, garanto.

Ela repuxa os lábios no sorriso mais sensual que já testemunhei. “Não diga que não te avisei.”

Quando seus lábios quentes me envolvem, a sensação é gostosa pra caralho. Eretria começa devagar, me provocando. Sua boca sensual me chupa demoradamente, com atenção, com cuidado e eu coloco uma das mãos na parte de trás da sua cabeça, mas não assumo o controle. Deixo que ela faça comigo o que ela quiser fazer.

E ela faz. Me lambe inteiro e depois me coloca na boca, sem deixar de movimentar a mão. E então, de repente, a sua língua toca um ponto ultrassensível na cabeça do meu pau e eu gemo, segurando firme os seus cabelos.

Porra.

Talvez eu precise mesmo me encostar na parede. Essa garota está me fazendo perder o equilíbrio.

“Tudo bem aí?”, ela pergunta em um sussurro.

Se está tudo bem? Porra. Eu estou no céu.

“Tudo ótimo.” Tento soar indiferente. Eretria é muito parecida comigo. Somos dois arrogantes, não querendo massagear o ego um do outro.

“Então tá.”

Ela volta a atenção para o meu pau. Seus lábios se fecham ao redor de mim de novo e sua língua habilidosa atinge aquele ponto mais uma vez. Eretria aumenta o ritmo, me chupando com força. E então, sua língua lambe o ponto sensível e ela levanta os olhos para mim.

“Vou gozar”, aviso.

Mas ela não para.

Puta que pariu.

Eretria circula meu ponto sensível com a língua e eu explodo. E, adivinhem? Preciso me apoiar na parede do banheiro para não cair no chão. Pontos pretos invadem a minha visão enquanto o orgasmo varre todas as minhas células.

Meu Deus do céu.

Acho que posso ter acabado de receber o melhor boquete da minha vida.

Depois de engolir cada gota, Eretria dá um beijinho suave na cabeça do meu pau e se levanta. Parada na minha frente, ela lambe os lábios e me encara.

Quem é essa mulher?

“De nada”, Eretria diz, sorridente.

Sem dizer nada, eu abro a porta do armário do banheiro e tiro uma fileira de camisinhas de lá de dentro. Destaco uma, rasgo a embalagem e visto a proteção.

Agarro a cintura fina de Eretria e pressiono o seu corpo contra a parede do banheiro. “Obrigado, gata.” Sorrio. “Agora, abre as pernas que eu vou te comer em pé.”

Mantendo o contato visual comigo, Eretria abre as pernas e eu a pego no

colo. Mantenho meus braços embaixo da parte de trás dos seus joelhos, para conseguir mantê-la erguida, e ela segura o meu pau para guiá-lo para dentro. E quando entro, preciso fechar os olhos para manter o controle porque ela é apertada pra caralho.

Eretria arqueja, enterrando o rosto na linha entre o meu pescoço e o meu ombro. Ela me morde forte o suficiente para deixar a marca dos seus dentes e as suas unhas arranham as minhas costas, me levando a outro nível de tesão.

Porra. Ela sabe levar um homem à loucura.

Tiro o máximo proveito da gravidade, que insiste em puxar o corpo de Eretria para baixo enquanto forço meus braços a mantê-la erguida. Minhas estocadas são rápidas e fundas, e Eretria geme no meu ouvido, mordendo o nódulo da minha orelha.

“Porra, gata.”

Grudo meus lábios nos dela e Eretria começa a se esfregar em mim, buscando o alívio que não demora a chegar. Ela atinge o segundo orgasmo tão forte que eu engulo seus gemidos desesperados enquanto mantenho os lábios presos aos dela.

“Sua vez, lindo. Goza pra mim”, ela ofega no meu ouvido. Um arrepio percorre todo o meu corpo ao mesmo tempo em que gozo de novo, gemendo, exausto.

Em um último movimento de força, saio de Eretria e a coloco de volta no chão. Meus braços estão moles, doloridos por segurarem ela, assim como todo o meu corpo, mas nem de longe eu estou reclamando.

Já transei com muitas mulheres. Muitas mesmo. *Muitas*. Mas nunca desse jeito. Nunca com uma mulher que fosse tão safada e sem pudor quanto eu. Nunca com uma mulher *tão parecida* comigo.

Eretria mantém o corpo apoiado na parede por alguns segundos, recuperando o fôlego, antes de começar a pegar suas roupas no chão. Ela coloca o sutiã de volta, ajeita o tecido da calcinha, colocando-a no lugar, e veste o vestidinho preto e curto.

Quando Eretria está totalmente vestida na minha frente, tomo consciência de que ainda estou pelado. Começo a me vestir também enquanto ela confere o seu visual no espelho do banheiro.

E então, vira para mim com um sorriso lascivo. “Foi bom.”

Dou risada. “Bom?”

Eretria dá de ombros, descontraída. “Feliz aniversário, docinho.” E ela me dá um beijo na minha bochecha. “Ah, te dou permissão para fantasiar

comigo quando você precisar usar a sua mão. Pode imaginar que sou eu.”

Essa mulher...

“Vou me lembrar disso.” Umedeço os lábios. “Mas por que você tá se despedindo, gata? Temos o meu quarto do outro lado do corredor e a noite inteira pela frente.”

Eretria arqueia uma sobrancelha. “Ambicioso, hein? Você acha que dá conta? Parece tão cansado.”

Rio de novo. “Ah, eu aguento. Nunca ouviu falar da resistência dos atletas?”

Ela me encara por quase um minuto inteiro, e então sorri para mim com seus olhos verdes. “Mostre o caminho, docinho.”

03.

ERETRIA

O problema de fazer algo que você não deveria fazer, é que acobertar uma mentira é sempre uma dor de cabeça.

Por exemplo, meu irmão mais velho acha que tem o dever de me proteger do mundo. Portanto, estipulou que seus amigos e companheiros de time não poderiam dar em cima de mim. Deus. Os pobres garotos não podem nem *olhar* para mim direito sem receber um olhar mordaz de Kyle, meu super-herói. Então, imaginem o que vai acontecer se meu querido irmão descobrir que o seu amigo não só olhou para mim e deu em cima de mim, mas também passou boa parte da madrugada *dentro* de mim.

E, ah, devo mencionar que eu acabo de acordar e me dar conta de que estou no quarto de Nash. Estou nua, provavelmente com a maior cara de pós-sexo e meu irmão mora embaixo do mesmo teto que o garoto nu do outro lado da cama.

Sei que gosto de enlouquecer Kyle, mas isso só é divertido quando ele *pensa* que eu fiz as coisas que digo fazer, e não quando eu *realmente fiz*. Não quero essa dor de cabeça. Meu irmão já tenta me controlar o suficiente.

“Nash”, eu chamo em um sussurro, mas ele não se mexe. Então, eu bato nele. “Acorda!”

“Ai”, ele reclama, abrindo os olhos, sonolento. “Gata, se você queria sexo agressivo, tudo o que você precisa fazer é pedir.”

“Já amanheceu”, eu informo, ignorando o seu comentário. “Preciso sumir daqui antes que o Kyle acorde. Você consegue me levar até a Bassett House?”

Nash resmunga. “Eu acabei de acordar.”

“Ah, claro, poxa, me desculpa. Então, vou ficar na frente da sua casa, esperando um táxi e correndo o risco do meu irmão me ver.” Bato em Nash

de novo. “Nem a pau. Você vai me levar. Levanta!”

Eu estou prestes a sair da cama quando Nash agarra a minha cintura e me puxa de volta, prendendo meu corpo entre o dele e o colchão. Consigo sentir a sua ereção cutucando a minha barriga quando ele deita em cima de mim.

“Alguém já te disse que você é mal humorada de manhã?”, ele acusa, com a voz ainda rouca de sono.

E sem mais uma palavra, ele gruda os lábios nos meus. Um gemido abafado me escapa quando Nash chupa o meu lábio inferior ao mesmo tempo em que suas mãos percorrem livremente o meu corpo.

Droga. Eu poderia ficar aqui o dia inteiro. As sensações que esse cara me proporciona são magníficas. Mas, infelizmente, eu tenho muita consciência de onde estamos e de que horas são. Então, giro meu corpo na cama, fazendo-o deitar de costas, e sento em cima dele.

“Não”, eu arquejo. Minha voz sai firme enquanto aponto o dedo indicador para Nash. “Nós *não* vamos transar de novo. Você vai sair dessa cama e vai me levar em casa.”

“Adoro quando você manda.” Suas mãos enormes estão na minha bunda agora, apertando-a. “Vou te levar em casa porque não quero que Kyle me mate, mas nós devíamos fazer isso de novo. Foi bom.”

Dou risada. “Bom não é o suficiente para repetir, docinho.”

Saio de cima de Nash e começo a procurar as minhas roupas pelo quarto. São quase sete da manhã e eu preciso estar na aula às oito. Vou precisar tomar um banho na Bassett House e me arrumar na velocidade da luz para conseguir chegar a tempo. Pelo menos, embora tenha dormido muito pouco, me sinto surpreendentemente descansada.

Acho que uma boa noite de sexo faz isso com uma pessoa.

“Está dizendo que não gostou?”, pergunta Nash, e um sorriso arrogante aparece em seus lábios.

“Foi na média”, respondo, colocando o sutiã e a calcinha de volta.

Nash dá risada. “Você costuma gemer daquele jeito com sexo na média?”

O sexo foi muito melhor do que na média. Talvez tenha sido o melhor sexo da minha vida. No entanto, Christopher Nash já é presunçoso o suficiente sem que eu precise massagear o seu ego inflado como um pavão.

“Mulheres fingem orgasmo, Nash. Acontece o tempo todo.”

“Verdade. Mas você não fingiu. Senti pelo menos dois dos seus

orgasmos na minha boca, Tria.”

Dou de ombros. “Nada demais.”

Coloco o meu vestido de volta e, de novo, estou completamente vestida enquanto Nash ainda está pelado na cama.

“O que você tá esperando, cara? Se veste.” Pegó a sua camiseta no chão e jogo para ele.

Meu coração está batendo na boca quando saio do quarto de Nash. Pareço uma espiã, infiltrada no território inimigo e tentando encontrar uma saída que não me leve a uma emboscada e, conseqüentemente, a minha morte. Quando me dou por convencida de que o corredor está vazio, e os quartos silenciosos, eu disparo para o andar de baixo. Paro no pé da escada, escorada a parede, me certificando de que a sala e a cozinha também estão vazias, e então corro para fora da casa. Faltou só uma cambalhota para eu me passar por um agente da CIA. Que situação...

Nash vai rapidamente até a garagem para buscar o carro, mas me surpreendo quando o vejo saindo de lá empurrando uma moto.

Ah, não. *Nunca em um milhão de anos.*

“Você tá de brincadeira comigo? Eu não vou subir nessa coisa”, afirmo.

Nash monta na moto e coloca um capacete. “Meu carro está com o Babyface, gata. Então isso é tudo o que eu tenho para te oferecer agora.” E ele estende outro capacete para mim.

“Não tem como eu subir nisso, cara. Olha o tamanho do meu vestido. Ele não foi feito para motos.”

Ele olha para as minhas pernas nuas, abrindo um sorriso carregado de luxúria. “Tem razão. Foi feito para estar no chão do meu quarto.”

É impressionante como ele consegue me incendiar só com palavras. As lembranças da noite anterior invadem minha mente e eu preciso me esforçar para reprimir um gemido.

“Nash, eu tô falando sério. Não vou subir nessa coisa com esse vestido. Vai parecer que eu estou pelada da cintura para baixo. Não vai rolar.”

“Tá. Espera aqui”, ele diz, saindo da moto e correndo de volta para dentro da casa. Um minuto depois, ele volta segurando uma calça de moletom nas mãos. “Veste isso por cima.”

Pegó a calça, tiro os sapatos de salto, deixando-os na grama, e ali mesmo, no meio da rua, eu visto a calça. É tão grande para mim que preciso puxar todo o cadarço e fazer um nó bem forte para que a calça fique firme na minha cintura.

Nash ri. “Meu Deus. Parece um Oompa-Loompas.”

“Cala a boca!” Pego o capacete extra e coloco na minha cabeça. “Vamos logo!”

Nash monta na moto novamente e eu faço o mesmo. Nunca andei de moto na minha vida, mas sou adepta a adrenalina.

“Pode me agarrar, gata. Não vou reclamar.”

O barulho da moto ligando encobre a minha resposta, mas mandei Nash ir à merda. No entanto, quando ele começa a dirigir, eu realmente preciso me agarrar a ele, pois me assusto com a velocidade que a motocicleta atinge em tão pouco tempo.

Abraço o corpo de Nash, o que rende a ele uma risada, mas não me importo. Estou aproveitando demais a sensação do vento batendo no meu rosto e a adrenalina invadindo minhas veias e percorrendo meu corpo.

Nash mora em Raleigh, e a viagem até a Duke normalmente dura trinta minutos, mas de moto conseguimos fazer em pouco mais de quinze. E quando Nash estaciona na frente da Bassett House, eu pulo para fora depressa. Tenho cerca de vinte minutos para me arrumar se quiser chegar à aula a tempo.

“Obrigada”, eu digo a Nash, tirando o capacete e devolvendo para ele.

Começo a tirar a calça para devolver também, mas Nash coloca a mão enorme em cima das minhas, me impedindo. “Fique com ela. Pode ser que eu apareça um dia desses para pegá-la de volta.”

Dou risada. “Docinho, você é lindo e tudo, mas problema é o seu nome do meio e eu já tenho muito disso na minha vida.”

Nash dá de ombros. “Mesmo que nada nunca aconteça de novo, fique com a calça como uma lembrança.”

“Uma lembrança?”

Ele faz que sim.

“Ok.” Levo a mão até as minhas costas e abro meu sutiã, tiro-o pelos meus braços, sem tirar o vestido, e o puxo para fora do meu corpo pelo decote antes de entregá-lo para Nash. “Uma lembrança.”

Seus olhos cinzentos escurecem de tesão quando ele pega a peça da minha mão. “Você com certeza é algo diferente, Eretria Kinsley.”

Abro um sorriso. “Não diga que eu não te avisei.” Lanço uma piscadela para ele. “Tchau, Nash. Obrigada pela carona.”

Sigo meu caminho até a porta de entrada da Bassett House sem olhar para trás.

Não me surpreende que Nash queira repetir o que aconteceu entre nós na noite passada. Eu também quero. E, além do mais, sei que sou boa na cama. No entanto, ao contrário do que as pessoas pensam — incluindo meu irmão, Kyle —, eu só transei com um cara.

Lucas Fisher era, até a noite passada, o único cara com quem eu havia transado. Nós namoramos durante dois dos meus quatro anos de colegial. E eu achei que o que tínhamos era felicidade, mas na realidade eu estava descendo até o fundo do poço sem ter consciência disso. E, desde então, minha família decidiu que precisava me proteger do mundo. E é por isso que Kyle se desdobra para me manter longe do sexo masculino.

O que eles não entendem é que a Eretria Kinsley que Lucas Fisher conheceu e destruiu, está morta. Eu não sou mais aquela garota. Nunca mais serei

NASH

Depois de deixar Eretria na Bassett House, aproveito que já estou no campus da Duke e vou para a academia. O time não tem treino na quadra de quarta-feira, então eu e meus companheiros aproveitamos para colocar a malhação em dia.

O Campeonato de Basquete Masculino Universitário da NCAA começa na sexta e estou confiante que vamos chegar aos playoffs esse ano. Perdemos no ano passado, em partes por minha causa — já que peguei a ex-namorada de um companheiro de time —, mas o time em si também não estava forte como está esse ano.

Em minha defesa, com essa história da ex-namorada, a garota me garantiu que ela e Jacob Foster nunca iriam voltar. Acontece que eles voltaram uma semana depois, e meu colega de time ficou sabendo do ocorrido. Resultado: ele jogou como um merda na quadra porque só conseguia pensar em quebra a minha cara, que foi o que ele fez assim que pisamos no vestiário. Levei um soco sem qualquer aviso prévio, e foi só no meio da briga que entendi que ele estava batendo em mim por conta de Anne, a ex/atual namorada.

Enfim, isso significa que eu deveria ficar fora de problemas, mas ontem lá estava eu transando com a irmã de um dos meus melhores amigos, mesmo quando ele disse que tínhamos que ficar longe dela. Mas como ficar longe de uma mulher como Eretria? Isso nem é possível.

Quando chego à academia, encontro Babyface fazendo algumas

abdominais enquanto Chad e Kyle revezam séries no supino. Os caras chegaram cedo. E, considerando que Babyface e Kyle — que moram comigo — já estão aqui, significa que eles saíram de casa pouquíssimo tempo antes que Eretria e eu.

Deus do céu.

Alguns minutos a mais poderiam ter causado um desastre.

“Olha o aniversariante aí”, cumprimenta Chad.

“Onde você se meteu, cara? Sumiu da sua própria festa”, comenta Babyface, sentando no colchonete.

“Estava com uma garota”, comento vagamente antes de começar a me aquecer.

“Gostosa?”, pergunta Kyle, erguendo a barra do supino e soltando o ar dos pulmões pela força exercida.

Sinto uma pontada de culpa me acertar.

Agora que estou totalmente sóbrio, sem nenhum efeito de álcool ou maconha, começo a pensar onde é que eu estava com a cabeça quando invadi o banheiro daquele jeito e coloquei Eretria contra a parede. Verdade seja dita, não me arrependo nem um pouco. Foi uma das melhores noites de sexo da minha vida, o que realmente me pegou de surpresa. Mas agora, tendo que olhar nos olhos de Kyle, me sinto um amigo de merda.

“Pra caralho”, respondo apenas. “Alguém mais se deu bem?”, pergunto para mudar de assunto.

“Estava com Savannah”, diz Babyface, todo sorridente.

Savannah é outra das amigas de Eretria. Incluindo Sophie, as três são as garotas mais bonitas que conheci recentemente.

“Eu estava com uma garota também”, conta Kyle.

“Vocês são foda. Eu fiquei tão louco que passei a noite agarrado em um baseado”, diz Chad, balançando a cabeça. “Tô mole pra caralho hoje.”

Sento no chão para me preparar para fazer algumas flexões de braço. “Você tem que pegar leve, cara. A temporada começa depois de amanhã”, alerta.

Chad faz que sim. “Já parei. Foi minha despedida.”

Não vejo problema em fumar vez ou outra, mas não é algo que faço com frequência. Pretendo danificar os meus neurônios o mínimo possível, mas quando tem um baseado rolando, não me importo de tragar uma ou duas vezes.

Os caras continuam comentando sobre a minha festa, mas eu estou

estranhamente quieto. Culpa é o motivo do meu silêncio. Não consigo olhar para os olhos verdes de Kyle sem pensar nos olhos verdes de Eretria, sem pensar que passei boa parte da madrugada dentro dela, ouvindo-a gemer o meu nome enquanto me enlouquecia com aquela boca habilidosa.

Merda.

Não posso ficar pensando nisso agora, ou vou ficar tão duro que vou precisar bater uma pensando naquela garota maluca.

Cerca de uma hora depois, Derek finalmente decide dar as caras. Todos os caras já estão se exercitando quando vejo meu amigo entrar com a maior cara de sono que existe.

“D., por onde você esteve?”, Kyle pergunta a Derek. “Brianna estava perguntando por você hoje de manhã.”

Brianna é a melhor amiga de infância de Derek e está morando com a gente. Sete homens e uma mulher. Poderia ser o nome de um filme, embora eu ache que as pessoas pensariam ser do gênero pornô. Não sei como ela consegue aguentar tanto cara louco junto em um só lugar.

Derek dá de ombros. “Estava com uma garota.”

“Você também?”, indigna-se Chad. “Porra, Babyface estava com uma garota, Nash estava com uma garota, Kyle estava com uma garota e agora você. Estou ficando enferrujado.”

Os caras dão risada.

“Esse é o meu garoto”, eu digo para Derek.

Meu amigo faz um alongamento rápido e vem até o supino para alterar as séries comigo, liberando Babyface para fazer outra coisa. Derek deita no equipamento e eu entrego a barra nas suas mãos.

“Espero que a garota tenha valido a pena, cara. Você perdeu toda a festa”, eu digo, prestando atenção nas suas séries.

“Valeu a pena, sim”, ele afirma.

Abro um sorriso descarado. “A minha noite também valeu a pena. Vamos apenas dizer que Kyle não vai ficar feliz quando souber quem acordou na minha cama hoje de manhã.”

Preciso contar a alguém o que aconteceu com Eretria, e sei que posso confiar em Derek. Dentre os meus amigos, ele é o único que sabe manter a boca fechada. Além de Kyle, claro, mas para ele eu não pretendo contar sobre isso nunca. Quero manter a minha cabeça e o meu pau em seus devidos lugares, obrigado.

Derek arregala os olhos. “Você dormiu com a Eretria?”

“Shhh... Fala baixo, porra”, eu o censuro, olhando para Kyle para ter certeza de que nosso amigo não o ouviu. “Sim. E, cara, melhor presente de aniversário da minha vida.”

Tiro a barra das mãos de Derek e coloco de volta no suporte antes de assumir o lugar dele no supino.

“Kyle vai acabar com a sua raça, cara”, Derek me avisa, entregando a barra nas minhas mãos.

“Ele não vai descobrir. Foi coisa de uma noite só”, eu garanto.

A verdade é que deveria ser algo de uma noite só, mas Eretria me pegou de surpresa ao ser excelente de cama. Eu sabia que ela era sexy e que a sua autoconfiança provavelmente me renderia um sexo gostoso, mas eu não estava esperando *tudo aquilo*. Poucas mulheres me impressionaram desse jeito e, porra, eu acho que estou muito encrocado agora. De jeito nenhum uma única noite com Eretria vai ser suficiente para acalmar esse fogo latente dentro de mim.

* * *

Chego em casa quase sete horas da noite. Minha cabeça está explodindo depois das últimas horas no grupo de estudos de economia. Tenho que entregar um trabalho que está tirando a minha paz nos últimos dias. Sei que a maioria das pessoas prefere fazer trabalho a fazer prova, mas não eu. Odeio ter de passar dias desenvolvendo um trabalho. Prefiro muito mais enfiar a cara nos livros e estudar um dia inteiro, fazer uma prova e ficar livre, do que passar dias olhando para um mesmo trabalho que consome meu cérebro.

Jogo meu corpo em cima da minha cama e finalmente tiro o sutiã de Eretria de dentro do bolso do moletom. Passei o dia andando com isso para todo o lado, mas agora, trancado no meu quarto, posso tirar um tempo para admirar a peça e lembrar de como envolvia os seios redondos de Eretria.

Inclusive, meu Deus, que garota maluca. Ela simplesmente tirou o sutiã para quem quisesse ver e entregou para mim como uma lembrança da noite que tivemos.

Dou risada, sozinho.

Meu celular começa a tocar dentro do bolso e eu o puxo, encontrando a palavra “pai” escrita na tela.

Suspiro, mas atendo. “Oi, pai.”

“Christopher”, ele praticamente grita, em uma saudação calorosa. Seria

ótimo se esse entusiasmo não fosse oriundo da quantidade de remédios que meu pai ingere até perder totalmente a noção do mundo ao seu redor.

“Oi”, repito, seco.

“Christopher”, ele repete.

Respiro fundo. “O que foi, pai?”

“Estava pensando na sua mãe, filho.”

Claro que estava.

Minha amada mamãezinha. A mesma que abandonou a mim e ao meu pai quando eu tinha cinco anos de idade. A mulher destruiu o meu pai. Ela era o centro da vida dele, e mesmo eu sendo muito novo quando tudo aconteceu, eu tenho flashes de memória que me deixam saber que meu pai movia mundos e fundos por ela.

Não sei dizer exatamente o que a motivou a ir embora. Meu pai nunca realmente falou sobre isso. Não sei se ela conheceu outro homem ou se a pressão de ter um marido e um filho foi demais para ela.

Meu pai costumava dizer que minha mãe era um espírito livre. Isso era o que ele mais gostava nela. Então, não sei, talvez, no fundo, ela não quisesse mesmo ser uma esposa ou uma mãe. Então, se mandou.

“Pai, você deveria descansar.”

“Eu já estou deitado.”

Meu pai começou a tomar antidepressivos pouco tempo demais que a minha mãe foi embora, e nunca mais parou. Há épocas em que ele fica limpo e volta a ser o homem que eu tinha como herói. Mas há épocas, como agora, onde ele chafurda tão fundo na merda que ninguém é capaz de puxá-lo de volta.

“Tente dormir um pouco, tá legal?”, peço.

“Você vai jogar na sexta, não vai?”

“Sim. É o início da temporada.”

Meu pai fica tanto tempo em silêncio que chego a pensar que ele pode ter dormido, mas então ele fala de novo. “Sinto muito não poder ir, filho, mas eu vou estar na frente da TV, torcendo por você.”

Esse é o meu pai. O cara que amo e que nos manteve vivos quando minha mãe não suportou a pressão. Devo tudo a ele, mas, se for para ser sincero, estou cansado de ter de lidar com toda essa merda. Já cansei de pedir que ele procure por ajuda. Mas o problema de ter depressão vinculada com um vício em remédios, é que você acha que nunca vai conseguir ser feliz sem os malditos comprimidos.

“Obrigado, pai.” Sorrio, embora ele não possa ver. “Se você puder vir na final, já vou ficar feliz.”

Mais alguns minutos de silêncio.

“Você acha que a sua mãe vai estar te assistindo?”

E tão rápido quanto o momento bom veio, ele vai embora. Essa inconstância é exaustiva.

Eu duvido que a minha mãe sequer tenha se dado ao trabalho de me procurar. Mesmo que seja só para acompanhar a minha vida de longe. Posso estar errado, mas algo me diz que eu nunca vou ver a mulher novamente.

“Pai, nós dois sabemos que ela não estará assistindo.”

“Talvez ela esteja.”

Mordo o interior das minhas bochechas para conter o nervosismo. “Pai, tive um dia cheio. Tenho treino amanhã cedo...”

“Claro, claro. Vá descansar, filho. Te vejo no dia de Ação de Graças, certo?”

“Sim.”

“Tá. Boa noite, garoto. Te amo.”

Suspiro, cansado. “Também te amo, pai.”

Desde criança eu sei que quero jogar basquete profissionalmente. Então, quando chegou a hora de escolher uma faculdade, eu me inscrevi para as melhores universidades de basquete do país. Quando passei na Duke, foi um alívio. Tanto porque é uma das melhores no esporte, mas também porque eu precisava sair logo de casa. Não estava mais aguentando a inconstância do meu pai. E nem me deixe começar a dizer quantas vezes por dia ele menciona a minha mãe, mesmo que ela já tenha ido embora há muito tempo. Do jeito que ele age, parece que acabou de acontecer.

Foi desesperador crescer desse jeito. Envolto na memória de uma mãe que, de um dia para o outro, sumiu. Mas, ao mesmo tempo, estava tão presente, porque ele fazia questão disso, que era insuportável aguentar a falta dela.

No entanto, às vezes me pergunto se eu não deveria estar mais perto do meu pai, se não deveria estar me esforçando mais para ajudá-lo a sair do fundo do poço. Mas como se ajuda uma pessoa que não quer ser ajudada?

04.

ERETRIA

Na sexta-feira, sinto uma empolgação tomar conta do meu corpo. A temporada de basquete finalmente vai começar. E eu estou empolgada porque acompanho o esporte desde pequena por causa de Kyle. Eu costumava ser sua torcedora número um.

Pode não parecer hoje em dia, mas Kyle e eu éramos melhores amigos, até Lucas Fisher aparecer na minha vida.

De qualquer forma, amigos ou não, gosto de ver meu irmão jogar. Aprendi todas as regras do esporte e acompanhei a sua trajetória desde o início. Então, mesmo que nós não sejamos mais os mesmos, acho que me agarro ao basquete porque é o único momento em que me sinto realmente próxima a ele. Como se nada tivesse mudado de verdade.

E, além do meu amor inegável pelo basquete, descobri que a Duke tem um grupo de alunos defensores do meio ambiente. Eles são conhecidos como The Green — que significa “Os verdes” —, e eu vou encontrá-los hoje pela primeira vez. Então também estou empolgada por isso.

Quando eu tinha oito anos, uma amiga da escola me contou que era vegetariana. Nem lembro como chegamos nesse assunto, mas sei que chegamos. E, naquela época, eu não fazia ideia do que ser vegetariano significava. Pedi que ela me explicasse, e foi então que tomei conhecimento dos abusos e maus tratos destinados aos animais.

Ao contrário do que a maioria das pessoas pensam, os seres humanos não precisam de carne animal para sobreviver. Os vegetarianos e veganos estão aí para provar isso. E existe uma vasta gama de alimentos muito mais saudáveis e que não são obtidos através da exploração animal.

Quer ver um ótimo exemplo? Os seres humanos são os únicos mamíferos que continuam tomando leite depois de grandes. Por quê? Porque

temos a tendência egoísta de achar que tudo o que existe no mundo é nosso para ser tomado quando quisermos. E não é. O mundo existe graças a um equilíbrio que nós, inclusive, estamos desestabilizando. É só olhar para o aquecimento global.

De qualquer forma, me tornar vegetariana, e depois vegana, foi uma decisão inteiramente minha. Minha família inteira continua comendo carne, não importa o quanto eu tente dissuadi-los disso.

São quatro horas da tarde quando eu chego ao Sarah P. Duke Gardens, uma área arborizada e ajardinada que fica dentro do campus, para encontrar o grupo. Não demoro a reconhecê-los. Estão todos usando camisetas verdes, e sentados em um círculo na grama.

Me aproximo devagar. “Olá. Ahn... Meu nome é Eretria, eu estou procurando a Caitlin.”

Uma garota negra se levanta e abre um sorriso para mim. “Eretria! Que bom que você conseguiu vir! Eu sou a Caitlin.”

Peguei o telefone de Caitlin de um dos panfletos que estavam distribuindo ontem pelo campus, para divulgar o encontro de hoje. Nós duas nos falamos por telefone por alguns minutos, mas só estamos nos conhecendo pessoalmente agora.

“Espero não estar atrasada.”

“Ah, não. Nós íamos começar agora”, diz Caitlin, segurando os meus ombros e me levando para me sentar ao lado dela na roda.

Há uma breve apresentação dos componentes do grupo, mas eu esqueço o nome de quase todo mundo instantaneamente. É muita gente para que eu consiga associar tantos nomes a tantos rostos. Estamos em vinte e seis pessoas, contando comigo.

“É um prazer conhecer vocês”, digo, simpática. “Eu gostaria de entender melhor como o grupo funciona.”

“Basicamente, nós nos reunimos uma vez por semana, sempre as sextas, e discutimos causas que queremos assumir”, explica Carter. O nome dele eu gravei, pois foi o primeiro a ser apresentado. “Por exemplo, essa semana eu acho que devemos falar sobre o fato de muitos professores ainda pedirem trabalhos impressos. Quer dizer, pelo amor de Deus, estamos em pleno século vinte e um e temos que sacrificar as árvores para entregar um trabalho de faculdade que vai ser jogado no lixo depois? É um absurdo.”

Meu Deus. Acho que posso estar apaixonada.

Se isso de amor à primeira vista realmente existe, então acabou de

acontecer comigo.

Carter acaba de expressar exatamente o que eu venho pensando há anos, desde a época da escola.

“Eu concordo totalmente”, digo. “É um desperdício absurdo de papel, só gera mais lixo e muitas vezes nem é coletado para a reciclagem como deveria.”

Carter concorda com a cabeça. “Exatamente!”

“O que vocês acham da sugestão de Carter?”, Caitlin pergunta ao resto do grupo.

Quando a maioria das pessoas concorda com a sugestão, nós começamos a discutir formas de convencer os professores a adotarem entregas de trabalho cem por cento online. Os argumentos consistem em pesquisa, dados, fotos e vídeos que conseguirmos achar na internet para que embase a importância da redução de papel.

Ao final da reunião, eu me sinto maravilhosamente bem. Embora ainda não tenha realmente ajudado em nada, sinto que estou servindo a um propósito e fazendo algo de útil com a minha vida.

“Obrigado por me apoiar lá.” Carter aparece em pé ao meu lado, me oferecendo uma mão para me ajudar a levantar do chão.

Aceito a ajuda.

“Obrigada. E de nada.” Rio. “Você está absolutamente certo. As pessoas estão sempre tão ocupadas com causas grandes que esquecem que as pequenas também importam.”

Ele concorda com a cabeça. “É exatamente o que eu penso. Mas você não vai demorar muito para perceber que a galera quer ser o próprio *Green Peace* e salvar Amazônia, que está do outro lado do continente, ao invés de focar em coisas que realmente podemos mudar.”

“Bom, pode contar com a minha ajuda para as causas pequenas.” Sorrio para ele.

Carter sorri de volta para mim. E... agora que estou olhando para ele mais de perto, é bem bonito. Também é negro, como Caitlin, os lábios cheios, o cabelo bem preto e curto e, caramba, os olhos... São de um tom de castanho claro, meio verdes, e hipnotizantes.

“Obrigado, linda. Te vejo na semana que vem, não é?”

“Com certeza.”

Quando estou quase saindo do Sarah P. Duke Gardens, meu celular começa a tocar. Nem preciso pegá-lo na mão para saber que é Kyle que está

me ligando.

Pelo menos duas vezes por dia, recebo ligações do meu irmão. Nossas conversas são sempre curtas. Ele pergunta como eu estou, onde eu estou e o que estou fazendo. Às vezes, seu cuidado extremo comigo me faz sentir em uma prisão.

“Oi, Ky”, digo, prendendo o celular na minha orelha com o ombro enquanto guardo meu caderno dentro da bolsa. “Estou correndo para casa agora.”

“Ah, tudo bem. Eu só queria saber se você vai assistir ao jogo de hoje.”

“Claro. Não perderia por nada.”

Kyle fica em silêncio do outro lado da linha. Como eu disse, nossas conversas não costumam durar muito quando não estamos brigando ou provocando um ao outro.

“Legal”, ele diz, por fim. “Te vejo mais tarde então.”

“Combinado”, respondo. “Ah, Ky, espera”, chamo antes que ele desligue o celular.

“O que foi?” Sua voz assume um tom de preocupação característico.

“Acaba com eles”, incentivo.

Meu irmão ri. Não lembro a última vez que ele riu para mim. É bom ouvir esse som de novo. “Obrigado, maninha. Farei isso.”

“Beleza.”

E o momento passou. Tão rápido como veio, ele vai.

“Tchau, Tria.”

“Tchau, Ky.”

Quando desligo o telefone, não consigo deixar de me perguntar se meu irmão e eu vamos recuperar o que um dia tivemos. Posso ser impulsiva, amar atormentá-lo de propósito e não estar nem aí para o que ele pensa de mim, mas eu o amo. É meu irmão, droga. Claro que eu o amo. Mas queria ele me amasse o suficiente para me deixar ser quem eu sou.

* * *

E os meninos ganharam o jogo contra o Louisville Cardinals em uma partida linda que terminou com o placar de 76x71 para a Duke. E, claro, eu gritei feito uma louca. Xinguei a arbitragem, o que é de praxe, e passei boa parte do tempo explicando o jogo para Savannah, que estava assistindo ao vivo pela primeira vez.

“Foi incrível”, Savannah conta para Sophie enquanto estamos no táxi a caminho do Holme’s, um bar em Raleigh muito conhecido pelos alunos da Duke. E é lá que o time vai comemorar a vitória hoje. “Você tem que ir com a gente da próxima vez, Soph. Sério. Eu acho que você vai pirar.”

“Gritar para um bando de homens que correm atrás de uma bola?”, questiona Sophie. “Pouco provável.”

“Vai sim”, insiste Savannah. “É muito emocionante. Você xinga todo mundo sem nem entender o que está acontecendo.”

Sophie e eu damos risada.

Quando o táxi nos deixa na porta do Holme’s, Sophie faz uma careta ao se dar conta de que o bar está lotado. Ela ajeita o vestido, puxando-o mais para baixo na tentativa de estender o tecido, tentando cobrir mais das suas pernas.

“Não sei onde eu estava com a cabeça quando deixei vocês duas escolherem a minha roupa”, ela reclama.

Sophie estava trabalhando na hora do jogo, por isso não foi comigo e com Savannah para a arena. No entanto, como boas amigas que somos, passamos na Bassett House e pegamos uma roupa para ela, já que tudo o que ela tinha em mãos era o uniforme do seu trabalho como garçonete no Tina’s, uma lanchonete que também fica em Raleigh.

“Para com isso”, Savannah ordena. “Lembre-se, você é uma mulher linda de dezoito anos, cheia de saúde, que precisa se divertir. E você não estará sozinha. Eretria e eu estaremos com você, e os garotos também. Você pode confiar neles, Soph.”

Sophie tem problema em confiar nos homens, por conta da tentativa de estupro que sofreu. Savannah e eu entendemos isso. Mas eu me recuso a deixar a minha amiga remoendo essa angustia para sempre. Se ela não se arriscar e sair do casulo que construiu ao redor de si mesma, ela nunca vai conseguir superar isso. E eu quero que ela supere. Savannah também quer. Mulher nenhuma deve ter medo de viver por conta de um homem.

Suspirando, Sophie concorda com a cabeça. “Tá legal. Vamos entrar logo. Eu tô com frio.”

E nós entramos.

O Holme’s está lotado, já que a maioria dos alunos da Duke dirigiu até Raleigh para comemorar com o time. No entanto, não é difícil encontrar os garotos no meio das outras pessoas. São os caras mais altos e com mais garotas penduradas no pescoço do que qualquer outro homem dentro desse

lugar.

Clássico.

“Tria”, Kyle grita assim que me vê. Está bêbado, com certeza. É impossível que ele me receba com tanta alegria ao me ver em um bar que, teoricamente, não posso entrar, já que ainda sou menor de idade perante a lei.

Mas eu dou risada mesmo assim. Se ele quer encher a cara, não vou ficar censurando. “Oi, maninho. Quanto você já bebeu?”

Kyle aproxima o indicador e o dedão, em um sinal que deveria significar que foi pouco. Ah, claro.

Com a rapidez com a qual prestou atenção a minha chegada, Kyle esquece da minha existência quando uma garota morena para ao seu lado. De novo, abençoada seja a criatura que vai mantê-lo distraído de mim.

“Oi, Tria”, Nash me cumprimenta logo depois que uma garota sai do colo dele.

“Oi, docinho”, eu digo. “Se divertindo?” Aponto com a cabeça para a garota que se afasta da mesa.

“Agora que você chegou, com certeza.”

Kyle está... Bom, estava há três cadeiras de distância de Nash. Mas, claramente, a morena conseguiu captar a atenção do meu irmão o suficiente para levá-lo para outro lugar.

“Senta aqui”, Nash oferece o seu colo para mim, já que todas as cadeiras da mesa estão ocupadas.

“Você tá louco para criar problemas, não é?”

Nash dá de ombros, descontraído. “Estou sendo um cavalheiro.”

Eu encaro seus olhos cinzentos, abaixando um pouco o meu corpo para olhá-lo da mesma altura. E estou bem ciente de que meu decote entrou no seu campo de visão. “Se você fosse um cavalheiro, ficaria de pé e me deixaria sentar. Nós dois sabemos que você não dá ponto sem nó.”

E, como um patinho, Nash olha para o meu decote. “Gata, acabei de sair de um jogo. Tô todo dolorido. Você quer que eu fique em pé?”, ele argumenta.

“Você tá todo dolorido e quer que eu sente no seu colo? Qual é a lógica nisso, Nash? Meu peso só vai te deixar mais dolorido, docinho”, rebato. “Não força essa cabecinha linda tentando argumentar comigo.”

E ele não argumenta. Nash simplesmente coloca as duas mãos no meu quadril e me puxa para o seu colo, ignorando completamente os seus amigos ao redor de nós e o fato de que meu irmão pode voltar a qualquer momento.

“Você não sabe ouvir não?”, eu reclamo.

“Sei, mas o seu não é muito pouco convincente, gata.” Ele sorri. “Mas, se quiser levantar, fique à vontade.”

Mas não me levanto. Ao invés disso, eu me ajeito no colo de Nash, pois sua ereção enorme está cutucando a minha bunda. Ele solta um gemido abafado.

Sorrio. “Tudo bem aí, docinho?”

“Tudo ótimo”, ele diz, a voz rouca.

Passo o meu braço pelos ombros de Nash e enfio meus dedos nos cabelos da parte de trás da cabeça dele, deixando minhas unhas razoavelmente grandes massagearem seu couro cabeludo. E, quando Nash fecha os olhos e exala, o sorriso no meu rosto se expande.

“Você parece tenso”, digo, reduzindo a velocidade da minha voz para um tom sedutor.

Nash ajeita a postura, e quando seus olhos cinzentos me encaram de novo, estão tomados por luxúria. “Eu sei o que você está fazendo”, ele acusa.

O bar pode estar lotado, a música pode estar alta, pode haver pessoas gritando, comemorando, mas, nesse momento, Nash e eu entramos em uma espécie de bolha. Não preciso estar na mente dele para saber que eu sou tudo o que ele está enxergando agora, e eu tenho certeza que ele sabe que o mesmo está acontecendo comigo. Ele é tudo o que eu estou enxergando agora.

Nós dois somos muito parecidos. Literalmente a definição de farinha do mesmo saco. E isso que estamos fazendo agora é um jogo perigoso. Sei disso. Mas a química que temos é irrefutável. Qualquer pessoa que prestasse o mínimo de atenção veria as faíscas saindo de nossos corpos.

“E o que é que eu estou fazendo, exatamente?”

Nash coloca a sua mão enorme na minha coxa nua e meu corpo se incendeia. “Está tentando me deixar louco.” Ele sorri, e seus olhos se concentram na minha boca. “Você não precisa de muito para fazer isso, gata. O fato de você estar no mesmo cômodo que eu já me deixa louco o suficiente.”

Se eu gosto de saber disso? Eu amo saber disso.

No entanto, como eu estava dizendo, Nash e eu somos farinha do mesmo saco. Isso significa que ele está acostumado a ter o que quer do sexo oposto. Então, se eu der isso a ele novamente sem nenhuma resistência, nosso lance talvez esfrie rápido demais. E sexo com Christopher Nash não é algo

que eu quero abrir mão agora.

Embora eu não tenha transado com mais de dois caras, aprendi muito cedo e muito rápido que não é preciso transar para se ter o que quer de um homem. Você só precisa saber como ser sensual o bastante para fazê-lo te seguir como um cachorrinho.

Pode parecer feio dizer isso, mas não é essa exatamente a verdade do mundo? Os homens podem acreditar que estão no comando, mas basta aparecer um rabo de saia para virar a cabeça dos pobrezinhos.

Não vou mentir. Sei que sou sensual, sei o que os caras imaginam quando olham para mim. E, posso ter apenas dezoito anos, mas vi muita coisa nessa vida para saber exatamente como as coisas funcionam. E justamente por isso, quando os homens olham para mim e se deparam com a minha atitude de menina malvada, eles acham que sou muito mais velha.

E não, a minha autoconfiança e habilidades com jogos de sedução não são uma máscara para esconder uma garotinha frágil. Minha postura atual perante os homens existe porque, um dia, a garotinha frágil quase me matou. Então, antes que ela pudesse fazer isso, eu a matei. Me tornei um mulherão e, dane-se, eu me orgulho disso, sim. Estou viva por causa disso.

“A questão é que, agora, estamos em um cômodo com pelo menos duas centenas de pessoas, docinho”, lembro a Nash.

“Esse apelido não tem nada a ver comigo, gata.”

“Claro que tem.”

“Como teria?”, ele quer saber.

Olho rapidamente ao redor para garantir que meu irmão não está por perto, e também para ter certeza de nenhum dos meninos está prestando atenção em nós e... Sinal verde. Então, aproximo a minha boca da de Nash, mas, ao invés de beijá-lo, eu passo a língua pelos seus lábios lentamente. E ele geme. “Porque o seu gosto é doce”, eu digo, sedutoramente.

As mãos de Nash ficam mais firmes na minha perna à medida que ele tenta me ajeitar em seu colo, para que eu sente bem em cima da sua ereção monstruosa.

Solto uma risadinha. “Foi divertido, mas agora vou buscar uma bebida.” Estalo um beijo rápido em seus lábios. “Obrigada pelo colo, lindo. Foi bem confortável e muito cavalheiro da sua parte.”

Me levanto do colo de Nash e caminho em direção ao balcão do bar. E não preciso olhar para trás para saber que ele está vindo atrás de mim.

05.

NASH

Estou transtornado.

Não. Na verdade, estou excitado pra caralho. E transtornado. E surpreendentemente perdido com o que acabou de acontecer.

Eretria Kinsley é como um furacão. Um vendaval. Ela chega de repente, destrói tudo e vai embora como se nada tivesse acontecido.

É alucinante e ao mesmo tempo enlouquecedor o que essa mulher faz comigo, como me provoca, como sabe o que quer e não tem nenhum pudor para conseguir, como me desafia e me excita.

Talvez eu devesse ter mais autocontrole do que isso, já que Eretria claramente tem a intenção de me levar à loucura. Talvez eu devesse ter mantido a minha bunda na cadeira e deixado que ela fosse embora, pois assim, o seu joguinho não teria resultado em nada, e então ela não iria sentir que tem algum tipo de poder sobre mim. Mas, francamente, cara, quem eu estou querendo enganar?

Quando uma mulher te faz sentir assim, você não questiona. Você apenas vai atrás porque precisa de mais. E eu preciso de mais. Dela, da sua boca sensual na minha e do corpo gostoso colado no meu. Preciso dela na minha cama agora, e talvez amanhã de novo. E o dia depois de amanhã. E de novo, de novo e de novo.

Não acho que um dia eu consiga me cansar de ficar com essa mulher. Nada com Eretria tem gosto de normalidade, de monotonia. Cada dia é um dia novo, é uma experiência nova e um jogo novo. E eu amo isso. Sempre tive tendência a ficar entediado rápido demais. Fui uma criança agitada, um adolescente agitado e agora, um adulto agitado. Mas Eretria não tem um pinga de tédio em seu corpo. Cada célula sua grita “liberdade!” ou “aventura!”.

Eretria debruça seu corpo em cima do balcão e sorri para o barman ao fazer o pedido de um coquetel. Vejo quando os olhos do pobre coitado são atraídos pelo decote dela, como ímãs. Não posso culpá-lo por isso. Não existe meios de resistir a essa mulher, mas sinto uma pontada no estômago. Não quero que olhem para ela, mas reprimo meu comportamento de homem das cavernas e me lembro que essa garota não é minha.

“É por minha conta”, digo ao barman, entregando o dinheiro na mão dele quando traz o coquetel Lagoa Azul de Eretria.

“Ah, aqui”, ela entrega o canudinho para o barman. “Ajude as tartarugas, lindo. Não sirva com canudinhos.”

O barman abre um sorriso para ela e, como um idiota, concorda com a cabeça.

Eretria leva o copo à boca e dá um gole na bebida, me encarando. “Obrigada pela bebida, docinho.”

Docinho.

A garota lambeu os meus lábios, dizendo que eu tenho gosto doce e que isso justifica o apelido ridículo pelo qual ela me chama. Mas, foda-se. Eretria pode me chamar do que ela quiser. Ela pode me pedir o que quiser, e eu provavelmente farei. Porque sou homem e resistir a ela não é só impossível como também é loucura.

“‘Ajude as tartarugas’, né? Esqueci que você é a salvadora do meio ambiente.”

“Pois não se esqueça.” Ela sorri para mim. “E se usar um canudinho na minha frente, vou ficar muito triste.”

Ela dá outro gole no coquetel, mas mantém os olhos verdes me encarando. Meu Deus. Como é bonita.

“Eu tô de carro hoje”, digo a ela.

“É? Isso é ótimo. Você pode usá-lo como um motel sob-rodas.”

Sorrio. “Exatamente o que eu tô pensando.”

“Boa, garoto. Ah, olha só, tem uma garota atrás de você que não para de te encarar”, ela me avisa. “Tá no papo, lindo. É só ir até lá e pronto. Noite feliz pra você.”

Não sei se ela está falando sério sobre ter uma garota atrás de mim me encarando ou não, mas, de qualquer forma, não tiro os olhos dela. Eu já defini quem quero levar para o meu carro, e com certeza não é uma garota aleatória do Holme’s. Quero Eretria.

“Até quando você vai fazer isso?”, pergunto.

“O quê?”, ela rebate, inocente.

“Fingir que não quer arrancar minha roupa.”

“Eu não estou fingindo.”

É então que o óbvio me ocorre.

O bom de Eretria e eu sermos muito parecidos, é que posso entrar na cabeça dela com a mesma facilidade que ela pode entrar na minha.

Ela está jogando. E eu estou caindo feito um patinho.

Bom, está na hora de virar esse jogo.

“Tá certo. Talvez eu tenha interpretado errado. Aproveita sua noite, Tria.” Dou um beijo em sua bochecha macia, tentando ignorar o quanto meu pau está desesperado por alívio.

Calma, cara. Temos que trazê-la até nós.

Deixo Eretria no balcão e volto para a mesa junto com meus amigos. Boa parte deles já se dispersou, provavelmente com uma garota, mas Friends, Chad e Ryan ainda estão sentados à mesa, tomando cerveja e batendo papo com um grupo de garotas.

“Ei, Nash”, Ryan grita quando eu me aproximo. “As meninas estavam esperando você aparecer.”

Abro o sorriso mais canalha que tenho. “Ah, é?”

Uma delas concorda com a cabeça. É loira, olhos castanhos, lábios grossos e um cabelo cacheado brilhoso. Linda. “Nós estamos em quatro, seus amigos estão em três. Estávamos esperando mais um aparecer para a festa poder começar de verdade”, diz a loira, com um sorriso felino.

“Eu gosto de como você pensa”, digo. E assim que volto a me sentar, na mesma cadeira onde Eretria me enlouquecia, a loira vem para cima de mim e se senta no meu colo. “Qual o seu nome, gata?”, pergunto, usando a minha tática infalível.

Quando você está conhecendo uma mulher, independente se tem a intenção de vê-la mais de uma vez ou se vai ser só algo de uma noite só, é sua obrigação saber qual o nome dela. O nome *certo*.

Há alguns dias, meus amigos me perguntaram qual era o meu segredo para transar tanto e estar sempre com tantas mulheres. Muitos acharam ridículo quando eu respondi que o segredo era saber o nome delas. É algo tão corriqueiro que as pessoas julgam como trivial, mas não é. Uma mulher quer se sentir valorizada, ouvida e respeitada por um homem. A partir do momento que você nem sabe o nome dela, você não correspondeu a nenhum desses três pontos.

Portanto, quando eu pergunto o nome de uma garota, é porque realmente quero saber. E no final da noite, eu ainda vou saber exatamente qual é o nome dela. E, mesmo que não a veja de novo, sei que fui atencioso e que fiz ela se sentir bem comigo. E ela vai se lembrar disso também.

E então, senhoras e senhoras, eu lhes apresento: o segredo da minha reputação de mulherengo.

“Emily. Nem vou perguntar o seu porque seria ridículo.”

Dou risada. “Ah, mas eu aposto que você não sabe o meu primeiro nome.”

Emily arregala os olhos. “Nash não é o seu primeiro nome? Não brinca!”

“Pois é. Meu primeiro nome é Christopher.”

“Christopher Nash”, ela diz, testando como soa. “Combina com você. Por que não te chamam pelo primeiro nome?”

“Quando eu era criança, tinha outro Christopher na minha turma, então os professores e os outros alunos começaram a me chamar de Nash para diferenciar”, conto, dando de ombros. “E aí pegou. Ninguém nunca mais me chamou pelo primeiro nome. Além do meu pai, claro.”

Ela abre um sorriso. “Gostei. Bom, como devo te chamar então?”

“Do que você quiser, gata.”

O sorriso de Emily se expande e ela gruda os lábios nos meus. Envolvero seu corpo pequeno com meus braços e ela abre a boca quando minha língua se insinua, tentando abrir passagem.

“Aí está você, docinho.” A voz de Eretria invade meus ouvidos e eu separo os lábios dos de Emily, que encara a intrusa. “Ah, tudo bem, querida, não precisa me olhar desse jeito. Nash e eu temos um relacionamento aberto.”

“Relacionamento?”, Emily questiona, exasperada.

Eretria dá um gole em sua bebida. “Ah, ele não te contou? Nash, seu danadinho. Nós estamos procurando uma garota para fazer sexo a três. Bom, como você pode perceber, ele é melhor em atrair garotas do que eu. Você é a nossa selecionada da vez?”, Eretria pergunta, animadíssima.

Emily olha para mim, chocada. “É sério isso?”

Eu abro a boca para falar... sei lá que porra eu iria dizer. Nem sei o que estou pensando nesse momento. Quando eu acho que Eretria não consegue virar o jogo, ela vai, e vira.

“Ah, é seríssimo”, garante. “Então, vamos?” Eretria estende a mão para Emily. “Nash tá de carro hoje. Hm. Adoro transar no carro.”

Emily levanta do meu colo e encara Eretria. “Você é uma safada maluca, garota.”

“Eu? Mas, amor, é você que estava sentada no colo do meu namorado.”

Irritada, Emily olha para mim. Não sei se ela espera que eu diga alguma coisa, mas sou incapaz de raciocinar nesse momento. Então, sem dizer mais nada, Emily passa esbarrando em Eretria e vai embora. As amigas dela não parecem perceber, pois estão ocupadas demais com os meus amigos.

Quando volto a olhar para Eretria, ela está sentada na cadeira ao lado da minha, bebericando o seu coquetel como se não tivesse acabado de afugentar a garota que eu estava beijando.

“Você me deve uma foda”, digo a ela. “*Namorada.*”

“É uma pena ela não ter aceitado”, o lamento na voz de Eretria quase me faz questionar se ela estava mesmo brincando sobre a história do sexo a três.

“Você queria sexo a três?” A pergunta me escapa.

Eretria me encara com um sorriso de divertimento. “Você bem que gostaria, não é?” Ela ri, antes de virar todo o coquetel na boca de uma vez só. “Vem, docinho.” Ela se levanta da mesa e estende a mão para mim.

Sem nem ao menos perguntar para onde vamos, seguro a mão de Eretria e deixo que ela me puxe para fora do bar. Ela continua me puxando até o estacionamento e então para, vira na minha direção e pergunta: “Qual é o seu carro?”

Agora é a minha vez de puxá-la até a minha Range Rover preta, parada bem no final do estacionamento. Um local estratégico, uma vez que eu já tinha a intenção de conseguir ficar com Eretria essa noite.

Assim que paro ao lado do meu carro, ela assobia, deslizando os dedos pela lataria. “Christopher Nash, você tem uma Range Rover?”

Dou de ombros. “Minha tia é podre de rica. Ela me deu de presente quando entrei na faculdade. Como não tem filhos, ela gosta de me mimar um pouco.”

“Legal.” Ela apoia o corpo curvilíneo na lateral do carro. “Então, vamos estipular algumas coisinhas, podemos?”

Me aproximo dela e coloco minhas mãos nos seus quadris, mantendo meu corpo colado com o dela. “Manda a ver.”

Eretria entrelaça os braços ao redor do meu pescoço. “Primeiramente, Kyle nunca ficará sabendo de nada. Nós dois sabemos que um relacionamento não é o que estamos buscando aqui, então não há motivo nenhum para que ele descubra o que fazemos juntos.”

Nem hesito. “Concordo.”

Como Eretria sabiamente disse, nenhum de nós está procurando um relacionamento. Ficamos juntos apenas pelo prazer, porque a química entre nós é grande demais para ser ignorada. Mas, se não queremos namorar, então por que Kyle precisaria saber sobre nós?

“Ótimo. E, não temos nenhuma exclusividade”, ela continua. “Você pode ficar com quem quiser e eu também, mas, quando formos transar, não quero saber de outras garotas. Se quiser me levar pra cama, então sou só eu. E vice-versa. Não vou ficar com outros caras se, no final da noite, vou acabar na sua cama.”

“Concordo.”

Com os dedos no meu cabelo, Eretria sorri para mim. “Alguma condição da sua parte?”

Penso por um instante. “Se eu tiver com outra garota, então você sabe que não vou transar com você. Você não atrapalha as minhas fodas e eu não atrapalho as suas.”

“Concordo”, ela diz. “E, se por um acaso, um de nós começar a sentir algo diferente, vamos ser honestos um com o outro e resolver.”

Abro um sorriso. “Está achando que vai se apaixonar por mim, gata?”

Eretria dá de ombros. “Não sei. Acho pouco provável. Mas acho que você vai se apaixonar por mim. Então, melhor nos certificarmos de que estamos sempre na mesma vibe.”

“Concordo”, digo de novo.

“Então, temos um trato?”, ela quer saber.

Enfio uma das mãos no cabelo de Eretria e trago sua boca para perto da minha antes de dizer: “Com certeza.”

E ela me beija.

Carro não é o meu lugar favorito para transar. A mobilidade é reduzida e eu sou grande demais, o que dificulta bastante as coisas. No entanto, não quero dirigir até em casa, principalmente porque algum dos caras já pode ter ido para lá com alguém. Kyle, incluído. Então, vai ter que ser no carro mesmo.

Eretria leva as mãos até as suas costas e puxa o zíper do vestido vermelho. O tecido cai para frente, revelando peitos firmes e redondos, sem o

obstáculo adicional que é o sutiã. Não posso evitar sorrir. Nossa. Ela é muito sensual. O cabelo castanho cai em cascata pela lateral do corpo de Eretria, cobrindo um dos seios enquanto ela puxa o tecido do vestido para cima, deixando-o embolado na cintura.

Não me movo. Sei que deveria estar tirando as roupas também, mas não consigo tirar os olhos dela. Talvez Eretria seja a menina mais gostosa que já vi. Sem contar o quanto é divertida.

“Você vai continuar aí parado me olhando ou vai fazer alguma coisa?” Sua voz sai rouca e sensual, me obrigando a me mexer.

Tiro a jaqueta do time de basquete e puxo a camiseta pela cabeça enquanto Eretria mantém os olhos verdes em cima de mim. Agora é a sua vez de me admirar. Sei que ela gosta do que vê, pois seus lábios se repuxam em um sorriso lascivo quando encontram meu peito nu. Não tiro a calça, apenas abro o botão e o zíper e desço o tecido até as minhas coxas.

Eretria me ataca. Seus lábios quentes percorrem o meu peito, distribuem beijos molhados pela minha tatuagem e sua língua macia lambe a minha clavícula antes de ela começar a chupar a pele do meu pescoço. Solto um gemido do fundo da garganta e aperto a bunda de Eretria com força. Ela está sentada no meu colo, suas pernas grossas pressionando as minhas. Ela solta um gemido no meu ouvido que quase me faz gozar.

“Você gosta de provocar”, digo, a voz rouca de tesão.

“Gosto.” Ela sorri e gruda nossos lábios.

A língua sagaz de Eretria entra na minha boca, procurando a minha enquanto eu deslizo as mãos por todo o seu corpo nu e à minha mercê. Ou talvez eu esteja à mercê dela. Quem é que sabe?

Separo nossos lábios para poder chupar seus peitos lindos. Não consigo ignorá-los pressionados contra mim. Os mamilos enrijecidos praticamente imploram pela minha atenção. E, assim que começo a chupá-los, Eretria joga a cabeça para trás, gemendo baixinho. Aproveito que ela está entregue e levo uma mão até o seu clitóris para massageá-lo.

“Eu quero você dentro de mim.”

“É?”, murmuro contra o seu mamilo.

“É. Agora. Por favor”, ela implora, ofegante.

Estico meu corpo até o porta-luvas, abro-o e puxo uma fileira de camisinhas de lá dentro.

“Eu faço isso”, ela diz, pegando as camisinhas da minha mão.

Eretria destaca uma e rasga a embalagem com os dentes e, porra, é tão

sexy que eu fico hipnotizado. Mas quando ela segura o meu pau para colocar a camisinha, começo a ouvir vozes do lado de fora do carro.

Puta que pariu, eu conheço essa voz.

“Merda”, Eretria xinga baixinho, soltando o meu pau.

Kyle para do lado do meu carro, agarrado com uma garota. Os vidros do Rover são escuros, então ele não consegue nos ver, mas vê-lo logo do lado de fora do carro faz meu coração bater mais rápido de puro desespero.

Eu estou morto.

Puta que pariu.

Se ele me pega prestes a enfiar o pau na sua irmã, o cara vai acabar com a minha raça. Não tenho dúvida nenhuma disso.

“Shhh...”, sussurro pra Eretria. “Pula pro banco do carona pra eu poder sair com o carro daqui.”

Ela faz que sim com a cabeça, mas quando levanta o corpo para pular para o banco do lado, a sua bunda bate na buzina do carro e o barulho preenche o estacionamento vazio, chamando a atenção de Kyle.

“Caralho, Tria”, xingo.

“Merda”, ela xinga também. “A gente tá fodido, Nash. Kyle vai me fazer em pedacinhos e dar para o Pluto comer.”

Franzo o cenho. “Quem é Pluto? Quer saber, não. Não importa. Deixa eu pensar”, eu digo, tentando não surtar.

Kyle estica o pescoço para olhar a placa do carro porque, claro, o filho da mãe sabe qual a placa de cor. E então, ele caminha até a janela e bate no vidro. “Nash? É você?”

Fodeu.

Eretria me olha com os olhos verdes arregalados.

Kyle bate no vidro de novo. “Eu sei que você tá aí dentro, cara. Acha que consegue me dar uma carona pra casa? Bebi pra caralho.”

Olhando para mim, Eretria se aproxima e segura o meu pau pela base. Reprimo um gemido.

“O que você tá fazendo, sua louca?”, eu sussurro.

“Abre a janela e se livra dele”, ela move os lábios, sem emitir som nenhum.

E então, de repente, seus lábios estão envolvendo o meu pau. Sua boca é quente, molhada e gulosa. E não sei dizer se a morte iminente me deixou mais excitado ou se só o fato de ser Eretria quem está me chupando é que está contribuindo para eu estar duro feito uma rocha.

Certo. Se eu abrir a janela, tudo o que Kyle vai conseguir ver é a cabeça e o cabelo de Eretria. Não tem como ele saber que é a irmã só com isso.

Abro a janela devagar, mas não por completo. Não quero brincar com a sorte. “E aí”, minha voz sai mais grossa que o normal. “Eu tô...” Eretria atinge aquele ponto sensível bem na cabeça do meu pau e as palavras somem do meu cérebro por um momento. “Tô... Eu tô meio... ocupado.”

Kyle ri. “Eu nem sei porque eu me dou ao trabalho. Você tá sempre transando.”

Forço um sorriso, mas eu estou me segurando para não gozar na boca da irmã do meu amigo enquanto ela me chupa escondido no meu carro. Santo Jesus. Como eu fui me meter em uma roubada dessas?

“Cara... eu... depois... a gente se fala”, eu digo, ofegante, e fecho o vidro do carro. “Gata, pelo amor de Deus, eu vou...”

E, tarde demais para avisar, eu gozo. Eretria não se surpreende, claro, porque ela já entendeu o que precisa fazer comigo para me fazer chegar ao orgasmo.

Ela engole tudo e levanta a cabeça, limpando a boca com as costas da mão.

“Você é completamente maluca.” Eu dou risada. “Porra. Isso foi bom pra caralho.”

Ela reprime uma risada, pois Kyle ainda está perto o suficiente do carro para poder ouvi-la. “Que adrenalina.”

Concordo. “Vou te levar lá pra casa e a gente continua.”

Estou prestes a ligar o carro quando Eretria me impede. “Nem pensar, docinho. Se nós dois sumirmos, quanto tempo você acha que nossos amigos vão demorar pra juntar dois mais dois?” Ela começa a ajeitar o vestido, colocando-o de volta. “Não sei você, mas eu vou voltar lá pra dentro e tomar mais um drink ou dois.”

“Tá brincando comigo? E o que eu faço com isso?”, pergunto, segurando o meu pau que está prontinho para entrar nela.

Eretria dá de ombros. “Bate uma. Sei lá. Acabei de te dar um orgasmo. Se tem alguém no prejuízo aqui, sou eu. Se comporte, docinho.”

Eretria olha para todos os lados, procurando por Kyle, mas ele não está mais por perto. Deve ter se enfiado em algum canto com a morena bonita que estava com ele.

“Te devo um orgasmo, então.”

Abrindo a porta do carro, Eretria olha para mim mais uma vez e abre um

sorriso. “Eu vou cobrar.”

06.

ERETRIA

Acordei no sábado de manhã com uma ressaca terrível por causa daquele maldito coquetel Lagoa Azul. Fiquei um lixo boa parte da manhã, sentindo meu estômago revirando e a ânsia batendo no fundo da garganta. Maldita vodca.

Sophie foi trabalhar e Savannah deve estar em algum lugar compondo sua música nova — já que é aluna de Música —, pois também não estava no quarto quando eu acordei.

Depois de ficar me revirando na cama por mais quarenta minutos, decidi levantar e fazer algumas pesquisas na internet a respeito do descarte errôneo de papel, em busca de dados que pudessem embasar a nova causa do The Green. Precisávamos apresentar a pesquisa no próximo encontro, e então, com todo o material reunido, poderíamos falar com a Reitoria da Duke. No entanto, por mais que eu ame o assunto, não consigo me concentrar. Estou mais agitada do que o normal e eu sei exatamente o motivo.

Tesão.

Depois que Kyle atrapalhou o meu momento com Nash ontem, eu passei o resto da noite entupindo minhas veias de Lagoa Azul para mitigar o desejo que eu estava de pular em cima de Christopher Nash.

É verdade que eu poderia resolver o meu problema sozinha. Mas, qual é a graça nisso?

Não tenho nada contra masturbação. Não mesmo. Mas, venhamos e convenhamos que é muito mais gostoso quando é outra pessoa lhe dando prazer. E é por isso que eu estou sentada na minha escrivaninha, me remexendo a cada minuto.

Sabe quando você está de dieta e precisa ficar se segurando para não comer aquele bolo de chocolate divino que está na geladeira? É exatamente

assim que eu estou me sentindo. Estou me segurando para não pegar o celular, procurar Nash pelas redes sociais e sugerir que nos encontremos. Nada de bom pode sair de uma possível dependência de sexo com esse cara.

Se eu sei disso, por que estou, nesse momento, vasculhando a conta do Instagram do meu irmão à procura do perfil de Nash?

Achei!

Corro os olhos pelas fotos na página dele e consigo chegar à duas conclusões muito importantes. A primeira delas é que Christopher Nash é a reencarnação de algum deus grego. Não é possível que um ser humano tenha esse tipo de beleza. O cabelo castanho, os olhos cinzentos, o corpo que parece ter sido esculpido minuciosamente, a tatuagem de leão em uma das metades do peito. É de sonhar acordada com esse cara.

A segunda conclusão que cheguei é que metade das fotos é dele junto com uma garota. Várias garotas diferentes. Em algumas fotos, elas beijam a bochecha dele; em outras, ele está agarrando as meninas, prendendo-as junto ao seu corpo; e em outras, as meninas estão nas costas dele, com os dois fazendo caretas.

Boa sorte para a garota que um dia vai namorar esse cara. Ela vai precisar. Haja concorrência.

Clico em “Enviar uma mensagem” e fico encarando o teclado do meu celular, me perguntando que raios eu estou fazendo.

Nada de bom pode vir disso, Eretria, lembro a mim mesma. Mas meus dedos estão se movendo sobre as teclas sem que eu consiga impedir.

Não mande essa mensagem.

Não mande essa mensagem.

E eu mando a merda da mensagem.

Eu: Oi, docinho. Vc me deve uma coisinha. Tá livre hj?

O aplicativo mostra que Nash está on-line, então ele não deve demorar muito para responder. Enquanto isso, meu cérebro está me crucificando. Mas tem outra parte do meu corpo que está latejando de desejo.

Quem disse que só os homens pensam com suas regiões genitais? As mulheres também.

Ele: Oi, gata. P vc eu tô sempre livre.

Eu: Clássico mulherengo.

Ele: Nunca falei q n era.

Eu: Vdd. Vc passa aqi?

Ele: Tô saindo d casa.

Uau. Isso foi bem fácil. Mas, o que eu estava esperando? Resistência? Pelo amor de Deus. Estamos falando de Christopher Nash.

Eu tenho meia hora para ficar pronta, então vou correndo para o banho para tirar a minha cara de ressaca e dar um jeito no meu cabelo rebelde. A parte da depilação está tudo em cima, então me concentro em deixar o meu cabelo macio e cheiroso. Pego o hidratante corporal de andiroba de Sophie emprestado, pois o cheiro é maravilhoso e suave. Dessa forma, não vai entrar em guerra com o cheiro dos produtos que passei no cabelo.

Como não pretendo ficar vestida por muito tempo, opto por vestir shorts e uma blusa soltinha. Também não me dou ao trabalho de colocar sutiã, afinal de contas... por quê?

Pouco mais de meia hora depois, meu celular apita.

Ele: Cheguei. Qual o código da porta?

Passo o código e o número do meu dormitório para ele. E espero. Consigo sentir meus músculos internos se contraindo e meus mamilos enrijecendo, tamanho é o meu tesão por esse cara. No entanto, quase dez minutos depois que eu mandei a mensagem, Nash ainda não apareceu. São dois lances de escada. Pelo amor de Deus. Não tem como se perder.

Estressada e um pouco ninfomaníaca, decido ir atrás do indivíduo. Talvez ele tenha encontrado alguém que conhece e tenha parado para conversar, mas pode ser que esteja perdido. Vai saber.

Quando chego ao pé da escada, escuto a voz de Nash. Ele está conversando com alguém, mas não escuto a voz da segunda pessoa, então deduzo que esteja no telefone. Dou um passo para atrás para voltar para o quarto e esperar que ele termine de falar com quem quer que esteja falando, mas paro quando escuto a seguinte frase: “Você é a única que importa pra mim, gata. Ela é só uma garota para quem devo um favorzinho. Nada importante.”

Uma garota para quem eu devo um favorzinho? Ele está falando de mim?

Dou um passo para frente para escutar melhor. De onde estou, Nash não

consegue me ver, então consigo observar sem ser percebida.

“Claro que sim. Vamos nos encontrar como combinamos. Só preciso resolver esse problema primeiro. A garota não me deixa em paz”, continua Nash. Em seguida, ele ri. “Pois é. Todo mundo quer um pouquinho de mim. Te vejo daqui a pouco, gata. Capricha.”

Preciso resolver esse problema primeiro.

A garota não me deixa em paz.

Esse cretino só pode estar de brincadeira comigo.

Sinto uma raiva crescendo no meu estômago e se espalhando por todo o meu corpo quando ouço os passos de Nash subindo a escada. Penso se devo ou não voltar para o meu quarto e simplesmente ignorá-lo, mas isso seria muito fácil. Ele ficaria sem entender nada e provavelmente pensaria que eu sou louca, o que é muito conveniente para ele.

Eu posso gostar de fazer joguinhos, mas jogo de silêncio não é uma coisa da qual sou adepta. Se alguém me magoa, eu devolvo. Não fico calada remoendo as coisas dentro de mim. Portanto, ajeito a postura, ignoro meus olhos queimando e espero até que ele suba o suficiente da escada para me ver. E, quando isso acontece, Nash para como se tivesse visto uma assombração.

Pelo menos, ele tem a decência de hesitar. “Oi, gata.”

“Eu sempre soube que você era mulherengo, mas não fazia ideia de que você também é um canalha”, digo, rispidamente. “Que bom saber que eu sou só uma garota para quem você deve um favorzinho. E, ah, é verdade. Uma garota que não te deixa em paz.” Dou uma risada de escárnio. “É sério isso, Christopher? Você precisa jogar essa conversa pra conseguir transar?”

Nash termina de subir as escadas e para na minha frente. “Não é o que você tá pensando.”

Rio com escárnio. De novo. “Nossa. Vocês homens têm essa frase como um mantra. Mas, vamos lá, por favor, me explique o que eu acabei de ouvir.” Cruzo os braços, esperando.

“Ela é só uma garota que...”

Levanto a mão para interrompê-lo. “Vou te parar bem aí, docinho. Sabe por quê? Porque, ao contrário das muitas garotas, eu não preciso ouvir um homem diminuindo uma mulher para que eu me sinta bem ou importante.”

“Tria, qual é, eu não falei sério. Nós somos amigos.”

“Somos?”, pergunto, cética. “Porque, no meu mundo, amigos não falam essas coisas de outros amigos. E, vamos falar a verdade, podemos?” Eu o

encaro friamente. “Não somos amigos, Nash. Transamos, foi bom, temos tesão um pelo outro e é só isso. ‘Nada importante’, não foi o que você disse?”

Ele dá um passo para frente e tenta segurar a minha mão, mas eu dou um passo para trás.

“Para com isso, linda. Achei que estávamos nos divertindo. Não sabia que você gostava de mim.”

Começo a rir, mas é de ódio. “Gostar de você?” Rio mais ainda. “Ai, meu Deus! Você é tão egocêntrico! Eu não gosto de você, seu idiota. Eu gosto de mim mesma, e muito. Não vou permitir que um canalha como você me trate desse jeito! Então, por favor, fique à vontade para ir atrás da garota do telefone porque eu e você nunca mais vai acontecer.”

Começo a me afastar, mas Nash segura o meu braço, me impedindo. “Tria, me desculpa, tá legal? Não deveria ter dito aquilo. Eu...”

“Você o quê?”, eu indago. “Você só está acostumado a não dar a mínima pra ninguém além de si mesmo? É, eu percebi.”

“Eu não sou bom com palavras. Eu não quis dizer aquilo. Eu só...”

Interrompo ele de novo. “Você só tá acostumado a tirar a importância de outras garotas para garantir outra transa?”

“Para de colocar palavras na minha boca”, ele diz, irritado.

“Alguém tem que fazer isso, já que você claramente não sabe argumentar.” Puxo meu braço, soltando-o da mão dele.

“Eu tô tentando me desculpar, porra.”

“Bom, você tá falhando miseravelmente”, aviso. “Não perde seu tempo, Nash. Essa coisa entre nós acabou.”

Deixo-o para trás, caminhando resoluta de volta para o meu quarto.

“Eretria”, Nash grita meu nome, mas não vem atrás de mim.

E eu não olho para trás. Caminho com firmeza até o meu quarto e entro, batendo a porta atrás de mim. Então, só então, sozinha, eu permito que a minha tristeza transpareça. Não choro porque gosto de Nash ou coisa parecida, mas choro porque odeio ser reduzida a “nada importante”. Nenhuma garota deveria ouvir isso do cara com quem estava prestes a transar, mesmo que essa transa não seja nada sério. Ninguém tem o direito de fazer uma pessoa se sentir menos do que ela é.

E nem morta vou permitir que Christopher Nash faça isso comigo.

07.

ERETRIA

Decido que não vou passar o sábado à noite em casa.

Passei boa parte da tarde enfiada na biblioteca. Decidi que me empenharia na pesquisa para o The Green. Precisava urgentemente ocupar a minha cabeça e esquecer que Nash é um completo canalha.

Não sei como pude ficar surpresa. Mas, é como eu disse, eu sempre soube que ele era mulherengo, e embora isso seja um problema para algumas mulheres, não era para mim. Eu sabia onde estava pisando, sem contar que não quero um relacionamento com ele. Mas isso não quer dizer que vou aceitar qualquer merda que ele faça comigo. Não sou nada do cara, mas mereço respeito e consideração como qualquer pessoa.

Argh. Por que eu estou pensando nisso de novo?

Savannah está tocando violão quando eu abro a porta do quarto. Não reconheço a melodia, então deduzo que seja sua nova composição original.

“Você está progredindo, Sav”, digo a ela. “Eu gostei.”

“Sério?”, ela parece um pouco incerta. “Eu estou achando um pouco triste demais.”

“Triste é bom. Faz as pessoas se identificarem com mais facilidade”, argumento.

Savannah pensa por um momento. “É, acho que você tá certa.”

Jogo meu corpo na cama. “Cadê a Soph? Já não era para ela ter voltado do Tina’s?”

“Hoje é o dia do encontro com o Derek”, Savannah me lembra. “Esqueceu?”

“Meu Deus! É mesmo!”, digo, animada. “Nossa bebezinha está crescendo.”

Savannah concorda com a cabeça. “Está. Ainda bem. Acho que ele é

bom com ela.”

Derek Mackenzie não tem uma reputação muito confiável, mas eu não deixaria ele chegar perto de Sophie se não tivesse certeza de que ele vai tratá-la com respeito.

“Também acho”, eu digo, por fim. “Bom, e o que nós duas faremos? Eu me recuso a ficar em casa em um sábado à noite.”

Savannah pensa um pouco. “Hmm. Quer ir até o Holme’s ou Noel’s?”

“Não. Quero algo novo. Vamos procurar uma balada na internet”, sugiro. Sento na cama, pelo meu laptop e inicio a busca.

Depois de alguns minutos pesquisando, Savannah e eu escolhemos um lugar. Uma balada em Raleigh que, pelos comentários na internet, não é tão rigorosa na conferência de documentos, então talvez nós consigamos entrar com nossas identidades falsas sem grandes problemas.

Tiramos a próxima hora para nos arrumar e chamamos um Uber para nos levar.

O lado de fora da balada não está tão cheio, então não demoramos muito tempo para conseguir entrar. E os comentários na internet estavam certos, o segurança mal olhou para a minha identidade.

Eu diria que uma maquiagem bem feita, um salto alto e uma roupa sensual te fazem parecer mais velha instantaneamente. Acredito que seja esse o motivo de eles nem se darem ao trabalho de verificar a autenticidade do documento. Mas, se eu aparecesse aqui parecendo uma garotinha, mesmo que eu tivesse mais de vinte e um anos, eles iriam conferir o documento minuciosamente. Tenho certeza disso.

Do lado de dentro, a música eletrônica explode nas caixas de som e as pessoas dançam animadas. Gosto do fato do lugar não ser entupido de gente. Eu amo uma boa festa, mas odeio ficar espremida.

Savannah e eu vamos direto para o bar pegar uma bebida. E é quando ela me lança a bomba. “Babyface e os meninos devem estar chegando daqui a pouco.”

Eu a encaro. “Você os convidou?”

“Convidei o Babyface, e ele perguntou se tudo bem chamar os meninos. Eu achei que não teria problema”, Savannah diz, receosa. “Fiz mal?”

Quero gritar que sim. Ela fez péssimo. Mas minha amiga não sabe que Nash e eu transamos. Ou de todo o resto, na verdade. Não contei para ela ou Sophie. Não sei exatamente o porquê, mas preferi manter em segredo. Acho que gosto dessa sensação de fazer algo escondido. Algo proibido. No entanto,

essa omissão vai, provavelmente, me colocar frente a frente com Nash de novo.

Droga. Realmente não queria encontrá-lo agora. Mas Savannah e Babyface estão em um tipo de relacionamento sem exclusividade. Eles ficam quando se encontram e ele parece tratá-la bem. Não posso culpá-la por querer convidar o cara.

Engulo a raiva. “Não. Tudo bem. É que eu achei que seria uma noite das garotas.”

“Ai, amiga, me desculpa. Não percebi que você queria sair só comigo”, ela lamenta, arrependida. “Posso falar pra eles não virem, se quiser.”

Nego com a cabeça. “Não. Deixa que venham. Tudo bem.”

“Mesmo?”

Faço que sim. “Mesmo.”

Savannah me encara por mais alguns segundos, se certificando que estou falando sério. “Certo. Prometo que da próxima vez vamos ser só nós duas.”

“Combinado.”

Quando o barman nos atende, peço a ele três doses de tequila de uma vez só. Se for preciso olhar para a cara de canalha de Nash, então, pelo menos, quero estar meio bêbada para isso, caso o contrário, ele provavelmente estragará toda a diversão.

Cerca de vinte minutos depois, Babyface aparece junto com Jeremy, Ryan e, claro, Nash. Mas, depois de não três, mas nove doses de tequila, eu estou atravessando o guarda-roupa de Nárnia. Nada mais importa.

“Oi, princesa”, diz Babyface, abraçando Savannah pela cintura e lhe dando um beijo.

“Oi.” Ela sorri para ele.

“Oi, Tria”, Ryan me cumprimenta com um sorriso largo. Seu cabelo ruivo e olhos cor de chocolate se destacam dos demais. E ele é lindo. Acho que não havia reparado direito até então.

Jeremy também não fica atrás. Ele é mais alto que os outros, a pele negra brilha e os olhos verdes compõem um visual hipnotizante.

Esses caras são perigosamente atraentes.

“Oi, meninos.” Sorrio para eles, fazendo questão de não olhar para Nash. “Querem dançar?”

Ryan abre um sorriso. “Com certeza.”

Pego uma mão de Ryan e a outra de Jeremy e os arrasto para a pista de dança comigo, mas não antes dos meus olhos e os de Nash se cruzarem. Seu

rosto está sério e eu não consigo decifrar o que pode estar pensando. Mas também não me importa. Eu falei sério quando disse que o que estava rolando entre nós acabou. Não pretendo voltar atrás nisso.

Enquanto danço no meio de seus dois amigos, Nash continua me encarando. Eu sustento seu olhar, e é quando consigo ver a raiva queimando em seus olhos cinzentos.

“Você é cheirosa”, diz Jeremy, segurando a minha mão e cheirando a minha pele.

Apesar de eu estar dançando no meio de dois homens enormes, nenhum deles toca no meu corpo. Acho que o fato de eu ser a irmãzinha de um dos amigos mais próximo de ambos, os faz pensar duas vezes antes de ultrapassar qualquer limite. Bom, Nash com certeza não teve problema com isso. E pensar nisso me faz chegar à seguinte conclusão: Se Nash não levou em consideração seu próprio amigo, por que levaria a *mim* em consideração?

De repente, a música Your Body da Christina Aguilera começa a tocar e eu quase grito. Meu Deus! Não tem nada no mundo que seria melhor do que essa música nesse momento.

Disparo em direção a Savannah e a tiro de Babyface, puxando-a para a pista de dança comigo. Nesse momento, preciso de uma amiga para dançar esse hino comigo.

Se essa música não manda uma mensagem, não sei qual outra faria isso. E, já que a minha intenção hoje é realmente levar Nash à loucura, é quase como se o universo estivesse me implorando para fazer isso e, *finalmente*, colocar Christopher Nash no seu devido lugar.

E, para melhorar tudo, o DJ escolheu colocar a versão explícita da música.

“Dança comigo”, grito para Savannah por cima da música.

Não preciso pedir duas vezes. Minha amiga joga os braços para cima e nós duas começamos a dançar.

Nash gruda os olhos cinzentos em mim. Mas não só ele. Babyface, Ryan e Jeremy também estão olhando enquanto Savannah e eu dançamos. Assim como outros pares de olhos masculinos.

NASH

Eretria está tentando me provocar.

E ela está conseguindo.

A forma como o corpo dela se move ao som *dessa música* deveria ser considerado atentado ao pudor. Até a última célula do meu corpo está excitada, estou duro feito uma rocha e não consigo desviar os olhos dela mesmo que minha vida dependesse disso.

Da forma mais sensual que existe, Eretria desce até o chão, rebolando com os olhos presos nos meus. Seus olhos verdes estão em chamas, assim como eu imagino que os meus próprios olhos estejam. Eretria pode estar com raiva de mim, mas é para mim que ela dança. Para tentar me enlouquecer e me fazer perder a cabeça.

Ela sabe que é gostosa e não tem problema em usar isso como subterfúgio para conseguir o que ela quer. E, nesse momento, ela quer se vingar de mim. Com certeza quer que eu me dê conta do que eu perdi por conta da burrice de hoje à tarde.

Não era para ela me ouvir falando com Marissa, mas eu também não deveria ter atendido a ligação de outra garota enquanto estava indo transar com ela. Porra. Foi uma das regras do nosso acordo e eu quebrei sem nem me dar conta disso.

A verdade é que Marissa é só mais uma entre muitas garotas que eu vejo com certa regularidade. E aquele papo que joguei para cima dela, dizendo que Eretria não era nada importante, é o mesmo papo que lanço todas as vezes e para todas as garotas sem nem ao menos pensar a respeito. No entanto, Eretria não é mais uma garota. Ela é algo diferente. Não sei se tem a ver com a sua sensualidade, com a sua audácia, com o fato de ser parecida comigo ou por viver a vida com intensidade e leveza ao mesmo tempo. Mas ela é algo diferente. Acho que nunca conheci uma garota como Eretria Kinsley. E isso vindo de *mim*.

No entanto, estraguei tudo.

E agora estou pagando por isso.

“Essas garotas...” Jeremy nem consegue terminar a frase.

Solto um grunhido. “Eu sei.”

“Se eu precisar ir embora mais cedo com Savannah, vocês tomam conta da Tria?”, pergunta Babyface, que também está hipnotizado pelas duas amigas dançando.

Ryan abre um sorriso. “Com certeza.”

Sinto um incomodo crescer no meu estômago. Não quero nenhum dos dois perto de Eretria, o que me diz que eu estou com ciúme. E sentir ciúme de uma garota como Eretria Kinsley é o mesmo que assinar um pedido de ataque

cardíaco. Não tem como ter paz com essa mulher. Não quando uma dúzia de pescoços se vira quando ela passa, não quando os caras precisam reorganizar as coisas nos países baixos porque ela lhes causou uma ereção.

Merda.

Não é à toa que Kyle está sempre perdendo a cabeça.

Quando a música acaba, Babyface nem perde tempo. Ele praticamente ataca Savannah, fazendo a garota rir enquanto ele gruda a boca na dela.

Vou até Eretria quando ela começa a se desequilibrar. Acho que se mexer daquele jeito, bêbada do jeito que está, só a deixou mais tonta. Envolver meus braços na sua cintura, segurando-a com força para mantê-la de pé.

“Me solta, Nash”, ela diz, tentando me afastar. Mas Eretria não tem força o suficiente para me empurrar e realmente fazer eu me mexer.

“O que você tá fazendo? Tá tentando me deixar maluco?”, pergunto, sério.

“Eu tô me divertindo”, ela responde, enrolando a língua para falar. “Nem tudo gira em torno de você, Christopher.”

Solto um grunhido. “Para de me chamar pelo meu nome.”

Ela solta uma risada debiloide. “E eu devia te chamar de quê? É a droga do seu nome. Do que você quer que eu te chame? Babaca é uma boa.”

“Você tá com raiva de mim, eu entendo, tá legal? Mas você pode parar de tentar me enlouquecer. Já te falei que você não precisa de muito pra isso. E dançar daquele jeito...” Balanço a cabeça, desorientado. “Você fez muito mais do que só me deixar maluco, Eretria.”

Ela cambaleia, incapaz de ficar em pé com estabilidade. “Problema é seu. Como foi com a sua garota do telefone?”

“Não fui vê-la”, admito.

Eretria faz um beicinho, que não faz nada além de me deixar com mais vontade de beijá-la. “Que pena. Achei que ela valia a pena.”

“Me desculpa, tá legal? O que mais você quer que eu diga?”

“Você não tem que me dizer mais nada, docinho. E eu já disse tudo o que tinha para dizer, então terminamos aqui.”

Nego com a cabeça. “Não. Nós vamos conversar.”

Eretria me olha, séria. Mesmo com os olhos verdes nebulosos pela bebida, consigo ver a seriedade. “Eu não quero mais conversar com você. Não quero nada com você. Na verdade, você poderia sumir. Estaria me fazendo um favor.”

Tento falar por cima do nó que se forma na minha garganta. “Não queria magoar você, Tria.”

“É preciso mais do que um cara para me magoar, Nash. Meu coração sempre esteve e sempre estará protegido de você. Não tô magoada, eu tô com raiva.” Ela cambaleia de novo. “Quem você pensa que é para reduzir as pessoas a ‘nada importante’?”

Fico calado, porque sou burro pra caralho e não tenho como argumentar com ela sendo que está certa.

“Foi o que eu pensei”, ela conclui. “Você não é o cara pra mim, Christopher, então, concluído isso, você pode me soltar agora.”

E eu solto, afinal de contas, ela está certa de novo. Eu não sou o cara certo para ela. Eretria Kinsley merece alguém melhor do que eu, alguém que possa fazê-la feliz, que possa arrancar sorrisos dela. E não só os lindos sorrisos maliciosos, mas também os sorrisos infantis, aqueles que te fazem acreditar que o mundo pode ser um lugar melhor. Eu não sou esse cara.

Jeremy aparece do nosso lado. “Tudo bem aqui?”

Eretria olha para ele. “Vai ficar melhor agora.”

Em um movimento rápido demais para quem está bêbada como está, Eretria coloca as mãos no rosto de Jeremy e o beija. Bem ali. *Na minha frente*. Ela fica na ponta dos pés, mas mesmo assim precisa puxar a cabeça de Jeremy para baixo para conseguir aprofundar o beijo.

Meu amigo está com os olhos verdes arregalados, mas não demora a ceder e agarrar Eretria. Não que eu possa culpar o cara. Como eu já falei, resistir a essa mulher é impossível. No entanto, o beijo não dura muito. Eretria logo separa os lábios dos dois, olha para Jeremy e abre um sorriso.

“Não conte ao Kyle”, ela diz antes de sair cambaleando até o balcão do bar.

Jeremy olha para mim, atordoado. “Caralho. Nem sei o que acabou de acontecer.”

Ah, mas eu sei.

O ciúme e a raiva estão incendiando o meu corpo. Corroendo meu autocontrole e abrindo um buraco no meu peito como uma britadeira. Nunca senti isso antes. Essa queimação no estômago, essa inquietude.

“Kyle vai me matar”, continua Jeremy.

Não antes de *me* matar. Fiz muito mais com Eretria do que só compartilhar um beijo.

“Relaxa, cara”, eu digo, e minha voz sai estranha. Lotada de

desconforto. “Pra mim, isso nunca aconteceu. Não vou dizer nada.”

“Obrigado.” Jeremy força um sorriso. “Será que eu deveria ir atrás dela?”

Dou de ombros, enterrando meu ciúme. As pessoas não podem ter poder sobre você se você não permitir. Embora eu não quisesse que meu lance com Eretria tivesse acabado daquele jeito, ele acabou. Eu não vou correr atrás de mulher nenhuma. E nem vou dar a ela espaço ou poder para me infernizar.

“Acho melhor levar ela pra casa”, eu digo a Jeremy. “Babyface vai monopolizar Savannah pelo resto da noite e Tria tá bêbada demais pra ficar sozinha. Talvez você devesse levá-la.”

Olho para Eretria em frente ao balcão do bar. Ela mal consegue se manter em pé. E mesmo que eu não permita que ela mexa com a minha cabeça, não posso evitar me preocupar com essa garota. Ela pode me achar um canalha, e talvez eu até seja mesmo, e talvez seja exatamente por isso que eu sei que não é seguro para uma mulher estar bêbada e sozinha.

“Leva ela pra casa, Jer”, digo ao meu amigo. “Te passo o código da porte da Bassett.”

Ele olha para mim, franzindo o cenho. “Como você tem o código?”

Dou de ombros de novo. “Já fiquei com algumas meninas de lá”, minto.

Jeremy faz que sim, sem questionar. Minha reputação de mulherengo me ajuda a arrumar várias desculpas para as coisas.

“Vou fazer isso”, garante Jeremy.

Mas antes que ele possa dar um passo na direção de Eretria, seguro o braço dele. “Ela tá podre de bêbada, cara. Não sabe o que tá fazendo, então não...” A frase morre nos meus lábios. Tenho medo de mostrar cuidado demais com Eretria, e Jeremy desconfiar. Isso não seria bom.

“Pelo amor de Deus, Nash. Claro que não”, ele se indigna. “Eu nunca me aproveitaria de mulher nenhuma bêbada desse jeito. E é a irmã do Kyle ainda por cima. Tá maluco?”

Assinto. “Claro. Foi mal. Só... Enfim, cuida dela.”

Dou um tapinha no ombro do meu amigo e vou embora dessa balada idiota. Só concordei em vir porque Babyface disse que Eretria estaria junto com Savannah, e eu queria tentar acertar as coisas com ela. Está claro agora que isso não vai acontecer.

O que me resta a fazer então é partir para outra.

08.

ERETRIA

Acho que a minha vida está girando em torno de festas e bares ultimamente porque, na terça-feira, logo após a vitória da Duke sobre o Boston College Eagles, cá estou eu, novamente, indo para um bar para comemorar com os garotos.

O jogo foi emocionante, como sempre, e nós ganhamos de virada nos últimos segundos do segundo período. Por um momento, achei que iríamos perder, mas Derek Mackenzie fez uma bela cesta de três pontos faltando quatro segundos para o cronômetro zerar. Aguenta coração.

Assim que eu saio do carro, faço uma careta ao me dar conta da fila enorme para entrar no Noel's. Parece que todos os alunos da Duke tiveram a mesma ideia e vieram para cá comemorar a vitória do time.

“Meu Deus, isso aqui está uma loucura!”, reclama Brianna.

“É por isso que eu gosto do Holme's”, reclama Babyface.

Nash passa o braço pelos ombros do amigo. “Você sabe que a gente entra em qualquer lugar, cara. Fila é uma parada que não existe no meu vocabulário.”

Reviro os olhos. “Arrogante como sempre.”

“Arrogante não, gata. Estou constatando um fato”, ele retruca, lançando uma piscadela para mim.

Cretino.

E acreditem, odeio dizer que ele estava certo.

Assim que o segurança do Noel's reconhece os meninos, libera a nossa entrada e ignora os protestos das pessoas que esperam, não tão pacientemente, na fila.

A temperatura dentro do Noel's está irritantemente elevada. Detesto lugares abafados. Gosto do calor. Gosto muito mais do que o frio, inclusive,

mas considerando que estamos em novembro e a temperatura começa a se aproximar do zero, entrar em um lugar quente desse jeito estando agasalhada como estou é estressante.

“Sinto que estou entrando no inferno”, reclama Savannah.

Sophie e eu damos risada.

“Eu estou no meu ambiente, amiga.” Lanço uma piscadela para ela. Estou em casa. “Vamos pegar alguma coisa para beber.”

“E AÍ, GALERA!” Nash grita por cima da música do bar e as pessoas irrompem em gritos, assovios e aplausos. E, em um piscar de olhos, tem três garotas penduradas no pescoço dele.

É claro que Christopher Nash não poderia fazer uma entrada discreta. Ele *precisa* ser o centro do universo.

Reviro os olhos de novo. “Cretino exibido.”

Savannah e Sophie se entreolham.

“O que está rolando entre vocês?”, Savannah indaga.

Nós nos aproximamos do balcão do bar. Peço três tequilas para o garçom sem nem perguntar para as minhas amigas o que elas querem beber. Preciso que bebam tequila comigo. “O que está rolando é que nós transamos no aniversário dele”, revelo finalmente.

O queixo de Sophie cai. “Você transou com o Nash?”

“E não contou pra gente?” Savannah se indigna.

Dou de ombros. “Sim, transei com ele. E não contei porque não foi nada demais.”

Savannah olha para mim com incredulidade. “Ah tá. E esse seu mau humor é porque não foi nada demais?”

O Noel’s pode estar cheio, mas o atendimento é rápido. Logo o barman aparece colocando três copinhos de shot no balcão, bem na nossa frente. Eu mal deixo que ele termine de servir a bebida e já pego um copinho. Minhas amigas me imitam e nós viramos a bebida. Sinto o álcool descendo pela minha garganta, esquentando meu corpo.

Preciso começar a me livrar dessas camadas de roupa. Detesto ficar suada.

“Eu não estou de mau humor”, eu garanto, embora não soe convincente. “Mas ele é um idiota. Só isso. Mas, foda-se ele, eu tenho muitas opções essa noite.” Chamo o barman novamente e balanço o copo para ele, pedindo mais uma dose.

“Phie?” Uma voz masculina soa e um homem de cabelo loiro escuro e

olhos prateados para ao lado de Sophie. Ele olha para a minha amiga com um sorriso.

O garoto é bonito. Bem bonito. E veste a jaqueta do Boston College, o que me faz acreditar que é um dos jogadores do time adversário. Sophie é amiga do inimigo? Que blasfêmia!

“Caramba, gata, que bom te ver”, diz o garoto, todo sorridente. “Faz o que? Dois anos?”

“Quem é o seu amigo, Soph?”, Savannah indaga, curiosa.

O cara olha para Savannah e seu sorriso se expande. Não sei dizer o porquê, mas algo me deixa desconfortável com a forma com a qual ele encara minha amiga.

“Sou um... amigo de infância”, ele se apresenta. “Senti saudade, Phie.”

Sua atenção não fica em Savannah por muito tempo, no entanto. Está claro que Sophie é quem lhe interessa. O que eu não entendo é o motivo de Soph ainda não ter dito nada. Ela está parada, imóvel, olhando para o garoto. Não consigo ver a sua feição, pois seu rosto está virado para ele.

Quando o cara desliza os dedos pelos braços de Sophie, um gesto muito íntimo na minha opinião, vejo o corpo da minha amiga estremecer.

Espera aí...

“Montgomery”, chama Derek, aparecendo de repente atrás de Sophie. “Tá perdido?”

O garoto expande o sorriso. “Mackenzie, que desprazer te encontrar. Tô vendo que você conhece minha garota.”

Derek olha para Sophie. “Quem? Sophie?” Ele dá risada. “Por favor, não me faça rir.”

“Ah, você não falou sobre nós, Phie? Agora eu tô decepcionado.”

Quando Sophie vira o rosto para mim e Savannah, eu me assusto com o quanto ela parece apavorada. Seus olhos azuis estão arregalados, seu rosto está branco feito uma folha de papel e seu corpo está tremendo. Embora seja sutil, minha perspicácia não deixa passar despercebido.

Olho para o garoto e depois olho novamente para Sophie. Meu cérebro estala. Minha mãe do céu. “Porra! É você.”

Ele sorri. “Ah, então Phie falou sobre mim.”

Sinto todo o meu corpo ficar rígido. Minhas mãos estão tremendo, mas não é medo. É ódio. É ele. O desgraçado estuprador filho da puta que machucou a minha amiga.

“Derek, você poderia, por favor, levar a Soph pra casa? Agora”, eu peço,

mas a minha voz sai com tanta autoridade que mais parece uma ordem.

“Mas nós estamos colocando o papo em dia”, o maldito protesta, e o sorriso em seu rosto me faz saber que ele estava se divertindo.

“Derek”, Savannah chama, séria. “Agora.”

Acho que ela também entendeu o tamanho da merda que estamos lidando nesse momento. Derek, por outro lado, olha para mim e Savannah sem fazer a menor ideia do que está acontecendo. Não é meu direito contar. Sophie vai dizer a ele se achar que deve.

“Vai, Soph.” Eu a empurro, delicadamente. E, como se precisasse desse incentivo, Sophie dispara em direção à porta do Noel’s. “Vai atrás dela, Derek. Confie em mim. É melhor você ir.”

E sem questionar, Derek faz o que eu disse.

Assim que ele se afasta, meus olhos voltam a encarar o cara diante de mim e Savannah. “Qual o seu nome?”, eu pergunto.

Savannah olha para mim como se não entendesse o porquê de eu estar fazendo essa pergunta. No entanto, eu quero saber o nome do maldito antes de matá-lo. Não sei, talvez a morte dele pelas minhas mãos se torne mais real se eu souber quem ele é.

“Owen”, ele responde com um sorriso.

Estalo minha língua. “Owen”, ecoo com todo o desprezo que consigo. “Nós sabemos o que você fez.”

Ele dá de ombros. “Ela não pode provar. Além do mais, ela queria. Eu via como ela olhava pra mim quando achava que meus pais não estavam olhando. Ela pediu e...”

Não penso, pego o porta guardanapos de aço inox em cima do balcão do bar e bato com ele na lateral da cabeça de Owen. “Ela pediu?”, eu grito, dando-lhe uma joelhada nas bolas antes que ele possa se recuperar da pancada na cabeça. “*Ela pediu?*” Fecho o punho e bato do outro lado da cabeça dele. “Seu filho da puta! Repugnante! Doente!”

Não demoro a sentir braços ao redor da minha cintura, me puxando para trás, me afastando de Owen.

“Eretria, para com isso”, é Nash quem me segura. “Calma, porra!”

“Sua vadia!”, Owen grita para mim, colocando uma mão na lateral da cabeça onde bati com o porta guardanapos e a outra no saco. Ele geme de dor.

Vejo sangue.

“Me solta, Nash!”, eu grito, me debatendo nos braços dele. “Eu bati

pouco nesse desgraçado! Ele merece mais! Me solta!”

“Não! Para de se debater, caralho!”, Nash me segura mais forte, fechando ainda mais os braços ao redor da minha cintura.

Antes que Owen possa pensar em se mexer, Savannah pega um copo de bebida e joga na cara dele. Depois pega outro, de uma pessoa que está próxima de nós, e joga também.

“Se você chegar perto dela de novo, eu vou caçar você até o fim do mundo. Meu pai é juiz, seu filho da puta. Eu vou fazer o *inferno* parecer doce. Você tá me ouvindo?” Savannah dá outro chute nas bolas de Owen. O cara dobra o corpo, levando as duas mãos ao pau, tentando mitigar a dor. “Eu vou fazer você apodrecer na cadeia nem que eu precise mentir pra isso. Fica longe dela!” Savannah empurra Owen, e como já está se contorcendo de dor, ele cai no chão com facilidade.

Babyface aparece logo em seguida, pegando Savannah e puxando-a, também a afastando de Owen.

“Eu vou denunciar vocês por agressão”, ele geme de dor.

Eu me debato de novo nos braços de Nash. “Denuncia! Vai! Eu quero ver você tentar! Eu tenho certeza que se eu jogar o seu nome na internet e procurar só um pouquinho, ela não vai ser a única, vai, Owen?”, eu grito, transtornada. “Me denuncia! Eu te desafio, seu filho da puta!”

“Para fora!”, a voz grave de um segurança troveja por todo o lugar. “Todos vocês! Agora!”

Nash me joga em cima do seu ombro e me leva para fora do Noel’s. “Seu desgraçado! Eu vou acabar com a sua vida, Owen!”, eu continuo gritando.

“Eretria!” Kyle aparece na minha frente assim que Nash me coloca no chão, já do lado de fora do bar.

Nash continua me segurando, para ter certeza que não avançarei para cima de Owen novamente.

Kyle me olha com seus olhos verdes arregalados, analisando meu rosto. “Que merda é essa?”

Mantenho minha boca fechada. Tomei o cuidado de não gritar o nome de Sophie porque, de novo, não é direito meu contar o que aconteceu com ela. Mas não consegui ficar parada sem fazer nada. Precisava ter o gostinho de ver o sangue do desgraçado.

Savannah e Babyface saem logo depois, seguidos por Owen e três outros caras do Boston College.

“O que ele fez?”, Kyle pergunta, olhando para Owen e para os amigos dele. “Ele tocou em você?”

“Não”, respondo com firmeza.

“Então o que houve?”, Kyle indaga.

“Nada”, respondo, tirando meu cabelo do meu rosto. “Pode me soltar, Nash.”

Os braços fortes de Nash se afrouxam até ele finalmente me soltar.

“Alguma coisa aconteceu. Você está furiosa. Eu te conheço, Eretria. O que foi?”, Kyle insiste.

“O que aconteceu é que essa vagabunda me atacou do nada”, grita Owen, aproveitando que eu não contei o que ele fez com Sophie, então ele pode se sair como vítima.

“Quem você tá chamando de vagabunda?”, Nash dá um passo na direção de Owen, mas eu seguro o seu braço, impedindo-o.

Institivamente, ou algo assim, Nash me coloca atrás dele. Me pergunto se ele enlouqueceu e esqueceu que meu irmão está bem do nosso lado. Mas Nash não está preocupado com Kyle agora. Dá para ver em seus olhos cinzentos que ele está mais preocupado em deixar Owen longe de mim do que ficar longe de mim por causa de Kyle.

“Que porra foi essa, Kinsley?”, um dos amigos de Owen pergunta para o meu irmão. “Nossa rivalidade é só dentro de quadra, porra.”

Merda.

Embora eu me sinta revigorada de ter batido em Owen, acho que criei um problema entre os times.

Merda de novo.

Eu não pensei nisso. Eu não pensei em nada. O ódio me subiu tão forte e tão rápido que tive um breve lapso de consciência. Mas se me perguntarem se eu me arrependo? Não. Nem um pouco.

Olho para Savannah, e sei que minha amiga entende que podemos ter criado um problema enorme.

Babyface está na frente dela como se tentasse protegê-la dos outros caras.

“Ele passou a mão em mim”, Savannah mente.

Babyface olha para trás, encarando-a. “O quê?”

“Eu estava no balcão com as meninas. Ele deu em cima de Sophie, mas ela foi embora com o Derek. Depois, ele passou a mão na minha bunda.”

Os olhos de Babyface escurecem de fúria. “Você passou a mão na *minha*

garota?”

“É mentira”, protesta Owen. “Essa vagabunda tá mentindo. São duas vagabundas malucas.”

Tudo acontece muito rápido depois disso, mas a última coisa que meu cérebro registra é meu irmão dando um soco na cara de Owen.

09.

NASH

“Ai”, eu reclamo quando Eretria pressiona uma toalha úmida no meu supercílio inchado.

Não estava planejando brigar essa noite, mas quando Kyle partiu para cima de Montgomery depois que ele chamou Eretria de vagabunda, eu fui obrigado a entrar na confusão para defender meu amigo. A briga não durou muito, no entanto. Os seguranças logo nos separaram, então não brigamos o suficiente para garantir um olho roxo ou coisa parecida.

Ainda bem.

O treinador Burke ficaria puto se chagássemos machucados para o jogo de sexta-feira. E, sinceramente, não quero levar outro esporro dele por conta de brigas. Atingi minha cota disso no ano passado.

“Bem feito”, diz Eretria. “Quem mandou vocês se meterem na minha briga?”

“Você é completamente maluca. Onde estava com a cabeça quando decidiu bater na porra de um jogador de basquete, Eretria? Um murro dele e você poderia ter quebrado um osso.”

Ela bufa. “Não sou idiota, Nash. Sei muito bem que não dou conta de um cara do tamanho dele se não o desarmar primeiro. É pra isso que serve um chute nas bolas.”

Reprimo um gemido de dor só de imaginar.

“Você não deveria ter me segurado”, ela continua, furiosa. “Eu poderia ter batido nele muito mais.”

“Você criou uma confusão do caralho. Isso sim.”

Eretria me olha, incrédula. “Então por que você me defendeu?”

“Não defendi. Não briguei por você. Eu estava ajudando Kyle a não levar uma surra de outros caras por causa da merda que você fez.”

Isso não é bem verdade.

Eu briguei por ela, sim. Quando Montgomery a chamou de vagabunda, meu sangue ferveu. Meu instinto de homem das cavernas quis protegê-la e partir o imbecil no meio. No entanto, Eretria deixou claro que não quer mais nada comigo, então por que eu estou assumindo esse papel? Que merda está acontecendo? Eu não brigo por mulher nenhuma. Eu não sou assim. Mas também não sou um tapado completo. Sei que Eretria mexeu comigo, mas sei também que esse papo de se apaixonar é a maior roubada que existe. As pessoas não se apaixonam. As pessoas buscam no outro o que não encontram em si mesmas, e quando encontram o que procuram, justificam a escolha dizendo que é amor. Porra nenhuma. É conveniência.

Ah, ele é bonito, independente, fofo. Tô apaixonada.

Ah, ela seria uma boa mãe para os meus filhos. Tô apaixonado.

Porra nenhuma.

O amor é só um nome que deram para justificar quando duas pessoas acham que precisam ficar juntas.

Verdade seja dita: ninguém precisa de ninguém para viver.

Se o amor fosse real, casamentos não seriam desfeitos, pais não abandonariam filhos, pessoas não matariam seus antigos companheiros por ciúme... Minha mãe não teria me abandonado.

E se o amor *de mãe*, que dizem ser o maior e mais sublime do mundo, não foi suficiente para fazer a minha mãe ficar, então, talvez, ele nunca tenha existido de verdade. O que justamente me leva à conclusão de que o amor é uma ilusão criada pelo homem.

Eretria pressiona meu machucado de novo. “Ai. Caralho, Eretria.”

“Você não sabe meus motivos para ter batido no cara.”

“Não foi por que ele passou a mão em Savannah?”

Eretria endireita a postura. “Ah, é.”

Bufo. “E aí você decidiu espancar o cara?”

“Você queria que eu fizesse o quê? Deixasse ele se aproveitar da minha amiga? Nunca!”

Estamos na sala de estar da Bassett House. Kyle e Babyface conversam sobre alguma coisa enquanto Savannah coloca uma bolsa de gelo na mão machucada de Babyface. Kyle, por incrível que pareça, não tem nenhum arranhão.

“Não disse isso”, solto um grunhido. “Só tô dizendo que você poderia ter se machucado.”

Ela para de mexer na caixa de primeiros socorros que está no seu colo e levanta os olhos verdes para mim. Estamos sentados um do lado do outro em um sofá pequeno no canto da sala, longe dos outros. Noto que Eretria me olha um pouco confusa.

“Está preocupado comigo agora, docinho?”, ela indaga. Embora use o apelido ridículo pelo qual me chama, noto uma ponta de raiva em sua voz.

“Não”, minto. “Você não precisa que ninguém tome conta de você. Você faz isso muito bem sozinha.” Dou de ombros. “Não sou seu namorado. Não tenho que te proteger.”

O resto dela permanece inabalável. “Você está certo. Desculpa. Eu me esqueci que você é um narcisista.” Eretria abre a embalagem de um band-aid e o coloca com agressividade no meu supercílio. Eu gemo de dor. “Deveriam ter te batido mais forte”, ela lamenta. “Quem sabe não conseguissem ajeitar a parte do seu cérebro que deveria funcionar para que você fosse um cara decente e não um canalha. Uma pena.”

“Eu e você somos iguais, gata”, digo a ela. “Se eu sou um canalha, o que você é?”

Ela me encara. “Eu posso ser muitas coisas, Nash, mas canalha não é uma delas.”

Abro a boca para retrucar, mas então vejo que a mão de Eretria está machucada. “O que aconteceu com a sua mão?”

“Dei um soco no desgraçado.”

Dou risada. “Você deu um soco no cara?”

“Claro que eu dei, e teria dado mais se você não tivesse me segurado.” Ela bufa. “Estraga prazeres como sempre.”

“Eu não estrago prazeres, gata. Eu distribuo.” Dou uma piscadela pra ela antes de pegar a caixa de primeiros socorros do seu colo. “Deixa eu dar um jeito nisso. Já me meti em muitas brigas. Faço um curativo incrível.”

Eretria abre um sorriso de divertimento. “Você acha que tudo o que você faz, você faz bem, não é?”

Dou de ombros. “Ninguém nunca reclamou”, digo. Pego a mão de Eretria antes que ela possa dizer não. Passo um pouco de antisséptico, coloco uma gaze e faço um curativo. “Suas mãos são muito bonitas e muito habilidosas para ficarem machucadas.”

Eretria analisa o meu curativo em sua mão. “Obrigada, docinho.”

“Dá pra considerar como um pedido de desculpas pela merda que eu disse?”

“Pessoas erram.” Ela dá de ombros. “Podemos ser amigos.”

Não deixo de reparar na forma como ela disse a palavra “amigos”, como se quisesse dizer que isso é tudo o que seremos daqui para frente.

“Nós nunca vamos ser só amigos, gata.”

“Nós nunca vamos ser mais do que isso também”, ela retruca. “Quem estamos querendo enganar, Nash? Nunca daria certo.”

Ela está certa. Eu sei que ela está certa, mas, por alguma razão, eu simplesmente não consigo deixá-la. Ainda não.

“Ainda podemos nos divertir juntos. Sexo como o que nós fazemos não é tão fácil de encontrar como parece.”

Eretria abre um sorriso. “Eu te disse que você não iria parar de pensar quando estaria dentro de mim de novo”, ela sussurra.

E, de novo, ela está certa. Embora eu tenha estado com outras garotas depois que transamos, Eretria não sai da minha cabeça, e o desejo de tê-la de novo na minha cama, ou no banheiro, ou em cima da mesa — basicamente, onde ela quiser —, é tudo o que tenho pensado desde que transamos.

“Eu quero transar com você de novo”, admito. “Mas você já sabe disso, assim como eu sei que você me quer também.”

Eretria apoia os cotovelos nas coxas e reduz a distância entre nós, mas não muito, afinal de contas, Kyle está a poucos metros de distância. “Você está certo em uma coisa, docinho. Sexo como o que nós fazemos é difícil de encontrar, mas não é impossível.” Ela lança uma piscadela para mim. “Boa noite, Nash.”

Sorrio. “Boa noite, Tria.”

Depois que Eretria levanta do sofá e sai da sala de estar da Bassett — não sem antes se despedir do irmão e do Babyface —, eu encosto as costas no sofá e exalo, soltando todo o ar dos pulmões, passando as mãos pelos cabelos. Porra. Acho que realmente perdi a minha chance com essa mulher.

“Nash, Ky e eu estamos indo pra casa. Você vem?”, pergunta Babyface, levantando do outro sofá.

Faço que sim com a cabeça. “Vamos.”

10.

NASH

O dia de Ação de Graças costumava ser o meu favorito quando eu era criança. Meu pai e eu viajavamos para Miami para passar a data com a minha tia. A irmã dele. No entanto, depois que minha tia se casou de novo, nós deixamos de fazer isso. Meu pai não suporta o marido da irmã. Para falar a verdade, nem eu. Então, não reclamei muito quando ele me disse que não iríamos mais para Miami. Eu tinha treze anos.

Desde então, tem sido eu e o meu pai. Normalmente não é tão ruim, embora no ano passado tenha sido péssimo. Ele estava dopado por conta dos medicamentos e passou o feriado inteiro falando sobre como a minha mãe era a sua musa inspiradora, como ele sentia falta dela e como queria saber onde ela estava para que pudesse trazê-la de volta para casa.

Rá. Como se ela realmente fosse querer voltar.

Meu pai continua morando na mesma casa, e acho que tem esperanças de que minha mãe encontre o caminho de volta qualquer dia desses.

Eu deixei de esperar quando completei sete anos. Exatamente dois anos depois que ela me abandonou. Costumava ficar quase uma hora olhando pela janela do meu quarto, esperando que ela aparecesse; que ela voltasse. Mas ela nunca apareceu. E depois de dois anos inteiros esperando, eu cansei. E parei de deixar que ela me magoasse daquele jeito.

“Obrigado por me deixar vir, cara”, agradece Babyface.

A família de Babyface mora na Califórnia, do outro lado do país. Assim como Derek, que foi passar o feriado com a família de Kyle e Eretria, Babyface optou por não ir para casa. Nós temos jogo na sexta-feira, então uma viagem de avião tão longa assim seria cansativo demais.

“Sem problemas, cara.”

Precisei pedir encarecidamente ao meu pai que ele não tomasse os

remédios, já que estaria levando um amigo para passar o feriado com a gente. Ele me prometeu que ficaria bem, mas quando entro na minha antiga casa em Detroit, no Michigan, sinto uma ponta de desespero me atingir. A casa está silenciosa e meu pai não está em canto nenhum. Não veio me receber. E eu precisei usar a chave que sei que fica embaixo de um dos vasos de flores que minha mãe costumava cuidar. Só mais uma coisa que ele nunca removeu do lugar, embora não houvesse mais flores nessa casa.

“Você não avisou o seu pai que a gente vinha?”, Babyface pergunta, entrando na minha casa logo depois de mim.

Solto um suspiro cansado. “Avisei.” Limpo a garganta. “Eu vou dar uma olhada lá em cima. Talvez ele tenha saído pra comprar alguma coisa. Fica à vontade, cara. Se tiver com fome ou com sede, a cozinha é logo ali.”

Babyface assente, e eu subo as escadas. Espero muito não encontrar o meu pai dopado. Não hoje. Não com visita em casa. E é isso que eu vou pedindo a Deus durante todo o caminho até o quarto do meu pai, no final do corredor.

A porta está entreaberta quando eu me aproximo. “Pai?”, chamo, com medo da resposta que vou receber. Ou da falta dela.

Empurro a porta devagar e encontro meu pai deitado na cama dele. Ele está dormindo, mas consigo perceber pela fisionomia do seu rosto que ele pegou no sono depois de tomar os remédios. E, o frasco de comprimidos em cima do criado mudo me confirma isso.

Meu pai também está mais magro do que da última vez que eu o vi, nas férias de verão. Há duas bolas roxas em torno dos seus olhos. Olheiras enormes que me dizem que ele não deve estar dormindo bem há semanas. Ele está pálido, e não deixo de notar que a respiração está lenta.

Ele está se matando. Está morrendo um pouco a cada dia porque não consegue superar que a minha mãe não o amava e foi embora.

Houve uma época em que eu o culpei por não me achar suficiente. Ele tinha a mim também. Eu estava logo ali, na frente dele, mas ele só via a minha mãe. Mesmo quando ela deixou de estar presente.

Passo as mãos pelo cabelo, estressado, e respiro fundo algumas vezes.

Essa merda toda de novo. Meu Deus. Não aguento mais.

“Pai”, chamo, balançando seu corpo magro. “Pai.”

Ele resmunga, mas não abre os olhos.

“Sou eu. Christopher.” Balanço o corpo dele de novo. “Cheguei.”

Quando meu pai finalmente abre os olhos castanhos, consigo ver a

vermelhidão abraçando a sua íris. É a personificação do cansaço me encarando de volta.

“Christopher”, meu pai murmura, e abre um sorriso débil para mim. “Você chegou, filho.”

“Quantos você tomou, pai?”

Ele franze o cenho. “Não entendi.”

“Você entendeu perfeitamente.” Eu pego o frasco de remédios em cima do criado mudo. “Quantos?”

“Você tem os olhos da sua mãe.”

Meus olhos ardem. Eu odeio vê-lo desse jeito, odeio que tenha deixado que ela fizesse isso com ele; com nós dois. Ele deveria ser forte, porra. Ele deveria ter superado e seguido sua vida, talvez conhecido outra mulher, ter se dado uma chance de ser feliz de novo. Mas acho que, assim como eu, meu pai não acredita mais em amor.

“Eu sei, pai.” Suspiro.

Pela forma como seus olhos não conseguem realmente se fixar em mim, deduzo que ele tomou cerca de dois ou três comprimidos.

“Vem, vou colocar você no banho. Meu amigo está lá embaixo. Está esperando pra conhecer você. Preciso que você fique bem, pai.”

Ele concorda com a cabeça e deixa que eu o ajude a sair da cama. Praticamente tenho que carregá-lo até o banheiro. Coisa que fiz mais vezes do que gostaria nos anos em que morei com ele. Ajudo que ele tire a roupa e o coloco sentado na banheira, pois em pé é arriscado demais que ele caia. Deixo a água quente caindo enquanto vejo e escuto meu pai chorar pela milionésima vez.

“Tudo bem, pai”, eu o consolo, também pela milionésima vez. “Tudo bem.”

“Desculpa, filho. Eu falhei com você como pai. Sei disso. Eu falhei.”

Talvez tenha falhado, mas não vou dizer isso para ele. Fazê-lo afundar ainda mais em sua depressão não fará bem algum.

Portanto, continuo repetindo. “Tudo bem, pai.”

Continuo falando isso, mas a verdade é que as coisas não estão bem há muito, muito tempo.

Depois de quase quarenta minutos cuidando do meu pai, eu finalmente volto ao primeiro andar da casa, onde encontro Babyface sentado no sofá, mexendo no celular.

“Oi”, ele diz, preocupado. “Tá tudo bem? Você demorou pra caralho.”

Sento junto com meu amigo no sofá e solto um suspiro pesado. “Meu pai é viciado em comprimidos”, revelo.

Embora falar sobre a minha vida ou sobre o que acontece com o meu pai seja uma coisa que eu odeie fazer, nesse momento, com Babyface preste a conhecer o meu velho, não tenho como não contar. Prefiro que ele saiba a verdade ao invés de tirar conclusões precipitadas sobre o meu pai.

“Ele tem depressão. Começou a tomar uns comprimidos para se sentir melhor, mas acabou ficando viciado neles”, conto, cansado. “Ele não tá bem, cara, então... Bom, é isso. Achei que ele estaria bem porque sabia que eu viria, mas...” Dou de ombros.

Babyface arqueia as sobrancelhas e exala. “Caralho. Eu não deveria ter vindo.”

“Cara, ainda bem que você veio porque eu...” Solto o ar dos pulmões. “... eu não consigo mais dar conta.”

Meu amigo coloca a mão no meu ombro. Um gesto de consolo. “Tô contigo, cara. Se tiver alguma coisa que eu possa fazer para ajudar...”

“Acho que precisamos fazer a comida se quisermos ter uma refeição hoje. E... se você pudesse não contar nada pra ninguém também seria ótimo. Não quero os caras me enchendo de perguntas.”

Babyface concorda com a cabeça. “Claro. Já esqueci.”

“Valeu, cara.”

“Pelo que?” Ele abre um sorriso. “Bom, então vamos tentar preparar alguma coisa. Talvez você devesse ter chamado o Ryan. Eu duvido que a gente consiga cozinhar alguma coisa boa.”

Dou risada. “Não vai ser a melhor comida do mundo, mas a gente dá um jeito. Vou dar uma olhada na despensa.”

“Vou ver receitas na internet.”

Vai demorar mais algumas horas para que meu pai ficasse “normal” de novo. Sei que ele está um pouco aéreo agora, por conta dos remédios, então o deixei na cama, mas me certifiquei de tirar todos os frascos de comprimido do seu alcance.

Falei sério quando disse que é bom que Babyface esteja aqui. Se eu tivesse vindo sozinho, provavelmente estaria chafurdando na merda junto com o meu pai. E às vezes me pergunto se não é justamente isso que eu preciso fazer para finalmente alcançá-lo e tirá-lo de lá. Talvez eu tenha que ir até o fundo do poço para conseguir ajudá-lo.

E, honestamente, me assusta pensar que talvez essa seja a única forma

de salvá-lo.

* * *

O dia de Ação de Graças não foi bem o que eu estava esperando, mas, de alguma forma, consegui ter um almoço decente com o meu pai, depois que ele se sentiu bem o bastante para dar as caras na cozinha. E, considerando que Babyface e eu estamos bem longe de sermos chamados de bons cozinheiros, até que o almoço estava gostoso. Abençoados sejam os vídeos tutoriais culinários do YouTube.

Babyface conversou mais com o meu pai do que eu, e não me importei. Para falar a verdade, estou cansado de tudo isso. E sei que meu pai percebeu, pois me lançava um olhar de arrependimento a cada cinco minutos. Mas eu também estou cansado disso. E sei que ele também sabe disso.

Às vezes, muito às vezes mesmo, eu me permito perguntar por onde anda a minha mãe. Me pergunto se ela se culpa pelo que ela fez, se sente remorso, se sente saudades de mim e do meu pai, se sente qualquer coisa que seja em relação à vida que ela deixou para trás. Mas então, imagino que não. Ela não deve sentir coisa alguma. Imagino que, se sentisse, ela teria voltado. Teria pelo menos tentado ter a família de volta.

Quando o táxi estaciona na minha da minha casa, já em Raleigh, eu pago o motorista e pulo para fora. Só quero poder tomar um banho e relaxar um pouco. Sinto os músculos do meu corpo doendo. Passei o dia inteiro tenso, esperando que meu pai desabasse de novo a qualquer momento e terminasse de arruinar o que era para ser um feriado feliz.

“Seu pai é um cara legal, Nash”, diz Babyface, logo depois que o táxi vai embora. “Ele só não conseguiu seguir em frente.”

É claro que meu pai tinha falado da minha mãe para o meu amigo, pois ele não perde a oportunidade de manter a “memória” dela viva dentro daquela casa. É sufocante, para dizer o mínimo.

“É”, me limito a dizer. Não quero conversar sobre isso.

E muito menos queria ter feito Kyle desconfiar que alguma coisa está — ou estava — acontecendo entre mim e Eretria. Mas, assim que eu e Babyface entramos em casa, encontrei Derek e Kyle sentados no sofá, e meu amigo revelou que o Dia de Ação de Graças também não tinha sido o melhor em sua casa. Ele e Eretria tinham brigado, e eu fiz a cagada de perguntar se *ela* estava bem.

Kyle me conhece. Ele sabe muito bem que eu já dei em cima de Eretria. Então, quando eu fiz a maldita pergunta, meu amigo me encarou com aqueles olhos verdes e eu soube que ele me mataria se eu não concertasse a merda depressa.

Acho que ele acreditou quando eu disse que nada tinha rolado com Eretria, mas o olhar mordaz de Derek na minha direção é tão ruim quanto o que Kyle me lançou segundos antes.

“Eu te disse que dormir com Eretria era uma péssima ideia, porra. Você me disse que ele nunca iria descobrir”, diz Derek, rispidamente e em voz baixa.

Kyle acabou de subir para tomar um banho, mas não queremos arriscar que ele escute essa conversa.

“E ele não descobriu”, eu argumento.

“Ainda. Ele não descobriu *ainda*, Nash. Mas você acha mesmo que ele nunca vai ficar sabendo do que aconteceu?”

“Não até nós ganharmos o campeonato”, eu digo. “Depois, eu mesmo vou contar a ele e vou arcar com a merda toda.”

Derek finalmente levanta do sofá e me encara. “Pelo bem da porra da temporada, eu espero que você esteja certo.”

Sem dizer mais nada, Derek sobe as escadas, me deixando sozinho na sala. Jogo meu corpo cansado em cima do sofá, deitando, e fico olhando para o teto pelo que parece ser uma eternidade. Penso se devo ou não mandar uma mensagem para Eretria para saber se ela está bem, mas duvido que ela queira falar comigo depois do nosso último encontro. Ela me chamou de canalha e eu praticamente disse que ela também era uma — já que somos iguais.

Pego o celular dentro do bolso e fico encarando as fotos de Eretria em sua conta do Instagram. Eu nem sequer tenho o número dela, mas fico olhando as suas fotos e pensando que, se as coisas fossem mais fáceis, talvez eu me apaixonasse por ela; talvez eu a deixasse se aproximar de mim e realmente me ver. Mas, de qualquer forma, eu duvido que uma garota como Eretria queira alguma coisa com um cara como eu.

ERETRIA

Eu devia saber que a minha família nunca esqueceria o que aconteceu comigo. Eu deveria saber que eles me crucificariam e me culpariam pelo o que aconteceu. No entanto, se eu consegui deixar aquela merda toda para trás,

por que eles não conseguem?

Achei que, depois de um ano e meio, depois de me forçarem a estudar na Duke, para ficar perto de Kyle — e conseqüentemente, longe de problemas —, depois de ter feito terapia e tudo o que me pediram para fazer, eles já teriam superado; já teriam entendido que eu nunca vou me colocar naquela situação de novo. Nunca mais vou deixar que me manipulem e me façam de idiota daquele jeito. Mas não, eles ainda querem me trancafiar, me podar, me controlar. Acho que por medo. Mas, droga, eu preciso viver. Eu preciso que eles me deixem viver.

“Você está bem?”, Sophie me pergunta assim que entramos no alojamento. “Não falou nada desde que nos sentamos à mesa com a sua família.”

Abro um meio sorriso para a minha amiga. “Vou ficar bem, não se preocupe. Só tô cansada.”

Sophie assente. “Os meninos têm jogo amanhã. Você vai?”

Faço que sim. “Posso estar morrendo de raiva de Kyle agora, mas nunca perdi um jogo.”

“Vocês vão se acertar. Uma hora ou outra. Eu tenho certeza.”

Solto um suspiro cansado. “Espero que sim.”

* * *

“Muito bem, pessoal”, diz Caitlin, sorridente. “Eu acho que temos material suficiente para apresentar para a Reitoria. E eu acho que temos grandes chances de fazermos mudança.”

Todos batem palma.

Fiquei muito feliz em ver o empenho do grupo na pesquisa. Mesmo aqueles que viajaram para casa no feriado do dia de Ação de Graças, mandaram o material pesquisado por e-mail, para não deixar de participar.

Passamos a última hora discutindo sobre os dados recolhidos e pensando como faríamos essa apresentação para a Reitoria. Passei todo o tempo me sentindo extremamente orgulhosa dessas pessoas. E de mim mesma também.

“Semana que vem nós vamos nos encontrar na cafeteria. Mando todas as informações pra vocês por mensagem. Está começando a ficar muito frio para reuniões ao ar livre.”

Caitlin está certa. O frio de novembro está começando a ficar mais rigoroso, e isso só piorará com a chegada de dezembro.

“Mandou bem com a pesquisa”, diz Carter, novamente me estendendo a mão para me ajudar a levantar do chão.

Eu seguro a sua mão e ele me puxa para cima. “Você também. Acha que vamos conseguir convencê-los?”

“Se não conseguirmos de primeira, continuaremos insistindo”, promete Carter. “Eu estava pensando em ir pegar um café. Quer vir?”

Um pedido casual, que pode ser interpretado como um café entre duas pessoas que estão se conhecendo. Nada demais. No entanto, eu vejo como Carter olha para mim, como ele sorri quando eu exponho o que eu penso para o grupo. Esse convite não tem *nada* de casual.

“Claro. Um café agora parece uma excelente ideia”, eu respondo. Porque, por que não?

Carter abre um sorriso e seus olhos verdes brilham. Ele me lembra um pouco o Jeremy. O mesmo Jeremy que eu beijei na frente de Nash alguns dias atrás. O mesmo que me levou para casa e me colocou deitada na minha cama como um perfeito cavalheiro.

Eu estava muito bêbada, muito chateada comigo mesma por ter deixado Nash me afetar daquele jeito, e Jeremy, embora eu conseguisse ver em seus olhos um desejo primitivo de me atacar, mal tocou em mim. O que foi ótimo, pois me envolver com outro amigo de Kyle é uma péssima ideia.

Para começo de conversa, só me envolvi com Nash porque realmente me senti atraída por ele desde o momento em que nos conhecemos. Me envolver com os outros meninos seria apenas por diversão ou para deixar Nash com ciúme, mas só de imaginar o tamanho do problema que isso pode virar... Melhor não.

Carter e eu caminhamos até o Beyu Blue Coffee, uma das cafeterias do campus. Ele abre a porta para mim e se oferece para pagar o meu café. Não recuso. Se ele quer me impressionar, então deixo que tente.

“Você está estudando Direito, não é?”

“Sim”, respondo. “Quero me especializar em direito ambiental.”

“Faz sentido.” Ele sorri. “Eu estou fazendo medicina.”

Arregalo os olhos. Não esperava por isso. “Sério? Puxa! Isso parece bem... difícil.”

Carter ri. “E é mesmo. Muitas noites sem dormir, muitas doenças que nunca ouvi falar antes e... nossa, nem me deixe começar a falar sobre os nomes técnicos.”

Rio também. “Eu imagino. Assisti a primeira temporada de *Grey’s*

Anatomy. Não sei o quanto é semelhante com a realidade, mas parecia difícil só de ouvir os personagens falando”, admito. “Qual a sua especialidade?”

“Cardiologia.”

Eu assobio. “Legal.”

Carter sorri. “Obrigado.”

Nós chegamos ao balcão, Carter me pergunta o que eu quero, e depois faz nosso pedido para a atendente.

“Você pode pegar uma mesa pra gente?”, pede Carter.

“Claro.”

Me afasto do balcão a caminho das mesas, procurando uma vazia, mas meus olhos acabam encontrando um par de olhos cinzentos me encarando.

Nash está sentado, sozinho, em uma mesa, com um livro aberto. Parece que está estudando. Mas em dia de jogo?

Me aproximo lentamente. “Oi.”

“Oi, gata.” Ele abre um sorriso.

“É esse o seu ritual?”, pergunto, indicando o livro com o queixo.

Nash franze o cenho. “Ritual?”

“A maioria dos jogadores tem rituais esquisitos em dia de jogo. Já ouvi falar que alguns não tomam banho, outros têm um tipo de amuleto da sorte, outros fazem uma oração... Você estuda?”

Nash olha para o livro e depois olha para mim. “Não tenho nenhum ritual. Só tô tentando relaxar a cabeça.”

“Ah. Vou te deixar relaxando a cabeça então.”

Faço menção de me afastar, mas Nash me impede. “Vítima nova?”, ele indaga, apontando com o queixo para onde Carter espera pelos nossos cafés.

“Tá com ciúme?”, provoco.

Nash dá risada. “De quem? De você? Por favor...”, ele debocha. “Só tô pensando que o pobre coitado não faz ideia do quanto você é maluca.”

Apoio minhas mãos na mesa e inclino meu corpo na direção de Nash, me aproximando. “Você quer saber o que *eu* acho? Eu acho que você tá louco pra transar comigo de novo. Não, eu acho não, eu tenho certeza disso, já que você mesmo me disse. E eu tenho certeza que você pensa em mim quando tá na sua cama e acho até que bate uma lembrando de quando a minha boca estava em você.”

Nash sorri lascivamente. “Verdade, verdade e verdade. Mas nós dois sabemos que eu não sou o único pensando nessas coisas.” Nash apoia os antebraços na mesa, reduzindo a distância entre nós. “Me diz, princesa,

quando você se toca, é em mim que você pensa? Ou o seu amigo ali faz você gemer como eu faço?”

Meu corpo me trai, e eu sinto um calor crescer e se espalhar dentro de mim. Chamas. As palavras de Nash me transformam em um vulcão pronto para entrar em erupção.

“Você bem que gostaria de ter todo esse poder sobre mim, não é?”

“Eu sei que tenho. Assim como eu sei que você está queimando por dentro tanto quanto eu.” Ele dá de ombros. “Você pode negar o quanto quiser, princesa, mas seus olhos te entregam. Eu só tô esperando o momento em que você vai explodir, então a gente pode parar com toda essa merda e fazer o que nós dois queremos fazer.”

Reduzo ainda mais a distância entre nós. “E o que seria isso, exatamente? Só para eu ter certeza. Porque, nesse momento, o que eu quero é esfregar a sua cara no asfalto.”

Nash faz menção a uma risada, mas não ri de fato. “Você sabe muito bem do que eu tô falando, mas se prefere me ouvir dizer... Nesse momento, eu tô com vontade de jogar você em cima dessa mesa, arrancar as suas roupas e te comer até cansar. E, pode até ser que tenha uma parte de você que não me queira mais, mas, a julgar pela forma como você me olha, eu diria que está considerando ceder ao desejo.”

Filho da mãe.

Sabe aquele raio de Zeus da primeira noite? Pois é, ele volta com força total. Meus músculos internos se contraem e eu consigo sentir meus mamilos doloridos de tesão. Espero sinceramente que pelo menos a minha expressão esteja imparcial.

“Cuidado, docinho, ou pode acabar voltando pra casa com as calças sujas.”

Agora ele ri. “Diga o que quiser, gata. Duas pessoas com uma atração como a nossa acabam se encontrando de novo mais cedo ou mais tarde.”

“Só se for no inferno, meu amor, porque aqui eu não quero te encontrar nem do outro lado da rua.”

Nash joga a cabeça para trás, gargalhando.

Eu abro a boca para xingá-lo, mas Carter para do meu lado, segurando dois copos de café. Eu me afasto de Nash e ele faz o mesmo, encostando as costas na cadeira.

“Achou uma mesa?”, Carter me pergunta.

“Foi mal, cara. Eretria e eu estávamos colocando o papo em dia. Somos

amigos íntimos.”

Eu lanço um olhar mordaz para Nash.

“Ah. Tá, claro, sem problemas”, diz Carter, sem jeito. “Sou Carter, a propósito.”

“Nash”, ele se apresenta, estendendo a mão para Carter. “Bom conhecer mais um dos amigos da Tria.”

“Igualmente”, responde Carter, educadamente, antes de me entregar um dos copos térmicos de café.

“Obrigada, lindo.” Sorrio para ele.

“Quer que eu procure uma mesa enquanto você termina de conversar?”, ele pergunta.

“Não. Nash não é importante. Os nossos planos para salvar o mundo, são.”

Juro que vi uma pontada de tristeza nos olhos cinzentos de Nash. Mas posso estar fantasiando, pois foi tão rápido que não consigo ter certeza.

“Tem razão.” Carter sorri. “Legal te conhecer, cara. Boa sorte no jogo hoje.”

É claro que Carter sabia quem Nash é. A Duke sabe quem é o desgraçado.

Nash força um sorriso. “Valeu.”

“Bom jogo, Nash”, é tudo o que eu digo antes de deixá-lo para trás e seguir com Carter até uma mesa vazia nos fundos da cafeteria.

“Você é amiga do cara mais popular da Duke? Quem diria”, comenta Carter, sentando-se na mesa.

Dou de ombros. “Meu irmão é Kyle Kinsley, o Ala do time de basquete. Conheço todos os meninos por causa dele.”

“Você e Nash parecem ser bem próximos.”

Carter está sondando o terreno. É exatamente isso o que está fazendo. Ele quer saber se o caminho está livre para tentar alguma coisa comigo ou se ele tem concorrência.

“Posso dizer que Nash é algo parecido com o meu inferno astral. Às vezes conseguimos ter uma conversa razoavelmente civilizada, mas geralmente estamos sempre brigando.”

Carter dá um gole em seu café. “Ele vai ser um problema se eu tentar colocar meu time em campo?”

“Com certeza não.”

Sorrindo, Carter faz um carinho ténue no meu queixo. “Bom saber.”

11.

ERETRIA

O jogo contra Pittsburgh está acirrado. É impossível saber quem vai ganhar e já estamos no meio do segundo período. Nenhum time consegue abrir uma vantagem de pontos considerável para que saibamos quem vai ganhar. Savannah e Brianna estão roendo as unhas ao meu lado. E eu estou sentada na beiradinha da cadeira, vidrada no jogo.

Sophie não pôde vir por conta do trabalho, mas Savannah está atualizando a nossa amiga dos acontecimentos. Sophie provavelmente vai ter trabalho com Derek depois. Ele está apanhando muito do outro time. Conteí, pelo menos, três cotoveladas nas costelas. Se ele ainda não estiver com hematomas, estará muito em breve.

“Volta a bola!”, eu grito para Derek. Claro que ele não me escuta, mas não consigo não berrar em jogos.

Derek lança a bola para tentar uma cesta de três pontos, mas o adversário consegue bloquear a bola.

Bufo.

Kyle pega o rebote, joga o corpo em cima do jogador adversário e consegue invadir o garrafão, saltando e enterrando a bola dentro da cesta.

“Boa, Ky!”, eu berro.

“Meu Deus, falta pouco para o final do jogo”, diz Brianna, apreensiva.

O placar está 79x82. Estamos ganhando, mas, como eu disse, com uma diferença muito pequena. Tudo no basquete pode mudar em questão de segundos, e é por isso que eu sou apaixonada por esse jogo. Não tem como ficar entediado assistindo.

Os meninos da Duke correm para a defesa. Nash consegue roubar a bola quando o jogador do Pittsburgh tenta lançar para outro colega de time. Sem hesitar, Nash dispara pela quadra como um foguete e lança a bola de trás da

linha dos três pontos, fazendo uma linda cesta de três.

O treinador Burke nem se dá ao trabalho de comemorar. Ainda tem muito jogo pela frente.

Na defesa, os meninos tentam controlar um monstro chamado Kaius Winstorn. O garoto é enorme. O mais alto em quadra essa noite. Jeremy e Ryan se esforçam até a última célula para impedir que Winstorn entre no garrafão. Porque, quando ele entra, é impossível segurar o cara.

Quando Winstorn recebe a bola de um dos seus companheiros e dispara na direção do garrafão, vejo Savannah estremecer ao meu lado.

“Meu Deus. Se eu vejo um cara desse tamanho correndo na minha direção, eu desmaio”, ela diz.

Brianna e eu damos risada.

“Eu entendo o que você quer dizer”, concorda Brianna. “Ele é muito grande. Quanto deve ter de altura?”

“Dois metros e dez”, eu respondo, sem tirar os olhos do jogo. “É, eu pesquisei.”

Savannah dá risada. “Não sei porque eu me surpreendo.”

É claro que Winstorn faz a cesta. Isso é o que não me surpreende.

Duke está atacando agora. Kyle lança a bola para Jeremy, que lança para Derek, que, por fim, lança para Nash, que adentra o garrafão e salta em direção a cesta para enterrar a bola, mas um jogador adversário também pula, para tentar desviar a bola. Vejo dois corpos se chocando no ar, um contra o outro, e Nash cai no chão.

Meu coração dispara feito um idiota e eu me levanto da cadeira. A torcida fica em silêncio, o jogo é paralisado e os garotos se aglomeram ao redor de Nash quando ele não levanta do chão. Sinto um nervosismo percorrer o meu corpo. Uma preocupação indesejada com esse garoto idiota, mas não consigo evitar. Pensar que ele pode ter se machucado me deixa louca.

“O que tá acontecendo?”, pergunta Savannah, nervosa.

“Não sei. Não dá pra ver”, reclama Brianna.

Meus olhos estão fixos em Nash no chão. E então, eu vejo sangue. Meu coração aperta. Puta merda. Ele está sangrando, e não é pouco.

Derek segura a mão do amigo e o puxa do chão, deixando visível a mão ensanguentada que Nash usa para cobrir o nariz que jorra sangue.

“Ele levou uma pancada no nariz”, eu esclareço.

Savannah arregala os olhos cor de âmbar. “Será que quebrou?”

Nash é levado para a lateral da quadra, onde uma equipe médica tenta estancar o sangramento. Burke coloca Friends no lugar de Nash enquanto a equipe de limpeza tira o sangue de Nash do chão. Segundos depois, o cronômetro retorna. Vejo quando o treinador se aproxima do seu jogador machucado e balança negativamente a cabeça. É, parece que Nash não vai voltar para a quadra essa noite.

Uma enfermeira começa a empurrar Nash pelo túnel de acesso a quadra, provavelmente levando-o para fazer um curativo.

“Nossa, deve ter doído”, comenta Brianna, fazendo uma careta.

“Espero que não tenha quebrado”, diz Savannah. “Nash é muito bonito para ter um nariz quebrado.”

Eu e Brianna damos risada.

“Se tiver quebrado, ele não vai ficar com o nariz torto ou algo assim, amiga. A beleza dele estará intacta, prometo”, eu digo, rindo.

Tento prestar atenção no resto do jogo, mas não consigo. Só penso que preciso saber se Nash está bem, se ele realmente não quebrou o nariz. Espero que não tenha quebrado um dente. Sério. Eu já vi acontecer. Pancadas no rosto são sempre um problema.

“Vou ver como ele está”, anuncio, levantando da cadeira.

Minhas amigas já sabem que eu e Nash transamos, então elas não se surpreendem, mas me lançam olhares sugestivos antes que eu me afaste a caminho do corredor principal da arquibancada.

Sei como funcionam os protocolos. Vão levar Nash para a enfermaria, depois ele vai para o vestiário tomar banho e esperar o time lá até o final da partida.

“Desculpe, moça, mas você não pode entrar”, diz um segurança, me impedindo de abrir a porta que leva para a enfermaria.

“Ah, me desculpa. É que... meu namorado se machucou. Eu... eu só queria ver se ele está bem. Por favor. Eu juro que não vou demorar muito.” Faço a melhor cara de cachorrinho sem dono que consigo. “Por favor.”

O segurança suspira, cansado. “Você é aluna?”

Faço que sim e puxo a minha carteirinha estudantil do bolso da calça, a mesma que eu usei para entrar no jogo, e mostro para o segurança.

“Cinco minutos”, ele avisa.

Abro um sorriso. “Obrigada.”

Ando depressa pelo corredor até a enfermaria. Nash está sentado na maca, segurando um pano — que um dia foi branco, mas agora está tingindo

de sangue — contra o nariz machucado. Ele vê quando eu me aproximo e, como sempre acontece, seus olhos cinzentos ficam cravados em mim, acompanhando os meus passos até eu estar parada na frente dele.

“Eretria? O que você tá fazendo aqui?”, ele indaga. A voz carregada de confusão e surpresa.

Dou de ombros. “Queria ter certeza de que você não perdeu um dente.”

Nash ri. “Ficou preocupada comigo, gata?”

“Fiquei preocupada com seus dentes. Imagina, Christopher Nash desdentado? Ninguém mais ia te querer.”

Aqueles olhos cinzentos me encaram com um toque de divertimento. “Ah, obrigado por estar preocupada com a minha vida sexual.”

Ficamos em silêncio por um momento. Consigo sentir a tensão crescendo ao nosso redor. Tensão sexual. Pura e forte. Nash me devora com os olhos, correndo-os pelo meu corpo, me despindo completamente. E, mesmo vestida, me sinto nua. E gosto disso. Gosto que ele olhe para mim, que não só imagine o que tem por baixo das minhas roupas, mas que também saiba. Gosto de pensar que ele me quer tanto quanto eu o quero — fisicamente falando, claro.

“Eu deveria ir”, eu digo. “O segurança só me deu cinco minutos.”

“Desde quando você segue as regras?”

“Desde quando o motivo para eu quebrá-las não é tão importante assim.”

“Se não sou importante, por que está aqui, Eretria?”

Ao mesmo tempo em que sinto essa irrefutável atração sexual por Nash, sinto como se pudéssemos nos destruir. Não preciso olhar muito para a minha situação com ele e para tudo o que ele é e o que ele faz para saber que esse cara vai me magoar. E, provavelmente, pela forma como me olha, sei que vou magoá-lo também. Nós somos destrutivos por sermos parecidos.

“Estou aqui porque queria saber se você estava bem”, admito. “E agora que vi que está, vou embora.”

Me viro para sair, mas Nash segura o meu pulso, deslizando a mão para baixo até segurar a minha. “Você não quer ir embora.”

“Eu não quero? Ou você não quer que eu vá?”, provoco, encarando-o. “O que você realmente quer de mim, Nash?”

Com um puxão forte, ele me traz para junto de si e me coloca no meio das suas pernas, entrelaçando-as na parte de trás dos meus joelhos, me impedindo de sair.

“O que você tá fazendo?”, eu pergunto, tentando me afastar, empurrando seu peito para longe.

“O que eu quero”, ele responde.

Com carinho, mas também com firmeza, Nash me puxa e me beija. Sinto um pouco de gosto de sangue em sua língua, quando ele a desliza para a minha boca. E eu deveria me sentir enojada por isso, mas o beijo dele é tão envolvente que esse pequeno detalhe é rapidamente esquecido pelas minhas papilas gustativas. Seus braços fortes me envolvem e me puxam para cima da maca, me fazendo sentar em seu colo.

Estou completamente entregue.

Deveria lutar contra isso. Deveria mesmo. Principalmente depois do que eu o ouvi dizer a meu respeito. Mas então percebo que eu quero isso. Quero que ele me beije, quero suas mãos no meu corpo e quero que Nash me leve para aquele lugar delicioso e repleto de orgasmos.

Talvez seja errado deixá-lo ter o meu corpo, mas é justamente o meu corpo que o deseja. Meu cérebro e meu coração estão protegidos. E eu posso querer lutar o quanto for contra a atração que sinto por Nash, mas uma coisa forte assim não é apagada ou esquecida de uma hora para a outra. Eu sei disso. E Nash também sabe.

“Transa comigo”, ele murmura contra os meus lábios.

Meu corpo estremece.

“Transa comigo”, ele repete, beijando a linha do meu maxilar, descendo até o meu pescoço, onde deposita beijos molhados e suaves. “Transa comigo.”

Minha respiração trepida, meu coração bate tão depressa que parece que vai abrir caminho pelo meu peito e sair galopando pela enfermaria. Sinto a eletricidade correr minhas veias e varrer o meu corpo. Minhas células gritam desesperadamente. É impressionante e desesperador o que essas palavras, vindas dele, conseguem fazer comigo.

Nash gruda nossos lábios de novo. Os dele são famintos e determinados sobre os meus. Sua língua se move com destreza, percorrendo cada centímetro da minha, me enlouquecendo e me reivindicando até que eu esteja completamente sem ar.

“Transa comigo”, ele diz mais uma vez. Em um pedido, quase uma súplica, antes de chupar meu lábio inferior e abrir os olhos cinzentos para mim.

Eu os encaro. Vejo a forma como Nash olha para mim, percebo o quanto

ele me quer e o quanto eu o enlouqueço, mas sei que se continuarmos com isso vamos nos destruir. Sei, pela forma como meu coração bateu mais rápido quando ele caiu na quadra, pela preocupação que me dominou, que posso me apaixonar por ele com a mesma facilidade com a qual respiro. E, embora eu não tenha medo desse sentimento, tenho medo do que pode acontecer comigo se eu permitir que ele floresça.

Eu sempre fui bem resolvida com os meus sentimentos e minhas vontades. Não tenho medo de expor o que eu sinto e nem o que eu quero, mas tenho medo da dor quase física que um coração partido pode causar. Sofri arduamente por isso há muito pouco tempo.

Então, não, eu não tenho medo de me apaixonar por Nash, mas tenho medo que ele me destrua pelo mesmo motivo.

“Transa comigo”, ele sussurra na minha orelha, mordendo o nódulo e arrancando um gemido meu.

Sinto as mãos enormes de Nash na minha bunda, apertando-a. Então, ele desliza uma das mãos até a minha cintura, afasta o tecido do meu suéter e enfia a mão por baixo da minha roupa. Seus dedos calejados e quentes percorrem a pele da lateral do meu corpo.

“Eretria...”, ele sussurra meu nome como se fosse uma prece. Meu nome nunca foi envolvido nesse tom antes.

Encontro minha voz. “Não posso.”

Meu corpo protesta, enviando sinais de alerta ao meu cérebro dizendo que eu fiquei maluca.

Nash afasta o rosto do meu, me olhando com cuidado. “Por que não?”

“Porque não vou ser seu brinquedinho.”

“Não quero um brinquedinho.”

“Não? Então o que você quer?”

Seus olhos estão confusos quando encontram os meus. “Eu acabei de dizer o que eu quero. Várias vezes.”

Balanço a cabeça. “Não é o suficiente.”

“E o que é suficiente?”

Para falar a verdade, eu não sei. Queria que ele dissesse que não quer só o meu corpo, queria que ele dissesse que eu sou importante, sim, mesmo que não tenhamos nada sério, mesmo que não sejamos monogâmicos. Queria que ele não tivesse me diminuído a “nada importante” para poder se livrar de mim e se dar bem com outra garota. Que droga. Nós tínhamos feito um acordo um dia antes a respeito disso. Mas lá estava ele, pronto para transar

comigo e depois ir para a casa de outra garota e transar com ela também.

Pode ser que algumas pessoas digam que eu estou sendo ingênua e idiota. Mas eu discordo completamente. Eu estou me dando ao devido valor. Não vou ser diminuída ou desprezada por ele e nem por ninguém. Nunca mais.

“Se você não sabe, Nash, é porque não me merece.” Eu saio do seu colo e limpo meu rosto, que imagino que esteja um pouco sujo de sangue.

“Por que você faz isso?”

“Isso o quê?”, pergunto.

“Isso. Você diz que acabou, me provoca, me confunde e depois me rejeita.” Ele me encara. “O que você quer, Eretria? Eu acabei de dizer o que eu quero, então, me diz, o que é que você quer?”

“Não quero só sexo.”

“Você quer namorar?”, ele indaga, sério. “Eu não namoro, Eretria. Essa palavra não existe pra mim. Se é um namorado o que você quer, está procurando no lugar errado.”

“Não quero namorar, Nash. Não com você, pelo menos. Uma garota teria de ser muito burra para namorar com você”, eu digo, cuspiendo as palavras. “O que eu quero é um amigo. Um cara que eu posso confiar, que vai me tratar com carinho e com respeito. Sim, com sexo envolvido, mas um homem que vai saber valorizar o meu corpo, a minha alma e a mim, por completo. Quero alguém com quem eu possa transar, alguém que torne a minha vida mais fácil. Alguém que seja bom pra mim.” Eu olho para aqueles lindos olhos cinzentos, sentindo meu coração bater na boca. “Esse alguém não é você.” Suspiro, cansada, e sentindo um aperto no peito que me diz que eu preciso sair dessa logo. “Fico feliz que você esteja bem.”

Sem dar tempo para que ele me impeça, ou para que diga qualquer coisa, eu viro as costas e saio da enfermaria.

12.

NASH

Acordo com o barulho de alguma coisa sendo arrastada no andar de baixo. Consigo ouvir passos agitados de um lado para o outro e vozes femininas que meu cérebro sonolento inicialmente não consegue distinguir.

É sábado de manhã, o dia que, teoricamente, posso dormir até mais tarde porque não tenho aula e o treino é só no final da tarde. Então, já acordo estressado quando olho para o relógio e vejo que são oito horas da manhã. Eu tinha, pelo menos, mais três horas de sono para aproveitar, mas está claro que, seja lá que porra está acontecendo no andar de baixo, não vai me deixar continuar dormindo.

Bufando, eu levanto da cama. Cambaleando, saio do meu quarto e desço as escadas. Se não posso mais dormir, pelo menos vou dar um jeito no vazio que sinto no estômago. Estou morrendo de fome.

A primeira coisa que entra no meu campo de visão assim que termino de descer as escadas é o cabelo comprido e castanho de Eretria.

Eretria? Mas o que ela tá fazendo na minha casa?

Caralho. O que está acontecendo? Parece que essa menina deu para aparecer em todos os lugares. Nem na minha própria casa eu consigo fugir dela.

Tem uma semana que não nos falamos. Depois que ela me disse aquelas coisas e saiu da enfermaria, no jogo de sexta-feira da semana passada, eu não me dei mais ao trabalho de ir atrás dela. Nosso lance acabou. Eu posso ter todo o tesão do mundo por essa mulher, mas não estou a fim de dor de cabeça. E é isso o que ela é: pura dor de cabeça.

Eretria vira na minha direção quando ouve meus passos na escada. “Oi, docinho. Bom dia.”

Eu fico impressionado com a capacidade dessa mulher de agir como se

nada tivesse acontecido.

“Bom dia. Por que você tá na minha casa?”

“Savannah e eu precisávamos de espaço e de silêncio para preparar as coisas da feira beneficente. Babyface disse que tudo bem se viéssemos pra cá.”

Franzo o cenho. “Que feira beneficente?”

Savannah entra em de casa, carregando uma caixa de papelão enorme. Babyface vem logo atrás, carregando outra caixa igualmente grande.

“Savannah e a galera de música estão preparando uma feira beneficente”, esclarece Eretria. “Vai ser em um orfanato aqui em Raleigh, no final de janeiro.”

“É isso aí”, diz Savannah, colocando a caixa no chão. “Vai ser incrível. Vamos organizar várias barraquinhas com brincadeiras, comida e bebida e todo o dinheiro arrecadado será dado para o orfanato.”

“Podíamos fazer um jogo beneficente”, sugiro, caminhando até a cozinha para fazer um café. “Tenho certeza que o Burke pode fazer umas ligações e arranjar alguma coisa.”

Babyface concorda com a cabeça. “Com certeza. É uma ideia boa pra caralho.”

Savannah abre um sorriso. “Obrigada, meninos. Será ótimo ter a ajuda de vocês.” Ela pega novamente a caixa do chão. “Tria, quando terminar aí, me encontra na sala de jantar.”

Eretria concorda com a cabeça.

Babyface e Savannah seguem até a sala de jantar enquanto Eretria ainda está sentada no chão, organizando uns papéis na mesa de centro da sala.

“Quer café?”, ofereço.

“Sim, por favor.”

Ficamos nós dois em silêncio. Eu, preparando o café; e ela, prestando atenção nos papéis em cima da mesa de centro.

Não sei se Eretria também sente a tensão que se forma no ambiente quando estamos perto um do outro, mas eu imagino que sinta. Me pergunto se ela realmente quis dizer aquelas coisas na enfermaria. Será que uma garota teria de ser muito burra para querer namorar comigo? Caso, sei lá, um dia eu queira namorar?

Não.

Pelo amor de Deus. Olha tudo o que o meu pai passa só porque minha mãe partiu o coração dele.

Não. Eu definitivamente não quero esse sofrimento na minha vida. Não quero que uma mulher tenha tamanho poder sobre mim que eu não consiga enxergar uma vida sem ela.

Não.

Termino de fazer o café, sirvo duas canecas, pego o açucareiro e uma colherzinha e levo até a sala.

“Obrigada”, Eretria agradece, pegando a caneca da minha mão.

Coloco o açucareiro e a colher em uma parte vazia da mesa de centro, Eretria adoça a bebida, assopra e depois bebe um longo gole.

“O que você tanto lê nesses papéis?”, pergunto, me sentando no chão, do lado oposto ao que ela está sentada.

“É a parte burocrática da feira. Aluguel de barracas, contratos com os prestadores de serviço, essas coisas.”

Dou um gole no meu café. “Quer ajuda?”

Eretria tira os olhos dos papéis e encara os meus. “Christopher Nash está me oferecendo ajuda?”

Dou de ombros. “Não tenho nada melhor pra fazer agora.”

“Nenhuma das suas garotas quis passar a noite com você?”, ela provoca. “Pobrezinho.”

“Marissa vem mais tarde. É a menina do telefone, caso esteja interessada em saber.”

Por que eu estou tocando nesse assunto de novo? Eu devo realmente ser um canalha burro.

“Não estou”, ela garante. “Mas aceito a sua ajuda.” Ela me entrega uma pequena pilha de papéis. “Você pode revisar, por favor? Temos que ter certeza que os termos estão corretos, o dia e a hora também. E o que exatamente essas empresas estão oferecendo.”

Assinto, e puxo a pilha de papéis para mais perto de mim.

Pelo que parece uma hora inteira, Eretria e eu trabalhamos em silêncio, lendo os contratos. Nossos olhos se encontraram algumas vezes, mas não falamos nada um para o outro. Nem sei se há alguma coisa que ainda precisa ser dita.

“Eu tô morrendo de fome”, digo, quebrando o silêncio. “Vou preparar alguma coisa. Você quer?”

“Você sabe cozinhar também? Ora, ora, quantas surpresas”, ela brinca.

“Gata, tem muita coisa que você não sabe sobre mim.”

Ela ri, revirando os olhos. “Vou aceitar a sua oferta de comida,

obrigada.”

Levanto do chão e caminho até a cozinha. Como não sou nenhum expert na cozinha, preparo ovos mexidos e panquecas, que é só o que eu sei fazer razoavelmente bem, então não vou correr o risco de ouvir Eretria me xingando ou me acusando de tentar matá-la envenenada ou algo assim.

Quando termino de preparar a comida, sirvo dois pratos e levo para a sala. Afasto alguns papéis e coloco tudo na mesa de centro antes de me sentar no chão novamente.

Eretria me encara fixamente.

“O que foi?”, indago.

“Nash, eu sou vegana.”

Levo um segundo para entender. “Ai, caralho, você não come ovo.”

Ela ri. “E nem as panquecas”, acrescenta.

“Porra, eu esqueci. Foi mal, gata.” Levanto do chão e caminho de novo até a cozinha. “O que você come?”, pergunto, abrindo os armários.

“Provavelmente nada do que vocês têm em casa.”

Faço uma careta.

Merda. Deveria ter me lembrado desse *pequeno* detalhe.

“Temos frutas.”

“Uma fruta seria ótimo”, ela responde da sala.

Olho para a fruteira. Temos maçãs e bananas, mas de jeito nenhum vou dar uma banana para Eretria comer. Acho que não aguentaria ver isso. Então, por segurança, escolho a maçã.

Volto para a sala e entrego a fruta para Eretria.

“Valeu, docinho.”

Ela dá uma mordida na maçã, voltando a prestar atenção nos documentos. O silêncio volta com força total, mas não é desconfortável. Muito pelo contrário. Acho que nunca fiquei tanto tempo perto de Eretria sem que estivéssemos discutindo ou nos provocando e é... bom.

Em determinado momento, Eretria estica as costas e solta um gemido de dor, fazendo massagem nos próprios ombros. Ela fecha os olhos por um instante e joga a cabeça para o lado direito enquanto massageia o ombro esquerdo. Seu cabelo castanho está preso em um rabo de cavalo alto, o que deixa o decote do seu suéter azul marinho totalmente à mostra.

“Eu faço isso pra você”, digo, levantando do chão e me sentando no sofá atrás dela. Acomodo Eretria entre as minhas pernas, com ela sentada no chão e eu no sofá, e começo a massagear seus ombros. Ela solta um gemido

abafado. “Tá bom assim?”

Eretria não responde com palavras, mas solta um murmuro que parece um “Aham”. Então, continuo. Aperto e massajeio seus ombros com firmeza, mas não com muita força para não machucá-la.

“Onde aprendeu a fazer isso?”, ela indaga, a voz rouca.

“Não sei. Só... aprendi, eu acho.”

“É bem gostoso”, ela admite.

Sorrio. “Muitas coisas que eu faço são gostosas, gata.”

Eretria solta um grunhido de irritação, mas não retruca. Acho que eu realmente devo fazer uma excelente massagem, se ela não quer que eu pare para começarmos a discutir de novo.

Quando ela encosta a cabeça no meu joelho, me dando acesso livre ao seu pescoço, não consigo resistir e dobro meu corpo para frente para beijar a região. Eretria prende a respiração, mas não protesta, então eu beijo de novo e de novo. Sua pele é quente e tem um cheiro gostoso, mas não sei que cheiro é. Ela solta mais um gemido abafado, fechando os olhos e se entregando aos meus cuidados.

“Nash, a gente tá na sala”, ela me avisa.

“Kyle não tá em casa.”

“Mas ele pode chegar a qualquer momento. Nós estamos *na sala*”, ela enfatiza.

Merda. Ela tem razão. Basta que Kyle abra a porta de casa para que nos pegue em uma situação muito difícil de explicar.

“Sobe comigo para o quarto”, sussurro ao pé do ouvido dela, o que faz o seu corpo estremecer em minhas mãos.

“Eu não...”

Chupo o nódulo da sua orelha e ela geme. “Eu oposto que vou encontrar você pronta pra mim, se enfiar a mão dentro da sua calça.”

“Estou mais seca que o deserto”, ela garante.

“Eu duvido.”

Eretria levanta do chão com um salto, os olhos verdes me encarando, lascivos. Consigo ver a luxúria e o desejo entre os vários tons de verde, mas também vejo outra coisa. Algo parecido com mágoa.

Me levanto do sofá. “Se você não me quer, então diga.” Me aproximo de Eretria, seguro-a pela cintura e puxo seu corpo para junto do meu antes de dar alguns passos para frente e encurralá-la na parede. “Se você não me quer, *olhe pra mim* agora e diga com todas as letras. Se disser, então acabou.”

“Você me quer?”, ela pergunta, olhando nos meus olhos.

É claro que eu a quero. Não há um centímetro do meu corpo que não queira estar com ela, que não queira beijá-la, que não queira ouvir a voz dela, mesmo que seja para ouvir sobre os seus planos para defender os animais e o meio ambiente. Há tantas coisas que eu queria poder dizer a ela, mas não consigo. Simplesmente não consigo. Todas as vezes que abro a boca para falar, acabo falando uma besteira, ou algo safado. Isso é fácil para mim; é natural. Mas falar sobre o que eu sinto? Simplesmente não consigo.

“Não só o meu corpo, Christopher”, ela continua. Segurando as minhas duas mãos, Eretria as leva até os seus seios, depois as faz descer por sua barriga e, por mim, leva minhas mãos até a sua bunda. Eu gemo baixinho. “Eu sei que você quer o meu corpo. Mas eu quero saber se você quer *a mim*.”

Não consigo pensar. Meu cérebro é incapaz de formular qualquer pensamento coerente enquanto minhas mãos estão no corpo dela e ela me olha desse jeito com esses olhos verdes.

“Que diferença faz?”, eu pergunto.

“Toda a diferença do mundo. Porque se você quer só o meu corpo, eu não sou nada diferente de nenhuma das garotas que visitam a sua cama.”

Eu a encaro, confuso. “Você disse que não quer um namorado; que não quer exclusividade. Disse que um relacionamento comigo não é o que você tá buscando. Falamos sobre isso no estacionamento do Holme’s, lembra? Então por que isso faz diferença?”

Eretria coloca uma mão no meu rosto, fica na ponta dos pés e me beija. Bem ali. No meio da sala. Para qualquer um ver. Ela me beija sem medo, enfiando a língua habilidosa na minha boca para encontrar a minha. Fecho meus braços ao redor do seu corpo e a puxo para cima. Eretria envolve meu corpo com as suas pernas, abraçando-o, e eu mantenho suas costas apoiadas na parede. Seus lábios macios se mexem contra os meus, disparando faíscas pelo meu corpo e me fazendo estremecer de desejo.

Eu quero essa mulher.

Eu... merda, eu *gosto* dela. Bem mais do que eu deveria. E, com certeza, muito mais do que eu sou capaz de lidar. Vou magoá-la e odeio isso já de antemão. Com tudo o que eu penso sobre relacionamentos, é impossível que eu deixe Eretria se aproximar demais. Eventualmente, eu sei que vou acabar afastando-a de mim. Ou, talvez, vou fazer uma merda muito grande.

Mas, é impossível negar as coisas que ela me faz sentir. São incomparáveis. Meu corpo inteiro responde a ela, todas as minhas

terminações nervosas, todos os meus pensamentos... Tudo é dela e para ela. E isso me assusta porque é forte e intenso demais.

Eretria separa nossos lábios. Estamos os dois ofegantes quando ela fecha os olhos e gruda a testa na minha. “A diferença, Nash, é que isso, eu e você, é diferente de tudo que eu já experimentei. É forte e intenso e inegável.” Ela abre os olhos, solta as pernas do meu corpo e eu a coloco de volta no chão. “O que significa que eu sinto que posso me apaixonar por você e eu não quero isso. Porque, francamente, onde isso nos levaria? Você foi muito claro na semana passada. Você não namora, e eu não quero correr o risco de me apaixonar por você e ter meu coração partido por você várias e várias vezes. Porque você sabe tão bem quanto eu que isso vai acontecer, não sabe?”

Poucas pessoas na vida conseguiram me deixar sem palavras.

Eu nunca vou dizer isso a ela, mas eu poderia me apaixonar por Eretria Kinsley com a mesma facilidade com a qual respiro.

Requer muita coragem para admitir o que ela acabou de admitir para mim. Ainda mais para um cara com a minha reputação. Sei disso. E por isso, a admiro ainda mais.

Eretria e eu podemos ser parecidos em muitos aspectos, mas quando se trata de sentimentos, eu sei que sou um belo de um covarde. Mas ela não. Ela nunca.

“Então, eu é que te peço... Se você não me quer, então olhe pra mim e diga. E se você disser, então acabou, Christopher. Você tem que parar de me olhar assim, parar de me pedir pra transar com você. Você tem que me deixar seguir em frente.”

Entendo a seriedade desse momento pela intensidade do olhar de Eretria. Sei que ela não está brincando, não está jogando. Ela está abrindo o coração para mim e me deixando tomar a decisão. Afinal de contas, ela é Eretria Kinsley. Não tem nada que intimide essa mulher.

Talvez eu soubesse, desde o primeiro momento, que era impossível me envolver com ela e não sentir exatamente o que eu estou sentindo agora. Talvez eu cogitasse e, se tivesse parado para realmente pensar sobre isso, talvez não tivesse entrado naquele banheiro. Mas nossa atração é como um fio puxando dois ímãs. Não consigo ficar longe dela. Não consigo tirá-la da minha cabeça e, pior, não consigo impedi-la de chegar até o meu coração.

O que é uma merda, porque, de novo, sei que não posso fazê-la feliz. E Eretria merece mais do que um cara incapaz de encarar os próprios sentimentos. Literalmente um cara que tem verdadeiro pavor de se tornar

vulnerável perante o amor. Exatamente como aconteceu com o meu pai.

E é por isso e pensando nisso que eu digo o que eu digo a seguir. “Eu só quero o seu corpo”, minto pra ela, e sinto algo no meu peito quebrar. “Vou te deixar em paz. Eu prometo.”

Segurando os meus pulsos, Eretria tira as minhas mãos do seu corpo. “Obrigada.” Ela pigarreia, limpando a garganta. “Por ser honesto comigo.”

E sem dizer mais nada, ela pega todos os papéis em cima da mesa de centro e vai encontrar Savannah na sala de jantar. E, mais uma vez, me deixa para trás com a cabeça fervilhando e o coração doendo.

13.

ERETRIA

Faz uma hora que Sophie, Savannah e eu estamos sentadas no chão do nosso quarto, nos entupindo de sorvete, pizza e chocolates. Um: é domingo e domingo é A Noite das Meninas. E dois: nós acabamos de descobrir que Derek Mackenzie é o maior filho da puta de todos os tempos. O desgraçado teve a coragem, a audácia, de trair a Sophie com uma garota de fraternidade. Maldita Jenni.

Não acredito que me enganei tanto assim a respeito de Derek. Eu olhei nos olhos do cretino e ele realmente parecia gostar da Sophie.

Merda.

Embora minha amiga tenha me desculpado por ter facilitado o caminho de Derek, já que tentei bancar o cupido, querendo compensar a droga da minha vida amorosa, eu me sinto extremamente culpada. Depois de tudo o que ela passou, a primeira vez que ela decide confiar em uma cara, ele vai e faz uma merda dessas.

“Chega de falar de mim, por favor”, pede Sophie. Os seus olhos azuis estão abraçados pelo vermelho do choro, o que só faz a minha raiva crescer. “Me fala de você e do Nash, Tria. Vocês ainda estão tendo alguma coisa?”

Faço uma careta. “Nós nos beijamos ontem.”

“Ontem?” Savannah arregala os olhos cor de âmbar. “Mas ontem nós estávamos na casa deles... Ah, Deus. Você perdeu o juízo? Se Kyle pega vocês dois...”

“Você acha mesmo que Nash vale essa dor de cabeça?”, pergunta Sophie. “Quer dizer, Kyle vai ter um ataque de nervos.”

Suspiro. “Kyle vai ter um ataque de nervos de qualquer forma. Não importa se ele me pegar com Nash ou com um garoto qualquer.”

“Com o Nash vai ser pior”, garante Savannah. “Babyface me disse que

seu irmão decretou Bro Code. Os meninos estavam proibidos de chegar perto de você. O que é ridículo, na minha opinião, ele não tem o direito de te controlar.”

Suspiro de novo. “Eu sei. Mas ele tem os motivos dele”, respondo vagamente. Não quero entrar nesse assunto com as minhas amigas agora, só vai deixar o clima ainda mais pesado. “E, respondendo a sua pergunta, Soph, a verdade é que... eu nunca conheci um cara como ele. Alguém tão sagaz, que faça eu me sentir viva e... não sei, é divertido implicar com ele.”

Savannah dá uma mordida em uma barra de chocolate. “E o que ele sente?”

Dou de ombros. “Nada, eu acho. Christopher Nash é contrário à monogamia. Não, na verdade, eu acho que ele é contrário a sentimentos no geral.”

Sophie balança a cabeça. “Isso não vai dar certo. Quer dizer, você é muito decidida, Tria. Queria ter metade da coragem que você tem de dizer o que pensa e o que sente, doa a quem doer. Você é sincera consigo mesma e é fiel aos seus sentimentos, coisa que nós, meros mortais, temos verdadeiro pavor. Se Nash não consegue dar conta de um relacionamento, onde isso tudo vai dar?”

“Não vai dar em lugar nenhum”, garanto. “Ele deixou muito claro para mim ontem que não me quer. Então, acabou. E, de qualquer forma, eu conheci um cara legal no The Green. Carter.” Dou de ombros. “Talvez investir nele me leve a algum lugar.”

Savannah parece pensativa quando fala novamente. “Mas você quer namorar?”

“Acho que não é uma questão de querer, e sim uma questão de encontrar alguém que vale a pena. Nesse momento, eu não quero, mas também não recuso nada. Se aparecer alguém com quem eu me conecte, então que assim seja.”

Sophie e Savannah concordam com a cabeça.

Talvez seja besteira, mas por um momento, achei que esse cara seria Nash. Não achei que nós fôssemos namorar ou coisa assim, mas achei que encontraria nele um amigo sexual. Um cara que fosse meu amigo, em todos os sentidos da palavra, mas que também pudesse se divertir comigo em minhas aventuras sexuais. Queria algo tranquilo, mas intrigante. Fácil, mas divertido. Achei que Nash poderia me dar todas essas coisas, já que nos conectamos muito rápido e muito intensamente, mas está na cara que

Christopher Nash não sabe ser amigo de uma mulher.

“Enfim, chega de mim”, eu digo. “Savannah, nos conte sobre o seu homem.”

“Não tem muito o que dizer, na verdade. Nós nos vemos sempre que dá, o sexo é maravilhoso, ele me trata bem, mas se vocês me perguntarem o que somos, não sei responder.”

“Nenhum de vocês tocou no assunto relacionamento?”, indaga Sophie.

Savannah nega com a cabeça. “Eu pensei em perguntar, mas a verdade é que eu nem sei se quero um namorado.”

Sophie franze o cenho. “Algum motivo pra isso?”

“Meus pais. O casamento deles é perfeito. Tipo, perfeito de verdade. Os dois são perdidamente apaixonados um pelo outro, fazem tudo juntos, estão sempre querendo a opinião um do outro para tudo. É uma utopia.” Savannah suspira. “Acho que eu criei padrões muito altos por causa deles. Quer dizer, Babyface é um cara incrível. De verdade. E eu acho que ele me faria feliz, mas eu estou sempre comparando ele com o meu pai e com a forma como meu pai trata a minha mãe. É loucura. Os dois são pessoas diferentes, sei disso, mas é involuntário. E, sei lá, de qualquer forma, ele também não disse nada sobre exclusividade e relacionamento, então, talvez, não esteja tão interessado que eu seja sua namorada.”

“Mas ele te chamou de ‘minha garota’ antes da briga com o Owen.”

Sophie me encara. “Que briga?”

Savannah começa a rir. “Eretria não te contou? Ela bateu no cara com o porta-guardanapos, depois deu um murro na cara dele e um chute em cheio nas bolas. E eu joguei umas bebidas nele, fiz uma ameaça digna de um Oscar e chutei as bolas dele de novo.”

Os olhos azuis de Sophie se arregalam. “Vocês o quê?” E de repente, ela está rindo. “Ah meu Deus, não acredito!”

Rio também. “Pois é. Deu a maior confusão. Nós fomos expulsos do bar, depois Savannah mentiu, dizendo que Owen tinha passado a mão nela e por isso tínhamos batido nele. Babyface ficou maluco. E, para finalizar o show, Owen nos chamou de vagabundas, Kyle perdeu a cabeça e deu um soco em Owen. Socos e chutes para todos os lados. Foi bem legal.”

Savannah dá risada. “Os meninos acabaram com ele.”

“Derek não me contou isso”, diz Sophie, rindo.

“Talvez os meninos não tenham contato pra ele, já que, para eles, você não estava envolvida de nenhuma forma. Protegemos sua identidade.”

Savannah abre um sorriso de cumplicidade.

Os olhos de Sophie se enchem de lágrimas. “Obrigada. Vocês não precisavam ter feito isso, mas obrigada.”

Abro um sorriso. “Somos amigas, Soph. Ninguém, nunca, vai machucar você e sair impune. Te prometo.”

E ela começa a chorar de novo. “Puxa, eu nem acredito que dei essa sorte. Vocês são incríveis. Eu amo vocês.”

Os lábios de Savannah começam a tremer à medida que ela se aproxima de Sophie para abraçá-la. “Nós também te amamos.”

“Amamos mesmo”, confirmo.

Savannah me puxa para o segundo abraço coletivo da noite. “Ai, nós somos O Clube das Winx.”

Sophie e eu damos risada.

“O Clube das Winx tem seis integrantes, Sav”, lembro a ela.

Ela faz uma careta. “Tá legal, então somos o mini clube das Winx.”

Reviro os olhos, mas ainda estou dando risada. “É, acho que dá pra chamar assim.”

Tive muitas amigas na época da escola. Muitas mesmo. No entanto, nenhuma delas estava lá por mim quando o meu mundo inteiro desmoronou. E mesmo antes disso, nunca senti que elas fariam sacrifícios por mim, ou se meteriam em encrenca para me defender. Eu acredito sinceramente que você só sabe quem realmente está com você quando a tristeza e a escuridão te alcançam.

O ponto é que, conheço Sophie e Savannah há quase quatro meses — o que não é nada se comparado aos quatro anos de colegial —, mas sinto que elas enfrentariam toda a tristeza e toda a escuridão comigo se fosse necessário. Sinto que encontrei amigas de verdade, que eu posso confiar que estarão ao meu lado caso o mundo decida cair sobre a minha cabeça de novo. É uma segurança que todas as pessoas deveriam ser capazes de sentir.

As pessoas costumam valorizar muito o amor, mas se esquecem de que amores vêm e vão, como as estações, mas os amigos de verdade são uma constante.

14.

ERETRIA

“Fala, Caitlin”, eu ordeno. Minha nova amiga ambientalista está olhando para o grupo, tentando criar expectativa depois de chegar atrasada à reunião do The Green, alegando ter novidades incríveis.

Caitlin abre um sorriso. “Eu acabei de vir da Reitoria, e... eles aceitaram transformar todos os trabalhos acadêmicos em cem por cento digitais.”

Solto um grito de felicidade.

“Não brinca!”, exclama Joseph.

“Meu Deus, isso é incrível!”, Leila diz.

“Não é?” Caitlin está sorrindo de orelha a orelha quando se senta na nossa grande mesa em uma das cafeterias do campus. “Isso é tão importante, pessoal. Demos um passo enorme hoje. Estamos todos de parabéns. Cada um de nós foi importante para essa mudança rumo a conscientização.”

Nós todos aplaudimos.

“Precisamos pensar em uma nova temática agora”, diz Isabela.

“Na verdade, eu queria pedir uma coisa a vocês”, digo. “Savannah, minha amiga e colega de quarto, vai fazer uma feira beneficente no final de janeiro. Eu queria saber se vocês aceitam fazer uma palestra ou algo assim para as crianças do orfanato. Eu acho que é muito importante, pois, como ainda são crianças, é muito mais fácil de conscientizar. E eles são o futuro, então...”

“Isso é genial”, diz Carter, sorridente. “Claro que precisamos filtrar o tipo de informação que vamos passar. Não queremos assustar as crianças ou algo assim, mas eu acho essa ideia genial.”

Olho para os meus colegas do The Green, mas a maioria não parece muito entusiasmada com a ideia.

“Nós deveríamos estar nos concentrando em grandes mudanças”, diz

Paul.

“Eles são o futuro”, enfatizo. “*Eles são a mudança*. Qual é, pessoal, já existem organizações grandes cuidando de projetos grandes. Se não tivermos voz nem dentro da nossa realidade, como vocês esperam que um dia tenhamos voz no Congresso? Em uma Assembleia? Talvez um dia sejamos grandes e trabalharemos lado a lado com o Greenpeace, mas, nesse momento, o nosso trabalho, por menor que seja, é importante, sim.”

Finalmente começo a ver algumas cabeças concordando.

“Vamos fazer o seguinte...”, começa Caitlin. “Quem quiser participar da feira beneficente, participe. Quem não quiser, pode ir pensando em outro projeto para iniciarmos depois das festas. A feira será apenas um dia, certo?”

Confirmo com a cabeça.

“Perfeito. Então, aqueles a favor da feira, vamos acertar todos os detalhes com a Eretria depois. Aqueles contra estão encarregados de encontrarem uma nova missão para nós.”

Com o término da reunião, Carter aparece do meu lado, como de costume, e abre aquele sorriso cheio de dentes para mim.

“Você está ficando muito previsível”, brinco.

Carter ri. “É verdade. Virou meio que um costume vir atrás de você quando a reunião acaba.”

Meu celular começa a tocar, o que me faz começar a bufar, irritada. Como sempre, é Kyle quem está me ligando.

“Tudo bem?”, pergunta Carter.

Pego meu celular na mão, olho para Carter e abro um sorriso diabólico. “Você pode me fazer um favor gigantesco?”

Ele me olha desconfiado. “Talvez.”

“Meu irmão não sai do meu pé. De verdade. Ele é como um guarda-costas. Então, atormentá-lo se tornou a minha missão de vida. Você pode atender o telefone e dizer que eu estou tomando banho?”

Carter franze o cenho. “Mas ele vai pensar que nós transamos.”

Expando o sorriso. “Exatamente.”

Ele ri. “Você é doida. Mas, tá legal, me dá o celular.” Entrego o aparelho para Carter, ele atende a chamada e coloca no viva voz. “Alô?”

“Quem diabos é você? Cadê a minha irmã?”, Kyle exige saber.

Cubro a boca com as duas mãos para não dar risada.

“Meu nome é Carter. Eretria tá tomando banho, cara. Quer que eu entre lá pra dar o telefone pra ela?”

“Tomando ba...” Kyle deixa a frase morrer. Escuto a sua respiração acelerada do outro lado da linha.

“Alô? Você ainda tá aí?”, pergunta Carter, comprimindo os lábios grossos para não dar risada.

“Tô. Manda ela me ligar”, ordena Kyle antes de desligar o telefone.

Começo a dar risada. “Ah meu Deus, ele deve estar arrancando os cabelos agora.”

Carter ri também. “Você é uma diabólica, Tria.”

“Ah, você nem imagina.” Sorrio. “Vamos tirar uma foto para eu mandar pra ele antes que tenha um colapso.”

Me abraçando pela cintura, Carter dobra um pouco os joelhos para ficar quase da minha altura e eu tiro uma selfie.

“Nós formamos um casal bonito”, ele comenta.

Olho para a foto na tela do meu celular e não tenho como discordar. “Você está dando em cima de mim, Carter Mills?”

Ele dá risada. “Talvez eu esteja. Na verdade, talvez eu esteja pensando em te convidar para sair.”

“Se você me convidar, então talvez eu diga sim.”

Carter umedece os lábios. “Então considere-se oficialmente convidada para sair comigo.”

Solto uma risadinha. “Considere o pedido oficialmente aceito.”

Não posso evitar pensar no discurso que dei para Nash a respeito do que eu queria, assim como não posso evitar concluir que Carter seria perfeito para o papel. Ele me trata muito bem, é carinhoso, é atencioso, é ridiculamente bonito e tem um sorriso de tirar o fôlego. Poderia facilmente me acostumar com a facilidade com a qual as coisas acontecem com Carter. Não há joguinhos, não há provocação, não há deboche e nem palavras insensíveis. Eu poderia me relacionar com ele e de repente ter o pacote completo.

Se isso é tudo o que eu queria, então por que estou pensando em Nash? Ele é o extremo oposto de Carter. Toda a tranquilidade e facilidade que sinto com Carter, some completamente quando penso em Nash. No entanto, não posso negar que meu corpo é tomado por chamadas só de pensar em seu nome ou seus lindos olhos cinzentos.

Há semanas que não nos falamos. Eu o vi nos jogos que fui assistir, nos esbarramos uma ou duas vezes pelo campus, mas ele, como era de se esperar, estava com uma garota nos braços. Em pleno frio de dezembro, em plena neve, Christopher Nash estava se atracando com uma garota embaixo de uma

árvore. Meu Deus do céu. Sinceramente, como eu posso gostar desse cara?

“Vamos combinar para depois do Natal. Pode ser?”, pergunta Carter, me tirando dos meus pensamentos. “Eu vou para o Colorado ficar com a minha família, mas vou estar em Durham para o Ano Novo.”

Concordo com a cabeça. “Claro. Nós combinamos os detalhes por mensagem.”

“Beleza.” Ele dobra o corpo para frente para me dar um beijo na bochecha. “Te vejo por aí, linda.”

Sorrio. “Te vejo por aí.”

Quando Carter sai da cafeteria, percebo que todo mundo do grupo também já foi embora. Decido ficar mais um tempo sentada na mesa. Não tenho planos para o resto do dia e preciso redigir um trabalho para a aula de legislação. Como Savannah e Sophie estarão fazendo as malas para passar o Natal na casa de Savannah, em West Palm Beach, não vou ter silêncio no quarto para escrever meu trabalho, então parece uma boa ideia continuar na cafeteria, pedir outro café e aproveitar o silêncio.

E é exatamente isso que eu faço.

Estou quase na metade da dissertação quando uma cabecinha cacheada se senta na minha frente.

“Você por aqui”, Brianna me cumprimenta com o seu típico sorriso amigável.

“Oi, Bree.” Sorrio de volta. “Deixa só eu terminar essa linha de raciocínio”, digo, sem tirar os olhos do laptop.

“Vou pedir um café.”

Termino de escrever o parágrafo, salvo o trabalho e fecho o laptop quase ao mesmo tempo em que Brianna se senta na minha frente novamente, trazendo uma xícara de café e um muffin de chocolate.

“Por onde você esteve?”, ela pergunta, dando uma mordida no muffin. “Parece que faz séculos que não te vejo, e olha que moro com o seu irmão.”

A verdade é que tenho evitado ir até a casa do meu irmão. Savannah está sempre por lá porque Babyface a está ajudando com a feira beneficente e eles meio que não se desgrudam. Sophie também ia bastante até lá, até Derek se mostrar um tremendo filho da puta e trair a minha amiga.

Dou de ombros. “Estou ocupada com o meu grupo de ambientalistas e aproveito qualquer chance de ficar longe dos olhos do Kyle.”

Brianna dá risada. “Seu irmão não é assim tão mal.”

Eu a encaro cuidadosamente, e por quase um minuto inteiro. A minha

perspicácia está em alerta. “Ah, meu Deus, você está dormindo com o meu irmão.”

Brianna arregala os olhos, abre e fecha a boca duas vezes, mas por fim, acaba fazendo uma careta que me faz cair na gargalhada.

“Não acredito, Bree! Por que você não me contou?”

“Você não acha isso estranho?”

“Meu Deus, claro que não. Você é um ser abençoado que o mantém ocupado e longe de mim. Eu deveria estar te agradecendo de joelhos.”

Brianna dá risada. “Você é maluca. E seu irmão só está tentando cuidar de você. De um jeito um pouco exagerado, eu concordo, mas já dá para ver que exagero é uma coisa da família Kinsley.”

Agora é minha vez de fazer uma careta. “Imagino que ele não tenha contado o que aconteceu.”

Ela nega com a cabeça. “Não. Mas ele me disse que foi algo sério e que você quase morreu.”

Solto um longo suspiro. “Pois é. História da minha vida.”

“Não precisa me contar nada, mas, se foi sério assim, então a preocupação dele tem fundamento.”

“Tem”, confirmo. “Mas isso não quer dizer que ele pode e vai controlar todos os meus passos. Não vou permitir que ele me impeça de viver minha vida, Bree.”

Ela concorda. “Vocês dois deveriam sentar e conversar.”

“O menino de ouro e a irmã descontrolada”, eu digo, não conseguindo esconder o meu desgosto. “Daria um bom filme.”

Brianna segura a minha mão. “Prometo mantê-lo muito, muito, muito ocupado para que você possa viver sua vida.”

Dou risada. “Obrigada.” Dou um gole no meu café. “E como estão os meninos? Jeremy? Ryan? Nash?” Tento soar indiferente.

Brianna dá outra mordida no muffin e bebe um gole do seu café logo em seguida. “Estão bem”, ela responde depois de engolir. “Parece que todo mundo vai voltar para casa no Natal, já que vão ter um intervalo maior até o próximo jogo do cronograma. Nash não está muito animado, no entanto. Ele tá inquieto esses últimos dias. Aliás, ele está *mais inquieto* do que o normal.”

Percebo que preciso fazer um esforço enorme para manter meu rosto imparcial. “Ele disse o motivo?”

“Não. Mas depois de um tempo morando com eles, consigo identificar que ele está tenso. E, bom, ele não é o único. Derek está chafurdando na

tristeza sem a Sophie.”

Reviro os olhos. “Nem comece a defender o seu amigo pra mim”, aviso.

“Eu sei que você não acredita nele, mas acredite em mim, Tria. Eu conheço o Derek a minha vida inteira. Ele não traiu a Soph. Seja lá que merda que deu na cabeça de Jenni, ele está disposto a ir até o inferno para provar que ela está mentindo.”

“Espero que ele consiga, então. Porque a Soph não fala, mas dá pra ver que ela está morrendo por dentro. Se ele estiver falando a verdade, ótimo, se não, diga a ele que nós nos encontraremos no inferno.”

Brianna dá risada. “Quanto drama.”

Ficamos mais meia hora tagarelando sobre assuntos aleatórios. E você percebe que é realmente aleatório quando começa a comentar sobre o clima. No entanto, embora ame conversar com Brianna, não consigo parar de pensar no que ela disse sobre Nash. Não me agrada nem um pouco não saber o que está acontecendo na vida dele. E, pior, me entristece que eu não esteja por perto para ajudá-lo.

Minha nossa.

Eu estou apaixonada por Christopher Nash.

Como, Santo Deus, eu permiti uma coisa dessas? Só uma masoquista pode se apaixonar por um egocêntrico.

Lhes apresento, Eretria Aine Kinsley, a masoquista.

15.

NASH

Natal

“Deixa que eu faço isso, pai”, digo, tirando os pratos sujos de suas mãos. “Você deveria descansar um pouco.”

Meu pai fecha a cara. “Eu sou perfeitamente capaz de lavar a louça. Faço isso todos os dias, Christopher.”

Sinto meu mau temperamento penetrando minhas veias. “Eu duvido que haja louça para lavar, pai. Você está mais magro cada vez que eu o vejo. Está definhando a olhos vistos.”

Faz muito tempo desde que uma interação com o meu pai me fez sentir algo bom. Na verdade, não lembro quando foi a última vez que isso aconteceu. Sinto tanta falta dele que dói. Esse homem, ou melhor, esse zumbi na minha frente, não é o meu pai. Não se parece com ele, não fala como ele, não age como ele.

Passamos metade do jantar em um silêncio ensurdecedor. E, na outra metade, meu pai e eu só conversamos sobre basquete — como se já não falássemos sobre isso todas as vezes que ele me liga. Parece que é o único assunto neutro, do qual conseguimos falar sem nos desentender.

Na verdade, acho que ele estava tentando me distrair da realidade inegável diante dos meus olhos.

“Você não sabe o que está falando.”

“Eu não sei do que estou falando?”, ecoo, irritado. “Pai, se olha no espelho! Você tá se matando por causa de uma mulher egoísta que só soube pensar nela mesma e no que *ela* queria, no que *ela* precisava, e por isso abandonou o marido e o filho de cinco anos pra nunca mais voltar. Você está deixando ela destruir a nossa vida!”

Meu pai bate um prato com força na pia, quebrando-o. O vidro estilhaçado se espalha pelo chão, alcançando os meus pés.

“Não fale desse jeito da sua mãe!”, ele grita para mim.

“Que mãe?”, eu explodo. “Que porra de mãe ela foi pra mim? Eu nem me lembro dela. E ela claramente não se lembra de mim.”

“Você não sabe o que está falando”, ele repete, incapaz de argumentar comigo.

“Chega!”, eu grito para ele. “Chega dessa merda, pai! Para de defender essa mulher! Ela destruiu a sua vida! Ela quebrou nós dois, e eu não aguento mais viver com esse constante lembrete dela!” Tento respirar fundo e me controlar, mas sinto que estou a um passo da linha que me fará perder completamente a cabeça. “Você está se matando, pai. Está tão preso dentro de uma história fracassada de amor que nem consegue se dar conta do quanto isso o está matando.”

Quando ele começa a negar com a cabeça, eu desisto. Estou exausto dessa porra toda. Tão cansado de tentar fazê-lo ver a verdade. Passei a vida inteira tentando fazê-lo lembrar que a vida dele não acabou junto com o seu casamento, mas é tão inútil fazer isso quanto é esperar que minha mãe um dia volte.

“O que você está fazendo, garoto?”, ele exige saber quando me vê pegando uma garrafa de uísque no armário.

“Vou encher a cara.”

“Não vai, não.”

“Vou sim. Eu já tenho vinte e um anos, mas acho que você esqueceu disso, já que não me ligou no meu aniversário.”

De repente, parece que a realidade o atingiu com um baita soco na cara. Meu pai arregala os olhos em completa surpresa. É. Parece que até hoje, mais de um mês depois, ele ainda não tinha se tocado que o meu aniversário passou.

“Christopher, eu... Filho, eu sinto muito.”

“Guarde suas desculpas, pai. Eu cansei delas.” Abro a garrafa e viro na minha boca. O gosto forte do uísque desce pela minha garganta, queimando todo o caminho até cair como uma bomba no meu estômago. Ergo a garrafa em uma espécie de brinde. “Feliz Natal.”

Dou as costas para ele e saio de casa batendo a porta da frente com toda a força que consigo, tentando descontar a minha raiva. Penso se devo pedir um táxi ou um Uber, mas não tenho a menor ideia de para onde ir. Tentar

voltar para Durham agora seria caótico. Provavelmente ficaria muito tempo só esperando um carro disponível para me levar ao aeroporto. E, porra, nem vou começar a pensar na confusão para conseguir um voo agora. Então, por fim, decido andar pelas ruas sem rumo. Só eu e a minha garrafa de uísque.

Como meu pai pode ser tão... Deus, nem sei uma palavra para descrevê-lo agora. Poderia começar por irresponsável, mas isso não cobre nem um terço da história.

Eu estou há muito tempo perdendo a fé que ele melhora. Queria acreditar que um dia ele voltaria a ser o pai do qual eu pouco me lembro antes da minha mãe fugir. Porque foi isso o que ela fez. Ela fugiu. Se ela não o amava, poderia ter se divorciado. O casamento acabaria, mas o seu laço comigo não deveria acabar *nunca*. Caralho. Ela é a minha mãe. Como conseguiu ir embora sem olhar para trás?

Tudo o que ela deixou para mim foi uma maldita carta. Tão pequena quanto eu imagino que era o amor dela por mim. Li aquelas palavras tantas vezes que até as decorei. Queria lembrar a mim mesmo o tamanho da sua covardia. Queria ter certeza que sempre que me sentisse triste por ela, me lembraria do que ela escreveu para mim, e então me lembraria que ela não vale a pena.

Querido Christopher,

Eu te desejo tudo o que o mundo tiver de bom para te oferecer. Me perdoe por não ser uma boa mãe, mas eu amo você.

Cuide-se, filho.

E foi isso. Quatro linhas. Quatro malditas linhas foi a despedida que eu tive aos cinco anos de idade. E depois vieram noites e mais noites e mais noites em claro, olhando pela janela, esperando que ela voltasse. Esperando que fosse uma brincadeira; esperando que ela voltasse com um presente e dissesse algo como “Te enganei direitinho”, mas não, isso nunca aconteceu.

E dezesseis anos depois, aqui estou eu, perambulando pelas ruas de Detroit, bêbado em pleno Natal, com um pai que ama mais a lembrança dela do que a mim que sou real. E, por conta do trauma com o qual toda essa história me cercou a minha vida inteira, eu não consigo acreditar em amor. Não me permito me apaixonar e nem deixo que se apaixonem por mim. Afinal de contas, o amor é uma ilusão, certo?

Eretria disse que poderia se apaixonar por mim. Não é a primeira vez

que uma mulher me diz isso, mas é a primeira vez que eu me importo. No entanto, o que isso quer dizer? Que de repente passei a crer no amor? Ela realmente teria todo esse poder sobre mim? Ela realmente conseguiria me fazer confiar nesse sentimento? Porque, quando penso em amor, tudo o que eu vejo é sofrimento iminente.

Eretria.

Pego o meu celular e começo a procurar o contato dela. Consegui roubar o número dela do celular de Savannah em uma das últimas vezes em que ela esteve na minha casa com Babyface. Inventei uma desculpa qualquer sobre o meu aparelho estar sem bateria e eu precisar fazer uma ligação.

Clico no nome de Eretria, levo o celular até o ouvido e espero.

“Alô?”, escuto sua voz do outro lado da linha e o meu coração automaticamente se acalma. É como a voz de um anjo.

E é tudo o que eu precisava ouvir.

ERETRIA

“Tria”, escuto a voz de Nash do outro lado da linha e meu coração dá uma pirueta dentro do meu peito.

Minha nossa.

Eu nem sabia que ele tinha meu telefone. Nós nunca trocamos nossos números. Mas suponho que Nash tenha seus meios de conseguir tudo o que quer.

“Espera um minuto”, peço a ele. Preciso me afastar de Kyle antes que possa dizer o nome de Nash. Tudo que eu não preciso agora é outra confusão. Já basta o que aconteceu no dia de Ação de Graças.

Subo as escadas de casa e entro no meu antigo quarto, trancando a porta atrás de mim. “Pronto. Posso falar agora.”

“Feliz Natal”, ele diz, e não preciso de mais uma palavra dele para perceber que está bêbado.

“Feliz Natal, docinho.” Solto uma risadinha. “Parece que a festa na sua casa é bem mais animada que na minha.”

“É aí que você se engana, gata. Eu tô bebendo pra esquecer o quanto a minha vida é uma merda.”

Sento na minha cama. “O que aconteceu?”

Ele funga do outro lado da linha. Santo Jesus. Ele está chorando? “Minha mãe me abandonou quando eu tinha cinco anos.” Nash ri com

escárnio. “E o meu pai? O meu pai amava tanto ela, mas tanto, que a vida dele parou desde que ela foi embora. Ele ficou tão deprimido que eu tive que tomar conta dele. Te falei que eu tinha cinco anos?” Ele ri mais ainda. “Cinco anos, porra. E fui babá do meu pai. Tinha que lembrar ele a hora de tomar banho, de fazer compras no mercado, de fazer comida, de cuidar de mim, de me levar a escola... Ele simplesmente esqueceu que existia vida sem ela. Ele esqueceu *de mim* completamente, gata. Ele...”

Meus olhos enchem de lágrimas quando ele começa a chorar do outro lado do telefone. Meu peito dói e minhas mãos tremem. “Nash, eu sinto muito. Você era tão pequeno... Deve ter sido muito difícil pra você.”

“Foi bem ruim”, ele concorda.

Escuto uma buzina alta e o barulho de um carro passando muito perto de onde quer que Nash esteja. Também escuto o que eu acho ser um xingamento, mas não tenho certeza.

“Onde você está?”, pergunto.

“Não sei. Na rua. Mas não sei onde. Comecei a andar e agora não sei onde eu tô.”

Levanto da cama. “Nash, me ouça, preciso que você saia da rua, tá legal? Consegue sentar em algum lugar? Ou entrar em uma lanchonete ou algo assim?”

Ele fica em silêncio por um momento. “Tô vendo uma lanchonete.”

Suspiro, aliviada. “Ótimo. Consegue ir até lá?”

“Consigo.”

“Me avise quando você se sentar na mesa, tá legal?”

“Tá bom.”

Espero. E espero mais um pouco. Sinto meu coração batendo em todas as partes do meu corpo enquanto caminho de um lado para o outro. Estou quase abrindo um buraco no chão quando ele finalmente fala de novo.

“Pronto. Tô sentadinho.”

Não consigo evitar um sorriso. “Muito bem. Agora, você vai pedir um café bem forte e alguma coisa para comer. Pode ser qualquer coisa. Do que você gosta?”

Outro momento de silêncio. “Batata frita com cheddar e bacon.”

Faço uma careta. “Nem vou dizer nada sobre o bacon.”

Nash ri. “Desculpa. Esqueci que você defende os animais.”

Sorrio. “Peça o que quiser. Te perdoo dessa vez.”

Ouçó quando Nash faz o pedido para a garçonete. Meu coração aos

poucos vai se acalmando. Pelo menos agora ele está seguro. Quando o álcool começar a sair do seu organismo, ele vai conseguir voltar para casa são e salvo.

“Eu não consigo ajudá-lo”, ele diz depois de alguns minutos de silêncio. “Eu tentei por tanto tempo, mas nada funcionou.”

“Você não pode ajudar alguém que não quer ser ajudado, Nash. Não é culpa sua.”

Ele fica em silêncio por quase dois minutos inteiros. Não sei como consolá-lo de longe. Se eu estivesse lá, então talvez eu pudesse fazê-lo se sentir melhor. Faria o que fosse necessário para garantir que ele ficasse bem, mas com quilômetros e mais quilômetros de distância entre nós...? Não sei o que eu posso fazer ou dizer para que ele se sinta bem. A história me pegou completamente de surpresa, assim como a sua ligação.

“Eu não fui suficiente”, ele sussurra. Parece que está falando consigo mesmo e não comigo.

“Não diga isso”, eu o repreendo, carinhosamente. “O sofrimento do seu pai não tem nada a ver com você. Eu tenho certeza absoluta que ele te ama muito e que você é a melhor coisa que já aconteceu com ele. Ele só... não sei, talvez ele esteja perdido, mas isso não tem nada a ver com você.”

Nash chora baixinho do outro lado do telefone, e meu coração é partido. “Eu vou perdê-lo também, Tria. Eu sei que vou. E quando isso acontecer, eu vou ficar sozinho. Tenho medo de receber uma ligação um dia e descobrir que ele morreu.”

Limpo uma lágrima que escapa dos meus olhos. “Você não vai ficar sozinho. Você tem os meninos. Aqueles malucos sempre vão estar com você. Amigos também são família.” Faço uma pausa, engolindo o nó na minha garganta. “E você tem a mim.”

Nash funga. “Tenho?”

“Tem sim.”

Mais um momento de silêncio. “Então é tudo o que eu preciso.”

Meu coração bate tão rápido que acho que seria capaz que sair pela minha boca, ir voando até Detroit e abraçar Nash, se entregando para ele. Nunca senti isso antes. Nem mesmo por Lucas Fisher, por quem eu acreditava ser perdidamente apaixonada.

Naquela época, achei que faria qualquer coisa por Lucas, mas agora percebo que não é nada comparado ao que eu faria por Nash.

“Obrigado, linda.”

“Fique na lanchonete até a tontura passar, tá bom? Coma e beba o café. Peça um Uber para ir para casa, mas não ande por aí sem rumo, Nash. Prometa pra mim.”

“Eu prometo.”

Sorrio, embora ele não possa ver. “Feliz Natal, docinho.”

Ele solta uma risadinha. “Feliz Natal, linda.”

Quando desligo o telefone, não sei o que pensar sobre o que acabou de acontecer. Nunca vi Nash desse jeito. Nunca achei que *veria* Nash desse jeito, tão... vulnerável. Fui pega tão de surpresa pela sua revelação quanto fui pelo meu coração acelerado e despedaçado. Mas agora faz sentido o que Brianna disse. Nash estava com medo de ir para casa e ter de lidar com o pai.

“Eretria?”, Kyle chama, batendo na porta do quarto.

Guardo o celular no bolso, vou até a porta e destranco. Encontro meu irmão do outro lado segurando uma embalagem de presente na mão.

“Tá tudo bem?”, ele indaga.

“Sim. Tudo bem. Estava falando com Savannah e Sophie. Elas estavam me contando sobre a Flórida”, minto.

Kyle assente. “Eu... ahn... comprei uma coisa pra você.”

Abro um sorriso. “Sério?”

“Eu estava vasculhando a internet e achei isso. Achei que era a sua cara, então comprei.”

Pego o presente das mãos dele, me sento na minha cama e começo a abrir a embalagem. Kyle se aproxima, e consigo sentir seus olhos em cima de mim, cheios de expectativa. Abro a caixa do presente e encontro uma camiseta branca escrita: “Amigos. Não comida” e o desenho de vários animaizinhos sentados no sofá do seriado *Friends*.

“Ah, meu Deus!” Eu rio. “Isso é tão fofo. Eu amei!”

Kyle sorri. “Tem mais. Olha a caixa menor.”

Noto a caixinha, pego e abro, encontrando um lindo colar com um pingente em V — de veganismo, imagino — e uma folha esculpida em uma das pontas. Uma pedrinha verde bem no centro compõe o colar de um jeito lindo e delicado.

“Nossa”, eu exclamo. “Caramba, Ky! Isso é perfeito! É lindo! A camiseta também. É incrível! Obrigada.”

Ele abre um sorriso satisfeito. “Eu imaginei que você fosse gostar.”

“Eu *amei*!” Tiro o colar de dentro da caixinha, levanto da cama e caminho até o meu irmão. “Coloca pra mim?”

Viro de costas para Kyle, tiro o meu cabelo do caminho e ele coloca o colar para mim.

“Obrigada”, agradeço e, sem pensar muito, eu o abraço. Faz muito tempo desde que Kyle e eu nos abraçamos, e sei que ele pensa isso também porque demora para me abraçar de volta, mas quando o faz, seus braços me apertam tão forte que eu quase fico sem ar. “Ky, não tô respirando.”

Ele ri, me soltando. “Desculpa.”

“Ah, eu comprei uma coisa pra você também.”

“Deus me ajude.”

Faço uma careta para ele. “Comprei na internet e pedi que mandassem pra cá. Mamãe deve ter guardado aqui em algum lugar.” Procuro dentro do meu antigo guarda roupa. Não demoro a encontrar, já que boa parte das minhas coisas está em Durham, então o armário está bem vazio. “Aqui.”

Kyle pega o presente, desembulha e vejo seus olhos verdes brilharem quando ele encontra uma camisa do Los Angeles Lakers, seu time de basquete favorito. “Caralho, Tria!”

“Você está perdendo a melhor parte, maninho. Dá uma olhada atrás.”

Kyle vira a camiseta, encontrando o autógrafo do LeBron James, o Ala do Lakers. Seus olhos se arregalam tanto que poderiam sair da órbita. “Putaquepariu! Caralho! Eretria, como você conseguiu isso?”

Dou risada. “Dormi com um cara e ele conseguiu pra mim.”

Kyle fecha a cara, e eu caio na gargalhada. “Não tem graça.”

“Tem sim.” Continuo rindo. “Estava à venda no e-Bay.”

“Você deve ter pago uma fortuna.”

Dou de ombros. “Só um pouquinho.”

Um pouquinho é eufemismo. Foi um baita rombo no meu orçamento, mas valeu a pena só de ver a cara dele.

“Obrigado. É... porra, é o melhor presente que eu já ganhei.”

Abro um sorriso. “Feliz Natal, maninho.”

Ele me puxa para outro abraço e me dá um beijo no alto da cabeça. “Feliz Natal, pequena. Eu... ahn... amo você, Tria.”

Aperto os lábios, sentindo as lágrimas se acumularem nos meus olhos de novo. Kyle e eu chegamos em um nível tão grande de estranheza um com o outro que até dizer essas palavras se tornou algo difícil para nós. Então, ouvi-lo dizer que me ama depois de tanto tempo é muito bom.

“Eu também amo você, Ky.”

Não sei por quanto tempo ficamos abraçados, mas ousou dizer que

estamos com medo de nos soltarmos e a magia do momento acabar, nos transportando de volta para a realidade da qual nenhum de nós gosta, mas que não sabemos como mudar.

16.

NASH

Depois do verdadeiro desastre do Natal, me sinto aliviado de estar de volta a Raleigh. Me sinto muito mais em casa com os meus seis colegas de república loucos do que com o meu próprio pai. Quão errado isso parece?

Acordei com uma puta ressaca, mal falei com o meu pai e peguei o primeiro voo de volta para a Carolina do Norte. Recebi uma mensagem do meu velho quando já estava no avião. Como de costume, ele me pediu desculpas, lamentou pela briga e por ter arruinado uma das datas mais importantes do ano. Também pediu *muitas desculpas* por ter esquecido o meu aniversário. De todas as coisas que aconteceram na noite passada, se dar conta disso, para ele, foi pior do que qualquer outra coisa.

Sei que ele não fez por mal, sei que meu pai me ama e sei que ele deve estar se sentindo miserável agora por ter esquecido a data do meu nascimento. No entanto, acho que talvez ele precise desse baque. Talvez o faça acordar, não sei. À essa altura, eu torço por qualquer coisa.

Não gosto de ficar brigado com ele, então aceito as desculpas, mas deixo claro o quanto estou irritado e magoado só pela forma como respondo a mensagem. Mas, é como eu disse, talvez ele precise desse baque.

Quando chego em casa, em Raleigh, tudo o que eu quero é me jogar na minha cama e descansar. Estou morto pela viagem. Por mais que seja curta, sempre acho que andar de avião é exaustivo. Sem contar o caos no aeroporto. Mas, imaginem a minha surpresa quando eu entro no meu quarto e encontro Eretria sentada na minha cama.

Ela levanta assim que me vê, e eu fecho a porta depressa para evitar que alguém a veja aqui dentro.

“Oi”, ela diz, baixo.

“Oi”, eu respondo, também falando baixo. “Por que você tá aqui? Se o

Kyle te pega...”

“Ele está ocupado”, ela garante. “Ele não vai pensar em mim tão cedo.”

Kyle está transando. É isso o que Eretria está dizendo nas entrelinhas. Talvez estejamos mesmo seguros. Por enquanto.

“Mas, respondendo a sua pergunta, eu tô aqui porque queria saber se você está bem. Fiquei... preocupada quando você ligou ontem.”

Engulo em seco.

Não quero falar sobre ontem. Eu estava bêbado, deprimido e não deveria ter ligado para ela. Na verdade, as pessoas deveriam ter seus celulares confiscados quando ficam bêbadas. Nada de bom pode sair de um bebum com um telefone.

Eu fui idiota ao ligar para ela. Não deveria ter ligado, não deveria ter dito as coisas que eu disse. Detesto me sentir vulnerável; sentimental. Detesto mais ainda que Eretria tenha visto esse meu lado.

No meu primeiro ano de faculdade, eu estava ficando com uma garota. Kaya. E ela me obrigou a assistir *The Vampire Diaries* para que pudéssemos transar. Era um acordo estranho. Eu assistia ao seriado com ela e nós transávamos por horas depois. O sexo era muito bom, então topei entrar nessa roubada. No entanto, tem uma frase que o personagem Damon Salvatore diz em um dos capítulos, da qual eu nunca me esqueci. Ele disse: “*Quando as pessoas veem o bem, elas esperam o bem. E eu não quero ter que viver pelas expectativas de ninguém*”. E agora que Eretria viu o meu lado sentimental, pode ser que espere por ele. E eu sei que não vou conseguir atender as suas expectativas.

“Estou bem”, digo, lacônico.

“Nash...” Ela se aproxima de mim. Preciso controlar o meu corpo para que ele não estremeça. Tê-la muito perto de mim me deixa burro e atordoado. Não consigo pensar direito quando ela chega perto demais. “Você pode conversar comigo. Não vou contar a ninguém.”

“Não tem o que conversar, tá legal? É uma merda. Fim da história. Não quero ficar discutindo a minha vida com você.”

Consigo ver a pontada de mágoa em seus lindos olhos verdes. Ela não saberá, mas estou fazendo isso pelo bem dela. Nunca seria capaz de fazer Eretria feliz. Não tendo tantas ressalvas a respeito de sentimentos, amor e toda essa porcaria. Não com o meu histórico; não com tudo que eu passei e testemunhei, vendo de perto o que um coração partido pode fazer com uma pessoa.

“Eu sei o que você tá fazendo”, ela me acusa. “Tá tentando me afastar porque não quer que eu te veja daquele jeito de novo. Vulnerável, não é? Adivinha só, docinho, somos iguais no final das contas. Eu passei meses fazendo isso com o meu irmão. Afastando-o, dizendo que estava bem quando não estava. Olha o tipo de relacionamento que temos agora.”

“O que você quer que eu diga?”, eu indago.

“Eu só quero que converse comigo. Não tem motivos para você estar na defensiva desse jeito.” Ela respira fundo. “Só... seja honesto comigo, Nash. Pelo menos uma vez.”

“Você quer que eu seja honesto? Tá legal. Eu não quero você. Eu não quero discutir a minha vida com você, eu não quero problemas com Kyle, e você é um problema, Eretria. Eu não quero você aqui, tentando me consolar e achando que tá fazendo algum bem pra mim porque você não está. Isso aqui não é um filme. Você não vai conseguir me mudar e nós não vamos viver felizes para sempre.” Falo tudo em uma tacada só, pois se parasse sequer para respirar, não conseguiria dizer porque sei que a estou magoando. E pior, sei que estou mentindo para ela.

Os olhos verdes de Eretria brilham com lágrimas, mas ela não chora. Ao invés disso, respira fundo, comprime os lábios e me olha com tanta tristeza que meu peito rompe em agonia.

A verdade é que gosto de você. Gosto pra caramba. Mas não sei como lidar com isso, tenho medo que você me magoe e eu vire o meu pai. Eu não quero mais machucar você, é o que eu quero dizer a ela, mas não consigo. E também acho que ela não entenderia. Passei tanto tempo enterrando meu lado sentimental que nem sei mais como encontrá-lo. Ou, mais provável, tenho medo demais de deixá-lo à mostra.

“Eu espero que você tenha certeza do que está fazendo, Nash. Espero que esteja me dizendo isso porque realmente não me quer, e não porque tem medo de se apaixonar por mim”, ela diz, séria. Seus olhos estão brilhando mais ainda agora, mas como é a mulher mais forte que conheço, ela não chora na minha frente. “Porque um dia, talvez, você acorde e se dê conta que foi um canalha burro, mas eu posso já ter desistido de você quando esse dia chegar.”

Não sei se ela percebe o quanto isso está me matando, mas acredito que não, pois sai do meu quarto logo em seguida, deixando suas últimas palavras pairando sobre a minha cabeça.

Eu quero que ela siga em frente e seja feliz. Meu Deus, é tudo o que eu

quero para essa menina. Mas, no entanto, a dor no meu peito ao imaginá-la com outra pessoa é esmagadora.

Apresento-lhes a cruz e a espada.

Jogo meu corpo exausto em cima da minha cama e fico encarando o teto do meu quarto pelo que me parecem horas. Me sinto um idiota, talvez porque eu realmente seja um, mas, ao mesmo tempo, tenho a convicção de que estou fazendo o certo. Eu me conheço. Vou estragar tudo. Já fiz isso uma vez, quando Eretria me ouviu no telefone com Marissa. Tenho a tendência incontrolável de estragar as coisas.

Algumas horas depois, desço até a cozinha para preparar alguma coisa para comer. Parece que Friends teve a mesma ideia, pois encontro-o na frente do fogão cozinhando sabe-se Deus o quê. Com esses caras, nunca dá para saber. Você apenas come e torce para não morrer depois.

“Caralho, Nash, que susto!”, ele exclama ao me ver. “Nem sabia que você estava em casa.”

“Cheguei faz tempo. Estava descansando no quarto.”

“Sozinho?” Ele ergue uma sobrancelha para mim.

Dou risada. “Sim, seu idiota. Sozinho.”

“Um milagre de Natal”, ele brinca. “Tô cozinhando uma parada aqui. Quer?”

Não consigo reprimir uma careta. “Que parada?”

Friends dá de ombros. “Sei lá, cara. Enfiei um monte de coisa em uma panela e tô esperando sentir que tá pronto.”

Santo Jesus. Como ninguém teve intoxicação alimentar ou morreu envenenado nessa casa, nunca vou saber.

“E o que *exatamente* você colocou na panela?”

Friends me encara. “Qual é, você virou fiscal da comida? Coloquei frango, arroz, molho de tomate, queijo, uns temperos que achei na geladeira, ketchup e macarrão.”

“Tenho certeza que isso aí é a receita de uma bomba nuclear, cara.”

“Se não gostou, é só não comer. Faça sua própria comida, seu ingrato.”

Dou risada, e me sento na bancada da cozinha. “Tá, vou comer essa gororoba aí. Se eu morrer, você vai carregar a culpa pro resto da sua vida.”

“Não vou não. Se você morrer, eu morro também, sua anta. Vamos

comer a mesma coisa.”

Nós começamos a rir igual idiotas bem na hora que Derek abre a porta da frente e entra em casa. Ele está com uma cara péssima, o que faz com que Friends e eu paremos de rir na mesma hora.

“E aí, cara”, Friends cumprimenta.

“E aí”, Derek devolve.

“D, melhora essa cara. A gente vai pensar em alguma coisa pra fazer a Jenni falar a verdade pra Sophie.”

Jenni é uma ruiva gostosa da Kappa Kappa Gamma, uma das fraternidades da Duke. Ela e Derek tinham uma relação de conveniência sexual. Se encontravam de tempos em tempos, transavam para aliviar o estresse e seguiam amigos. Sem cobrança, sem momento esquisito no dia seguinte...

Parece o acordo dos sonhos, mas a menina deu a louca de repente e mandou mensagem para o D como se eles ainda estivessem fazendo isso, sendo que Derek só tem olhos para a Sophie há algum tempo já. E então, claro que deu uma merda enorme porque Sophie viu as mensagens e acreditou que Derek a estava traindo. Mas o cara está gamado na loirinha, e de jeito nenhum teria feito uma coisa dessas.

Derek senta na cadeira do meu lado. Ele parece exausto. Com certeza não deve estar dormindo direito ao julgar pelas olheiras em volta dos olhos.

“Não consigo entender qual é a dela. Não entendo o porquê de ter inventado aquilo”, ele diz antes de soltar um suspiro cansado e passar a mão pelos cabelos. “Eu tô ficando louco com essa porra toda. E tô morrendo de saudades da Sophie, o que só piora tudo.”

Friends se compadece. “Cara, sinto muito. Eu fiz uma parada boa pra comer. Quer? Já ouvi as meninas dizendo que comida sempre ajuda.”

Uma parada *boa* pra comer. Rá. Deixa só o D saber o tanto de coisa aleatória que o Friends colocou na panela.

Derek faz menção de dar uma risada, mas não ri. “Friends, eu prefiro morrer de fome do que comer qualquer coisa que você cozinha, cara. Sem ofensas.”

“Vocês que perdem”, diz Friends.

Eu duvido muito, mas já que topei comer a comida do cara, não vou dizer isso para ele.

“E se você começasse um boato?”, sugiro a Derek, mudando de assunto. Ele franze o cenho. “Um boato?”

“É, sobre a Jenni. Você disse que ameaçou ela com isso, não foi? Mas eu não ouvi nada a respeito dela no campus, então deduzo que você ainda não fez isso.”

“Jenni é uma garota de fraternidade. Sabe quantos boatos existem a respeito delas?”, Friends pergunta, retoricamente.

Balanço a cabeça. “Não. Não esse tipo de boato. Tô falando de alguma coisa que force ela a falar. Temos que atingir a reputação dela.”

Friends leva a mão ao queixo em sua melhor pose de pensador. E então percebo que nós três estamos fazendo a mesma pose enquanto arquitetamos o nosso plano maligno.

“Você pode dizer que ela é muito ruim de cama”, sugere Friends.

Nego com a cabeça. “Não, tem que ser algo pior. Ela tem que sentir na pele o que uma mentira faz”, argumento. E então, minha genialidade dá as caras. “E se você espalhar que ela tem uma DST?”

Derek arregala os olhos. “Isso é muito pesado, cara.”

“Eu sei, mas ela tá mentindo, D. E destruindo seu relacionamento com a Sophie. Se ela não desmentiu essa merda ainda, só uma coisa drástica vai fazê-la falar.”

“E se você comesse com alguma coisa um pouco mais leve? Tipo, fala que ela tem uma doença contagiosa, mas não fala qual é”, sugere Friends, diplomático. “Ela vai enlouquecer, vai vim atrás de você e então você consegue barganhar. Se ela não falar, você ameaça com o lance da DST. Vai tá na mão dela escolher que o boato se espalhe ou não.”

Derek e eu abrimos um sorriso ao mesmo tempo.

“Isso é genial, Friends”, diz Derek.

Nosso amigo gênio dá de ombros. “Vocês me dão pouca credibilidade.”

Eu começo a rir. “Você tá muito dramático hoje, cara.”

“Percebi que não sou valorizado nessa casa.”

Derek e eu explodimos em uma gargalhada.

“O que tá rolando que o Friends já tá reclamando de novo?” Jeremy aparece na cozinha.

“Ele tá dizendo que é pouco valorizado nessa casa”, Derek conta.

Jeremy se une a nós nas gargalhadas, o que faz Friends fechar a cara e tacar um pano de prato na nossa direção. Ele usa tanta força nisso que parece realmente que o pano vai matar a gente.

“Vocês são uns imbecis”, declara Friends. “Não sei onde eu estava com a cabeça quando decidi morar com seis marmanjos.”

“Eu senti cheiro de comida”, diz Brianna, aparecendo na porta da cozinha também. O corpo de Jeremy quase a cobre inteira e ela precisa empurrá-lo para conseguir passar. “Meu Deus, quantos homens lindos em um único lugar.”

Friends abre um sorriso. “Eu tô cozinhando pra você, boneca.”

Derek dá risada, jogando a cabeça para trás. “Boa sorte com isso, Bree. Mas, se você tem amor a sua vida, não deveria comer isso aí.”

“Cala a boca, Derek!”, Friends se irrita.

Brianna fareja o ar. “Eu estou sentindo cheiro do que, exatamente? Minhas narinas estão confusas.”

Friends explica o seu prato genial para Brianna. A cada ingrediente que ele acrescenta à lista, a careta da garota se intensifica, quase deformando seu rosto bonito.

“Eu passo”, ela responde por fim. “Quem quer pizza?”

“Eu ouvi pizza?”, Babyface grita.

Não cabe mais ninguém na cozinha, portanto, nosso outro amigo aparece do outro lado do balcão, já que a cozinha é em conceito aberto.

“Quem disse pizza?” Agora é Kyle.

“Pizza?” Agora é Ryan. Meu Deus, como todo mundo apareceu assim de repente? “Eu comprei cerveja.”

“Nossa, de onde vocês todos surgiram?”, reclama Friends, desligando o fogão. “Tá, peçam pizza então. Eu já tô acostumado a ser menosprezado por vocês.”

Os caras gargalham, mas Brianna faz um biquinho. “Ah, lindinho, não fica assim não. Que tal se nós pedirmos uma pizza, depois sentarmos na sala como uma grande família feliz e você escolher o filme que a gente vai assistir?”

“Tô fora”, diz Kyle. “Não faça promessas em meu nome, linda.”

Brianna lança um olhar mordaz para Kyle. “Nós vamos assistir ao filme que o Friends escolher. *Todos nós*.” Os olhos de felino da garota encaram cada um dos meus amigos. Inclusive eu. “Fui clara?”

“Sim, senhora”, nós todos respondemos em uníssono.

Friends abre um sorriso.

É, acho que um pouco de estrógeno era o que estava faltando para se estabelecer ordem nessa casa.

17.

ERETRIA

“Se vocês não sumirem daqui, eu vou bater em vocês”, diz Sophie para mim e Savannah.

É véspera de Ano Novo, e Sophie está trabalhando. Como sempre. Savannah e eu decidimos que iríamos passar a virada do ano no Tina’s para poder ficar com a Sophie, já que ela trabalharia até as duas da manhã.

O Tina’s não é uma lanchonete vinte e quatro horas, mas, segundo Sophie nos explicou, Tina, a dona, acredita que poderá lucrar mais esse ano se deixar as portas abertas durante a virada. Então, eles trabalhariam vinte e quatro horas e a lanchonete estaria fechada no segundo dia do ano.

“Nós vamos ficar aqui”, diz Savannah, resoluta.

“Não vão, não. Eu nem vou poder ficar com vocês. Olhem pra isso”, Sophie aponta para o salão lotado. “A noite vai ser um caos e vocês duas estão ocupando uma mesa de clientes que realmente me dariam gorjetas.”

“Eu posso te dar todas as gorjetas que quiser porque eu sou rica”, argumenta Savannah, brincalhona, o que nós faz dar risada.

“Sumam da minha frente”, ordena Sophie, rindo. “É sério. Vocês deveriam ir ao Holme’s. É aqui pertinho. Vão aproveitar a noite por mim, por favor. E me deixem trabalhar e ganhar minhas gorjetas.”

Eu encaro minha amiga. “Não estou feliz com isso, Soph.”

“Você não tem que estar feliz com isso”, ela rebate. “Sumam!”

Bufando, eu me levanto da mesa. Savannah me acompanha, mas não antes de colocar uma nota de dez dólares em cima da mesa.

“Por termos alugado a mesa”, ela esclarece para Sophie.

Sophie suspira, mas pega o dinheiro. Ela sabe tão bem quanto eu que é inútil discutir com Savannah, ela nos vence pelo cansaço. “Divirtam-se. E me mandem uma mensagem depois.”

Nós damos um abraço coletivo, e então Savannah e eu vamos embora. Decidimos andar até o Holme's, já que não é muito longe. Conseguir um táxi ou um Uber hoje é missão impossível.

Quando chegamos no bar, ele está cheio, mas não tão cheio quanto eu imaginava que estaria. Estava pronta para enfrentar um mar de pessoas.

“Tequila?”, Savannah supõe quando nos aproximamos do balcão do bar.

“Com certeza.”

Eu realmente deveria abolir tequila da minha vida. Deveria me ater a coquetéis e bebidas mais fracas, mas qual seria a graça, não é mesmo?

Não demora para que eu comece a sentir minha cabeça mais leve, a tão familiar tontura e confusão de pensamentos. Sem contar que tudo parece *muito* mais engraçado. Não costumo rir de qualquer coisa, mas quando a tequila está envolvida, rio de tudo e de todos.

Savannah e eu estamos dançando na pequena pista de dança improvisada nos fundos do bar quando meus olhos se detêm em um grupo muito conhecido de garotos. Meu irmão e companhia acabam de chegar no Holme's com várias garotas a tira colo.

Clássico.

Com certeza estão vindo de outro lugar porque parecem tão bêbados como eu sei que eu estou.

“Lindo”, Savannah grita para Babyface assim que ele entra em seu campo de visão.

Além de Derek, que parece miserável, Babyface é o único que não está acompanhado por uma garota, o que me diz que o lance dele com Savannah está realmente sério. Acho que sou a favor de BabySav, eles são fofos juntos.

“Oi, gatinha.” Babyface abraça a minha amiga e a tira do chão. Savannah envolve o pescoço dele com os braços e os dois se beijam em uma cena romântica demais para o meu gosto.

“Arrumem um quarto”, eu resmungo, amarga.

Savannah dá uma risadinha, Babyface a coloca no chão e os dois começam a dançar juntos. Que ótimo. Perdi a minha companheira de dança.

“Tria”, Brianna aparece entre os muitos corpos masculinos e um alívio me invade.

“Ainda bem que você está aqui.” Eu a abraço. “Essa traidora só quer saber de romance.”

Savannah mostra a língua para mim e Brianna dá risada.

“Prometo não agarrar o seu irmão até a hora da virada do ano, mas

depois, não prometo mais nada.”

Rio. “É tempo suficiente.”

“Já decidiu quem vai ser a sua vítima para o beijo da meia noite?”, ela pergunta.

Beijar alguém à meia noite da virada do ano é um tipo de tradição, então é óbvio que já estou pensando nas minhas opções. Está claro para mim que não será Nash, já que ele está com duas morenas nos braços. Pois é. Ele está tão concentrado nas duas garotas que nem percebeu que eu estou aqui.

Eu mencionei que são duas garotas? *Duas*.

“Ainda não escolhi, mas com certeza tenho algumas pessoas em mente”, digo a Brianna. “E talvez eu precise da sua ajuda para isso.”

“Ah meu Deus, quando você me olha assim, eu não sei se fico animada ou aterrorizada. Do que você precisa?”

Dou risada. “Você consegue distrair meu irmão?”

Brianna abre um sorriso. “Com prazer.”

Com o passar das horas, o Holme’s vai ficando mais e mais cheio. Me mantenho longe do campo de visão de Nash durante todo o tempo, e parece que estou me saindo muito bem em fugir dele. Não nos falamos desde o dia depois do Natal, quando ele deixou bem claro que não me queria. De novo.

Eu sou mesmo uma perfeita e patética masoquista. Continuo me preocupando com um cara que já deixou claro, mais de uma vez, que não quer nada comigo. No entanto, ainda me sinto atraída por ele, então até que eu me sinta totalmente livre dos encantos de Christopher Nash, é melhor que fique longe dele.

Passei os últimos dias me perguntando se o que ele me disse era mesmo verdade, pois havia algo em seus olhos que me fez duvidar da autenticidade de suas palavras. Algo parecido com dor. Mas se ele sentisse algo por mim, por que motivo iria querer ficar longe de mim? Isso não faz o menor sentido.

Mas, em contrapartida, considerando que ele está aqui com duas garotas, claramente não sente a minha falta.

“Tria.”

Viro meu corpo tão rápido que perco o equilíbrio, mas os braços fortes de Ryan envolvem a minha cintura, me impedindo de cair no chão.

“Opa. Desculpa, lindo. Bebi um *pouquinho* demais.”

Ryan ri. “Todo mundo bebeu um pouquinho demais essa noite.”

“É verdade.”

“Você está sozinha aqui há muito tempo. Tá tudo bem?”

Sozinha, mas não solitária. Dispensei os últimos quatro caras que vieram falar comigo porque todos tinham o selo babaca estampado na testa. E de babaca já basta um na minha vida, acrescentar outro seria burrice.

Abro a boca para responder a Ryan que está tudo bem, mas vejo que Nash está se aproximando de nós. Seus olhos cinzentos estão fixos em mim e meu corpo incendeia.

Minha nossa senhora. Tenho vontade de socar a minha própria cara.

“Na verdade, eu estava esperando você”, digo a Ryan, alto o suficiente para Nash ouvir. “Nós não tivemos a chance de nos conhecer direito.”

Ryan abre um sorriso. “Posso te pagar uma bebida?”

Procuro pelo meu irmão, mas Brianna está fazendo muito bem o seu trabalho de distraí-lo. Com a boca. Os dois estão na maior pegação nos fundos do Holme’s.

Confesso que é um pouco estranho ver o meu irmão e sua mão boba, considerando que ele não quer que nenhum homem chegue perto de mim — oi, hipocrisia.

“Ryyyyyyan”, cumprimenta Nash, passando o braço pelos ombros do amigo. Pela sua voz arrastada e o rubor em seu rosto, sei que Nash está bastante bêbado. Embora ele tenha cumprimentado o amigo, é para mim que ele olha. “E aí, gata.”

Olho para Ryan, ignorando Nash. “Sim, docinho, você pode comprar uma bebida pra mim. Qualquer coisa menos cerveja. Eu vou ao banheiro rapidinho e já volto, tá?” Dou um beijo na bochecha de Ryan e saio.

Ah, droga.

Não quero ficar perto de Nash. Não quero ter de lidar com ele essa noite. A nossa última conversa ainda está ecoando na minha cabeça, e a última coisa que eu preciso é que ele me confunda ainda mais.

Quando estou quase chegando no banheiro, sinto uma mão puxando o meu braço. Em um piscar de olhos, sou colocada contra a parede, com Nash na minha frente, me devorando com seus olhos cinzentos.

Eu o encaro de volta. “Oi, docinho.”

“Parece que Ryan é seu novo ‘docinho’.”

“Tá com ciúmes?”

“Sim. Tô com ciúme. Satisfeita?”

“Não. Decepcionada, na verdade.”

Vejo a confusão nos seus olhos. “O que eu fiz agora?”

“O que você fez?”, pergunto, incrédula. “Nash, você se lembra de

alguma das coisas que disse para mim? Você não me quer, nós não vamos ter um final feliz e toda aquela merda? Então por que você não deixa o fim ser o fim? Se acabou, então para de vir atrás de mim. Para de fazer isso.”

Depois de quase um minuto inteiro de silêncio, apenas olhando para mim, Nash finalmente fala, mas é tão baixo que eu não consigo entender.

“O quê?”

“Eu não consigo”, ele repete. Nash coloca a mão no meu rosto e faz carinho na minha bochecha com o polegar. “Não consigo ficar longe de você.”

Meu coração aperta, mas eu não deixo transparecer. Não vou ser segunda opção e nem saco de pancadas de ninguém.

Seguro o seu pulso e tiro a sua mão do meu rosto. Embora todo o meu corpo proteste, pois eu quero sentir o seu toque, a sua pele na minha, dou ouvidos à minha razão agora. “Eu não vou esperar até que você esteja pronto pra engolir o seu orgulho ou seja lá o que te impede de ficar comigo. Se me quiser de volta, então essa resistência tem que acabar. Diga que você me quer e nós vamos dar um jeito.”

Nash abre e fecha a boca duas vezes, mas não diz nada. Por fim, ele se afasta de mim.

“Foi o que eu pensei”, digo, tentando esconder a tristeza na minha voz. “Para de me machucar, Christopher. Me deixa seguir em frente.”

Ele faz que sim com a cabeça, e eu tenho vontade de matá-lo. Juro por Deus que tenho vontade de arrancar a cabeça dele.

“Me pergunto o que aconteceu com o Nash que eu conheci, com aquele cara seguro que pegava o que queria e foda-se o resto. Eu gostava dele. Mas não tenho certeza se ele sempre foi covarde ou se isso é uma característica desse novo Nash que eu não reconheço.”

“Eu não sou covarde”, ele protesta, irritado.

Dou de ombros. “Se é isso o que você precisa acreditar para dormir à noite, que seja, docinho.”

“Você não sabe de nada.”

“Porque você não me fala nada. Eu não entendo você. Um dia, você diz que não me quer, que eu sou um problema; no outro, você não pode ver um cara perto de mim que quer demarcar território. Qual é o seu problema?”

“Não tenho problema nenhum”, ele garante. “Eu acho que você tá indo atrás dos meus amigos para me irritar. Só isso.”

Rio com escárnio. “A minha vida sexual não gira em torno de você,

Nash. E eu sou uma mulher livre. Se eu quiser dar para todos os caras nesse bar, eu posso. Se eu quiser ir atrás dos seus amigos, eu posso. E acredite, em nenhum desses casos, eu vou estar pensando em você.”

“Não?” Ele gruda o corpo no meu de novo. Sua mão enorme está na minha coxa nua, e ele desenha círculos descontraídos na minha pele exposta. “Vai me dizer que você não sente nada quando eu toco em você?”

Ah, eu sinto. E me odeio por isso.

Me esforço para não deixar o meu tesão transparecer. Esse jogo é perigoso. Brincar com os sentimentos um do outro desse jeito não é bom, e, com certeza, não vai acabar bem.

“Seu corpo me quer, gata”, alega, com um sorriso presunçoso no rosto.

“Meu corpo iria querer qualquer homem que saiba minimamente o que está fazendo. Não é um privilégio seu, docinho.” Aproximo minha boca da orelha de Nash e sussurro: “Ouvi as meninas dizerem que Ryan sabe o que faz. Vou testar essa teoria essa noite.”

O corpo de Nash fica rígido. “Ele não é melhor do que eu.”

“Vocês dois já transaram para que você possa afirmar isso?”, desafio.

“Se você está tão inclinada a ouvir o que as pessoas têm a dizer sobre como eu e os caras trepamos com mulheres, você vai saber que eu sou o melhor na cama.”

Dou de ombros, tentando não me deixar afetar. “Parece que vou ter que transar com Ryan para poder dar um veredito. Te conto depois se você realmente é o melhor.” Dou um beijo na bochecha dele. “Feliz Ano Novo, docinho.”

E de novo, eu vou embora sem olhar para trás.

E de novo, ele me deixa ir.

NASH

Quando o relógio bate meia noite, eu estou completamente sem clima de festa. Meus amigos começam a gritar, bêbados, viram as cervejas, beijam as meninas e comemoram, mas não eu. As duas morenas com quem eu cheguei cansaram de tentar desfazer o meu mau humor e foram se divertir também.

Mencionei que Eretria está beijando Ryan? Pois é. Essa noite acabou de ficar uma merda. Minha cabeça está explodindo e eu estou muito irritado. Meu corpo foi consumido por um ciúme que eu desconhecia até então, e preciso reprimir com força a vontade de levantar dessa cadeira e arrancar

Eretria dos braços de Ryan.

Ela não é minha garota.

Não, ela não é. Porque eu sou burro pra caralho, problemático, traumatizado e mais a porra inteira e não consigo dizer para uma garota que gosto dela sem pensar que vou acabar como o meu pai, porque, se tem uma pessoa que pode quebrar meu coração, virar meu mundo de cabeça para baixo e me deixar perdido e desorientado, é Eretria.

Me pergunto se a minha mãe era parecida com ela e foi assim que conseguiu deixar meu pai enfeitiçado. Me pergunto se ela era sagaz como Eretria, se o enlouqueceu como Eretria me enlouquece. Me pergunto se não estou seguindo exatamente os mesmos passos dele. Quer dizer, e se eu me apaixonar por ela? E se eu a amar tanto que ficar sem ela me fizesse sentir falta de ar? E se ela um dia decidisse que poderia ter alguém melhor e menos complicado do que eu? O que aconteceria comigo então? Como ficaria sem ela?

Ela não é minha garota.

Não, ela não é. Porque Eretria Kinsley não é de ninguém além dela mesma. Uma mulher como ela não pode ser domada, ou controlada, ou reprimida. Ela é fogo, é beleza, é arte, é perfeição.

Nunca precisei lidar com esse tipo de coisa antes. Conheci mais garotas do que todos os meus amigos juntos, provavelmente. E houve um tempo onde eu me gabaria por isso, mas tudo se tornou tão automático, tão monótono, tão óbvio que perdeu a graça.

Sempre estive rodeado de mulheres, e sempre gostei e aproveitei isso. Sempre tratei as garotas com respeito, sempre fui carinhoso e atencioso, mas nunca senti nada nem perto do que sinto por Eretria. Nada como esse fogo que arde dentro do meu peito e me dá vontade de cometer loucuras.

Ela não é minha garota.

Não, ela não é. E talvez, se eu repetir isso para mim mesmo várias vezes, então talvez eu consiga tirá-la da minha cabeça. Talvez eu consiga ficar longe, e então esquecê-la. Eu *preciso* esquecer essa mulher antes que ela me leve à insanidade.

“Oi, lindo”, diz uma ruiva, sentando-se no meu colo de repente. “Por que você está com essa carinha?”

Posso estar irritado, mas não sou de descontar nas outras pessoas. Então, forço um sorriso. “Foi mal, gata. Tô mal humorado. Não acho que vou ser uma boa companhia agora.”

A ruiva enfia os dedos pelos fios do meu cabelo e abre um sorriso sedutor. “Deixa eu te ajudar a resolver esse problema? Se eu não conseguir, então, te deixo em paz. Que tal?”

Olho para Eretria nos braços de Ryan e meu estômago revira. Caralho. “Tá bom”, respondo para a ruiva.

Estou tão atordoado que esqueço da minha regra do nome, e beijo a garota sem nem saber como ela se chama.

O beijo é gostoso, quente e tem gosto de algum coquetel doce que as garotas costumam gostar. A língua da ruiva se encontra com a minha, mas eu não sinto nada. Nem uma leve faísca. *Nada*. Nem mesmo o meu pau está entrando no clima. Eretria está em todos os lugares do meu cérebro.

Então, faço a coisa mais baixa que existe nesse mundo e imagino que a ruiva é a Eretria. Imagino que são os lábios macios da minha morena que estão sobre os meus, que é na cintura dela que minhas mãos se encontram e que é Eretria que corre os dedos pelo meu cabelo. E só a vaga lembrança em conjunto com a minha imaginação me causa um aperto no peito.

Porra. Não posso fazer isso.

“Desculpa, gata”, eu arquejo, empurrando a garota para trás com delicadeza. “Eu não... Foi mal. Não é nada com você. Eu só... Eu tô com a cabeça em outro lugar.”

Em outra pessoa, na verdade, mas não vou dizer isso porque ser filho da puta não faz o meu estilo. No entanto, parece que é só o que eu consigo ser quando estou perto de Eretria. Me pergunto se isso não é um sinal de que nós nunca daríamos certo juntos.

“Ah”, a ruiva lamenta. “Que pena. Você beija tão bem.”

Abro um sorriso. Um sincero dessa vez. “Obrigado. Você também. Ahn... Qual o seu nome?”

“Kate.”

“Prazer te conhecer, Kate.”

“Você também, Nash.”

Claro que ela sabe quem eu sou.

Sorriso. “Feliz Ano Novo.”

Kate sai do meu colo e abre um sorriso meigo para mim. Ela é muito bonita. Muito mesmo. Acho que é a ruiva mais bonita que já vi, e tem um toque de fofura, mas parece atrevida ao mesmo tempo. “Feliz Ano Novo, lindo.”

Cinco minutos depois que Kate vai embora, decido que já vi demais de

Eretria junto com Ryan. Os dois não estão mais se beijando agora, mesmo porque seria arriscar demais, considerando que Kyle está por aí em algum lugar. Mesmo com Brianna o distraindo, é melhor não contar muito com a sorte.

Corro os olhos pelos meus amigos e encontro Derek sentado no balcão do bar. Ele não está com nenhuma bebida na mão, está só olhando para um ponto fixo. O cara está sofrendo feito um condenado por causa de Sophie. Preciso me lembrar que ficar longe de Eretria está me livrando *justamente* de sentir o que meu amigo está sentindo agora, com a perda da namorada.

“D”, chamo, me aproximando dele. “Vou cair fora. Quer uma carona pra casa?”

“Quero. Mas eu dirijo, tô cem por cento sóbrio.”

Assinto, entregando a chave do meu carro para ele.

Parece que essa vai ser a primeira virada do ano que eu não termino com uma mulher na minha cama.

18.

ERETRIA

Sábado de manhã, Savannah me acorda para que eu possa ouvir sua música nova e finalmente finalizada. Sophie já saiu para trabalhar, mas tenho certeza que Savannah também a teria tirado da cama, pois quando ela fica empolgada com alguma coisa, é impossível segurá-la.

Embora eu odeie levantar cedo no final de semana, eu me sento na cama, tentando não reclamar muito quando a minha amiga pega o violão e se acomoda para começar o show particular.

Meu cérebro ainda está acordando quando Savannah começa a dedilhar os dedos nas cordas do violão. A voz dela inunda todo o quarto logo em seguida, me fazendo apoiar o queixo nas mãos e olhar para ela, encantada.

Meu Deus. Que voz.

Savannah parece um anjo cantando. De verdade. Talvez, se nós vivêssemos em um mundo mitológico, ela seria uma sereia, atraindo marinheiros para as profundezas do mar com essa voz maravilhosa. E eu provavelmente seria um elfo. Que alegria.

Nossa, eu realmente devo estar com muito sono para fazer uma analogia com um mundo mitológico de sereias e elfos.

Quando Savannah termina de cantar, eu aplaudo. “Caramba. Você arrasou na letra, amiga. E a melodia está perfeita.”

Ela sorri. “Sério? Não está... sei lá, melosa demais?”

Nego com a cabeça. “Não. Está perfeita”, digo, sinceramente. “Quem foi sua inspiração para essas palavras tão lindas de amor?”

Savannah dá risada. “Zach é uma bela fonte de inspiração.”

“Zach?” Franzo o cenho. “Quem é Zach?”

“O Babyface.” Minha amiga ri. “Ele tem um nome de verdade, sabia?”

Esqueci completamente que Babyface se chama Zach. Acho, inclusive,

que nunca vou conseguir chamá-lo pelo nome.

“Você o está chamando de Zach agora?”, indago. “Parece que a coisa está ficando séria.”

“A gente meio que está junto”, diz Savannah, mas ela não parece muito convicta. “Quer dizer, depois de tanto tempo, eu imagino que sim.”

Eu encaro a minha amiga. “Por que raios vocês ainda não conversaram sobre isso?”

“Acho que por minha causa”, ela admite. “Deixei escapar uma vez ou duas vezes que tinha medo de compromisso sério.”

“Por causa dos seus pais e a perfeição do relacionamento deles?”

Savannah faz que sim com a cabeça.

“Se você realmente gosta dele, ficar prolongando esse ponto de interrogação na cabeça dele não vai fazer bem algum.”

Ela concorda. “Vou resolver isso. Eu mesma já tô cansada de não saber o que tá acontecendo.”

“Faça isso, Sav”, incentivo.

Ouçõ uma batida na porta, e Savannah pula para fora da cama para ir atender. Suponho que seja Babyface, vulgo Zach, pela rapidez com a qual ela levantou. No entanto, quando a porta se abre e eu vejo quem está do outro lado, solto um grito histérico e corro para abraçar minha prima que, por alguma razão, está parada bem ali.

“Ah, meu Deus! Ah, meu Deus!”, eu exclamo, empolgadíssima. “O que você tá fazendo aqui?”

Ashley me abraça de volta, dando risada. “Consegui uns dias de folga, então pensei em dar uma passadinha para ver você e o Kyle.”

Me solto do abraço e olho para a minha prima. “Meu Deus, parece que faz anos que eu não vejo você.”

Ela ri. “Porque realmente faz anos que a gente não se vê.”

Verdade. Ashley é detetive na polícia de Washington. Claro que a família ficou muito feliz quando ela se formou na Academia e conseguiu o emprego dos seus sonhos, mas isso implicou em visitas curtas e raras.

Se não estou errada, a última vez que vi Ashley foi há quase três anos.

“Sav, essa é Ashley, minha prima. Ash, essa é Savannah, minha amiga e colega de quarto.”

As duas se cumprimentam com um abraço.

“Prazer te conhecer, Ashley.” Savannah abre um sorriso. “E você chegou em perfeita hora para escutar a minha música nova e me dar a sua

opinião sincera.”

Ashley dá risada. “Claro. E, enquanto isso, você trate de se arrumar. Vamos tomar um café juntas. Temos muitos assuntos para colocar em dia”, Ashley diz para mim.

Concordo com a cabeça.

Me arrumo depressa enquanto Savannah toca sua música para a minha prima. Não me preocupo em me arrumar muito, provavelmente vamos tomar um café pelo campus mesmo.

Visto uma calça legging mais grossa, um moletom folgado e botas de neve. Prendo meu cabelo em um coque alto e passo um pouquinho de blush nas bochechas, só para dar uma cor saudável ao meu rosto.

“Você tem talento, Savannah”, elogia Ashley. “Eu amei a letra, e sua voz é maravilhosa. Seja lá quem for o garoto em quem você se inspirou, ele parece valer a pena.”

“Obrigada.” Savannah sorri, satisfeita. “Bom, não vou te monopolizar mais.”

“Estou pronta”, aviso.

“Ótimo.” Ashley se levanta da cama. “Muito legal te conhecer, Savannah. Continue com o excelente trabalho.”

Minha amiga abre um sorriso largo e cheio de dentes. “Muito legal te conhecer também.”

Como eu imaginava, Ashley e eu paramos em uma das minhas cafeterias espalhadas pelo campus da Duke. Se não estivesse tão frio, eu adoraria levar a minha prima para conhecer a arquitetura gótica do West Campus e a linda área arborizada do Sarah P. Duke Gardens, mas decidimos ficar no East Campus mesmo. A arquitetura georgiana vale a pena ser vista também. Sem contar que, embora eu não goste do frio, a paisagem branca pela neve é bonita.

Depois de fazermos o nosso pedido no balcão, pegamos uma mesa no pequeno salão e nos sentamos. Ashley enche o seu café de açúcar, como sempre. Ela odeia tudo o que é amargo, mas ama café. No entanto, o seu café é tão doce que quase deixa de ter realmente gosto de café. É uma verdadeira bomba de açúcar.

“Parece que certas coisas não mudam mesmo”, comento, rindo.

“Matthew fica maluco com a minha obsessão por café melado. Ele diz que minhas papilas gustativas vieram com defeito.”

Dou risada.

Matthew é o noivo de Ashley. Os dois estão juntos desde o colegial e são o casal mais fofo que eu conheço. Os anos de convivência não os fizeram cair em uma rotina. Muito pelo contrário. Sempre que têm a oportunidade, os dois embarcam em viagens malucas. Da última vez, recebi, do nada, uma foto da minha prima escalando o Himalaia com o noivo.

“Bom, ele não está errado, Ash. Eu sou super em prol do açúcar, mas não desse jeito.”

Minha prima mostra a língua para mim. “Me deixem em paz com o meu café, obrigada.”

Rio de novo.

“Me fala como está a vida na faculdade”, ela pede.

“Bom, eu estou estudando Direito, como você sabe, e quero me especializar em direito ambiental, então entrei em um grupo chamado The Green. Posso dizer que achei a minha tribo. Todos ambientalistas e ativistas. É incrível.”

“Teve sucesso em tornar Kyle um vegano?”

Nego com a cabeça. “Infelizmente não, mas minha outra colega de quarto, Sophie, está tentando virar vegetariana. Ela está tirando as coisas aos poucos. É uma vitória.”

Ashley concorda com a cabeça. “Fiquei sabendo pela sua mãe que Kyle estava ‘tomando conta de você’.” Ela desenha aspas no ar.

Bufo. “Ky não sai do meu pé, mas eu estou tornando a vida dele igualmente difícil.”

Minha prima ri. “Eu não duvido disso.”

Antes de Ashley se mudar para Washington, nós duas éramos muito próximas. Embora ela seja onze anos mais velha do que eu, nós sempre nos demos muito bem. Ash é como uma irmã mais velha para mim, e, quando precisou se mudar para o outro lado do país, eu sofri muito pela ausência dela. Posso dizer com certeza que ela é minha melhor e mais antiga amiga.

“Kyle é o único garoto que você está enlouquecendo? Ou temos alguns pretendentes na área?”

Suspiro.

“Ih, já vi que tem”, ela deduz. “Me conte tudo e não me esconda nada. Adoro romance universitário. Faz eu me sentir menos velha.”

“Você não é velha”, protesto. “E não tem nada de romance. É uma grande merda, se quer mesmo saber.”

Ashley dá mais um gole em seu café melado. “E essa grande merda tem

nome?”

“Christopher Nash.”

“E o que Christopher Nash fez para estarmos chamando-o de grande merda?”

Dou risada. Ashley sempre tomou minhas dores, e eu as dela. “Bom, para começar, ele é amigo e colega de república de Kyle, o que é um belo inconveniente, já que Ky mandou os garotos ficarem longe de mim. Depois, bom, Nash e eu transamos no aniversário dele, em novembro do ano passado.”

Ashley faz uma careta. “Kyle sabe?”

Nego com a cabeça. “E se depender de mim, nunca saberá. A questão é que, depois de termos transado, começamos aqueles típicos joguinhos de sedução e conquista. Era legal, até eu começar a gostar do desgraçado.”

“Merda.”

“Pois é. A questão é que... ele parece gostar de mim também, mas então diz coisas como ‘eu não quero você’ e ‘você é um problema’. Mencionei que ele é o cara mais popular da Duke e que transou com a faculdade inteira?”

Ashley faz outra careta. “Ele parece ser um babaca.”

“Ele é”, confirmo. “Mas, tem mais coisa aí. Você me conhece, Ash, eu não faço o tipo idiota apaixonada. Não mais, pelo menos. E no Ano Novo ele me disse que não conseguia ficar longe de mim. Sério, das duas uma... ou ele está brincando comigo e é muito bom nisso, ou ele gosta de mim, mas por algum motivo bizarro, ele não admite.”

Minha prima pensa por um momento. “Você disse que ele mora com o Ky?”

Faço que sim. “Por quê?”

“Porque nós vamos até lá. Preciso ver isso com meus próprios olhos para poder opinar.”

Franzo o cenho. “Ver o que, sua maluca? Acabei de te dizer que Kyle não sabe de nada.”

Ashley toma o resto do café em um só gole. “Tria, eu sou uma *detetive*. Quem melhor do que eu para descobrir se o cara gosta de você ou se está só te enrolando?”, ela argumenta. “E não se preocupe com o Kyle, vai ser tudo bem embaixo do nariz dele.”

“Não é uma ideia ruim”, admito. “Mas eu realmente não quero vê-lo. Não nos falamos desde o Ano Novo e, de qualquer forma, eu tenho um encontro com um cara do The Green amanhã. Estou tentando seguir em

frente.”

“E quem é *esse*?”

“Carter Mills. Ele seria um namorado perfeito.”

Ashley franze o cenho. “E você quer namorar de novo? Quer dizer, não faz tanto tempo desde...” A frase morre em seus lábios.

Minha família não toca no nome de Lucas.

“Você pode dizer o nome dele, sabia? Ele não é o Lord Voldemort.”

“Prefiro não dizer, pois aquele canalha também não deve ser nomeado”, ela responde, amarga. “De qualquer forma, não achei que você estava procurando um relacionamento.”

“E não estou. Mas, se acontecer...” Dou de ombros.

Ashley fica pensativa por alguns minutos. Talvez tenha sido parte do seu treinamento manter a expressão imparcial, pois eu não faço a menor ideia do que está se passando na cabeça dela agora.

“Tem certeza que não quer ir até a casa do Ky?”

Confirmo com a cabeça. “Absoluta.”

“Droga. Estava esperando um pouco de ação”, ela lamenta. “Bom, me passe o endereço, eu iria lá de qualquer jeito para dar um oi, mas agora tenho uma missão.”

Olho para Ashley, desconfiada. “O que vai fazer?”

Ela abre um sorriso diabólico. “O meu trabalho. O que mais?”

NASH

A campanha de casa toca quando eu e Babyface estamos no meio de uma partida de NBA no Playstation, o que obriga que alguém passe na frente da televisão para poder chegar até a porta.

“Não passa agora”, grita Babyface, mexendo os dedos freneticamente no controle, mas Ryan passa mesmo assim. “Filho da puta!”, meu amigo xinga quando roubo a bola do seu jogador. Não sei se ele está me xingando ou xingando Ryan.

Dou risada.

“Vai se foder”, diz Ryan. “Eu tenho que atender a porta.”

E assim que meu amigo abre a porta, eu escuto a seguinte frase: “Boa tarde, meu nome é Ashley, sou detetive da polícia de Durham. Posso entrar?”

Babyface pausa o jogo no mesmo segundo e nós dois levantamos do sofá quando Ryan abre mais a porta da casa. Uma mulher morena entra,

exibindo um distintivo brilhante pendurado no cós da calça jeans.

Putá merda.

“Que merda vocês fizeram?”, pergunta Ryan em tom acusatório.

“Eu não fiz nada”, se defende Babyface.

“Vocês são os únicos moradores da casa?”, pergunta a detetive.

Nego com a cabeça. “Somos em sete homens e uma mulher.”

Ela ergue uma sobrancelha.

“Tudo com muito respeito”, garante Ryan.

“Aham”, diz a mulher, desconfiada. “Chamem os outros!”

Fodeu.

Eu não faço ideia de que caralhos está acontecendo, mas alguém deve ter feito uma merda *muito grande* para a polícia aparecer na nossa casa.

Ryan ameaça subir as escadas, mas a mulher impede. “Não, senhor, garoto. Ninguém sai da sala.”

“A gente vai ser preso?”, Babyface sussurra para mim.

“E eu que sei?”, devolvo, falando baixo.

Ryan engole em seco. “Pessoal”, ele grita. “É melhor vocês descerem aqui depressa. A polícia tá aqui.”

“O quê?!” Ouço a voz de Kyle. “Filhos da puta, o que vocês fizeram?”

Escuto passos apressados no andar de cima. Apressados, Jeremy e Friends aparecem na sala. Derek chega logo depois. Meus amigos encaram a mulher parada no centro da nossa sala, e depois olham para mim, Ryan e Babyface, tentando entender o que está acontecendo.

Brianna aparece depois. “Oi. O que está acontecendo?”, ela indaga. Pelo menos alguém nessa casa tem coragem para fazer essa pergunta.

“Vamos esperar o último aparecer”, diz a mulher, séria.

Kyle desce as escadas correndo. Quando ele chega na sala e seus olhos param sobre a policial, ele revira os olhos e bufa. “Ah, pelo amor de Deus, Ashley. É sério isso?”

A mulher, que parece se chamar Ashley, começa a gargalhar descontroladamente. Meus amigos e eu nos entreolhamos sem entender porra nenhuma.

“Alguém explica?”, pede Friends, perdido. “A gente tá fodido ou não?”

Ashley ri mais ainda.

“Tá nada. Ela é minha prima”, esclarece Kyle. “É detetive, mas só em Washington. Que que você tá fazendo aqui? E pra que esse teatro todo?”

“Então a gente tá na boa?”, certifica-se Babyface.

“Depende”, diz Ashley, limpando as lágrimas de tanto rir. “Minha jurisdição não chega até Durham, mas isso não quer dizer que eu não possa mexer uns pauzinhos. Vocês fazem uso de substâncias ilícitas, meninos? E menina?”

“Não, senhora”, responde Friends. “Somos todos muito dentro da lei.”

Reprimo a vontade de rir.

“Você é ridícula”, diz Kyle, dando risada.

Em seguida, ele atravessa a sala e abraça a prima.

Respiro aliviado. Caralho. Por um momento, eu realmente pensei que nós acabaríamos na cadeia. Morando com esses caras, nunca dá para saber.

“Desculpa a brincadeira, pessoal”, desculpa-se Ashley. “Não dava para perder essa oportunidade única.”

“Porra. Eu nem fiz nada errado, mas já estava aqui revisando mentalmente só para ter certeza”, diz Babyface.

Todo mundo começa a rir.

Esses caras podem ser o que for, mas eu tenho que admitir que nunca dá para ficar entediado morando nessa casa.

“Me apresente os seus amigos, Ky”, pede Ashley.

Kyle nos apresenta, falando nossos nomes e apontando para cada um de nós para que Ashley possa saber quem é quem.

Pode ser coisa da minha cabeça, mas os olhos castanhos dela se fixaram em mim mais tempo do que nos outros.

“Prazer em conhecer vocês, pessoal”, ela diz, sorridente. “Estão liberados agora.”

Aos poucos, a sala vai esvaziando. Por fim, Babyface e eu voltamos a jogar video game, Ryan volta a mexer no celular e Kyle convida Ashley para se sentar no outro sofá da sala.

“Você tá longe de casa. Tá fazendo o que aqui?”, pergunta ele.

“Estou de folga”, ela conta. “Estava com os meus pais, mas como faz tempo que não vejo você e a Tria, decidi dar uma passadinha. Volto para Washington amanhã.”

Kyle assente. “Você já viu a Tria?”

“Já sim.”

“Ela deve ter ficado louca de te ver.”

Ashley ri. “Ficou. Eu estava com ela até agora. E ela estava me contando que tem um encontro com um cara amanhã.”

Eretria tem um encontro?

Continuo mexendo meus dedos no controle, mas minha concentração está na conversa entre Ashley e Kyle.

“Um encontro? Com quem?”, Kyle indaga, protetor.

“Um cara do grupo de ativistas.”

Kyle bufa. “Deve ser o tal do Carter. Ele atendeu o telefone uma vez quando eu liguei.”

“É esse mesmo”, confirma Ashley.

Eretria vai sair com Carter.

Eu sabia que o cara estava a fim dela quando os encontrei na cafeteria aquele dia. Estava claro pela forma como ele olhava para ela. No entanto, não sabia que Eretria estava correspondendo.

Sinto uma pontada no peito, e minha garganta fica seca como o deserto do Saara. O ciúme me corroí, mas não é ele o que mais me chama atenção e, sim, o medo de perder Eretria de vez.

Sei que é egoísta, considerando as últimas conversas que tivemos e as coisas que falamos um para o outro, mas eu achei que... Sei lá o que eu achei. O que eu estou esperando aqui? Que ela sente e espere por mim depois que eu disse aquelas coisas para ela no Natal?

Bufo.

“Tudo bem?”, pergunta Babyface, sem tirar os olhos da televisão.

“Cansei de jogar”, digo. “Ryan, assume aqui.”

Meu amigo larga o celular e pega o controle da minha mão. “Agora você vai conhecer um jogador de verdade.”

“Não me faça rir”, debocha Babyface.

Me sento na poltrona, pego o celular e finjo estar fazendo uma coisa muito importante, mas, na verdade, quero continuar prestando atenção na conversa de Kyle e Ashley.

“Você conhece o tal do Carter?”, pergunta a detetive.

“Não. Tria não me falou nada sobre o cara. Na verdade, ela não me fala nada há um bom tempo.” Ele suspira, aborrecido.

Ashley abre um meio sorriso, se compadecendo. “É uma droga, mas vocês vão se acertar. De qualquer forma, Tria me disse que o tal do Carter seria um namorado perfeito.”

Namorado?

Aperto o celular com mais força.

“Ela me disse que estava meio que a fim de outro cara, mas parece que ele é um imbecil”, continua Ashley, dando de ombros. “Azar o dele.”

“Outro cara? Que outro cara?”, investiga Kyle.

Meu coração começa a bater mais rápido. Ai, caralho, se ela falar meu nome agora, vai estar assinando minha sentença de morte sem se dar conta.

“Ela não me disse o nome dele”, responde Ashley. “Só me disse que ele era um canalha que não a estava tratando como ela merece.”

Levanto da poltrona em um rompante. “Acabei de lembrar que tenho um... um trabalho pra fazer. Qualquer coisa, tô no meu quarto”, aviso meus amigos.

Literalmente fujo da sala. Não quero e nem consigo ficar escutando Ashley falar o quanto eu faço mal para Eretria. Porra. Como se eu já não soubesse disso o suficiente.

Bato a porta do quarto, sentindo o nervosismo invadir a minha corrente sanguínea. Pego o travesseiro e arremesso do outro lado do quarto, tentando mitigar a raiva, mas não melhora nada.

Jogo meu corpo na cama, passo a mão pelos cabelos diversas vezes e exalo, liberando todo o ar dos pulmões.

Eu estou perdendo Eretria.

Ela está desistindo de mim.

A questão é: o que eu vou fazer a respeito disso?

19.

ERETRIA

Às oito horas, recebo uma mensagem de Carter avisando que ele já está me esperando no carro. Ele disse que me levaria para jantar, então decido vestir alguma coisa sofisticada. Como ainda estamos em janeiro, o frio ainda é um empecilho para os meus vestidos, portanto, escolho uma calça jeans skinny, botas de cano longo e salto alto, um suéter vermelho de lã e uma maquiagem um pouco mais além de algo básico.

“Você está linda”, diz Sophie, olhando para mim enquanto eu me olho no espelho.

“Obrigada, Soph.”

“Você não parece muito animada, no entanto”, observa a minha amiga.

Olho para Sophie. “Claro que estou animada. Carter é um cara incrível, me trata bem, temos muita coisa em comum e, se isso der em alguma coisa, provavelmente salvaríamos o mundo juntos.”

Sei que estou tentando convencer a mim, e não a Sophie. A verdade é que eu estava animada para sair com Carter, até receber uma mensagem de Ashley hoje de manhã. Sei que minha prima está tentando me ajudar, como sempre, mas a mensagem que me mandou só serviu para me deixar mais confusa.

Ela: Tria, conheço linguagem corporal, vc sabe. Faz parte do meu trabalho. Então, posso dizer com ctz q Nash tá a fim de vc, sim. N sei o qnt, mas ele tá.

E desde então, estou pensando: qual é o maldito sentido no que Nash está fazendo? Porque, no mundo das pessoas normais, quando você gosta de

alguém, você quer ficar com essa pessoa. Você não a afasta e diz coisas que vão magoá-la.

“Mas ele não é o Nash”, Sophie constata o inegável.

Suspiro. “Não. Ele não é o Nash. Mas isso é uma coisa boa. Eu não entendo o Christopher. Ele diz que não me quer só para depois dizer e fazer coisas que fazem parecer que ele me quer, sim. O corpo dele não sustenta o que ele diz, mas eu não posso viver nessa corda-bamba. Eu não vou viver assim, Soph.”

Minha amiga concorda com a cabeça. “Se você tem certeza do que está fazendo, então eu tô do seu lado. Só não quero que você se arrependa disso depois.”

Sorrio. “Fica tranquila, amiga.” Pego a minha bolsa em cima da escrivaninha. “Não me espere acordada. Amo você.”

“Amo você também.”

Mando um beijo no ar para Sophie e saio do dormitório, ainda meio na dúvida sobre estar mesmo fazendo a coisa certa ou não.

Quando entro no carro de Carter, sou recebida por seu sorriso largo e um cheiro de perfume masculino. Ele está realmente animado com o nosso encontro, então deixo que a sua animação me contagie. Esse não é o momento de pensar em Nash. Eu concordei em sair com Carter porque ele é um cara legal e eu preciso seguir em frente antes que essa coisa com Nash cresça demais.

“Caramba. Você está maravilhosa”, elogia Carter.

“Obrigada. Você também está incrível.”

“Valeu, linda.” Ele abre outro sorriso antes de começar a dirigir. “Então, você gosta de comida mexicana?”

“Acho que nunca provei, mas dizem que é bem apimentada e temperada, não é?”

Carter concorda com a cabeça. “Tudo bem pra você? Se quiser, podemos escolher outro lugar.”

“Eles têm opções veganas?”, indago.

“Sim. Eu liguei lá e perguntei.”

Não consigo evitar sorrir. “Você pensou em tudo.”

“Tô tentando te impressionar”, admite.

Dou risada. “Pode ser que funcione. Vamos ver como a noite vai caminhar.”

E caminha muito bem. Carter é um perfeito cavalheiro. Ele abriu todas

as portas pra mim, puxou a cadeira para que eu sentasse, disse que eu poderia pedir o que quisesse no restaurante porque ele iria pagar. Acho que nunca sai com um cara assim.

“Me conte sobre você”, peço logo depois que o garçom coloca nossas sobremesas em cima da mesa. “Sobre a sua família. Você é filho único? Sua família acredita na nossa causa?”

Carter engole o punhado de mousse de chocolate que tinha colocado na boca. “Tenho dois irmãos. Um mais velho e o outro mais novo. Minha mãe é bióloga, então foi dela que eu puxei a paixão pelo meio ambiente e pelos animais. Moramos muito tempo na Austrália, por conta do trabalho dela.”

“Eu pensei em ser bióloga quando era mais nova, mas então percebi que eu queria mesmo era defender o meio ambiente de outra forma.”

Carter assente. “Você só tem o Kyle de irmão?”

Levo um pedaço do meu bolo vegano de abacaxi na boca. “Sim. Meus pais sempre quiseram ter só dois filhos. Um menino e uma menina. Quando conseguiram, fecharam a fábrica.”

Ele ri. “E Kyle sempre foi superprotetor?”

Nego com a cabeça. “Não sempre.”

“O que mudou?”, Carter indaga.

Sorrio. “Essa é uma história *muito longa* para um primeiro encontro. Quem sabe um dia eu te conto.”

Carter dá risada. “Misteriosa. Gosto disso.”

Será que ele continuaria gostando se soubesse da história?

“Por que decidiu estudar medicina?”, pergunto, e dou outra colherada no meu bolo.

“Meu irmão mais velho é médico. Ele sempre fez o trabalho dele parecer a coisa mais emocionante do mundo.” Carter dá de ombros. “Acho que eu fui levemente influenciado.”

“Mas você realmente quer ser médico ou foi mais induzido do que influenciado?”, indago.

Carter pensa por um momento. “Eu gosto de medicina. Gosto mesmo. Mas, se eu fosse escolher hoje, escolheria ser bombeiro.”

Arregalo os olhos, surpresa. “Sério?”

Ele faz que sim com a cabeça.

“Caramba. Acho que nunca conheci alguém que quisesse ser bombeiro, mas com certeza é um emprego que eu admiro”, falo, sinceramente. “E, se perguntasse minha opinião, eu diria que você deveria ir atrás disso, se for o

que você realmente quer. A vida é muito curta para fazermos coisas que não amamos.”

Carter abre um sorriso. “Alguém já te falou o quanto você é incrível?”

Rio, dando de ombros. “Hoje não.”

Ele ri também. “Bom, você é incrível.”

“Obrigada.” Sorrio. “Mas, de verdade, Carter, você deveria pensar sobre isso com carinho.”

“Prometo que vou pensar.”

Cerca de meia hora depois, Carter para o carro na frente da Bassett House. Posso dizer com certeza que esse foi o primeiro encontro decente que eu tive com um garoto. E foi bom, mas agora, aqui dentro do carro, pronta para me despedir, não sinto vontade de beijá-lo.

Normalmente é nesse momento que o beijo acontece, mas não estou sentindo nada. Mas sei, pela forma como Carter olha para mim, que ele está esperando que eu dê algum sinal positivo para que ele faça uma investida.

“Obrigada pelo jantar. Estava tudo uma delícia.”

“De nada, linda. Eu me diverti muito.”

“Eu também.” Engulo em seco. “Certo, esse normalmente é o momento onde nós deveríamos nos beijar, mas não acho que é o momento certo ainda. Tudo bem?”

Carter ri. “Eu não me importo de esperar. Gosto da expectativa.”

Sorrio. “Obrigada.” Inclino meu corpo e dou um beijo na bochecha de Carter. “Boa noite. Dirija com cuidado.”

“Boa noite, Tria.”

Saio do carro e caminho depressa até a porta de entrada da Bassett, desesperada para me livrar do frio que fere o meu rosto.

Do lado de dentro, solto o ar dos pulmões. Não sei porque estou me sentindo desse jeito. Um desconforto enorme está crescendo dentro de mim, me fazendo querer chorar.

Merda. Qual é o meu problema?

A noite foi ótima, eu fui tratada como uma princesa, o encontro foi perfeito, e eu provavelmente deveria estar me sentindo nas nuvens, mas só consigo sentir um buraco no peito.

Eu devo realmente ser masoquista. Como posso não me sentir bem com o encontro que acabei de ter, mas me sentir bem ao pensar nos momentos que tive com Nash?

Merda.

Subo as escadas, caminho pelo corredor, completamente absorta na minha própria confusão, e entro no quarto. Sophie ainda está acordada, lendo um livro com a luz do abajur acesa. Savannah está com Babyface, então sei que não vai dormir em casa.

Sophie levanta os olhos para mim, sentando-se na cama ao perceber o que meu rosto não consegue esconder.

“Ele não é o Nash”, digo para a minha amiga.

“Eu sei.” Ela abre um sorriso triste para mim. “Vem cá, amiga.”

Tiro as minhas botas de salto e me junto a ela em sua cama. Sophie me abraça, me consolando. É quando percebo que estou chorando. “Eu tô apaixonada por um egocêntrico”, revelo. “Qual é o meu problema?”

“Nenhum”, garante Sophie. “Você não tem problema algum. Nash só é... confuso, talvez? Não o conheço muito bem, mas qualquer pessoa com olhos consegue perceber como ele te olha, Tria. Não sei dizer se ele também está apaixonado por você, talvez nem ele saiba disso ainda, mas tem alguma coisa.”

Limpo as lágrimas. “Ele me deseja, mas é só isso.”

“Eu duvido. Você é incrível demais para despertar só desejo. E não tô dizendo isso só porque sou sua amiga. Estou dizendo porque é a verdade.” Sophie me abraça mais apertado. “Se você está apaixonada por ele, lute por ele. Por que só os homens devem lutar por nós? Estamos no século vinte e um, pelo amor de Deus. E você é uma mulher maravilhosa, autoconfiante e autossuficiente. Se você quer o cara, então diga a ele e transforme esse desejo em amor.”

Fungo, respiro fundo e exalo. “Você está certa. Por que eu tenho que esperar que ele lute por mim quando eu posso fazer isso também?”

Sophie confirma com a cabeça. “Exatamente. Você é a mulher mais forte que eu conheço. Se tem alguém nesse mundo inteiro que pode mostrar a Christopher Nash que a monogamia é algo bom, esse alguém é você.”

Dou risada. “Tem razão.” Limpo as lágrimas de novo. “Eu sou incrível mesmo.”

Sophie ri também. “É isso aí.”

“Obrigada.”

“Para que servem os amigos, não é?” Sophie sorri. “Agora levante e vai limpar essa maquiagem borrada. Eretria Kinsley vai voltar com força total e virar o mundo de Christopher Nash de ponta cabeça.”

Sorrio em cumplicidade para a minha amiga. “Pode apostar que sim.”

20.

ERETRIA

“Bom dia, criançada!”, grita Savannah, animada.

“Bom dia, Savannah”, as crianças gritam em uníssono.

Minha amiga dá risada. “Quem aí tá animado?”

Todas as crianças levantam as mãos.

“Eba! Bom, vamos lá. Eu tenho duas amigas muito legais que quero apresentar para vocês. Essa é a Eretria e essa é a Sophie. Elas vão nos ajudar a tornar esse dia especial. Que tal se dermos um olá supercarinhoso pra elas?”

As crianças gritam o meu nome e o de Sophie. Nós duas estamos sorrindo tanto que sinto os músculos do meu rosto doerem, mas que se dane. Eu estou muito feliz com a energia dessas crianças. Estava um pouco temerosa de chegar no orfanato e encontrar crianças deprimidas ou algo assim. Não sei se tenho estrutura emocional para esse tipo de coisa. Posso ser forte em muitos aspectos da minha vida, mas tenho coração mole para crianças e animais. São meus pontos fracos.

Depois de um trabalho de organização árduo para que tudo saísse perfeito, o dia da feira beneficente finalmente chegou e, até agora, tudo correu como o esperado. O frio de janeiro não está ajudando muito, no entanto. Estávamos na esperança de fazer um jogo de basquete para arrecadar fundos, mas o frio é tamanho que deixar as crianças expostas às baixas temperaturas seria arriscado e irresponsável demais. Então, abolimos a ideia.

“Eu também trouxe outros amigos para apresentar pra vocês”, continua Savannah. “Eles são do time de basquete da universidade onde eu estudo. Quem aí gosta de basquete?”

Só os meninos levantam a mão.

“Nenhuma menina?”, eu pergunto. “Não acredito!”

As meninas soltam risadinhas.

“Fala, criançada!”, grita Babyface, entrando no grande pátio do orfanato carregando duas caixas nas mãos. “Quem gosta de presente?”

“Eu”, todas as crianças gritam.

“Então corram aqui”, pede Babyface.

As crianças levantam do chão e saem correndo na direção dos meninos. Cada um deles entra com caixas nas mãos. As crianças se aglomeram ao redor deles, animadas. À medida que os garotos vão abrindo as caixas, começo a ver bonecas, bolas de basquete, de futebol e de futebol americano; também vejo carrinhos, panelinhas, ursinhos de pelúcia e tantas outras coisas que mal consigo registrar.

Sophie vai até Derek assim que o vê entrando. Os dois finalmente fizeram as pazes, já que descobrimos que Derek nunca a traiu. Foi tudo um plano ridículo de um colega de trabalho de Sophie que se dizia apaixonado por ela. Ah, pelo amor de Deus. Que porra de amor é esse? Alguém, por favor, quer fazer a gentileza de me explicar? Não entendo.

Derek, que estava com sangue nos olhos para chegar à verdade, descobriu tudo e gravou a confissão do babaca. E depois de uma tremenda confusão no último jogo, onde ele socou tanto a cara de Owen Montgomery que o cara precisou ir para a enfermaria, os dois pombinhos fizeram as pazes, disseram o quanto se amam e agora estão em uma bolha de amor.

Estou tão feliz por Sophie. Se tiver alguém nesse mundo que merece um final feliz, é ela.

E, para completar a felicidade, PJ foi demitido do Tina's. O desgraçado tentou convencer a dona da lanchonete de que Sophie estava sendo negligente com o trabalho, mas a minha amiga contou toda a verdade e Tina decidiu demitir PJ. Eu achei pouco, mas fiquei feliz que ele teve o que merece. Ficou sem emprego e sem a Sophie.

“O pessoal do The Green vai aparecer?”, pergunta Savannah.

“Sim. Carter me mandou uma mensagem dizendo que eles estavam chegando.”

Savannah sorri. “Isso é tão legal. É tão importante que essas crianças tenham momentos assim, sabe? Que não se sintam mais abandonadas do que já foram. Me enche o coração de alegria ver o sorriso no rosto delas.”

Olho para as crianças gritando, rindo e dando risada e entendo exatamente o que Savannah está dizendo. É o tipo de coisa que aquece o coração.

Savannah caminha até Babyface e o ajuda a entregar os presentes para as

crianças. De longe, fico observando meus amigos e aqueles meninos e meninas que, desde muito novos, conhecem um sofrimento parecido com o de Sophie. É uma realidade tão dolorida.

Depois de correr os olhos pela feira já em movimento, encontro Nash agachado no chão, conversando com uma garotinha loira. Não faço ideia do que eles estão falando, mas Nash presta tanta atenção nela que meu coração se derrete. Crianças já são meu ponto fraco, mas ver uma criança com o cara por quem sei que estou apaixonada, e vê-lo sorrindo para ela e lhe dando toda a atenção do mundo... Ai, meu Deus. Estou perigosamente encantada.

Fico hipnotizada com essa cena.

Nash senta no chão e a menina se senta ao seu lado. Ele pega uma boneca de dentro da caixa, entregando-a para a menina, mas, pelo que posso perceber de longe, a garotinha não está muito interessada na boneca. Seus olhos castanhos estão vidrados em uma bola de basquete. Nash pega a bola, levanta do chão e estende a mão para ajudar a menininha a se levantar. E então, na cena mais linda e fofa que eu já vi em toda a minha vida, Nash começa a ensinar a garotinha a passar a bola pelo meio das pernas enquanto bate-a no chão. A garotinha é pequena, então não consegue fazer como Nash, mas ele aplaude mesmo assim.

Deus me dê forças.

Eu não estou só apaixonada por ele. Eu estou muito excitada também. Será que é errado, meu Deus, ficar excitada com uma coisa assim? Se for, já peço perdão antecipadamente.

Outras crianças se aproximam de Nash quando se dão conta de que ele está ensinando. Ele agacha no chão para ficar da altura dos pequenos e dá instruções a eles, que balançam a cabeça positivamente para seja lá o que Nash está falando. Quando ele volta a ficar em pé, nossos olhos se encontram, e o tempo para. Juro por Deus que sinto o tempo parar. Tudo ao meu redor desaparece e tudo o que eu consigo enxergar é Christopher Nash. E, ao julgar pela forma como me olha, sei que ele está sentindo a mesma coisa que eu.

Por que esse garoto precisa ser tão burro? O que se passa pela cabeça dele para me olhar *desse jeito* e mesmo assim dizer que não me quer?

E eu acredito nele, tento seguir a minha vida, e ele volta, dizendo que não consegue ficar longe de mim. E então, eu o confronto, peço que fale comigo, que seja honesto comigo e ele não consegue. Que diabos isso significa?

Nash fala alguma coisa para as crianças antes de dar um passo na minha direção, fazendo meu coração dar piruetas, mas então ele para de repente.

“Oi, Tria.” A voz de Carter me tira do transe, me fazendo desviar os olhos de Nash. “Desculpa o atraso, linda.”

Pigarreio, limpando a garganta. “Ah, sem problemas. Nós acabamos de começar. Os meninos trouxeram alguns presentes, então as crianças estão bem entretidas agora. Nós vamos ter tempo de preparar a apresentação enquanto eles estão distraídos.”

“Ainda bem”, diz Caitlin, entrando no meu campo de visão. “Nós trouxemos um projetor para mostrar algumas imagens para eles. Nada muito chocante, mas acho que seria legal.”

Concordo com a cabeça.

O resto do pessoal do The Green começa a entrar no pátio e eu me sinto obrigada a ir ajudá-los na preparação para a apresentação, mas, antes de virar as costas, olho mais uma vez para Nash. Ele não está mais olhando para mim, voltou a focar nas crianças. E assim, o nosso momento passou.

Sophie, Savannah e os meninos brincam com as crianças enquanto eu e meus amigos do The Green organizamos tudo.

Caitlin e eu vamos fazer a palestra. Eu estou muito animada para isso, pois é um assunto do qual eu amo falar, e conscientizar crianças talvez seja mais importante do que conscientizar adultos, pois são elas quem vão tomar as rédeas da situação e fazer a mudança acontecer. Queria estar viva para ver.

“Oi, pessoal”, eu falo no microfone, recebendo a atenção de vários pares de olhos. “Para quem não me conhece, meu nome é Eretria. Eu e alguns amigos trouxemos uma apresentação muito interessante sobre a importância de cuidar dos animais e do meio ambiente. Quem aí tá a fim de aprender coisa nova?”

E, como uma avalanche, as crianças correm na minha direção, trazendo seus brinquedos consigo. Alguns jovens e adultos também se aproximam para assistir, o que me faz abrir um sorriso. Captar a atenção do público mais velho para esse tema é sempre difícil.

“Eu adoro essa empolgação, crianças”, digo. “Beleza. Vamos todo mundo sentar no chão e se acomodar para aprender.”

Mais uma vez, meus olhos são levados até Nash. Ele está de mãos dadas com a menininha loira. Os dois caminham tranquilamente até o restante do grupo. Parece que ela também está encantada por ele, mas como posso culpá-la?

Os dois se sentam no chão, lado a lado. Nash não tira os olhos da garotinha enquanto ela conversa com ele.

“Eretria?”, Caitlin me chama.

“O que foi?”

“Você não vai começar?”

Ai, meu Deus. Nem sei o que eu deveria falar. Tudo sumiu do meu cérebro.

“Claro. Vou sim.”

Me esforço para me recompor. Esse lance com Nash pode esperar. Eu tenho uma missão agora. Uma missão que decidi chamar de Crianças Ao Resgate.

A palestra foi um sucesso. As crianças ficaram vidradas nas informações que trouxemos, fizeram várias perguntas e bateram palmas quando terminamos. Acho que nunca me senti tão orgulhosa de mim mesma como estou me sentindo nesse momento.

Depois, as crianças se espalharam pelo pátio para visitar as barracas de comida e brinquedos que trouxemos. Para elas, é de graça, mas os vários adultos presentes, pagam. É assim que vamos arrecadar o dinheiro que precisamos.

Para todo o lugar que eu olho, tem uma criança sorrindo, correndo, dando risada, se lambuzando com chocolate e brincando com os brinquedos novos que os meninos trouxeram.

Brianna chegou um tempo depois trazendo roupas e mais roupas para as crianças. Ficamos sabendo de última hora que eles precisavam de vestuário básico, como calcinhas, cuecas, meias, roupas de frio e de calor. Então, fizemos uma arrecadação de fundos com a ajuda de nossas famílias e conseguimos a verba para comprar o que eles precisavam.

“Oi, eu sou a Turtle”, Kyle aparece do meu lado de repente, com uma tartaruga de pelúcia na minha frente e usando uma voz infantil para falar.

Turtle. Foi o nome supercriativo que eu dei para a tartaruga de pelúcia que tinha em casa quando era pequena.

Dou risada. “Onde conseguiu isso?”

“Joguei em uma das barracas”, confessa.

Rio mais ainda. “É para as crianças, Ky. Você já passou dessa fase há

muito tempo.”

“Eu sei, mas eu lembro o quanto você ficou triste quando o Pluto comeu a Turtle. Então...” Meu irmão dá de ombros. “Sei lá. Achei que você ia gostar.”

Pego a pelúcia da sua mão. “Eu amei. Obrigada.”

“Você mandou bem na palestra”, ele me elogia.

“Pensei que você estivesse cansado do meu discurso.”

“Posso cansar do discurso, mas não dá pra negar que você brilha quando tá defendendo o que acredita. Gosto de te ver assim.”

Franzo o cenho. “Assim como?”

“Feliz”, ele responde com um sorriso tímido. “Faz tempo que não te vejo realmente feliz. Eu... ahn... senti falta disso.”

O desconforto na voz do meu irmão ao me dizer uma coisa que deveria ser costumeira entre irmãos, me mostra o quanto a nossa relação foi abalada pelo que aconteceu comigo.

“Ky, eu...”

Ele começa a balançar a cabeça. “Eu sei o que você vai dizer, Tria. Não vamos falar disso agora, tá legal?”

Suspiro. “Tá legal.”

“Divirta-se”, ele diz, se afastando.

Observo o meu irmão quando ele encontra Brianna e a toma nos braços, beijando-a. Nada muito comprometedor, afinal de contas, estamos rodeados de crianças.

Também faz muito tempo que não vejo Kyle feliz. As coisas ficaram tensas demais depois de Lucas Fisher. Não só com Kyle, mas com os meus pais também. Se for para ser sincera, sinto mais falta da minha família do que gosto de admitir. Sinto falta de quando as coisas eram mais fáceis, de quando eles eram só meus pais e meu irmão e não meus guarda-costas, meus juízes, meus críticos.

Afasto esses pensamentos. Não é hora de pensar nisso. Preciso me concentrar no andamento da feira. E estou determinada a fazer isso até que sinto alguém puxando a barra da minha blusa. Quando olho para baixo, encontro a garotinha loira, amiga de Nash.

“Oi, linda”, cumprimento, agachando no chão. “Tudo bem?”

“Tudo. Você é a Eretria? A deusa dos animais e do meio ambiente?”

Tenho vontade de rir, mas me seguro. “Sou a Eretria, mas não sou nenhuma deusa.”

“Meu amigo disse que você é.”

“Seu amigo?”, indago.

Ela confirma com a cabeça.

“Que amigo é esse?”

A garotinha me chama para mais perto com o dedo e eu me aproximo mais um pouco dela. “O nome dele é Nash, mas ele tem uma identidade secreta”, ela sussurra no meu ouvido.

Sorrio feito uma idiota. “É mesmo? E você pode me contar que identidade é essa?”

Ela olha de um lado para o outro, como se tentasse se certificar de que ninguém está nos ouvindo. “Christopher é a identidade secreta dele, mas você tem que *jurar* que não vai contar. Ele me disse que era um segredo muito secreto.”

Um segredo secreto. Alguém me segura antes que eu cometa uma loucura e aperte essa menina.

“Não vou contar. Prometo. Qual é o seu nome?”

“Cassie.”

“Que nome lindo.”

“Também começa com C.”

Dou risada. “É verdade.”

“Eu estou em uma missão secreta”, ela me conta. “Meu amigo pediu que eu te entregasse isso. Ninguém pode saber porque é um segredo.”

É isso, vou apertá-la agora.

Pego o papel que Cassie estende para mim, mas não leio.

“E aonde está o seu amigo?”

Ela dá de ombros. “Quem é que sabe? Ele é um agente secreto, então é segredo onde ele fica.”

“Ah, é verdade. Desculpa. Não vou comprometer a missão de vocês. Obrigada, Cassie.”

Ela olha para Turtle e sorri. “Salve as tartarugas!”, diz antes de sair correndo.

Minha nossa senhora. Eu quero roubar uma criança.

Coloco Turtle embaixo do meu braço e abro o papel com o bilhetinho de Nash. Isso é tão jardim de infância, mas ao mesmo tempo é tão divertido. Ninguém mais manda bilhetinhos depois que o SMS foi inventado.

Oi, gata.

Pode falar. Sou muito criativo. Queria falar com você, mas não quero correr o risco que briguemos de novo. Não aguento mais brigar com você, Eretria.

Bom, só queria dizer que você mandou bem pra caralho na sua apresentação. Tenho certeza que essas crianças vão ser como você quando crescerem.

Enfim, não vou me estender muito porque bilhetinho não faz o meu estilo. Katie estava desanimada, então inventei essa coisa toda para ela.

P.S.: Katie é Cassie. Ela queria uma identidade secreta também. Então criamos Cassie com C de Christopher. Eu sou muito bom nisso.

Tiro meus olhos do papel, sorrindo tanto que me surpreende que dói, e procuro por Nash no pátio. Mas ele não está em lugar nenhum.

Quando estou quase desistindo de procurar, uma florzinha roxa aparece no meu campo de visão antes da pessoa que a carrega.

“Pra você”, diz Nash, colocando a florzinha apoiada na minha orelha.

“Onde você conseguiu isso?”

“Roubei de um vaso”, ele confessa.

Dou risada. “Que coisa feia, Christopher.”

Ele abre um sorriso. “Acho que é a primeira vez que você me chama pelo meu nome e não está com raiva de mim.”

“Eu tô sempre com raiva de você. A intensidade dessa raiva é o que muda.”

Nash ri. “Justo.”

“Obrigada pelo que disse no bilhete. E obrigada pela menininha fofa de brinde. Meu Deus, tô apaixonada por ela.”

“Ela é incrível”, Nash concorda. Mas logo o sorriso se fecha, tornando seu rosto bonito um pouco mais sério do que o normal. “Me desculpa pelas coisas que eu disse na véspera de Ano Novo. E... bom, por todas as outras coisas também. Não queria chatear você.”

Eu gostaria de saber *realmente* o que ele quer, mas cansei de fazer essa pergunta para ele.

“Quantas vezes você vai me pedir desculpas, Nash? Não é mais fácil simplesmente não fazer coisas que te façam ter de me pedir desculpas depois?”

Ele abre um meio sorriso. “Seria mais fácil, mas não seria nós dois se fosse fácil.”

Dou uma risadinha. “Verdade.”

Em um movimento ousado, considerando que estamos em público, Nash coloca uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha e sorri para mim. “Você acha que consegue me desculpar?”

“Você acha que consegue não ser um canalha?”

Ele abre um sorrisinho. “Me dá mais uma chance e você vai descobrir.”

“Que tipo de chance?”, investigo.

Nash abre a boca para falar, mas Carter aparece do nosso lado de repente. “Tria, as crianças cercaram Caitlin com centenas de perguntas. Ela pediu pra chamar você.” Carter olha para Nash. “Ah, e aí, cara. Posso roubar ela rapidinho?”

Nash endireita a postura. “Vai em frente.”

Toco em seu braço e abro um meio sorriso. “Obrigada.” Toco a florzinha na minha orelha.

Nash sorri. “De nada, gata.”

“Vamos terminar essa conversa depois.”

Ele faz que sim com a cabeça.

Acompanho Carter até onde Caitlin está sendo encurralada por umas dez crianças cheias de curiosidade. Mas antes de realmente me juntar a ela, olho para trás, para onde Nash e eu estávamos conversando, mas ele não está mais lá.

21.

NASH

Já disse que detesto fazer trabalho? Que prefiro muito mais fazer provas? Pois é.

Estou a quase duas horas sentado na escrivaninha tentando terminar uma porcaria de trabalho. Não sei onde eu estava com a cabeça quando decidi estudar Economia.

Tudo o que eu quero para o meu futuro é entrar na NBA. É o que eu sempre quis, desde criança. Treinei feito um louco, me dedicava e dava cento e dez por cento de mim em cada treino. Me inscrevi no *draft* e sei que tenho chances de entrar na liga, então, por que caralhos eu escolhi estudar Economia? Poderia ter escolhido qualquer outra coisa. Eu nem gosto de matemática, pelo amor de Deus.

Estou a ponto de decidir não entregar esse trabalho quando alguém bate na porta do meu quarto. Ótimo. Uma distração. Preciso tirar a cabeça desse trabalho, senão vou enlouquecer.

“Entra”, digo.

Guardo os papéis e fecho o laptop. Quando giro minha cadeira na direção da porta, encontro Eretria parada, vestindo um sobretudo preto e uma bota também preta. Seu cabelo está solto e brilhoso, seu nariz e suas bochechas estão um pouco vermelhos. Imagino que seja por conta do frio. Fevereiro não é tão frio quando janeiro, mas nem de longe é quente como junho e julho. As temperaturas começam a melhorar só em maio.

“Oi”, ela me cumprimenta.

“Oi”, digo, confuso.

“Você deve estar se perguntando o porquê de eu estar aqui.” Ela começa a desabotoar o sobretudo e minha garganta fica seca. “Eu estava procurando o meu sutiã vermelho, mas aí me dei conta de que eu o entreguei pra você.” Ela

desabotoa os últimos botões e abre o sobretudo, deixando a peça cair pelos seus braços, revelando que ela não está usando nada mais que uma calcinha vermelha por baixo. Puta merda. “E aí, fiquei pensando, como vou combinar essa calcinha se meu único sutiã vermelho está com você?”

“Você...” Limpo a garganta. “Você quer... quer de volta?”

Ela sorri lascivamente. “Na verdade, não. Pensei que eu poderia deixar a calcinha com você também. Já que não vou conseguir combinar com nada mesmo.”

E ela tira a calcinha de renda vermelha.

Eretria está completamente nua na minha frente e eu estou paralisado. Ela me pegou completamente de surpresa, meu cérebro fundiu e eu acho que posso nem estar respirando direito.

Rindo, ela caminha até mim e se senta no meu colo. “Você já foi mais rápido do que isso, docinho. Eu...”

Eu a interrompo com um beijo. Grudo meus lábios nos dela, enfiando minhas mãos em seus cabelos macios e puxando-a para mais perto de mim. Minha língua se insinua em seus lábios e Eretria os abre para me receber. Nossas línguas se encontram, e eu perco completamente o controle.

Levanto da cadeira, trazendo Eretria comigo no colo, para não ter de separar nossos lábios. Não quero desgrudar dela.

Coloco-a deitada na minha cama, deitando meu corpo em cima do seu. Sua pele é macia sob os meus dedos, mas percebo que ela está arrepiada, provavelmente por conta do frio. Separo nossos lábios só para poder tirar a camiseta e puxar o lençol para cima dos nossos corpos.

Eretria aproveita a movimentação para puxar a minha calça de moletom para fora do meu corpo. Seus olhos verdes brilham quando ela se dá conta de que não estou usando cueca.

Ao fazer menção de que vai me chupar, eu a impeço com gentileza.

“O quê?”

“Eu te devo um orgasmo”, lembro a ela.

Sorrindo, ela se deita de costas na minha cama. O cabelo castanho espalhado pelo meu travesseiro, os olhos verdes me encarando e o corpo curvilíneo à minha mercê me fazem ter certeza de que não há visão mais perfeita nesse mundo.

Levo minha boca salivando até os peitos de Eretria e os beijo. Um e depois o outro. Chupo um dos mamilos com força e ela geme baixinho. Faço círculos com a minha língua, provocando-a, enquanto aperto seu outro seio.

“Nash, por favor.” Ela geme, se contorcendo.

“Não me apressa, gata. O prazer leva tempo.”

Ela bufa, o que me faz dar risada.

À medida que distribuo beijos pela sua barriga, Eretria levanta o quadril da cama, tentando, de novo, me apressar. Seguro-a pela cintura, tentando mantê-la parada.

“Nash”, ela resmunga. “Para de me provocar. Droga.”

Rio de novo. “Você é muito impaciente.”

“Você me deve um orgasmo, então me dê a porcaria do orgasmo.”

“Que malcriada”, digo. “Um orgasmo tem que ser merecido, linda.” Chupo o mamilo rosa de novo, indo para o outro e fazendo a minha coisa.

“Por favor, Nash”, ela choraminga.

Desço meus lábios pelo seu corpo e até o meio das suas pernas. Eretria solta um suspiro aliviado quando minha língua encosta no seu clitóris. Ela está encharcada, o que quase me faz gozar. Essa mulher é tão gostosa, tão linda...

“Você está fazendo de novo”, ela reclama.

“O quê?”, pergunto antes de chupar o seu clitóris com força.

“Me... provocando... Para com isso, Christopher.”

Amo quando ela me chama pelo meu primeiro nome. É quase como se fosse especial. Só meu pai me chama assim, então ouvi-la me chamando de Christopher a torna especial para mim. Entre outras coisas também, claro.

Enfio dois dedos nela, sentindo seus músculos internos me apertarem. Eretria é deliciosamente apertada, o que me faz pensar que talvez ela tenha perdido a virgindade a pouco tempo. É normal que uma menina virgem ou que transou poucas vezes na vida, seja apertada. Mas não vou entrar nesse assunto com ela agora. Talvez nunca. Não é da minha conta.

Mexo meus dedos dentro dela, entrando e saindo, enquanto minha língua completa o trabalho, levando Eretria a emitir aqueles mesmos sons sensuais que eu tanto gosto de ouvir.

Quando ela começa a se contorcer e a se esfregar, eu paro, tiro meus dedos e levanto a cabeça para encará-la.

“Eu odeio você”, ela declara, ofegante. “Meu Deus. Como eu odeio você.”

Dou risada. “Eu vou te fazer gozar, gata, mas comigo dentro de você.”

Estico meu corpo até a gaveta do criado mudo, pego uma camisinha, rasgo a embalagem e visto. Eretria me empurra para a cama, me fazendo

deitar de costas, e monta em cima de mim, guiando meu pau para dentro de si.

“Putá merda”, eu xingo.

“Eu vou controlar agora”, ela me avisa. “Você não vai ficar me torturando, Christopher. Não tem a menor graça.”

Rindo, eu seguro os seus quadris, mas deixo que ela faça o que quiser comigo. Eretria cavalga, jogando a cabeça para o lado, o que faz seu cabelo cair em cascata, os seios cheios e maravilhosos balançam, e eu estou quase lá quando alguém abre a porta.

“Nash, vou pegar o seu...”

Eretria grita, saindo de cima de mim depressa e puxando o lençol para cobrir o corpo nu.

Kyle está parado na porta do meu quarto, olhando para mim e Eretria como a maior expressão de traição que já existiu. *Traído*. Meu amigo está se sentindo traído.

Eu me levanto da cama rapidamente e pego a primeira bermuda que vejo.

“Kyle”, eu começo, mas nem sei o que falar. O que eu vou dizer? *Não é o que você tá pensando?* Caralho. Claro que é o que ele está pensando.

“Ky”, Eretria caminha até o irmão, puxando o seu rosto para baixo para que ele olhe para ela. “Calma, tá legal. Me deixa explicar.”

Ignorando Eretria, Kyle me encara. “Eu vou acabar com a sua raça, Nash, seu filho da puta!”, grita.

“Kyle, para”, Eretria grita.

“Seu filho da puta!”, Kyle grita de novo.

“Para com isso, Ky”, Eretria grita mais alto.

Ela começa a empurrar Kyle para fora do quarto. Ele é grande para que ela consiga dar conta sozinha, mas acho que tentar me aproximar agora vai fazer mais mal do que bem.

Quando a merda toda já saiu do meu quarto e está no corredor, vejo que a porta do quarto de Derek se abre. Ele e Sophie saem, olhando para nós com os olhos arregalados e cabelos bagunçados. Parece que não fui o único a ter o sexo interrompido.

“Você está transando com a minha irmã?”, Kyle rosna. “Seu mentiroso filho da puta! Você jurou! Jurou que não tinha nada rolando com ela!”

Merda. Eu jurei mesmo. Falei que não tinha rolado nada com Eretria, que ela era só minha amiga, mas nós já tínhamos transado.

“Kyle, para com isso”, ela grita para o irmão. “Me escuta!”

Ele tenta empurrá-la para longe, e eu perco a cabeça. “Para de tentar controlar a vida da sua irmã, porra”, explodo. “Ela não...”

Com uma agilidade que não deveria me surpreender, Kyle passa por Eretria e me dá um soco na cara.

“Kyle!”, Eretria grita.

Mas antes que ela possa fazer qualquer coisa, Kyle e eu já estamos socando um ao outro. Como ele está com raiva, sua força é maior do que a minha. Ele me derruba no chão, para dentro do meu quarto, e me dá outro soco. Sinto gosto de sangue na boca. Tento tirar ele de cima de mim, mas Kyle está furioso e não consigo ter uma abertura para empurrá-lo para longe.

“Eu vou acabar com a sua raça”, ele promete, e me soca de novo.

Começo a sentir dor, e sei que minha boca já está sangrando.

Antes que ele consiga me bater de novo, eu dou um soco na lateral do seu rosto e o chuto para longe de mim, conseguindo abrir a distância entre nós e dando tempo suficiente para que Derek consiga segurá-lo.

“Eu mandei você ficar longe dela”, Kyle grita para mim. “Você é um mentiroso filho da puta.”

“Sua irmã não é mais uma criança”, eu retruco, levantando do chão e limpando o sangue da boca. “E você não é o pai dela, porra. Você não pode controlar a vida dela.”

Kyle se debate nos braços de Derek, tentando se soltar. “Você não sabe nada sobre a minha irmã. Você não sabe porra nenhuma sobre o que ela passou. Você não entende porra nenhuma, Nash.”

Eretria para na frente do irmão. “Kyle, chega!”, ela ordena, sua voz sai com uma seriedade que nunca ouvi antes. “Eu não sou mais aquela garota. Por que você não consegue ver isso?”

“Porque você está fazendo péssimas escolhas de novo, Eretria. De novo essa merda. *De novo*. De todos os caras com quem você poderia dormir, tinha que ser o Nash? Você não sabe que ele vai te magoar? É isso o que ele faz com todas as garotas que conhece.”

“Cala a boca, Kyle!”, eu rosno.

“Eu estou mentindo?”, ele me desafia. “Eu tô falando alguma mentira aqui? Você não consegue parar com uma mulher, você transa mais do que respira e acha que vou deixar minha irmã caçula ser mais uma das garotas que você come e joga fora? Nem fodendo.”

“Kyle, não é seu dever me proteger”, Eretria protesta.

Ele a encara, sério. “Ah, não? Então não venha chorando para mim quando esse desgraçado partir o seu coração. Porque ele vai fazer isso, Eretria. É o que ele faz desde que eu o conheço.”

Meu sangue ferve. Eu me aproximo de Kyle pronto para bater nele, mas Eretria vira de frente para mim, protegendo Kyle.

“Não”, ela diz. “Nash, por favor. Por favor.”

“Deixa ele vir”, diz Kyle atrás dela. “Eu tô maluco pra encher a cara desse mentiroso traidor de porrada.”

Sophie puxa Eretria para longe, provavelmente percebendo que não é uma boa ideia ela estar no meio de nós dois agora. E ela estava certa, pois Kyle consegue se soltar de Derek e nós começamos a rolar no chão de novo. Mas, dessa vez, eu também bato nele. Estou exalando ódio.

Eretria não é mais uma.

Eu soco Kyle.

Mas eu não deveria ter dormido com ela quando ele me disse para ficar longe.

Kyle me soca.

Eretria é a única pessoa que me fez sentir algo, depois de tantos anos reprimindo sentimentos. Ela, sem muito esforço, me fez sentir coisas que eu achei que não conseguiria.

Eu soco Kyle.

Mas deve haver um motivo pelo qual meu amigo a protege tanto. Não é? Eu deveria ter tido mais consideração.

Kyle me soca.

E então, eu escuto um grito agudo. Um grito dolorido e estridente que faz com que Kyle e eu paremos de brigar.

“Parem”, Eretria implora. Ela está agachada no chão, sendo abraçada por Sophie enquanto chora.

Nós ficamos em silêncio. Todo o barulho que escuto é o choro de Eretria. É um choro com tanta tristeza que faz meu coração doer. Doer de verdade. Nunca a vi chorando antes. Não sei como reagir. Não sei o que fazer. E, pelo visto, Kyle também não.

“Talvez seja melhor levar ela para casa”, sugere Sophie.

“Eu levo”, Kyle oferece.

“Não”, Eretria protesta.

Kyle se aproxima da irmã, agachando no chão. “Tria, vamos”, ele pede, carinhosamente.

“Não.” Ela limpa as lágrimas e encara o irmão. “Para de mandar em mim. Eu quero que você saia.”

Ele nega com a cabeça. “Você não vai me afastar de novo.”

Eretria chora mais. “Eu não te afastei. Eu estava implorando por ajuda enquanto você me empurrava para dentro dessa maldita bolha, onde você acha que é algum tipo de herói.” Ela empurra Kyle. “Eu quero que você saia.”

Vejo quando os olhos verdes de Kyle começam a se encher de lágrimas. “Tria, por favor...”

“Eu não quero falar com você agora. Só... vai embora, por favor.”

Derek segura os ombros de Kyle. “Vamos, cara. Depois vocês conversam.”

Kyle olha para Eretria, mas ela está irredutível. Então, ele faz o que ela pediu e vai embora, com Derek logo atrás dele. Sophie cochicha alguma coisa no ouvido da amiga, mas Eretria faz que não com a cabeça e Sophie sai do meu quarto logo em seguida.

Quando ficamos sozinhos de novo, Eretria desmorona. Ela se encolhe inteira, abraçando os próprios joelhos, chorando. Corro para fechar a porta do meu quarto e depois vou até ela.

Meu peito dói e a adrenalina da briga de minutos antes dá lugar a uma preocupação que me dilacera. Não aguento vê-la chorando. Posso aguentar as coisas que ela me diz, posso aguentar que me chame de canalha e de covarde, posso aguentar vê-la com outro, mas não aguento vê-la chorar. Simplesmente não aguento.

“Amor, me perdoa”, eu suplico. “Não queria ter perdido a cabeça.”

“Eu tô tão cansada dessa merda”, ela choramanga.

Eu a pego no colo, tirando-a do chão, e a levo até a minha cama. Coloco-a deitada e me sento na beirada do colchão, escutando-a chorar. Afasto uma mecha do seu cabelo, colocando atrás da sua orelha.

“Eu sei que recusei a sua ajuda uma vez, mas... se você quiser me contar o que aconteceu, então talvez eu consiga ajudar.”

Eretria se senta, ajeitando o lençol que ainda cobre seu corpo nu, e olha para mim. Seus olhos verdes estão vermelhos e as lágrimas correm por suas bochechas desenfreadamente. Ela está magoada como eu nunca a vi antes. “Você realmente quer saber?”

Faço que sim com a cabeça.

Ela exala. “Meu ex namorado me drogou e quase me matou.”

Meu coração para. Juro. Ele realmente para. Talvez meu corpo tenha entrado em curto, pois não sinto ar nos pulmões também.

Encaro Eretria enquanto tento processar a informação. “Como...” Limpo a garganta. “Como isso aconteceu?”

ERETRIA

“Lucas era mais velho que eu. Ele já tinha terminado a escola e nós nos conhecemos na festa de aniversário da Keila, minha amiga da escola. Eu era uma garota diferente naquela época. Quer dizer, eu sabia que chamava atenção dos homens, mas nunca usei isso a meu favor como uso hoje. Eu nunca entraria no quarto de um cara e faria o que fiz hoje com você. Enfim, eu era uma garota diferente. E fiquei encantada por Lucas. Ele tinha todo aquele estilo de *bad boy* dos filmes e foi o primeiro cara que me fez sentir alguma coisa diferente.”

“Kyle o conhecia?”, Nash pergunta.

Faço que não. “Eles não tinham nenhum amigo em comum. E Kyle não ficou sabendo sobre Lucas até que a coisa ficasse séria entre nós. Quando eu o levei para conhecer a minha família, eles não aprovaram o nosso relacionamento. Falaram que Lucas não era uma boa companhia e várias outras coisas das quais não me lembro mais. Então, eu fingi que tinha terminado tudo com ele, mas nós continuamos nos vendo em segredo. O que eu não sabia, no entanto, era que Lucas era traficante de drogas.”

Os olhos cinzentos de Nash se arregalam.

“Eu descobri um dia, por acaso, quando apareci na casa dele de surpresa, ele tinha acabado de receber um carregamento. Ele traficava nas universidades, em festas, principalmente. Metanfetamina, maconha, heroína, cocaína... Enfim, eu não sabia e fiquei louca quando descobri. Ele prometeu que iria parar, que estava tentando sair do negócio, que só precisava fazer isso mais algumas vezes para pagar uma dívida com os caras que eram maiores que ele. E eu acreditei.” Começo a rir da minha própria inocência. “Acreditei porque estava cegamente apaixonada pelo desgraçado. Eu estava sempre perguntando quando o dia de ele parar finalmente chegaria e ele sempre me dizendo que faltava pouco.”

Respiro fundo.

“Um dia, ele me disse que o dia finalmente tinha chegado, que ele só precisava fazer uma última coisa e então a dívida estaria paga. Eu me lembro

que fiquei tão feliz. Quer dizer, na minha cabeça, Lucas sairia desse mundo, encontraria um bom emprego e o amor dele por mim o tornaria uma pessoa melhor. Meu Deus, eu fui tão idiota. Tão idiota. E quando ele disse que precisava da minha ajuda para esse último trabalho, eu disse que faria o possível para ajudar.”

Nash engole em seco. “O que ele queria que você fizesse?”

“Ele queria que eu fosse mula. Mula de drogas, sabe?”, pergunto, e Nash confirma com a cabeça. “Tudo o que eu precisava fazer era engolir alguns saquinhos com cocaína, ir com ele para o México por alguns dias, deixar a droga lá e pronto. Ele estaria livre.”

Não consigo decifrar a expressão de Nash nesse momento. Ele parece atordoado. Quase como se não conseguisse processar a história. “E você fez?”

Nego com a cabeça. “Eu amarelei em cima da hora. Lucas ficou maluco de raiva, disse que eu estava estragando tudo, que eu estava arruinando o nosso relacionamento e a chance dele de escapar. Mesmo assim, eu falei que não faria. Eu estava com medo de morrer. Se um saquinho daqueles explodisse dentro do meu corpo, já era.” Nash confirma com a cabeça, mas não diz nada. Continuo: “Ele ficou transtornado. Acho que estava tudo arranjado, já tinha gente esperando a droga lá no México e eu arruinei o esquema todo. Ele tentou me convencer, disse que se eu ingerisse os saquinhos estando chapada seria mais fácil. Então ele... ele me drogou a força. Não sei com o que. Cocaína, talvez? Não tenho certeza. Sei que ele me espetou com alguma coisa e, minutos depois, nada mais fazia sentido. Não lembro direito o que aconteceu depois disso. Sei que comecei a passar muito mal. Muito mal mesmo. Então ele me largou em um beco e me deixou lá para morrer.”

Nash cerra os punhos com tanta força que seus dedos estalam.

“Foi Kyle quem me encontrou. Eu não sabia para quem ligar, não sabia o que fazer. Eu estava muito drogada, não conseguia ficar em pé e não sabia onde eu estava.” Olho para o teto para tentar não chorar de novo. “Quando Kyle me encontrou, ele perdeu a cabeça. A próxima coisa que me lembro foi acordar no hospital. Kyle estava em estado de choque e completamente paranoico, achando que Lucas iria aparecer a qualquer momento para tentar me levar.”

“E o que aconteceu com o filho da puta?”

“Alguns meses depois, eu descobri que ele tinha morrido. Não sei

detalhes, mas sei que levou dois tiros. Foi quando eu entendi que ele nunca teve a intenção de sair do tráfico. Ele só queria uma garota idiota para ser um peão.” Limpo as lágrimas teimosas. “Kyle ficou superprotetor comigo desde então. Eu entendo. De verdade. Mas eu não precisava de ninguém relembrando constantemente o que aconteceu comigo. Eu só... Merda, eu só queria que ele visse que eu mudei. Eu me esforcei tanto. Eu tentei ser responsável depois disso. Nunca mais fui para festas, passava todo o meu tempo livre estudando, estava sempre em casa, mas, mesmo assim, ele não via isso. Ele só via a namorada burra do traficante de drogas.”

Começo a chorar compulsivamente de novo. Nash limpa as minhas lágrimas, olhando para mim com carinho, mas também com raiva. Não sei se de mim e do que eu fiz comigo mesma ou se de Lucas. Talvez ambos.

“Kyle não me enxerga. Ele não via que eu estava me esforçando para melhorar, para que ele e meus pais confiassem em mim de novo. Mas quando entendi que isso não iria acontecer, mudei da água para o vinho. Deixei de me importar com o que pensam de mim, já que nada estava mudando a opinião deles de qualquer jeito.” Respiro fundo. “Eu não sou assim porque escondo aquela garota ingênua. Eu sou assim porque eu aprendi uma lição, cresci com ela e me transformei na mulher que sempre deveria ter sido. Se eu fosse metade da mulher que sou hoje naquela época, não teria quase morrido.”

Nash afasta o meu cabelo, segura meu rosto entre suas mãos enormes e afasta as lágrimas com os polegares, aproveitando para fazer carinho nas minhas bochechas. “Sinto muito, linda. Sinto muito que isso tenha acontecido com você. Imagino o desespero que Kyle deve ter sentido quando te encontrou. E também a raiva que ele devia estar sentindo do filho da puta que fez isso com você.”

“Eu só quero deixar isso para trás. Foi uma merda, eu fiquei assustada e... e acho que a minha ingenuidade e inocência foram tiradas de mim a força naquele dia. Mas, de qualquer forma, essa história não define quem eu sou; não define a minha vida, e, ao contrário do que Kyle pensa, não quer dizer que sempre vou fazer escolhas ruins.”

Nash solta um suspiro pesado. “Eu sou uma escolha ruim, linda. Kyle provavelmente está certo de achar que vou magoar você. Eu já fiz isso, inclusive.”

“Você se lembra do nosso trato?”, pergunto. Quando Nash confirma com a cabeça, continuo: “Nós acordamos que conversaríamos se algo

mudasse, certo? Bom, algo mudou.”

“O quê?”

Reúno coragem. “Meus sentimentos por você mudaram. Eu não queria, mas não consegui impedir também.” Suspiro, e seguro uma das mãos de Nash entre as minhas. “Eu estou apaixonada por você, Christopher, e me assusta porque eu sei que você vai me magoar. É o que nós fazemos, não é? Nós machucamos e afastamos os outros para que não vejam quem somos de verdade. Talvez não tão fortes, não tão foda-se o mundo. Mas eu estou cansada de lutar contra isso, é exaustivo.”

Nash olha para baixo e fecha os olhos por um instante.

Não sei o que esperar. Na verdade, nem sei se eu deveria esperar alguma coisa. Todas as vezes que expus minimamente meus sentimentos para Nash, ele foi um babaca. E agora, eu não só expus meus sentimentos, como abri meu coração para ele.

Quando Nash volta a olhar para mim, seus lindos olhos cinzentos estão marejados. “Eu não consigo fazer isso, gata. Você é a garota mais incrível que eu já conheci, e você merece um cara que mova céu e terra por você, que congele o inferno se isso for o que você precisa.” Nash engole em seco. “Eu não sou esse cara. Eu não sei ser esse cara, Tria. Eu não vou ser.”

Eretria solta a minha mão e segura meu rosto. “Você pediu uma chance para mim, mas por que você não me dá uma chance? Vamos ver o que acontece. Só... não pegue de mim o que você não precisar.”

Nash enfia a mão nos meus cabelos e gruda as nossas testas. “Eu não sei o que você viu em mim”, ele sussurra.

“Provavelmente o que você ainda não viu em si mesmo.”

Ele sorri sem mostrar os dentes. “Você sempre tem uma resposta pra tudo?”

Agora é minha vez de sorrir. “Sempre.”

Separo nossas testas e olho para Nash. Finalmente reparo que o seu lábio está cortado e um hematoma ao redor do olho direito começa a aparecer.

“Está doendo?”, pergunto, passando os dedos pelo machucado.

“Um pouco”, admite. “Mas eu mereci. Fui atrás de você no meu aniversário porque estava maluco pra ficar com você. Quebrei o Bro Code.”

“Kyle não deveria tomar decisões por mim. Eu quis transar com você. Ninguém me forçou a isso. Eu tinha total consciência do que estava fazendo.”

“Merda, ainda tô te devendo um orgasmo.”

Começo a rir. “Está mesmo. Se você não tivesse tentando me torturar, eu

teria tido o meu orgasmo.”

“Isso significa que vamos nos encontrar de novo para terminar isso.” Nash sorri. “Mas preciso tentar acertar as coisas com Kyle. Posso ser um canalha, mas tudo tem limite.”

Eu o encaro. “Christopher Nash conhece a palavra limite?”

“Mais ou menos. Ela aparece no meu vocabulário de vez em quando.”

Dou uma risadinha. “Você pode me levar em casa?”

Ele faz que sim com a cabeça.

Levanto da cama e me visto em dez segundos, considerando que só tenho que colocar o sobretudo e as botas.

“E a calcinha?”, Nash me pergunta, com um sorriso lascivo.

“Fique com ela”, digo. “Uma lembrança.”

Ele ri. “Você é maluca.”

“E qual a graça em ser normal?”

“É verdade. Normalidade não tem muita graça.”

Nash também troca de roupa antes de sairmos do seu quarto. A casa está silenciosa. Não faço a menor ideia de onde está Kyle, Sophie ou Derek, e, se estão em casa, não me dou ao trabalho de me despedir. Não quero encontrar Kyle agora.

Sei que vou precisar conversar com o meu irmão eventualmente, mas não consigo lidar com tanta coisa assim de uma vez só. Preciso de um tempo.

Em silêncio, Nash dirige até Durham. Fico olhando pela janela e revirando os últimos acontecimentos na minha cabeça. Penso na minha conversa com Nash e no que ela significa. Ele não me disse não, mas também não me disse sim. Então, o que somos agora?

Talvez eu devesse perguntar, mas confesso que estou com medo de tocar no assunto novamente e arruinar o primeiro momento realmente bom e sincero que tivemos.

Também penso no que aconteceu na noite em que Lucas me deixou para morrer. Demorei para entender que todas as vezes que ele disse que me amava, ele estava mentindo. Sofri feito uma condenada, chorei até desidratar e me culpei pelo que aconteceu. Mas, quando decidi seguir em frente, nunca mais parei para realmente pensar nele. Até hoje.

Acho que realmente amei Lucas, mas acho que nunca conheci o que é realmente o amor de um homem por uma mulher, já que ele nunca me amou de volta. Amei sozinha, e quase perdi a vida por isso.

Quando Nash estaciona a Range Rover na entrada da Bassett House, eu

tiro o cinto de segurança e olho para ele. “Obrigada. Pela carona e por todo o resto. Cuide desses machucados, tá bom?”

“Não se preocupe comigo, gata.” Ele sorri. “Você vai ficar bem?”

“Eu sempre fico”, digo. “E você?”

“O mesmo.”

Abro a porta do carro. “Dirija com cuidado.”

Ele assente, abrindo um meio sorriso.

Eu saio do carro, ignorando a vontade de perguntar sobre nós. Por fim, acabo não perguntando. Fico olhando até que o Rover saia do meu campo de visão, e só depois entro na Bassett House.

22.

NASH

Kyle é a última pessoa que eu quero ver hoje, mas é bem a pessoa que eu encontro assim que entro em casa depois de deixar Eretria na Bassett House.

Ele está sentado no sofá, em silêncio. A televisão não está ligada, ele não está mexendo no celular — nada, o que me leva a crer que ele estava me esperando.

Ótimo.

Se a gente sair na porrada na sala, vamos quebrar pelo menos meia dúzia de móveis.

Suspiro. “Se você vai me bater de novo, é melhor acabar logo com isso”, digo, deixando meu celular e a chave do carro em cima da mesinha de centro da sala.

“Você levou ela em casa?”, ele pergunta.

“Sim.”

Kyle levanta do sofá e me encara. Nunca o vi tão sério antes. Preferiria que ele me batesse a ter de ficar olhando para ele me encarando desse jeito. Mas não deixo de notar o olho roxo e o supercílio inchado. Acho que nunca briguei desse jeito com nenhum dos meus amigos. Pelo menos, não os que são realmente próximos a mim.

“Me desculpa”, eu digo, quebrando o silêncio. “Eu deveria ter te contado. E eu planejava fazer isso depois dos playoffs. Não era pra você descobrir desse jeito.”

Ele assente. “Ela te contou sobre o Lucas?”

Confirmo com a cabeça.

“Acho que todas as garotas da Duke não foram suficientes para o fodão Christopher Nash. Não podia sobrar uma garota fora da sua lista.”

“Você quer me ofender? Me atacar? Vai em frente. Mas você não sabe porra nenhuma sobre Eretria e eu.”

Kyle ri com escárnio. “O que? Vai me dizer que você tá apaixonado por ela ou coisa assim? Logo você, que come todo mundo e sente o maior orgulho disso?” Ele dá um passo na minha direção. “Fala, Nash, você tá apaixonado por ela?”

“Não é da sua conta. A única pessoa que precisa saber disso é Eretria.”

“E ela sabe? Você disse para ela?”

Quando não digo nada, Kyle entende perfeitamente a minha resposta sem que eu precise colocar em palavras.

“Foi o que eu pensei.” Kyle fecha os punhos, respirando fundo. “Eu quero mandar você ficar longe dela, mas eu não posso fazer isso. Então, eu vou pedir... Se você não consegue amá-la, então termina essa merda antes que você a destrua.”

“Você não conhece a sua irmã. Ela é a pessoa mais forte que eu conheço.”

Kyle concorda. “Ela é. Mas até as pessoas fortes quebram quando são magoadas demais.”

E sem dizer mais nada, Kyle sobe as escadas, me deixando sozinho na sala. A última frase que ele disse pairando sobre a minha cabeça como se fosse uma foice.

* * *

No dia seguinte, o time está treinando uns arremessos quando o Burke entra no ginásio. Ele está carregando uma prancheta, provavelmente com as nossas estatísticas dos últimos jogos. Como sempre, nós nos reunimos ao redor dele para aguardar as instruções para o treino de hoje.

“Eu estava analisando os números e...” Ele para de falar subitamente quando olha para mim. “Mas que merda é essa?”, ele rosna. Seus olhos estão em chamas enquanto correm pelos outros jogadores, e quando vê que Kyle também está machucado, Burke joga a prancheta no chão. O barulho reverbera por toda a quadra. “Vocês dois estão de brincadeira com a minha cara? Nós temos um jogo depois de amanhã e dois dos meus titulares vão aparecer com hematomas na cara? Por quê?”

“Nash estava transando com a minha irmã”, Kyle conta. “Eu descobri, e o resto é bem óbvio.”

Consigo ver a surpresa nos olhos dos caras, mas ninguém solta um piu.

Burke me lança um olhar mordaz. Se seus olhos fossem capazes de matar alguém, eu estaria morto agora. “Você não consegue deixar o seu pau dentro dessa calça?”

“Aparentemente não”, eu respondo, insolente.

“Você quer ficar de gracinha comigo, Nash? O seu comportamento pode nos custar os playoffs. Quantas vezes eu vou ter que dizer isso? Não importa o quanto vocês queiram ganhar a conferência, os problemas pessoais influenciam o jogo de vocês em quadra. Quantas vezes eu vou ter que explicar isso?”

Ninguém fala nada.

“Nós estamos quase lá. A conferência está quase acabando. Depois vem os playoffs. Vocês vão jogar tudo para o alto por causa de brigas? *De novo?*” Burke nos encara, furioso. “A partir de hoje, eu tô declarando celibato. Vocês estão proibidos de transar até o final dos playoffs.”

O silêncio que sempre mantemos quando Burke está falando? Desaparece. Os caras começam a protestar, falando uns por cima dos outros.

“Pelo amor de Deus, treinador. Vamos perder a cabeça”, assegura Derek. “Eu voltei com a minha namorada não tem nem um mês. Tô na melhor fase de sexo.”

“Vocês não vão perder a cabeça”, garante Burke. “Vão ficar mais agressivos na quadra, no máximo. E talvez possamos usar isso a nosso favor.”

Kyle nega com a cabeça. “Isso não é justo. Só porque o Nash não consegue se controlar, nós todos temos que pagar o preço?”

Cerro os punhos.

“Nem pense nisso”, Burke aponta o dedo para mim. Ele conhece muito bem nossa linguagem corporal. “E eu já cansei de falar que vocês são um time. Ganham junto, perdem juntos, pagam pelos erros dos outros juntos. Por que vocês acham que todos fazem suicídio mesmo que só um jogador jogue mal? Porque vocês são a porcaria de um time, e enquanto não começarem a agir como um, dentro e fora da quadra, sexo tá proibido. E não se enganem, eu tenho olhos e ouvidos em todos os lugares. Quem eu pegar transando, vai ser suspenso.”

Meus amigos me olham como se fossem me matar. Ótimo. Era tudo o que eu precisava agora.

“Comecem com cem flexões de braço para aquecer”, ordena Burke. O

grupo começa a se dispersar, murmurando protestos. Mas antes que eu possa ir longe, Burke me impede. “Nash, você não. Quero falar com você um minuto.”

Respiro fundo, caminhando de volta para onde Burke está parado. “Me desculpa, tá legal?”, me antecipo. “Não era para acontecer desse jeito.”

Burke suspira. “Filho, me ouça. Você é um excelente Ala-Armador. *Excelente*. E sei que se inscreveu no *draft*, e acredite quando eu digo que vai haver times brigando por você, mas não se engane. Antes de quererem um contrato com você, eles vão olhar não só o seu histórico acadêmico, mas o seu histórico comportamental. Nenhum time da liga quer um jogador problema. Se você não tomar jeito, sua carreira na NBA vai ser bem curta.” Burke coloca a mão no meu ombro. “Dá tempo de mudar isso, filho.”

Respiro fundo mais uma vez, e concordo com a cabeça. “Obrigado, treinador.”

“Agora vá fazer as flexões.”

Fico um pouco distante dos meus amigos. Está claro que eu não sou a pessoa favorita deles nesse momento. Não posso culpar os caras porque se eu estivesse no lugar deles, também ficaria com raiva.

Uso as flexões de braço para extravasar a minha própria raiva.

Não sei se sinto mais raiva de Kyle pelas coisas que ele joga na minha cara ou se sinto mais raiva de mim mesmo, por colocar meus amigos nessa situação. Talvez eu também esteja com raiva porque sei que vou precisar terminar seja lá o que Eretria e eu temos.

Kyle me disse que se eu não pudesse amá-la, então eu deveria deixá-la antes de destruí-la. E agora, parece que tenho que deixá-la para não destruir o meu futuro também.

23.

ERETRIA

Minha cabeça está explodindo. A aula de legislação destruiu o meu cérebro hoje. Tudo o que quero... não, tudo o que eu *necessito* é me jogar na minha cama e tirar uma soneca. Sophie foi para o trabalho e Savannah disse que só voltaria para casa à noite hoje, então eu vou ter o quarto inteiro para mim. No entanto, meus planos são massacrados quando vejo Kyle sentado na entrada na Bassett House, me esperando.

Tenho ignorado ele desde ontem. Não sei exatamente o porquê. Estou chateada que ele tenha dado uma de Incrível Hulk para me defender, como se Nash estivesse me forçando a alguma coisa. Como se a culpa fosse inteira de Nash, mas não é. Eu aceitei transar com ele sabendo o que Kyle pensaria sobre isso. A culpa é tão minha quanto é dele.

Não, na verdade. Ninguém tem culpa de nada. A vida é minha, eu sou perfeitamente capaz de tomar as minhas próprias decisões. Não vou pedir desculpas por isso.

Meu irmão levanta do chão assim que vê eu me aproximando. Ele parece cansado, mas não estou muito diferente. Não dormi direito, estou lotada de trabalhos para fazer e a confusão de ontem não ajudou em nada.

“Oi”, diz. “Podemos conversar?”

Suspiro. “Eu não quero mais brigar, Kyle. Eu tô farta disso. Será que você não percebe que só está me afastando mais e mais de você?”

Agora é ele quem suspira. “Vamos conversar lá dentro, por favor.”

Respiro fundo, mas concordo com a cabeça.

Seguimos o caminho até o meu quarto em silêncio. Algumas garotas passam por nós e as vejo cochichando alguma coisa. Sei que é por conta do meu irmão. Todo mundo sabe quem é Kyle Kinsley, e sei que as garotas acham meu irmão maravilhoso. Suponho que elas estejam certas. Meu irmão

é mesmo maravilhoso, em vários aspectos, mesmo quando está sendo um pé no saco, mesmo tendo todos os motivos do mundo.

Entramos no meu quarto e o silêncio permanece. Kyle localiza a Turtle em cima de uma das camas, deduz que é a minha e se senta. Ele dá um sorriso tênue, pegando a pelúcia nas mãos brevemente, antes de colocá-la de volta no lugar, perto do meu travesseiro.

“Queria me desculpar”, ele finalmente quebra o silêncio. “Nash mentiu pra mim. Eu perguntei se tinha alguma coisa acontecendo entre vocês e ele jurou que não, então eu pego vocês dois na cama e...” Kyle passa a mão pelos cabelos. “Eu perdi a cabeça. Foi errado, mas não posso mudar o que aconteceu.”

“Eu também não posso mudar o que aconteceu comigo, Kyle. Você quer me proteger para que eu não sofra, mas adivinha só, o sofrimento está em todos os lugares. Faz parte de estar vivo. O dia que paramos de sofrer, é o dia que morremos. Até lá, a vida será composta de sofrimento e de alegrias. Você não pode querer me privar da parte ruim porque isso é impossível. As pessoas dão valor as partes boas porque as partes ruins existem.”

Ele concorda com a cabeça. “Eu sei. É só que... Você estava morrendo, Tria. Quando eu te encontrei, você nem conseguia respirar direito. Eu... eu entrei em pânico. Eu pensei que perderia você, que você iria morrer nos meus braços, naquele beco, e alguma coisa dentro de mim quebrou.” Kyle exala, se segurando pra não chorar. “Eu não prestei atenção o suficiente. Eu deveria ter prestado mais atenção em você; deveria ter perguntado mais vezes se você estava bem; deveria ter dito que você podia confiar em mim pra me contar o que estava errado. Mas eu não fiz nenhuma dessas coisas, então, quando você saiu do hospital, eu prometi pra mim mesmo que...”

“... que você ia fazer tudo o que você não fez para me proteger antes”, eu termino por ele, *finalmente* entendendo.

Kyle concorda com a cabeça.

Eu me sento ao seu lado na minha cama e o abraço. Kyle enterra o rosto no meu cabelo e começa a chorar. “Eu sinto muito, Tria. Me desculpa.”

Engulo o nó na minha garganta. “Tudo bem.” Minha voz falha porque eu estou por um triz de chorar também. “Eu entendo agora. Eu sinto muito ter assustado você, Ky. Mas, olha para mim”, peço, puxando sua cabeça para que me olhe. E ele obedece. “Eu não sou mais aquela garota. Não sei mais como te dizer isso. Você precisa confiar em mim. Não sou perfeita, e nunca vou ser. Eu vou cometer incontáveis erros, Ky. Muitos mesmo. E você precisa me

deixar cometê-los porque é assim que vou aprender, é assim que vou crescer. Você tem que deixar que eu viva a minha vida e tome minhas próprias decisões.” Eu o encaro. “Você consegue fazer isso?”

Ele faz que sim. “Consigo. Consigo sim.”

Respiro aliviada. “Chega de tentar me controlar, chega de me dizer o que fazer e chega de me dizer com quem eu posso ou não transar.”

Ele faz uma careta.

“Kyle”, insisto.

“Tá bom. Não vou me meter mais, mas você tem de me prometer que *nunca mais* vai deixar as coisas chegarem àquele ponto. Se algo estiver errado, você vai me ligar e vai me contar. Preciso que seja honesta comigo, Eretria.”

Concordo. “Posso fazer isso.”

“Não posso perder você. Você é minha irmãzinha.”

Sorrio. “Você não vai me perder. Até parece. Tenho muitos anos para fazer da sua vida um inferno.”

Ele dá risada. “Deus me ajude.”

Deito a cabeça no ombro de Kyle e ele me envolve com o braço, me puxando para mais perto de si. “Eu te amo, irmãozão.”

“Eu também te amo, minha elfo.”

Me afasto dele, empurrando-o. “Nossa, você *destruiu* o nosso momento, Kyle! Puta merda!”

Ele gargalha, jogando a cabeça para trás. “Não dava para perder. Foi mal.”

“Foi péssimo.” Reviro os olhos. “Passei muitos anos da minha vida sendo chamada assim. Me dá calafrios só de pensar.”

Meu irmão continua rindo.

“Você ri porque, de alguma forma, saiu ileso dessa obsessão do papai e da mamãe.”

“Acho que eles queriam uma princesinha.” Ele dá de ombros. “Tive minha cota de orelhas de elfo também, não se engane.”

É verdade. Kyle também tem algumas fotos élficas, mas, quando comparado as minhas, não chega nem perto.

“Preciso te perguntar uma coisa”, anuncio.

Kyle sorri. “Já estou gostando dessa nova relação entre nós.” Ele se ajeita na cama. “Manda a ver.”

Hesito por um momento. “Você disse alguma coisa para o Nash? Algo

como ‘deixe o pau longe da minha irmã’ ou coisa assim?”

Kyle solta um grunhido. “Nem me fala desse cara. Por causa dele, Burke decretou celibato.”

Franzo o cenho. “Como assim?”

“Nash está sempre se metendo em confusão, principalmente por causa de mulher. Ano passado perdemos a conferência porque um dos nossos jogadores estava mais preocupado em matar Nash por ter transado com a namorada dele do que prestar atenção na merda do jogo. Depois, teve o Derek brigando com o Montgomery por causa da Sophie, o que foi totalmente justificável, mas a NCAA não quer saber de nada disso. E agora, eu e Nash aparecemos com olhos roxos no treino. Burke ficou uma fera e ordenou que mantivéssemos nossos paus dentro da calça até o final dos playoffs.”

“Burke decretou celibato para quinze jogadores de basquete? Ele está tentando matar vocês?”

Kyle dá de ombros. “Quem é que sabe? O que eu sei é que o time está culpando Nash por isso. Mas, respondendo à sua pergunta, eu não mandei que ele ficasse longe de você ou coisa assim, embora tivesse tido vontade. Mas disse a ele que se ele não fosse capaz de amar você, que terminasse isso.”

Será que é por isso que Nash está me evitando?

“Tria, eu posso estar morrendo de raiva de Nash agora, mas ele ainda é meu amigo e eu o conheço. Não tô dizendo que ele é incapaz de gostar de alguém, mas estou dizendo que isso é muito difícil. Nash não é monogâmico. Você deveria se afastar enquanto ainda não está tão apegada.”

“Tarde demais para isso.” Suspiro. “Eu tô apaixonada por ele, Ky. Nós estamos nesse vai e volta desde o aniversário dele, que foi quando transamos a primeira vez”, revelo. “E já que estamos nessa onda de honestidade, quando você bateu na janela do carro dele, no estacionamento do Holme’s, era comigo que ele estava.”

“Vocês estão transando desde novembro?”, Kyle pergunta, incrédulo.

“Só transamos essas duas vezes. Quer dizer, transar mesmo só no aniversário dele. No dia do carro, você cortou todo o clima. Obrigada por isso, a propósito”, digo, sarcástica. “E nem me deixe começar a falar sobre ontem. Eu estava quase lá, Ky.”

Kyle me lança um olhar mordaz.

“Não”, repreendo. “Você prometeu. Nada de controlar. E você pediu

honestidade. Agora aguenta.”

“Já estou me arrependendo.”

Dou risada. “É uma pena, maninho.”

Kyle solta um suspiro. Alto. “Ele vai magoar você, Tria.”

“Provavelmente”, concordo. “Mas ele não será o primeiro e possivelmente nem o último a fazer isso, Ky. Se Nash tiver que partir o meu coração, então que seja, mas eu preciso dar uma chance ao que temos antes que simplesmente desistir.”

Ele me analisa. “E o que é que vocês têm?”

“Não sei direito, mas é forte. Eu nunca senti isso antes. E... eu não sei, me chame de apaixonada, se quiser, mas eu acho que ele sente algo por mim também. Ele não admite, e quando o confrontei, ele recuou, mas tem algo lá, Ky. Eu consigo sentir.”

Meu irmão solta um gemido. “Quero deixar bem claro que eu não gosto disso. Nem um pouco. Mas... Merda, Eretria, por quê?”

Rio de novo. “Acredite, eu não planejei isso.”

Kyle bufa. “Tá. Não gosto, mas não vou entrar no seu caminho. Mas não gosto *nem um pouco* disso.”

“Obrigada.” Sorrio. “Ah, e me prometa que você não vai contar nada ao papai.”

Meu irmão faz uma cara de quem tem culpa no cartório.

“Você já contou para eles?”, eu pergunto, incrédula. “Tá de brincadeira comigo?”

“Foi mal. Foi antes do nosso acordo. Eu ainda estava controlando sua vida. Você vai ter que relevar.”

Bufo, irritada. “Você vai me ajudar a lidar com eles.”

“Estamos do mesmo lado agora.”

“Eu espero que sim.”

“Nós estamos”, ele garante. “Senti sua falta, pequena.”

Eu o empurro de brincadeira. “Também senti sua falta.”

E senti mesmo.

A vida é engraçada. Foi preciso toda aquela confusão para que Kyle e eu finalmente pudéssemos sentar, conversar e nos acertarmos.

Agora, parece que tenho só mais um assunto para resolver. Ele tem nome e sobrenome, e os olhos cinzentos mais bonitos que eu já vi.

24.

NASH

Burke optou por me deixar no banco.

Nos últimos dias, ficou claro que eu e o time não estamos no nosso melhor momento, e o entrosamento em quadra é essencial para o bom andamento do jogo. Entendo isso, mas não torna mais fácil ficar no banco.

Com exceção de Friends, todos os caras estão putos comigo. Sei que Burke pegou pesado, mas pensei que as coisas estariam um pouco melhores agora. No entanto, parece que quanto mais os dias passam, pior fica.

Tem uma semana que Kyle descobriu sobre mim e Eretria. Também faz uma semana que eu a estou ignorando. Não sei o que dizer a ela. Não sei nem como lidar com essa situação toda. Só consigo pensar que estou me prejudicando no basquete, consequentemente prejudicando o meu futuro, e não sei como reverter isso.

Fico ainda mais desesperado porque o time parece ir bem no jogo sem mim. Nenhum jogador quer se sentir substituível. Mas, pelo menos, estamos ganhando com uma boa vantagem, e considerando que a conferência está quase no fim, isso é muito bom. Se as coisas seguirem como o planejado, vamos ganhar a conferência, ir para os playoffs, chegar na Final Four e vencer.

Está claro para mim que preciso me acertar com meus amigos, e rápido. Não só porque quero estar na quadra para os jogos importantes, mas também porque o clima em casa está uma bela merda.

Bufo, irritado.

Odeio ficar no banco. Odeio de verdade. Meu corpo está com muita energia reprimida. Não posso transar, não tenho saído para beber para não correr o risco de transar, e bater uma todos os dias não está sendo mais suficiente. Estou tenso dos pés à cabeça. Quase como uma bomba relógio.

E no meio de tudo isso, tento não pensar em Eretria. Pensar nela implica pensar que preciso conversar com ela e dizer que acabou. Não sei se consigo fazer isso. À essa altura, acho que é meio óbvio até para a minha teimosia que eu estou apaixonado por ela. Não sei o que fazer com esse sentimento, não sei lidar com isso.

Passo os últimos minutos do segundo período com a cabeça baixa, pensando em tudo e em nada ao mesmo tempo. E quando a partida acaba, eu escuto a comemoração dos meus amigos, mas não me junto a eles.

Já sentiu a sensação de não ser bem-vindo em algum lugar? Pois é. É exatamente assim que estou me sentindo agora. Apesar de ser uma merda, não vou ficar forçando uma situação. Quando meus amigos estiverem prontos para me desculpar, isso vai acontecer naturalmente.

Entro no vestiário, abro meu armário e pego meu celular. Vou resolver essa situação com a Eretria essa noite. Não aguento mais ficar revirando isso na minha cabeça.

Nós estamos jogando fora de casa hoje. Estamos na Virgínia, e tenho certeza que Eretria veio para o jogo. Não só porque ela nunca perde um, mas também porque sua família é daqui. Então, posso mandar uma mensagem para ela e pedir que me encontre na saída da arena. No entanto, antes que eu tenha a chance de mandar a mensagem, noto que tenho dez ligações perdidas de um número que não conheço. Dez é um número bem alarmante, então não hesito em retornar à ligação.

“Hospital de Detroit, em que posso ajudar?” Uma voz feminina soa do outro lado da linha.

Hospital?

Meu corpo começa a tremer.

“Boa noite. Meu nome é Christopher Nash, eu recebi dez ligações desse número na última hora. O que tá acontecendo?”

“Só um minuto, senhor. Eu vou verificar.”

Eu espero, angustiado.

“O senhor é parente de George Nash?”

Sento no banco do vestiário. O ar sumiu dos meus pulmões. “Ele é meu pai. O que aconteceu com ele?”

“Uma vizinha chamou uma ambulância quando ouviu um barulho estranho. Seu pai foi encontrado desacordado dentro de casa, senhor. Ele deu entrada no hospital essa noite com um quadro de anemia e desidratação. Nós ligamos porque o senhor está como contato de emergência dele.”

Os caras começam a entrar no vestiário.

Não consigo pensar. Acho que nem consigo respirar direito.

“Como ele está?”, exijo saber.

“Bem fraco. Estamos alimentando-o com sondas e ele está no soro desde que chegou”, a moça me conta. “Talvez seja melhor que o senhor venha vê-lo.”

“Vou pegar um avião. Chego em algumas horas.”

Desligo o telefone, levanto do banco e puxo a minha mala para fora do armário do vestiário. Troco de roupa depressa e enfio todas as minhas coisas dentro da mala. Faço tudo tão rápido que acabo chamando atenção dos caras.

“Nash, tá tudo bem?”, pergunta Friends, o único que realmente está falando comigo.

“Eu preciso ir.”

Friends franze o cenho. “Ir pra onde?”

“Meu pai tá no hospital. Eu tô indo pra Detroit agora.”

“Ele está bem?”, é Derek quem pergunta.

“Eu não sei.”

Babyface aparece na minha frente. “Nash, respira, cara. Calma. Tá tudo bem.”

“Não tem nada bem! Nada nessa merda está bem!”, eu explodo. “Me desculpem, tá legal? Que porra vocês querem que eu diga além disso? Desculpa por ter dormido com a sua irmã, Kyle! Desculpa por ter feito o Burke declarar essa porra de celibato! O que mais vocês querem que eu diga?”

Meus olhos estão queimando, meu corpo está tremendo e eu não sei se estou à beira das lágrimas ou à beira de um ataque de fúria. Talvez um meio termo entre uma coisa e outra.

“Não precisa dizer mais nada, cara”, garante Jeremy. “A gente tá puto, mas você ainda é nosso irmão. Irmãos brigam, certo?”

Respiro fundo, segurando as lágrimas dentro dos olhos. “Não consigo lidar com isso agora, tá legal? Só... avisem o Burke. Não sei quanto tempo vou ficar em Detroit. Mando mensagem quando souber.”

Sem dizer mais nada, eu passo pelos meus amigos a caminho da saída do vestiário. Ninguém tenta me impedir, e eu agradeço por isso. Meu coração bate rápido, eu não consigo respirar direito, e acho que estou tendo um ataque de pânico. Não posso perder meu pai. Ele é a única família que eu tenho.

Saio da arena feito um furacão. Ignoro os fãs, a galera me dando

parabéns pela vitória e até os rostos conhecidos. Ignoro todo mundo. Só quero chegar no meu carro e ir para o aeroporto. Se meu pai estiver morrendo, não quero que a nossa briga seja a última conversa que tive com ele.

“Nash”, ouço a voz de Eretria. “Espera.”

Paro. A voz dela é um alento ao mesmo tempo que é um tormento agora. Estou com coisa demais na cabeça. Não consigo lidar com tudo ao mesmo tempo.

Ela corre até mim. Seu rosto bonito analisa o meu assim que ela para na minha frente. Eretria é perspicaz, não adianta querer esconder nada dela.

“O que foi?”, ela indaga. “Aconteceu alguma coisa?”

“Meu pai tá no hospital. Eu tô indo pra lá.”

“Pra Detroit?”

Faço que sim.

“O que aconteceu com ele?”

“Eu não sei.”

Não consigo pensar direito. A mulher disse que meu pai foi encontrado desacordado em casa. Eu sabia que a coisa estava ruim, sabia que ele estava magro, que provavelmente não estava se alimentando direito, e o que foi que eu fiz? Porra nenhuma. Eu simplesmente fui embora, deixando-o para trás e, ainda por cima, se sentindo culpado por ter se esquecido do meu aniversário.

O que eu estou fazendo para ajudá-lo? Nada. Eu não fiz porra nenhuma nos últimos anos e agora posso estar perdendo ele por ter sido egoísta.

Não consigo respirar direito.

“Nash”, Eretria me chama. “O que foi?”

Estou hiperventilando, mesmo sem estar me mexendo. “Acho que estou tendo um ataque de pânico.”

Eretria se aproxima de mim e segura meu rosto entre as suas mãos. “Respira devagar.”

“Não consigo.” Meu corpo inteiro está tremendo, estou me sentindo tonto e com uma dor no peito que surgiu do nada.

Eretria fica na ponta dos pés e me beija. Seus braços envolvem o meu pescoço com firmeza, mas também com carinho. E eu me entrego, fechando os olhos. Envolver meus braços na sua cintura e a puxo para perto de mim. Ela não move os lábios, apenas os pressiona contra os meus.

Deixo que o cheiro do perfume dela penetre minhas narinas, me induzindo a um estado de calma.

Quando ela separa nossos lábios, noto que minha respiração está mais controlada, o tremor diminuiu e meu peito não dói mais. Bom, pelo menos não pelo ataque de pânico.

“Eu vi em Teen Wolf que segurar a respiração pode parar um ataque de pânico”, ela esclarece. “Parece que funciona mesmo.”

Arqueio uma sobrancelha. “Teen Wolf? Sério?”

Ela dá de ombros. “Eu gosto do Dylan O’Brien.”

Dou uma risadinha ao mesmo tempo em que afrouxo meus braços ao redor de Eretria, soltando-a.

“Me dá a chave do seu carro”, ela pede.

Franzo o cenho. “Por quê?”

“Vou te levar ao aeroporto. Você não tá em condição de dirigir agora.”

Nego com a cabeça. “Não.”

“Nash, não é hora de ser teimoso. Me deixa te ajudar.”

Faço que não de novo. “Eu tenho evitado você por um motivo, Tria.”

Ela dá um passo para trás, olhando fixamente para mim. “Você tá falando sério?”

“Me desculpa”, digo, sinceramente.

Ela fica em silêncio por um instante. “É por causa do Kyle?”, indaga.

“Não. Eu tomei a decisão sozinho”, garanto a ela.

“Então você está fugindo.” A voz dela falha. “Do que você tem tanto medo?”

Exalo, cansado. Não quero mais mentir para ela. “A minha mãe me abandonou. A única mulher que deveria me amar mais do que qualquer coisa.”

“Então é isso? Você acha que eu vou fazer a mesma coisa? Porque eu não vou.”

“Você não pode me prometer isso. Minha mãe deve ter amado meu pai um dia. Ela prometeu estar com ele na alegria e na tristeza e toda aquela merda, e pra que? Ela se mandou e nunca olhou para trás. Que porra de amor é esse? Se ela não me amou o suficiente, se meu pai não me amou o suficiente para seguir em frente e cuidar de mim como deveria ter cuidado, então como outras pessoas podem ser capazes de me amar? Se as duas pessoas mais importante na minha vida não conseguiram? Minha mãe o destruiu, Eretria. Ela era tudo para ele. E agora eu posso estar perdendo-o por causa dela. Eu não vou deixar isso acontecer comigo.”

“Então o quê? Você vai viver sem deixar que ninguém te ame? Sem

amar ninguém de volta?”, ela questiona. Como não respondo, Eretria dá um passo para frente e segura meu rosto entre as suas mãos de novo. “Olhe pra mim, Christopher.” E eu olho. “Sem mentiras, sem joguinhos, apenas eu olhando para você para dizer que amo você. Não queria, lutei contra isso o máximo que eu pude, mas não tem sentido continuar mentindo. Eu sei como é ser magoado e... talvez você esteja certo e eu realmente não possa te prometer que não vou magoar você um dia, mas... eu não vou fugir. Eu não sou a sua mãe. E se você deixar, eu vou amar você do jeito certo.”

Engulo em seco.

Eu, um completo descrente no que se refere a amor, nunca achei que essas palavras pudessem ter algum efeito em mim, mas eu estava errado. Ouvir Eretria dizendo que me ama causa uma explosão dentro do meu peito, quase como se ela tivesse descongelado meu coração. Eu o sinto bater em todos os lugares do meu corpo e não consigo colocar em palavras a sensação de leveza que estou sentindo, como se ela tivesse tirado tudo de ruim de cima dos meus ombros só pelo fato de estar aqui, parada na minha frente e dizendo que me ama com esses olhos verdes.

Pode parecer insanidade, mas parece que Eretria falou direto com meu coração. Nunca senti nada nem parecido com isso antes.

No entanto, me lembro que estou indo ver o meu pai no hospital porque uma mulher um dia disse essas mesmas palavras para ele, e ele acredito nela. E agora pode estar morrendo porque essa mesma mulher o abandonou.

Seguro os pulsos de Eretria com carinho e afasto suas mãos no meu rosto ao mesmo tempo em que ela começa a chorar. “Eu não amo você, mas eu quero que você seja feliz.”

As lágrimas correm pelas bochechas de Eretria, partindo meu coração. Preciso me esforçar para não deixar a minha tristeza transparecer. Se ela ver que estou tão destruído com isso quanto ela, sua obstinação não a deixará parar. E eu preciso que ela pare porque eu não valho a pena.

Sou Christopher Nash, o covarde mulherengo, e ela não merece isso. Eu não sei como mudar, não sei como *não* ter medo de sentir. Se eu não parar isso agora, só vou machucá-la ainda mais.

“Eu preciso ir”, digo. “Eu vou ficar em Detroit por um tempo, então você vai ter o espaço que precisa para esquecer de mim.” Forço um sorriso e inclino meu corpo para frente, dando-lhe um beijo na bochecha enquanto a escuto explodir em lágrimas.

Sem aguentar mais vê-la chorar, eu viro as costas para Eretria e entro no

carro.

Preciso sair daqui.

Cada centímetro do meu corpo está doendo quando eu começo a dirigir. Vejo Eretria pelo retrovisor central do carro, vejo quando ela enterra o rosto nas mãos e chora pela mentira que eu acabei de contar.

Até as pessoas fortes quebram quando são magoadas demais, as palavras de Kyle começam a ecoar na minha cabeça.

Bato no volante. Uma, duas, três, quatro vezes, tentando extravasar a raiva de mim mesmo. Estou deixando meu medo e meu trauma de ser abandonado ser maior do que o que sinto por ela.

Me apavora pensar em ficar com Eretria, pois sei que faria qualquer coisa por ela. Sei, por conta da atração forte que nos puxa, sempre nos levando de volta um para o outro, que o amor que posso sentir por ela seria imensurável. Mas pensar em perdê-la? E se eu ficar como o meu pai? E se deixar de ver alegria na vida? E se nada mais fizer sentido se ela não estiver junto comigo?

Eu não consigo.

É muito mais fácil ficar sem ela agora, quando nunca a tive de verdade, do que tê-la e perdê-la.

É verdade que eu não precisava dizer as coisas que eu digo quando tento afastá-la, mas talvez seja mais fácil se ela me odiar. De qualquer forma, ela não seria a única. Acho que me odeio o suficiente por nós dois.

ERETRIA

Já sentiram a sensação de que o tempo está correndo de forma errada? Ou que ficaram parados em um mesmo lugar pelo que pareceram minutos, mas na verdade foram horas? Ou vice-versa?

Estou me sentindo assim. Estou parada na frente da arena do Virginia Tech, o time com quem jogamos essa noite, e olhando para onde o carro de Nash partiu há não sei quanto tempo. P pareceram poucos minutos, mas considerando que começo a ouvir gritos de comemoração atrás de mim, sei que foi bem mais do que *poucos minutos*. Estou parada aqui há, no mínimo, quarenta minutos. Deu tempo de os garotos irem para o vestiário, tomarem banho, se arrumarem e saírem da arena. Por isso os gritos animados.

Nenhuma das meninas veio comigo hoje. Savannah está gravando sua música, Sophie está trabalhando e Brianna tinha um trabalho muito

importante para terminar. Isso significa que estou com o coração estilhaçado e nenhum apoio das minhas amigas.

Se fosse há algumas semanas, provavelmente eu não teria *nenhum* apoio nesse momento, mas quando Kyle aparece do meu lado, me olhando com olhos cuidadosos e gentis, encontro no meu irmão o apoio que eu preciso.

Basta um olhar de Kyle na minha direção para que ele saiba o porquê de eu estar chorando.

“Vem, maninha.” Ele me puxa para um abraço apertado. “Tá tudo bem.”

Meu choro, que antes eram só lágrimas rolando silenciosamente pelas minhas bochechas, agora é alto e sofrido. Basicamente, ter seu coração partido é uma merda. Ninguém está livre disso, e muitas pessoas enfrentam essa dor quase física mais vezes do que deveria ser necessário.

Abraço Kyle com força, até com certo desespero. Ele beija o alto da minha cabeça e apoia o queixo ali, me segurando em seus braços, me protegendo, me consolando.

Eu esperava que ele dissesse algo como “eu te avisei”, mas Kyle não faz isso. Ele não diz nada, na verdade. Só me escuta chorar e segura meu corpo para que eu não desmorone.

Talvez eu seja uma idiota por ter dito para Nash que eu o amo. Mas qual seria o ponto em mentir? Eu continuaria amando-o do mesmo jeito, ele sabendo ou não.

Sei que as pessoas são cautelosas com essas três palavras e, acreditem, eu também, mas nunca tive medo de dizer o que estou sentindo. Não tenho medo de amar Nash, mas tenho medo da dor que ele me causa. E está tudo entrelaçado.

Quando ele me contou sobre a sua mãe, eu finalmente entendi. Ele está com medo. Está com medo de ser abandonado de novo. As coisas fazem sentido na minha cabeça agora. E eu... merda, eu achei que se ele me ouvisse dizer que eu o amo, então seria suficiente para que ele acreditasse que não vou a lugar nenhum. Mas não foi. Talvez a ferida de Nash em torno desse assunto seja grande demais para que eu consiga fazê-la sarar.

“Ele foi embora”, eu murmuro com o rosto enterrado no peito de Kyle. “Você tinha razão.”

Kyle me solta, me empurra gentilmente para trás para me olhar, tira os fios de cabelo do meu rosto e me encara. “Eu não queria ter razão, maninha. Queria que você fosse feliz. E se Nash não percebe o quanto você é foda pra caralho, então ele é mais burro do que eu pensei.”

“Você acha mesmo?”, eu pergunto, me sentindo patética.

Odeio me sentir assim. Odeio chorar na frente das outras pessoas. Sinto meu orgulho protestando, mas não consigo parar. Merda. Não é porque sou forte normalmente que preciso ser o tempo inteiro.

“Tá de sacanagem? Você é linda, inteligente, divertida e, contra a minha vontade, sedutora. Um cara teria de ser muito tapado pra não querer ficar com você”, alega meu irmão. “E, conhecendo Nash, não me surpreende que ele seja burro pra caralho.”

Dou risada entre as lágrimas.

“Isso.” Ele abre um sorriso. “Você fica melhor dando risada. Sua cara fica estranha quando você chora.”

Bato nele, rindo de novo. “Você é muito idiota. Meu coração está partido e você tá me chamando de estranha? Que porra de consolo é esse?”

Kyle ri também. “Sou seu irmão mais velho, é meu trabalho dizer essas coisas.” Ele sorri, passando o braço forte pelos meus ombros. “Vem, vou te levar pra casa, pequena.”

Deixo que meu irmão me leve até o seu carro. Não sei sobre os outros garotos. Provavelmente foram para um bar comemorar a vitória, mas Kyle ter preferido ficar comigo ao invés de ir farrear com os amigos é algo que eu não esperaria alguns dias atrás.

Posso não ter Nash agora, e talvez nunca terei, mas ganhei meu irmão mais velho de volta.

25.

NASH

“Pai, você tem que comer. Se não comer, vou ligar para Elora e mandar que ela coloque a sonda de novo”, ameaço.

Meu pai recebeu alta do hospital dois dias depois que cheguei a Detroit. Estou cuidando dele em casa desde então, mas tem sido um inferno. Ele não facilita em absolutamente nada. Não quer comer, não quer tomar banho e só sabe me pedir pelos comprimidos, que eu escondi embaixo da tábua solta no chão do meu antigo quarto.

Ontem, quando tentei dar comida para ele, meu pai bateu no prato e derrubou tudo no chão. Depois, tentou bater em mim, mas está tão fraco que eu consegui impedi-lo de me machucar e se machucar sem nenhuma dificuldade.

“Não me ameace. Você está na minha casa, garoto.”

Solto um suspiro cansado.

Eu estou há quatro dias sem dormir direito, pois meu pai passa a madrugada gritando pelos remédios. Se ele não está gritando, está chorando. É a sinfonia do desespero.

Elora, a enfermeira que contratei para me ajudar com ele, vem dia sim e dia não, pois não temos dinheiro o suficiente para manter uma enfermeira com ele vinte e quatro horas por dia. Ou para vir todos os dias, na verdade.

“Coma”, ordeno.

“Não quero.”

Sei que ele está agindo assim porque está de abstinência. Já passei por isso antes, mais vezes do que gostaria. Agora, consigo lidar melhor, mas quando era criança, era insuportável.

Meu pai bateu em mim algumas vezes, quando ficava muito irritado, mas ele não é um homem violento. Eu sei que é efeito do vício, por isso, eu o

perdoei todas as vezes. Mas perdoar é diferente de esquecer. As coisas que passei dentro dessa casa nunca serão esquecidas. Para falar a verdade, eu preferiria nunca mais voltar aqui. Não pelo meu pai, mas pela casa em si, ela parece um maldito santuário para a minha mãe.

“Comerei se me der meus comprimidos”, ele tenta negociar.

“Não”, respondo com firmeza.

“Você não manda em porra nenhuma aqui, garoto. É a minha casa; é a minha vida.”

“É a *nossa* vida”, eu o corrijo, exaltado. “Você acha que quero estar aqui? Eu tô perdendo aula na faculdade, tô perdendo jogos importantes para estar aqui e cuidar de você, mas você não ajuda em porra nenhuma.”

Meu pai empurra o prato com força pela superfície da mesa, fazendo-o cair no chão do outro lado. Ótimo. Mais um prato quebrado.

“Então vai embora”, diz, furioso. “Se manda.”

Tento não deixar transparecer o quanto isso me afeta, o quanto me magoa.

“O que você tá tentando fazer?”, indago. “Tá tentando me mandar embora para que você possa continuar se matando?” Quando meu pai não responde, eu me levanto da mesa, vou até a gaveta da cozinha, pego uma faca e bato com ela em cima da mesa. “Vai. Acaba com isso logo.”

Meu pai levanta os olhos para mim, atônico. “O que está fazendo?”

“Te dando a saída que você quer. Pra que ficar se matando aos poucos, não é? Por que você não acaba com isso de uma vez?”

Ele olha para a faca e depois olha para mim, e então, balança a cabeça de um lado para o outro.

Não sei o que eu estou fazendo, mas acho que se chama psicologia reversa. Eu passei anos tentando salvá-lo e não resolveu, então talvez seja a hora de tentar algo diferente.

“Se você não quer se matar, que merda está fazendo, pai?” Pego um espelho pequeno que fica pendurado na parede da sala e coloco na frente dele. “Se olhe no espelho!” Ele desvia o rosto do próprio reflexo. “Olhe!”, ordeno.

Minha voz sai mais firme do que nunca. Meu pai solta um grunhido de irritação, mas olha para o espelho.

“Quem é esse cara?”, eu pergunto para ele. “Eu não o conheço. Se parece mais ou menos com o meu pai, mas tá tão moribundo que não tenho certeza. E, com certeza, esse cara não age como o meu pai.”

Deixo-o olhando para o espelho, vou até a estante da sala, pego um porta-retratos que tem a foto da minha mãe e coloco na frente dele.

“Ela fez isso”, aponto para a foto. “E sabe o que ela deve estar fazendo agora? Seguindo a vida dela. Você acha que ela sente a nossa falta? Você acha que ela ainda nos ama? Você mora na mesma maldita casa. Se ela quisesse estar com a gente, ela teria voltado. Ela teria voltado, pai.” Eu o encaro. “Faz dezesseis anos. *Dezesseis malditos anos* que você desperdiçou da sua vida vivendo pra ela. E cadê ela?”, eu grito, abrindo os braços. “Cadê esse amor que você diz que ela sente por nós? Fala pra mim!” Agacho no chão ao lado da cadeira onde meu pai ainda está sentado. “Por favor, pai. Por favor. Não posso perder você também.”

Meu pai funga, e depois olha para mim. Seus olhos castanhos estão vermelhos e as lágrimas correm pelas suas bochechas magras e ossudas.

“Eu ainda estou aqui, pai. Isso não é o suficiente?”

Os lábios dele começam a tremer. De repente, meu pai explode em um choro dolorido, me puxa pelos ombros e me abraça. Eu o abraço de volta, e em segundos, estamos os dois chorando.

“Claro que você é suficiente. Você é meu filho e eu amo você. Eu não teria conseguido viver esses anos se não tivesse você, Christopher.”

Eu me solto do abraço do meu pai para olhá-lo. “Você precisa de ajuda, pai. Eu preciso que você busque ajuda. De verdade dessa vez.”

“Eu não sei se consigo.”

Para falar a verdade, eu também não acho que ele consiga. Não sozinho. Então, uma ideia me ocorre. “Venha morar em Raleigh, pai. Podemos tentar vender essa casa, você muda pra Carolina do Norte, nós vamos procurar por alguma clínica de reabilitação. Eu vou estar por perto para ajudar.”

Meu pai não responde de imediato, o que considero um bom sinal. Talvez ele esteja pensando a respeito, então não forço, deixo-o pensar.

“Você acha que seria uma boa ideia?”, pergunta, receoso.

“Tá brincando? Seria ótimo, pai. Eu estaria por perto pra ajudar. Estamos juntos nessa merda, e juntos vamos sair dela.”

Meu pai fica em silêncio mais um momento. Quando eu estou começando a achar que ele vai recusar, ele finalmente balança a cabeça positivamente.

“É sério?”, pergunto, tentando não elevar minhas expectativas.

Ele suspira. De repente, parece muito cansado. “Não quero te prometer que vai dar tudo certo, que vou ficar bem e a merda toda porque não sei se

vou conseguir cumprir com a minha palavra. Não quero decepcionar você, filho.”

“Você vai conseguir. Vou ajudar você.”

Assentindo, meu pai larga o espelho em cima da mesa, levanta da cadeira com certa dificuldade, pois ainda está fraco. Eu me levanto do chão também.

“Vamos colocar a casa à venda”, diz. “Vou procurar casas em Raleigh.”

Caralho. Eu quero acreditar nele. Eu quero de verdade. No entanto, algo dentro de mim me diz para ser cauteloso. Prefiro pensar que não, mas meu pai pode estar mentindo para mim para ganhar tempo; pode estar me fazendo acreditar que tudo vai ficar bem só para me ver pelas costas, afinal de contas, se eu voltar para a faculdade, perco o controle do que acontece com ele aqui.

Por enquanto, decido guardar essa insegurança para mim. Vou lhe dar uma chance porque quero acreditar que ele está falando sério.

“Você pode comer primeiro?”, pergunto. “Eu vou tentar preparar outra coisa.”

Ele faz uma careta. “Desculpa, filho, mas não vou comer nada do que você cozinhar. Vamos pedir pizza.”

Sorrio. “É, parece uma ideia melhor.”

Elora disse que meu pai precisava manter uma alimentação saudável, mas essa é a primeira interação razoavelmente boa que temos em muito tempo. Não quero estragar recitando as recomendações de Elora, mas vou me certificar que a pizza não seja a mais gordurosa do mundo.

* * *

Preciso voltar para a faculdade. Estou longe há uma semana e meia.

Estou fazendo os trabalhos, que pedi que meus colegas do grupo de estudos me mandassem, e enviando por e-mail para os professores. Expliquei a minha situação para o departamento e para o Burke, para quem liguei no começo da semana para dar uma satisfação.

Meu treinador não está feliz, mas ele entende. Pediu que eu voltasse para os playoffs, já que, ao que parece, vou perder o último jogo da conferência, que é amanhã. Se ganharmos, o que eu tenho certeza que vai acontecer, estaremos a caminho dos playoffs e, seguindo o plano, passaremos pelo *March Madness*, chegaremos na Final Four e venceremos.

Derek, Friends e Babyface me mandam mensagens diariamente

querendo saber sobre o meu pai. Eles também perguntaram quando vou voltar, mas ainda não tenho uma data, só sei que não vou poder ficar longe por muito mais tempo.

Não tive nenhuma notícia de Eretria, e confesso que me esforcei muito para não pensar nela, em seus olhos verdes e no momento exato em que disse que me ama.

Ela me ama.

Pensar nisso dói até o fundo da minha alma.

Eu a deixei. Não correspondei aos seus sentimentos, virei as costas para ela e fugi, como eu sempre faço quando a coisa fica séria demais.

Já ouvi aquelas mesmas três palavras da boca de outras mulheres antes. A última foi Vanessa, uma garota da Duke com quem fiquei durante alguns meses no primeiro semestre do ano passado, antes de conhecer Eretria.

Vanessa e eu nos dávamos bem, transávamos regularmente e até concordei em dormir abraçado com ela algumas vezes, embora não seja uma coisa da qual gosto. Dormir abraçadinho depois de uma transa abre precedentes para questões das quais não gosto de lidar.

Quando Vanessa disse que me amava, eu agradei e terminei com ela. Pois é. Esse sou eu, Christopher Nash, o canalha dos canalhas.

Vanessa nunca mais falou comigo depois disso.

Fiz a mesma coisa com Kaya, a garota com quem assistia The Vampire Diaries; com Louise, e agora, aparentemente, com Eretria também. Mas, não senti meu coração assolado quando terminei com outras garotas. Não senti raiva, nem medo, nem saudade.

Porra.

Eu sinto saudade dela.

Sinto falta da sua risada, da forma segura com sempre tem uma resposta na ponta da língua. Sinto falta dos olhos verdes e da boca deliciosa quando está beijando a minha. Sinto falta do corpo dela, da voz dela e da forma como me chama de Christopher quando está irritada.

Eu tô sempre com raiva de você. A intensidade dessa raiva é o que muda, ela me disse um dia.

Ela podia sentir raiva de mim, mas, pelo menos, ainda estava na minha vida. Agora? Provavelmente não vai querer me ver de novo. E, mesmo que quisesse, nunca conseguiria convencer Kyle de que não vou machucá-la. Ele nunca aceitaria que ela ficasse comigo. E por que deveria? Eu não a mereço, de qualquer forma.

“A casa já está à venda”, anuncia meu pai, entrando no meu antigo quarto, me tirando dos meus pensamentos. “E encontrei uma casa pequena em Raleigh. Acho que vai ser boa para mim. Tem dois quartos, então você vai poder ficar comigo alguns dias, se quiser. Mas só consigo comprar depois que vender essa casa.”

“Isso é bom, pai.”

Ele se senta na minha cama e olha para mim. Não parece mais tão pálido. Tenho conseguido fazê-lo comer nos últimos dias.

“O que está havendo?”, ele indaga.

“Nada.”

“Não me parece nada. Você tá enfurnado nesse quarto.”

Não quero dizer ao meu pai que estou pensando em Eretria. Não sei se mencionar uma garota agora pode ser um tipo de gatilho para ele, então, decido ficar de boca fechada.

“Preciso voltar para a faculdade, pai. Não posso ficar aqui até a casa ser vendida. Isso pode levar meses. Estava pensando em ligar para a tia Lucy e pedir ajuda com a grana, mas sei que você odiaria isso.”

“Odiaria mesmo”, ele confirma. “Sem contar que Lucy vai dar uma de irmã mais velha para cima de mim e eu não quero outro sermão.”

Concordo com a cabeça. “Vou arrumar um emprego para conseguir ajudar e manter Elora aqui todos os dias até você se mudar.”

Meu pai faz uma careta.

“É isso ou reabilitação, pai. Você escolhe”, digo, firme. “De qualquer forma, vamos ter que arrumar dinheiro. As contas do hospital vão chegar e eu tô com medo do valor que estamos devendo. Se a tia Lucy não pagasse minha faculdade, nem na Duke eu estaria. Você sabe disso.”

Ele concorda com a cabeça.

“Então, escolha. Ou Elora ou reabilitação. E eu vou tentar dar um jeito nas coisas, mas se tudo der errado, vou precisar falar com a tia Lucy, quer você queira ou não.”

Bufando, meu pai concorda mais uma vez. “Fico com Elora.”

“Certo. Elora vai ter contato direto comigo, então colabore, pai. Eu preciso terminar a faculdade. Não posso ficar voando até aqui cada vez que você resistir ao tratamento de desintoxicação. Você vai fazer o que Elora disser para você fazer. Entendeu?”

“Tô me sentindo uma criança”, ele reclama.

Eu sempre fui o adulto da casa, mas também não vou dizer isso para ele.

“Temos um acordo?”, pergunto, sério.

“Sim. Temos um acordo.”

Ainda estou com o pé bem atrás com toda essa história, mas não consigo evitar respirar aliviado. Talvez ele realmente esteja disposto a tentar de verdade dessa vez.

“Vou arrumar minhas coisas e voltar para Raleigh o mais rápido possível. Vou resolver tudo com Elora ainda hoje.”

Meu pai me encara. “Você é um menino de ouro, Christopher.”

Se ele soubesse metade das merdas que eu faço, com certeza não estaria me dizendo isso.

“Obrigado”, digo apenas.

Talvez eu estivesse muito absorto nos meus pensamentos para notar os movimentos repetitivos que meu pai faz com os dedos.

Ele está sofrendo com a abstinência.

Os dias não são tão ruins, mas as noites são terríveis. Ele fica todo suado, o corpo treme, os olhos ficam vermelhos... É um verdadeiro pesadelo.

“Pai”, chamo. Quando ele olha para mim, continuo: “Pode me prometer uma coisa?”

“Depende”, ele hesita. “O que foi?”

“Se você não estiver aguentando, promete que vai para a reabilitação? Você não precisa sofrer desse jeito, e eu realmente não quero te trancar lá contra a sua vontade. Você precisa querer isso ou não vai dar certo.”

Ele abre um sorriso minúsculo para mim. “Vou fazer o meu melhor.”

Assinto, mas não digo nada.

Quando meu pai sai do meu quarto, pego meu celular e ligo para Elora. Depois, ligo para a tia Lucy e conto a situação, mesmo contra a vontade do meu pai. Minha tia é toda a família que tenho além dele. Ela precisa saber o que está acontecendo, mas peço sigilo por enquanto. Não quero dar motivos para o meu pai se irritar agora.

Tia Lucy promete ajudar com a conta do hospital, que é o que mais me preocupa, mas ao final das duas ligações, uma coisa fica muito óbvia. Vou precisar arrumar um emprego. E rápido.

26.

ERETRIA

“Como isso vai funcionar exatamente?”, pergunto para Savannah enquanto ela está arrumando o cabelo na frente do espelho.

“Zach me disse que o Holme’s faz uma noite dessas de vez em quando. Eu ainda não toquei minha música nova para uma plateia, então Zach mexeu alguns pauzinhos e agora eu vou fazer um mini show no Holme’s hoje à noite”, ela explica. “Parece que os privilégios dos meninos se estendem para as namoradas também.”

Ela lança a bomba no ar e consigo vê-la sorrindo pelo seu reflexo no espelho.

O queixo de Sophie cai. “Ah, meu Deus! Vocês estão finalmente namorando?”

Savannah vira para nos olhar de frente, abrindo um sorriso de orelha a orelha. “Sim.”

“Já estava na hora”, digo. “Fico feliz por você, Sav.”

“Eu também”, diz Sophie. “Babyface é um fofo.”

“Ele é”, Savannah concorda, dando pulinhos. “Eu estou tão feliz. Ele me levou até o Sarah P. Duke Gardens, me deu uma florzinha, disse que eu era o raio de Sol da vida dele e perguntou se eu estava pronta para ser a namorada dele.”

Sophie se derrete como a perfeita romântica que é. “Ah, que coisa linda. E pensar que Derek nem me pediu em namoro. Que absurdo. Vou mandar uma mensagem para ele agora dizendo que nosso relacionamento nem está oficial ainda.”

Eu dou risada. “Se eu fosse você, não faria isso. É capaz de Derek contratar uma banda, comprar uma floricultura inteira e colocar uma caixa de som no meio do Central Campus só para se declarar pra você. É sério, ele não

tem limites quando se trata de você, Soph.”

Sophie e Savannah gargalham.

“Eretria está certa”, Sav concorda. “Derek faria nevar no inferno por você.”

As bochechas de Sophie ficam vermelhas. “Amo tanto aquele babaca.”

Sophie é a única garota que conheço que continua chamando o cara que ama de babaca. O relacionamento dos dois é fofo demais.

“Teve notícias do Nash?”, Savannah pergunta, cautelosa.

Acabei contando a história toda para as minhas amigas na última Noite das Meninas que tivemos. Conteí sobre Lucas, sobre fazer as pazes com Kyle, sobre minha declaração para Nash e todo o resto.

“Não. Pensei em perguntar para Kyle, mas não sei se quero realmente saber.” Dou de ombros. “Talvez ele não volte.”

“Ele não iria largar a faculdade e o time de jeito nenhum”, assegura Savannah. “Ele vai voltar. Talvez seja melhor você estar preparada do que, de repente, esbarrar com ele por aí.”

“Vou esbarrar com ele de qualquer jeito. Não dá pra fugir do cara. De qualquer forma, eu já chorei todas as lágrimas que tinham dentro de mim, sofri, mas agora chega.”

Minhas amigas se entreolham, não muito convencidas do que eu acabei de dizer, mas estou falando muito sério. Passei dois dias trancada no meu quarto, deitada na cama e abraçando Turtle enquanto chorava até desidratar. Dei a minha cota de sofrimento por Christopher Nash encerrada. Não é a primeira vez que partem meu coração, e eu sobrevivi. Vou sobreviver a Nash também.

“De qualquer forma, precisamos nos arrumar, não?” Levanto da cama. “Vamos acompanhar o primeiro show da carreira de Savannah Radcliff.”

Sophie levanta da cama também. “É verdade. Vamos nos concentrar em deixar você maravilhosa.”

“Eu já sou maravilhosa”, brinca Savannah.

Sophie e eu pegamos nossos travesseiros e jogamos nela, o que a faz gritar e depois dar risada.

“Patricinha rica”, xingo de brincadeira.

“Patricinha não”, Savannah protesta. “Rica, sim. E vocês, plebeias, me sirvam.”

Sophie pega o travesseiro do chão e bate em Savannah de novo. E, em um piscar de olhos, estamos em uma guerra de travesseiros descontrolada,

com gritos e risadas preenchendo todo o quarto.

* * *

O Holme's está um pouco mais cheio do que o normal para uma sexta-feira, e acho que isso tem a ver com o show ao vivo que vai rolar. Muitos alunos de música, amigos de Savannah, que nunca nem pisaram no Holme's, hoje aparecem para prestigiar a amiga, assim como Sophie e eu estamos fazendo.

Encontro os meninos sentados em uma mesa perto do pequeno palco improvisado. Eu fico tensa quando me aproximo, mas logo relaxo, pois me dou conta de que Nash não está entre eles. Corro meus olhos pelo interior do estabelecimento, procurando por ele, mas também não está em nenhum lugar. Não deve ter voltado ainda.

Melhor assim.

Me sento na mesa entre Ryan e Jeremy. Os dois amigos que eu beijei para deixar Nash com ciúmes. Que situação.

Poupei Kyle disso. Ele brigando com Nash já é ruim o suficiente para a dinâmica da casa deles, imagina se Kyle descobre que eu fiquei com Jeremy e com Ryan também.

Não transei com nenhum dos dois, embora tenha dito para Nash que dormiria com Ryan na noite de Ano Novo. Mas não fiz isso. Nós nos beijamos muito, e rolou algumas mãozinhas bocas aqui e ali, mas não transamos. Embora eu conseguisse sentir o quanto ele estava a fim, acho que Ryan também não estava muito confortável em ultrapassar o limite por conta de Kyle.

Tenho a impressão que Ryan é o tipo de cara que conversaria com o meu irmão primeiro para só depois transar comigo. Fofo.

“Oi, meninos”, eu os cumprimento, fingindo naturalidade. Não sei se o clima vai ficar entranho, pois não fiquei perto dos dois de uma vez só.

“E aí, gata”, Ryan me cumprimenta com um sorriso. Seu cabelo ruivo está bagunçado e ele está com uma barba por fazer que combina com o seu rosto. O cara é bonito pra caramba.

“Você tá bonita, Tria”, elogia Jeremy.

Escolhi um vestido preto, curto e decotado. Embora não tenha a intenção de ficar com ninguém hoje, me sentir bonita e desejável nunca é ruim.

Abro um sorriso. “Obrigada. Vocês estão maravilhosos como sempre.

Até você, maninho. Parece descansado. Transou muito, foi?”

"Quem me dera", diz Brianna, revirando os olhos. "Eles estão de celibato, lembra?"

Kyle solta um grunhido de irritação. "Mesmo que não estivesse, eu nunca vou conversar sobre a minha vida sexual com você, Tria."

Dou de ombros. "Diga isso para Brianna. Eu também não quero saber o que vocês fazem entre quatro paredes. É *muuuuito* estranho."

Brianna, que está sentada ao lado de Kyle, me lança um olhar que não sei dizer se é de raiva ou de vergonha.

"Bree", repreende Kyle.

Ela começa a rir. "Sua irmã é minha amiga, o que você quer que eu faça?"

"Não fale sobre o que fazemos na cama."

Jogo a cabeça para trás, gargalhando. "Tarde demais, maninho."

Kyle solta outro grunhido de irritação ao mesmo tempo em que Derek se junta a nós. A mesa está lotada, então ele puxa Sophie para sentar em seu colo. Até a forma como ele envolve os braços ao redor da minha amiga é com carinho. Como se ele fosse um tipo de fortaleza que abrigasse Sophie Harley para que nada, nunca mais, a machuque.

Nós fomos o cupido, minha voz interna comemora.

É. Pelo menos uma vida amorosa deu certo.

"Cadê a Sav?", pergunto, olhando ao redor.

"Ela foi se preparar", diz Babyface. Ele está com um sorriso animado no rosto. "Minha gata vai hipnotizar todos vocês com aquela voz de anjo", avisa.

"Vai mesmo", concorda Sophie. "Se preparem, marinheiros, vocês estão prestes a ser arrastados para o fundo do mar."

Rá. Eu sabia que alguém mais faria essa analogia.

Os meninos dão risada.

Não demora para que Savannah suba no palco. Ela está linda que dói e parece estar brilhando. Não só pelo sorriso em seu rosto, mas também por conta do vestido cheio de brilhos que está usando.

Babyface começa a gritar. "Arrebenta, coisa preciosa! Linda! Sol da minha vida!"

Todo mundo começa a gargalhar.

"Parece que a Savannah lançou um feitiço poderoso nele", comenta Brianna. "O cara tá gamado, gente."

"Quê?", Babyface olha para nós. "Olhem pra ela! Não tem como não

ficar louco com uma mulher dessas!” Ele bate palmas.

Do palco, Savannah dá risada. “Senhoras e senhores, meu namorado escandaloso”, ela diz no microfone.

Babyface acena para as pessoas do bar, que agora também estão dando risada.

“Boa noite, pessoal. Eu fiz pequeno repertório para vocês, mas vou deixar o melhor para o final. Aproveitem o show”, diz Savannah.

As pessoas aplaudem, e a minha amiga começa a dedilhar as cordas do violão. Reconheço a melodia de cara. Ela começa a tocar uma versão acústica da música Halo da Beyoncé.

Putá merda. Não estou preparada para músicas românticas ou tristes agora. Meu emocional ainda não está totalmente firme.

Quando a música acaba, todo mundo aplaude de pé, porque a voz de Savannah merece ser ovacionada.

“Vou pegar uma bebida”, aviso meus amigos. Estou muito sóbria para aguentar esse show. Principalmente se Savannah só for tocar músicas nessa linha romântica.

Peço um cosmopolitan para o barman quando a música Complicated da Avril Lavigne começa a ser tocada e cantada por Savannah, também em uma versão acústica.

Ah, que alegria.

Essa música é perfeita para me lembrar justamente de quem eu estou tentando esquecer.

Abro a minha bolsa para pegar o dinheiro e pagar o barman quando escuto uma voz que faz meu coração saltar. “É por minha conta.”

Nash entrega o dinheiro para o barman. Seus olhos cinzentos estão fixos nos meus, e nós temos um daqueles momentos de filme onde ficamos nos encarando. Eu, surpresa demais de vê-lo parado ali depois de mais de duas semanas; e ele, vidrado demais para conseguir se mexer.

E, ao som de Complicated, Nash me lança um meio sorriso torto. Meu Deus. Odeio o quanto ele está lindo. O cabelo escuro parece estar úmido por um banho recente, o que me faz ter vontade de correr meus dedos entre os fios. Ele está vestindo uma calça cáqui, uma camisa branca que marca os músculos do seu abdômen e a jaqueta do time de basquete da Duke.

Por que isso tem de ser tão complicado? Por que ele tem de ser tão complicado? Por que essa droga de música tinha de estar tocando agora?

“Oi”, diz, finalmente.

“Oi.”

“Tria, eu...”

“Como está o seu pai?”, eu o interrompo. Se precisar ouvir outro pedido de desculpas de Nash, vou perder a cabeça.

“Está melhorando, eu acho. Quem é que sabe?”, pergunta, retoricamente, e não consigo deixar de notar o desanimo na voz dele. “Então, eu queria...”

“Fico feliz pelo seu pai”, eu o interrompo de novo. “Obrigada pela bebida.”

Me afasto dele, e só quando estou longe o bastante é que solto o ar dos pulmões. Não percebi que estava prendendo a respiração perto dele.

Merda.

Merda, merda, merda.

Eu não estou pronta para lidar com ele. Não quero ser sugada de volta para aquela rotina maluca onde brigamos, nos beijamos, magoamos um ao outro, ele me pede desculpas, repetimos. Não aguento mais isso.

Quando a música finalmente acaba, Savannah é aplaudida novamente. Ela está radiante, e eu decido me concentrar na minha amiga. Me sento de novo na cadeira, mas sinto um par de olhos cinzentos nas minhas costas.

Acho que Kyle percebe a minha tensão, pois olha por cima da minha cabeça e sei que encontra Nash parado perto do balcão do bar.

“Tudo bem?”, meu irmão pergunta para mim.

Faço que sim. “Tudo ótimo.”

Friends segue os olhos de Kyle. “Nash voltou”, ele anuncia, animado. Com um gesto de mão, ele chama Nash para se juntar a nós.

Maldito Friends.

Endireito minha postura, Kyle faz o mesmo, mas os outros garotos parecem já ter perdoado Nash pelo celibato estipulado por Burke.

“Puxa uma cadeira, cara”, diz Babyface. “Vamos apreciar o show da minha gata.”

Nash pega uma cadeira de uma mesa que acabou de ficar vazia e se senta. Ele está na minha diagonal, mas consigo me esconder atrás do corpo imenso de Ryan.

“Quando você chegou?”, pergunta Derek.

“Agora.” Nash sorri. “Era para eu ter voltado antes, mas tive outras coisas para resolver.”

Os meninos assentem.

“Como tá o seu velho?”, Friends pergunta.

“Tá melhorando. Consegui convencê-lo de se mudar para Raleigh.” Nash dá de ombros. “Acho que isso vai ajudar. É melhor do que ir para a reabilitação.”

Reabilitação?

“Reabilitação?”, Ryan franze o cenho.

Nash suspira. “Meu pai é viciado em comprimidos”, ele conta, cansado. “Suponho que não adianta mais ficar escondendo se ele for mesmo vir morar aqui.”

Meu coração aperta.

Nash não me contou sobre isso. Nem mesmo na noite de Natal, quando me ligou bêbado e chorou ao me contar sobre sua mãe.

E eu achando que tudo isso não tinha como piorar.

“Sinto muito, Nash”, lamenta Sophie. “Espero que ele fique bem.”

Ele sorri para a minha amiga. “Valeu, Soph.”

“Espero que vocês gostem da próxima música”, diz Savannah no microfone. “É uma composição original.”

Eu posso ouvir a música que Savannah escreveu para Babyface mil vezes, e ainda vou achar a coisa mais linda do mundo.

Como é uma música lenta, Derek logo convida Sophie para dançar na minúscula pista de dança. Kyle faz o mesmo com Brianna, e eu sou deixada na mesa com cinco homens, sendo um deles, o namorado da minha amiga cantora. Mas quatro outros pares de olhos me encaram.

O que esses caras estão esperando? Que eu os chame para dançar?

“Oi, linda”, Carter aparece no meu campo de visão.

Nash bufa, mas eu escolho ignorar o seu temperamento confuso.

O que é isso? A reunião dos caras envolvidos comigo? Com exceção de Friends e Babyface, claro.

“Oi”, tento soar naturalmente. “Tá fazendo o que aqui?”, pergunto com leveza.

“Uns amigos meus são do curso de música. Me convidaram para ver sua amiga tocar.” Carter olha para Babyface. “Sua namorada manda muito bem, cara.”

“Valeu.” Ele sorri. “Ela é foda.”

“Quer dançar?”, Carter pergunta.

Sorrio. “Claro.”

Levanto da cadeira e acompanho Carter até a pista, cheia demais para

ser tão pequena. Mas tudo bem, não é tão ruim assim, pois os casais dão passinhos minúsculos de um lado para o outro.

Carter me rodopia antes de segurar uma das minhas mãos e colocar a outra na minha cintura.

“Uau. Você sabe dançar.”

Ele ri. “Dar um passo para um lado e outro passo para o outro não é bem saber dançar.”

Rio. “Verdade.”

Há um momento de silêncio entre nós.

“Então, nós não nos falamos muito depois do nosso encontro.”

Engulo a culpa. “Me desculpa por isso. Eu estava resolvendo algumas coisas particulares. Fiquei um pouco sobrecarregada.”

Fofo como sempre, Carter assente, entendendo. “Fiquei me perguntando se repetiríamos e se...”

“E se...?”, incentivo ele a continuar. Minha curiosidade é um mal que me corrói.

“Se aquele beijo chegaria a acontecer.”

Sinto minhas bochechas ficando quentes. Não estou acostumada com esse papo fofo e delicado, o que talvez queira dizer que algo não anda muito certo na minha vida.

Carter e eu estamos dando passinhos para um lado e para o outro e girando no nosso próprio eixo, o que faz meus olhos e os de Nash se encontrarem por alguns segundos. Ele parece triste, o que é surpreendente, pois sempre que me vê com outro cara, Nash fica irritado, não triste.

Não.

Não vou sentir pena dele. Nash não teve nenhuma pena de mim quando me dispensou depois que abri meu coração para ele. Também não teve nenhuma pena de mim todas as vezes que me disse coisas insensíveis.

Volto a olhar para Carter. Se eu o beijar agora, Nash vai pensar que eu estou fazendo isso para deixá-lo com ciúmes, o que provavelmente vai nos levar à estaca zero, retornando aos joguinhos que, francamente, não são mais tão divertidos como eram no começo.

Dessa vez, se eu decidir beijar Carter, não vai ser para provocar Nash, mas, sim, porque eu quero seguir em frente. Ele me mandou esquecê-lo, então não tem direito de me olhar com olhos tristes. Eu abri o meu coração para ele, disse a coisa mais assustadora do mundo e ele me afastou.

“Eu sei que normalmente eu sou superagitada e acho que isso dá a falsa

impressão de que tudo na minha vida acontece muito rápido, mas... eu fui magoada não muito tempo atrás, então estou indo devagar nesse departamento”, digo, sincera. “Não quero me precipitar de novo.”

Carter afasta uma mecha do meu cabelo, prendendo atrás da minha orelha. “Vou respeitar o seu tempo. Acho que você é uma garota que vale a pena esperar.”

Abro um sorriso sincero. “Obrigada, Carter.”

A música de Savannah acaba e, mais uma vez, minha amiga é ovacionada.

“Musa!”, Babyface grita, o que faz o bar inteiro dar risada.

“Te vejo por aí, linda.” Carter dá um beijo na minha bochecha.

Sorrio para ele.

Quando viro para voltar para a mesa com os meus amigos, Nash não está mais lá.

27.

NASH

Temos o primeiro treino depois do final da conferência, que, a propósito, ganhamos. Isso significa que, daqui para a frente, os jogos serão mais difíceis. Todos os times vencedores de suas respectivas conferências vão se enfrentar, e se chegaram tão longe, são bons, assim como nós.

Burke sabe disso, então, abrimos mão do treino prático para ter treino tático. O time se reúne na sala de vídeo das instalações atléticas e nós assistimos gravações e mais gravações dos times que enfrentaremos dali em diante. Burke faz observações, nos mostrando os pontos fracos para que possamos criar a melhor estratégia ofensiva e defensiva.

O próximo jogo é daqui dois dias. Consigo sentir o ânimo dos caras, mas também sinto a tensão. Nós queremos ganhar, mas não é o que todo mundo quer? Agora, mais do que nunca, precisamos ter foco e ficar longe de confusão. E é por isso que eu estou na minha desde que voltei de Detroit.

O clima em casa melhorou, embora Kyle ainda não esteja falando comigo direito. Trocamos meia dúzia de palavras, mas está claro que meu amigo ainda está irritado comigo. Não sei dizer se ele está puto porque eu estava dormindo com Eretria ou se está puto pelo que aconteceu entre mim e ela depois disso. Talvez as duas coisas.

“Para finalizar...”, diz Burke “como anda o celibato?”

Os caras grunhem.

Faz semanas que não transo com ninguém, o que é algo realmente raro para mim. Minha mão tem feito todo o trabalho ultimamente, o que é uma merda. Estou cansado de foder a minha própria mão. Estou cansado de fazer isso pensando em Eretria. E tem muita energia acumulada dentro de mim.

Para variar, tentei me desculpar com ela quando voltei. Confesso que fiquei surpreso de ela não ter me mandado ir à merda, mas acho que, para

isso, ela teria que se importar, e ela não parece se importar mais comigo.

É, o amor acabou bem rápido.

“O que você quer que a gente diga, Burke?”, pergunto, irritado. “É óbvio que tá uma merda. Estamos subindo pelas paredes. Se você queria me ensinar uma lição, conseguiu.”

“Consegui mesmo?” Ele me encara.

“Já entendi, tá legal? Preciso controlar meu temperamento. Já pedi desculpas para os caras, não me meti em encrenca, não fiquei mais bêbado e não transei mais. Você quer que eu vire o quê? Um monge?”

Burke nos encara com seriedade. Seus olhos castanhos passam por cada um de nós, como se estivesse fazendo uma merda de Raio X ou coisa assim.

“Tá certo. Tô oficialmente retirando o celibato, mas...”

“Graças a Deus”, Chad comemora.

“... vou deixar bem claro que quem se meter em confusão, será suspenso até o final dos playoffs. Se eu tiver que suspender o time inteiro, que seja.”

Sem mais uma palavra, Burke sai da sala de vídeo.

“Caralho. Vou transar até não conseguir ficar em pé”, garante Jeremy, pegando o celular dentro do bolso, provavelmente para mandar mensagem para alguma garota.

Derek, Kyle e Babyface saem da sala tão depressa que nem preciso perguntar para onde vão. Os filhos da mãe vão transar até se exaurirem.

Meu corpo está tenso. Eu deveria estar aliviado, porque finalmente vou poder dar um descanso para a minha mão, mas só tem uma garota com quem quero transar, e procurá-la para isso seria a coisa mais canalha do mundo.

Porra.

Meu celular começa a tocar e eu atendo imediatamente quando vejo que é o meu pai.

“Oi, filho.”

Analiso a sua voz. Ele parece bem. “Oi, tudo bem?”

O suspiro em seguida me deixa tenso. “Tive uma recaída.”

Fecho os olhos por um momento, depois solto o ar pelos pulmões. “Quando foi isso?”

“Logo depois que você foi embora.”

Meu pai é como um bebê, e eu sou sua babá oficial. Parece que nada funciona se eu não estiver perto. “Onde está Elora?”

“Eu a mandei embora.”

“O quê? Por quê?”

Saio da sala. Não quero que meus amigos me escutem gritar com o meu pai.

“Decidi que vou para a reabilitação.”

Paro no meio do corredor. “O quê?”

“Você se lembra da primeira vez que jogamos basquete juntos?”

Franzo o cenho sem entender o porquê de ele estar me perguntando isso agora. “Sim...?”

“Sua tia gravou aquele dia. Eu tinha a gravação em uma fita, mas havia me esquecido dela completamente, mas a encontrei hoje.” Ele faz uma pausa. “Desde quando você era pequeno, eu sabia que você chegaria na NBA. Seu talento com a bola era nato. É até hoje. E eu quero estar vivo para ir no seu primeiro jogo da liga. Vou estar lá, filho. Gritando feito um lunático.”

Não consigo evitar uma risada. Assim como não consigo evitar meus olhos queimando. Caralho. Não quero chorar agora. “Você tá falando sério, pai? Eu não aguento outra desilusão dessas.”

“Eu estou indo para lá agora, Christopher. Eles já estão aqui em casa para me buscar. Vou te passar os detalhes da clínica por mensagem. Quando você puder, venha me visitar. Não sei quanto tempo vou ficar por lá. Talvez perca a final dos playoffs.”

Que se foda os playoffs. Isso não importa agora.

“Preciso desligar, filho.”

“Espera.”

“O que foi?”

Respiro fundo. “Eu te amo, pai. Obrigado.”

Consigno senti-lo sorrir do outro lado do telefone. “Eu também te amo, garoto. Te vejo em alguns meses.”

Quando meu pai desliga o telefone, tenho vontade de soltar um foguete. Caralho. Caralho. Isso está rolando mesmo? Se for um sonho, de verdade, irmão, não me acorda. Esperei a vida *inteira* por esse momento.

Talvez tudo não esteja tão fodido quanto eu imaginava. Talvez ainda tenha uma chance de as coisas na minha vida realmente darem certo.

Saio das instalações atléticas e caminho pelo campus meio sem rumo. Estamos no final de fevereiro, o que significa que a temperatura já não é mais tão baixa.

Não vejo a hora das férias de verão chegarem. Gosto do calor, e estou louco para ir à praia. É uma viagem de mais de duas horas até o litoral, mas vale a pena. Eu sempre gostei do mar. Acho pacífico. Talvez eu possa sugerir

isso para os caras quando a temperatura subir mais um pouco.

Meus amigos convidariam as namoradas, o que significa que Eretria provavelmente também iria. Nossa. Pensar nela em um biquíni agora não é uma boa ideia.

Primeiro preciso fazê-la parar de me odiar, mas não sei como fazer isso. Preciso conversar com ela; preciso fazê-la me ouvir.

E estou determinado a fazer isso.

Caminho até o East Campus, até a Bassett House, decidido a fazer Eretria me escutar. Talvez, se ela ouvir o que eu tenho a dizer, o que passei essas últimas semanas reprimindo dentro de mim, então talvez ela me perdoe de verdade.

No entanto, não tenho a chance. Quando eu estou quase chegando na Bassett, vejo Eretria, de longe, saindo de lá junto com Carter.

Ela está com ele agora? Será que eles dormiram juntos? Será que estão namorando ou algo assim?

Não.

Eretria não faria isso.

Não? Por que não?

Eu dei todos os motivos do mundo para ela fazer isso. Eu disse para ela seguir em frente e ser feliz. E, a julgar pela forma como ela dá risada de alguma coisa que Carter disse, acho que fez exatamente o que eu disse.

Ela está feliz. Não posso tirar isso dela de novo. Pelo menos, não até ter certeza que consigo ficar com ela e não a magoar. Não até ter certeza que meu amor por ela é maior do que o medo que eu sinto de relacionamentos. Tenho que ter certeza. Não posso machucar Eretria de novo pelos mesmos motivos.

Vejo quando Carter envolve os braços ao redor da cintura dela e os dois se beijam. Parece que uma faca foi enfiada dentro do meu peito, e que essa mesma faca está girando, me rasgando e me destruindo por dentro.

Putá que pariu. Ela realmente está seguindo em frente. Que merda foi que eu fiz?

Me afasto antes que ela me veja.

Volto andando até onde deixei meu carro estacionado. É uma caminhada razoavelmente grande, mas boa para que eu consiga pensar.

Do que você tem tanto medo?, ela me perguntou no dia que me ligaram do hospital.

Eu não sou a sua mãe. E se você deixar, eu vou amar você do jeito

certo.

Ela não é mesmo a minha mãe. Eretria não tem um pinga de covardia em seu corpo lindo. Eu, em contrapartida, meu pai e até a minha mãe, somos completos covardes. Acho que os Nash precisam de uma dose de coragem dos Kinsley.

Meu Deus. Como fui burro.

Ela estava lá, bem na minha frente, dizendo que me amava e eu fiz o que? Porra nenhuma. Poderia tê-la em meus braços, poderia tê-la beijado e dito que ela é a melhor coisa que aconteceu comigo, mas não. Eu fugi. Como meu pai fugiu da verdade por anos, como minha mãe fugiu da responsabilidade.

Nash, os fujões.

Entro no meu carro e dirijo até Raleigh.

Estou passando pelo Tina's quando uma placa presa ao vidro chama a minha atenção.

Estamos contratando.

Vou precisar de dinheiro para manter meu pai na clínica de reabilitação. Tia Lucy vai ajudar com as contas de hospital, mas não vou colocar a clínica nas costas dela também. Minha tia já faz muito por nós. Está na hora de crescer e dar um jeito nas merdas que envolvem minha família.

Estaciono o carro no estacionamento do Tina's e entro. A última vez que estive aqui, Derek ficou maluco por Sophie. Tenho uma sensação engraçada de *déjà vu* quando sento na mesma mesa que me sentei com os caras no dia que conhecemos Sophie.

Ela se aproxima de mim com o cenho franzido. "Oi, Nash."

"Oi." Abro um sorriso. "Foi exatamente nessa mesa que seu namorado pediu seu telefone e você dispensou o cara."

Sophie dá risada. "É, eu me lembro."

"Vou considerar que essa mesa dá sorte."

"Por que você precisa de sorte?"

Vou direto ao ponto. "Preciso de um emprego e vi que vocês estão contratando."

Sophie arqueia uma sobrancelha. "Você quer um emprego aqui? Christopher Nash servindo mesas?"

"As pessoas têm que parar de dizer meu nome como se eu fosse algum deus."

Sophie gargalha.

“Qual a graça?”, pergunto, confuso.

“Ah, perdão, é que... cara, você se intitulou um deus. Essa humildade é esquisita em você.”

“Vou considerar isso um elogio.”

“Mas não é.”

Dou de ombros. “Vou considerar que sim.” Eu a encaro. “Olha, não quero fazer jogo psicológico nem nada, e não quero que sinta pena de mim, mas você ouviu o que eu disse sobre o meu pai. Ele foi para a reabilitação no final das contas. Eu preciso de grana para arcar com isso. Preciso do emprego, Sophie.”

Ela não diz não de imediato, então é algo bom. “Você já trabalhou antes? Tem experiência?”

“Como garçom, não. Mas trabalhei em uma empresa de construção na época da escola. Sou obstinado, Soph. Você namora um atleta, sabe da nossa determinação. Eu vou trabalhar direitinho. Posso fazer uma semana de teste ou sei lá, você pode me ensinar. Vou aprender depressa.”

Ela pensa por quase um minuto enquanto olha para a minha cara. “Tá legal. Vou chamar a Tina e você conversa com ela. Vou jogar todo o meu charme para ajudá-lo, Nash. Não me decepcione.”

Abro o maior sorriso que consigo. “Obrigado.”

Tina aparece alguns minutos depois. Ela me faz as perguntas básicas de toda a entrevista de emprego. Depois, ela me informa os horários e pergunta se vai atrapalhar minha rotina de treinos e aula.

Porra. Não pensei na parte dos treinos e dos jogos. Muitas vezes, Sophie não consegue ir porque está trabalhando. Se ela não consegue, como eu vou conseguir?

“Posso te passar a minha escala de jogos antecipadamente. Em dia de jogo, eu posso trabalhar até a hora de ir para a arena. Quando o jogo for fora de casa, posso compensar as horas outro dia.”

Tina me analisa. “Parece coisa demais para uma pessoa só. Aulas, treinos, jogos, trabalho... Não sei, Christopher.”

“Eu vou fazer dar certo. Você pode me pagar por hora, ao invés de por mês. Qualquer coisa. Eu preciso muito desse emprego.”

Assim como Sophie, Tina pensa por um momento. “Vamos fazer um teste de algumas semanas. Quando você pode começar?”

“Agora.”

Tina abre um sorriso. “Vou ver se tenho uniforme do seu tamanho.”

Sophie se aproxima quando Tina sai da mesa. “E aí?”

“Vou começar agora. Um teste de algumas semanas, mas já é alguma coisa.” Sorrio para Sophie. “Parece que vamos ser melhores amigos agora, Soph.”

Ela suspira, resignada. “Que sorte a minha.”

28.

ERETRIA

Março

Estou atrasada.

E tenho uma aula superimportante, e moro do outro lado do maldito campus da Duke. Argh! Não deveria ter ido dormir tão tarde. Savannah precisa parar de me convencer a assistir a filmes malucos de terror perto da hora de dormir.

Sophie tem dormido na casa de Derek desde que Burke suspendeu o celibato. Sorte a dela. Passa noites muito mais feliz do que eu, que fico tremendo de medo com as drogas dos filmes de terror de Savannah.

Pego a minha bolsa em cima da cama, penteio o meu cabelo rapidamente com os dedos e disparo até a porta do quarto, pronta para sair voando até o West Campus, mas assim que abro a porta, encontro Nash parado na minha frente.

Minha respiração é roubada dos pulmões. O que ele está fazendo aqui?

“Oi.” Ele abre um sorriso. “Entra. Temos que conversar.”

Entra. Temos que conversar? Quem ele acha que é para mandar em mim?

“Estou atrasada, Christopher. Tenho uma aula importante e preciso atravessar o campus. Não tenho tempo pra perder com você agora.”

“Eu te levo. Estou de carro.”

“Não quero nada de você. Sai da minha frente.”

“Se você não conversar comigo, vou te seguir até lá, vou ficar do lado de fora da sua sala e, quando você sair, vou continuar te seguindo até você me ouvir”, ameaça.

Eu o encaro, não há nenhum blefe nos seus olhos cinzentos. Conheço

Nash o suficiente para saber que ele vai fazer exatamente isso.

Volto para dentro do meu quarto, bufando e xingando em voz baixa. Se eu perder a aula por causa desse garoto...

Nash entra logo depois de mim, fecha a porta e fica parado ali, olhando para a minha cara sem dizer nada.

“Você disse que queria conversar, então converse. Não tenho todo o tempo do mundo. O que você quer?”

“Você” ele responde, simplesmente.

Meu coração dá um salto, mas não deixo minha postura dura se romper. A rejeição de Nash ainda está borbulhando dentro da minha cabeça.

“Eu quero que as pessoas parem de comer os animais e que valorizem o meio ambiente. Parece que nós dois queremos coisas que não podemos ter.”

Ele se aproxima de mim.

“Não.” Eu estendo a mão para frente. “Não chega perto de mim, Nash. Essa sua abordagem não vai funcionar dessa vez.”

Ele para, obedecendo. “Você me perguntou se eu te queria além do seu corpo. Eu quero”, Nash afirma. “Eu acho que agora talvez você entenda porque eu disse que não, o porquê de afastar você. Talvez não justifique porra nenhuma, mas eu... eu estava apavorado, Eretria. Sabia que estava fodido quando você acordou na minha cama no dia seguinte ao meu aniversário. Eu soube ali que você viraria meu mundo de cabeça pra baixo e eu precisava me proteger.”

“Você me machucou primeiro. Eu é que deveria estar me protegendo, mas, ao invés disso, eu dei tudo que tinha pra você. Eu tentei entender você, tentei conhecer você, tentei amar você, mas você não me deu nada de volta. Eu não sei mais como estar perto de uma pessoa que está tão distante.”

Ele concorda com a cabeça, dá mais alguns passos para frente, mas não chega perto de mim. Ao invés disso, ele se senta na minha cama e passa as mãos pelos cabelos. “Não falei a verdade para você.”

“Que verdade?”, pergunto, dando o braço a torcer.

“Que você é a única mulher que me fez sentir alguma coisa. Achei que minha vida era perfeita, que eu tinha tudo que um cara de vinte e um anos pode querer. Todo mundo sabe o meu nome, eu sou bom pra caralho quando tô jogando, tinha todas as garotas que eu quisesse e quando eu quisesse. Minha vida sexual era boa pra caralho. Quem iria querer outra coisa?” Ele faz uma pausa. Seus olhos cinzentos encontram os meus. “A verdade é que eu estava sozinho pra cacete. Vazio, na verdade. Eu estava vazio.”

Meu coração aperta. Ele está realmente sendo sincero, mas que garantia eu tenho de que ele não vai surtar amanhã ou depois e jogar tudo para o alto, me magoando de novo?

“Você disse que não conseguia fazer isso; disse que relacionamento não estava no seu vocabulário. O que mudou?”

“Eu mudei.” Ele levanta da cama, parando a alguns centímetros de mim. “Pensei em você todos os dias em que estive fora.”

“E simples assim, você decidiu que me quer agora?”

“Eu *sempre* quis você. Eu só estava com medo. Passei a vida inteira pedindo que meu pai não deixasse a minha mãe destruir a vida dele, mas eu estava deixando ela destruir a minha. Tinha medo de sentir o que meu pai sente pela minha mãe e sofrer como ele sofre. Tinha medo de acabar como ele.”

Merda.

Eu queria tanto que ele tivesse me falado tudo isso naquele dia. Se Nash tivesse sido honesto comigo, nada dessa merda estaria acontecendo.

“Você me machucou muitas vezes, Nash.”

“Eu sei”, ele sussurra, consternado.

Levanto os olhos, encarando-o. “Carter e eu estamos saindo”, conto. “Ele é bom pra mim.”

Vejo a dor atravessar o seu rosto. “Você disse que me ama.”

“Mas eu não quero amar você, eu quero ser feliz. Você disse que queria que eu fosse feliz, você disse que eu *merecia ser feliz*. Carter me deixa feliz. É fácil com ele. Depois de tudo o que eu vivi com Lucas, eu preciso de alguém que me traga tranquilidade e estabilidade, só para variar. Nós não somos assim. Não tem nada de calmo no que tivemos.”

“Eu sou o cara pra você”, ele afirma, e segura meu rosto entre as suas mãos. “Se você precisa de tranquilidade e estabilidade, darei isso a você. Vou cuidar de você, vou enfrentar Kyle e quem mais tiver que enfrentar pra ter você na minha vida, Tria. Não quero perder você.”

O ar fica preso nos meus pulmões. “Eu nunca fui sua para você perder, Nash. Você garantiu isso.” Dou um passo para trás, me afastando dele.

“Não fala assim”, ele implora.

“Eu preciso ir para a aula.” Limpo as lágrimas que insistem em cair dos meus olhos. “Você não precisa me levar.”

Pego minha bolsa de novo, colocando-a sobre o meu ombro.

“Eretria...”

“Você me mandou seguir em frente, Nash. Mais de uma vez. Mas todas as vezes que eu tentei, você estava logo ali, me puxando de volta para você. E eu voltei. Todas as vezes eu acabei voltando para você, mas parece que você só me quer quando não pode me ter. Você gosta da conquista.”

Ele nega com a cabeça. Seu rosto é a personificação da tristeza, o que faz meu peito doer, mas eu preciso ter algum senso de autopreservação.

“Carter faz bem para mim”, repito. “Você não tem o direito de me tirar isso. Eu estava pronta para ficar com você. Eu enfrentaria Kyle, meus pais que surtariam e o que mais fosse preciso, mas você me afastou. Escolheu me magoar mais uma vez. E agora eu descobro que você estava fazendo isso de propósito?”

“Eu estava tentando poupar você.”

Eu o encaro, incrédula. “Me poupar? De que?”

“De mim. Minha infância foi fodida e eu carrego mais cicatrizes do que você pode ver. Eu não estava pronto.”

“E agora está?”

“Sim”, ele responde, categórico.

“Não acredito em você. Acho que você está com o orgulho ferido porque eu estou com outro cara.”

Nash me olha com tanta intensidade que tenho a sensação de que ele está vendo a minha alma. “Eu não vou desistir.”

“Pois deveria.”

Ele abre um sorriso presunçoso.

É sério que ele está achando isso engraçado?

“Mas não vou. Eu te disse que você merecia um cara que congelasse o inferno por você, e é justamente o que eu vou fazer”, ele promete. “Vou reconquistar você, gata.”

E com essa promessa, Nash sai do meu quarto.

Chego na sala de aula atordoada — e atrasada — e me sento ao lado de Sophie, que guardou uma cadeira para mim ao seu lado quando avisei que chegaria alguns minutos atrasada.

Nós duas estudamos Direito. Apesar de querermos seguir especializações distintas, o primeiro ano é praticamente de matérias obrigatórias, então temos aulas juntas.

Assim que eu me sento, minha amiga me encara. “Você tá bem?”

“Nash apareceu no nosso quarto”, conto, falando baixo para não atrapalhar a aula. “Ainda tô processando tudo o que ele me disse.”

“Vocês brigaram?”, investiga ela.

Nego com a cabeça. “Ele meio que se declarou.”

Os olhos azuis de Sophie se arregalam tanto que quase pulam das órbitas. “Nash se declarou? Tá brincando?! O que ele disse? Ele disse que te ama?”

“Não. Mas disse coisas como ‘não quero perder você’ e ‘não vou desistir’ e ‘eu sou o cara pra você’. Argh. Não sei o que pensar disso.”

Sophie está estarrecida. Minha amiga fica quase cinco minutos olhando para o nada. “Ele está trabalhando comigo.”

Eu olho para ela. “Quê?”

“Ele apareceu lá alguns dias atrás pedindo o emprego que estava em aberto desde que PJ foi demitido. Ele disse que precisava muito da grana pra ajudar o pai na reabilitação.”

Puta merda.

Como Nash vai dar conta da faculdade, dos treinos, dos jogos e de um emprego?

Não. Não é problema meu. Ele já é bem grandinho e sabe o que está fazendo. Essa preocupação não me pertence. Até onde eu sei, Christopher Nash pode fazer o que ele quiser.

Não é problema meu.

E, se eu repetir isso várias vezes, talvez comece a acreditar.

Maldito Nash.

“Vou arrancar mais informações”, diz Sophie.

“Não vai, não. Carter e eu estamos saindo, lembra? Não vou enganá-lo como Nash fez comigo.”

“Se você está com o Carter e amando o Nash, você já o está enganando, amiga.”

Quando essa garota ficou tão esperta?

Bufo. “Odeio quando você tem bons argumentos.”

Sophie ri baixinho. “Parece que o jogo virou.”

Passamos o resto da aula prestando atenção na matéria. Bom, Sophie parece estar prestando atenção, eu, por outro lado, não consigo parar de pensar no que Nash disse. Ele parecia estar sendo sincero, e, se for esse o caso, ficou realmente mais fácil de entender o motivo de ele ter me afastado

tantas vezes.

No entanto, mesmo que ele estivesse falando a verdade, quem me garante que ele não vai me machucar de novo?

Uma coisa é você correr atrás da pessoa de quem gosta, mesmo que ela não goste de você; outra coisa bem diferente é você não ter nenhum senso de autopreservação.

Nash disse que sabia que eu iria virar o mundo dele de cabeça para baixo. Mas não foi exatamente o que ele fez com o *meu mundo*?

Argh. Por que eu estou sofrendo por antecipação por conta disso? Nash disse que iria congelar o inferno por mim... Suponho que eu deva esperar para ver.

* * *

Eu não costumo reclamar muito dos eventos da natureza, até porque, eu vivo para defendê-la, mas quando saio da biblioteca horas mais tarde e me deparo com a chuva que está caindo, tenho vontade de xingar. Droga. Eu não trouxe guarda-chuva, e a Bassett House é do outro lado do maldito campus.

“Acho que essa é uma hora excelente para oferecer uma carona.” Nash aparece do meu lado de repente, me dando um susto.

“O que você tá fazendo aqui?”, pergunto, ríspida. “Você disse que se eu conversasse com você, você não iria me seguir.”

“Não, eu disse que iria te seguir se você não conversasse comigo, mas não disse nada sobre não te seguir se você conversasse.”

Lanço um olhar pétreo na direção de Nash. “O que você quer, Christopher?”

“Te salvar da chuva.”

“Ah, que lindo, mas felizmente eu não sou feita de açúcar.”

“Pra que todo esse sarcasmo?”, ele pergunta, docemente. “Você pode não ser de açúcar, gata, mas e o seu laptop? E os seus livros? Você estava linda estudando, sabe? Eu odiaria ver os seus livros e o seu computador destruídos.”

Merda. Ele tem razão. Minha mochila não é à prova d’água e eu não posso me dar ao luxo de destruir os meus livros ou o sistema operacional do meu laptop.

Respiro fundo, resignada. “Nash, por que você tá aqui?”

“Estudando. Você chegou, sentou na mesa e estava tão concentrada que

não viu que eu estava só a algumas mesas a sua direita.” Ele dá de ombros. “Vi quando você levantou, notei a chuva e estou te oferecendo uma carona. Nada demais.”

Nada demais, o caramba.

Não sei se acredito na versão de Nash, mas não posso dizer que é mentira porque eu não olhei ao redor nenhuma vez. Estava realmente muito concentrada na pesquisa que estava fazendo para um trabalho que tenho que entregar daqui a dois dias.

“Tá bom”, acabo cedendo pelo bem dos bens. “Mas só porque eu não posso mesmo molhar meu material.”

Ele sorri, satisfeito. “Claro. Eu vou pegar o carro. Me espera aqui.”

Nash enfrenta a chuva forte, correndo até o estacionamento para buscar o Rover, e quando ele para o carro na entrada da biblioteca, eu corro até lá o mais rápido que consigo.

Dentro do carro, dou uma conferida no interior da mochila para me certificar de que não houve estrago. A pontinha do meu caderno está enrugada por conta da água e o laptop molhou um pouquinho — a chuva está forte o suficiente para fazer isso em um curto percurso —, mas não é nada sério. Tudo sob controle.

“Tudo certo?”, ele se certifica.

Percebo que está todo molhado. O cabelo escuro está brilhando por conta da água e a roupa está colada no corpo, marcando o abdômen de pedra que eu sei que existe por baixo da camiseta.

Limpo a garganta. “Tudo certo.”

Afasto o meu cabelo molhado do rosto e coloco o cinto de segurança quando Nash começa a dirigir. Nós dois ficamos em silêncio. O percurso não deve demorar muito, então consigo aguentar essa situação sem enlouquecer.

O barulho da água batendo violentamente contra o vidro é tudo que eu escuto por quase dois minutos inteiros até Nash soltar um suspiro cansado.

Olho para ele. “O quê?”

Ele hesita. “Estou pensando no quanto você pode testar o amor até ele desistir.” Nash tamborila os dedos no volante. “Sou um idiota.”

“Sim, você é mesmo.”

E então, Nash para o carro no meio fio, puxa o freio de mão e olha para mim. Seus olhos cinzentos estão em chamas.

“O que você tá fazendo?”

“Vou beijar você”, ele anuncia.

Minha respiração fica entalada na garganta quando ele inclina o corpo para frente, chegando perto de mim.

Encontro a minha voz. “Não se atreva.”

E ele para.

Não posso ficar dentro desse carro. Não consigo ficar perto dele sem sentir meu peito doer; sem sentir o arrepio que percorre a minha coluna e a insanidade com a qual minhas células gritam, clamando por ele.

Então, faço o que toda a pessoa apavorada faz, eu fujo. Tiro o cinto de segurança rapidamente e abro a porta, mas deixo a minha mochila para trás, segura e seca dentro do carro de Nash.

Estou ensopada antes de dar o quarto passo para longe, mas antes de dar o quinto, Nash segura meu braço, me impedindo de continuar.

“Eu quero você”, ele diz, um pouco mais alto do que o normal por conta do barulho da chuva que tenta encobrir a sua voz. “*Eu quero você*”, ele repete. “Não só o seu corpo. Quero a sua risada, as suas provocações, a forma como você diz meu primeiro nome quando está puta comigo. Quero esse franzidinho aqui”, ele toca um ponto entre as minhas sobrancelhas “que aparece sempre que você fica confusa. Quero os seus lábios e tudo o que eles sabem fazer. Merda, Tria, eu quero até as brigas. Você me dizendo o quanto sou burro pra caralho e me desafiando a ser diferente. Eu quero nós dois, juntos, agarrados, fodendo a noite toda e o dia inteiro. Porque eu quero tudo com você. *Eu quero você inteira.*”

Não sei se ele percebe que eu começo a chorar. Está chovendo tanto que as minhas lágrimas podem ser confundidas com as gotas de chuva, mas Nash percebe. Ele dá mais um passo na minha direção e segura o meu rosto entre as suas mãos enormes.

Meu corpo está tremendo, mas não acho que seja pelo frio. As palavras dele me acertaram fundo e meu corpo inteiro está sendo preenchido por elas ao mesmo tempo em que sinto todos os lugares doendo e explodindo. É uma mistura de sentimentos confusa e apavorante.

“Por que você não foi honesto comigo, Nash?”, eu choramingo. “Você estava tentando se proteger, mas e eu? Você estaria bem, você estaria seguro, mas e eu?” Eu choro, me afastando dele.

Consigo ver o sofrimento nos seus olhos cinzentos, mas ele viu o mesmo sofrimento nos meus olhos quando disse que não me amava. Ele me viu, exposta e vulnerável e me machucou mesmo assim.

“Eu não consigo mais fazer isso. Vou pedir para o Kyle pegar minhas

coisas com você.”

“Eretria...”

“Por favor”, eu imploro. “Só... Me deixa em paz, Nash.”

Viro as costas para ele e começo a correr.

Pra longe dele.

Pra longe dessa conversa.

E, se eu soubesse como, também correria para longe do sofrimento que rasga o meu peito.

29.

NASH

Desde a conversa na chuva com Eretria, eu estou com uma missão: Recuperar minha garota. E é exatamente isso o que vou fazer, independente de quanto tempo demore.

Entendo que ela esteja com dúvidas, que esteja com medo, eu dei vários motivos para que ela não acreditasse em mim. Mas, eu fui sincero dessa vez.

Desde a conversa com o meu pai, quando coloquei a faca na frente dele — onde eu estava com a cabeça? —, eu tenho pensado no tamanho da minha hipocrisia. Passei anos pedindo para o meu pai esquecer a minha mãe, seguir a vida, viver, conhecer outra pessoa e se dar uma nova chance de ser feliz. Não sei quantas vezes eu disse isso para ele. Mas, cá estava eu, com a minha cama testemunhando um rodizio infundável de mulheres, afastando todas por quem pudesse sentir alguma coisa diferente.

Nunca tinha visto as coisas por esse ângulo. E talvez continuasse não vendo se meu coração já não estivesse tomado por Eretria. Me dei conta o quanto estava sendo burro de afastá-la de mim. Lá estava *a minha chance* de ser feliz e eu joguei fora por conta do fantasma da minha mãe.

Não mais.

Essa merda acabou.

Talvez Eretria me faça sofrer, talvez nós fiquemos juntos só para descobrir que nunca daríamos certo. Quem poderá saber? Mas será uma escolha minha chafurdar na tristeza como o meu pai fez. E essa é uma decisão que não pretendo tomar na minha vida.

“Nash, a mesa sete precisa ser limpa”, Sophie me avisa.

“Pode deixar.”

Pego a bacia para colocar os pratos sujos e vou até lá. Recolho os pratos e os talheres, passo o desinfetante com cheiro de flores na mesa e limpo tudo

com o pano, exatamente como Sophie me ensinou. Também ajeito os cardápios e os porta-guardanapos, deixando tudo no lugar para os próximos clientes.

Levo a louça suja para a cozinha e Tim bate no meu ombro quando deixo a bacia lá.

Tim é o ajudante de Ethan, o cozinheiro. Os dois são legais, embora não tenhamos muito tempo para conversar. Como estou sempre no salão, Sophie e Camila são as únicas com quem eu converso.

O Tina's está vazio hoje, o que é ótimo, pois não preciso me desgastar muito. Tenho jogo em algumas horas, então é bom poder guardar minhas energias para destruir os adversários na quadra.

“Vai para o jogo hoje, Soph?”, pergunto, puxando conversa.

Sophie é a minha maior aliada no meu plano de reconquistar Eretria. Se tem alguém que pode me ajudar a baixar a guarda daquela fera, é Sophie.

“Vou”, ela responde animada. “Quais as expectativas?”

“Vamos ganhar”, digo sem hesitar.

“Eu espero que vocês ganhem mesmo”, diz Camila. “Eu apostei dinheiro nesse jogo, Nash.”

Camila é uma morena de beleza mediana. Não tem nada de extraordinário nela, fisicamente falando, mas a menina é engraçada pra caralho. Estou trabalhando no Tina's há três dias e já chorei de rir com ela.

“Eu não jogo sozinho, *princesa*. Você tem que falar isso para os caras também.”

Camila faz uma careta. Ela odeia ser chamada de princesa, e é justamente por isso que eu a chamo assim.

Sophie dá risada. “Ela vai arrebentar a sua cara, Nash.”

“Vai nada. Cami me ama, não é, princesa?”

“Amo a minha mão na sua cara se você continuar me irritando.”

Jogo a cabeça para trás, gargalhando.

“Quem trouxe esse imbecil pra trabalhar aqui?”

Sophie suspira. “Culpada.”

“Qual é, meninas. Eu sou tão legal.”

Camila nega com a cabeça. “Você *acha* que é legal.”

Massageio o peito como se estivesse sentindo dor. “Você está me matando, princesa.”

Fechando os punhos, Camila sai de perto de mim, bufando.

Sophie dá risada. “Ela vai te odiar pra sempre.”

Rio também. “Ela gosta de mim. Bem lá no fundo.”

“É, *bem* no fundo mesmo, onde nem ela mesma consegue ver.”

Ficamos alguns minutos em silêncio enquanto esperamos mais clientes aparecerem e se sentarem no nosso setor.

“Preciso te perguntar uma coisa”, diz Sophie.

Olho para ela com curiosidade. “Manda a ver.”

Ela hesita.

“É sobre Eretria?”, suponho.

“Sim.”

Me contenho para não sorrir. Sophie acabou de facilitar muito as coisas para mim ao tocar no assunto. “O que quer saber?”

“O que você quer com a minha amiga, Nash?”, pergunta Sophie, protetora. “Juro por Deus que se você mentir para mim vou pedir para o Derek te dar uma porrada.”

Reprimo uma risada. “Quero ficar com ela.”

“Ficar como? Transar com ela ocasionalmente?”

“Quero namorar com ela.”

Sophie fica quase um minuto inteiro em silêncio. “Você é muito burro, cara.”

Suspiro. “Eu sei.”

Mais um momento de silêncio.

“Ela tá decidida a seguir em frente”, diz Sophie. “E Carter é muito legal. Conheci ele alguns dias atrás.”

Solto um grunhido de irritação. Não quero saber de Carter. Só de pensar no cara envolvendo os braços ao redor da minha garota... Não. Não vou pensar nisso, senão vou perder a cabeça. Preciso pensar. Já fui burro por tempo suficiente. E também não posso fazer as mesmas merdas de antes, aparecendo sempre que via ela com outro cara.

Preciso de uma aliada.

“Me ajuda, Soph.”

Ela cruza os braços, me encarando. “Por que eu deveria?”, questiona. “Eretria e Savannah são minhas amigas. As melhores que eu já tive. Por que eu deveria arriscar chatear a minha amiga para ajudar você?”

“Sei que Eretria ajudou Derek a ficar com você.”

“Mas Derek não fez nem metade das merdas que você fez. Na verdade, Derek não fez *nenhuma* merda. E eu o estava afastando de mim por motivos óbvios”, ela argumenta. “São duas histórias muito diferentes, Nash.”

Concordo. “Você tá certa.”

“Por que eu deveria te ajudar?”, ela repete a pergunta.

“Porque eu amo ela”, digo, simplesmente.

Sophie fica me encarando pelo que parece cinco minutos. Ela analisa minuciosamente o meu rosto, olha dentro dos meus olhos, procurando por uma possível mentira, mas não há nenhuma.

Quando se dá por convencida, Sophie abre um sorriso gigantesco. “Finalmente”, diz, animada. “Certo. Do que você precisa?”

Pisco algumas vezes. “Você vai me ajudar?”

“Sim, mas se eu a ver chorando outra vez por sua casa, eu juro que você vai conhecer o meu taco de beisebol”, ela ameaça. “Comprei depois que Owen tentou me estuprar. Ele fica embaixo da minha cama. Acredite, faz um estrago.”

Se Sophie não tivesse dito a palavra “estuprar”, provavelmente eu teria rido da sua ameaça. Mas algo dentro de mim se contorce ao pensar na pequena Sophie sendo atacada por Owen Montgomery.

“Nós dois nunca conversamos muito, então eu não tive a chance de dizer que eu sinto muito que essa merda tenha acontecido com você, Soph”, digo, sinceramente. “Eu segurei Eretria quando ela bateu no Montgomery, mas me arrependo amargamente. Deveria ter deixado ela acabar com o filho da puta. Não. Na verdade, eu teria partido ele no meio se soubesse o que ele tinha feito.”

Sophie sorri. “Valeu, Nash. Conhecer Derek, as meninas, você e os outros garotos foi a melhor coisa que aconteceu comigo. Graças a vocês, não tenho mais tanto pavor de ficar perto de homens.”

Passo o braço pelos ombros da minha nova aliada. “Não esquenta, Soph. No que depender de nós, somos a muralha onde você reside atrás. Ninguém vai machucar você de novo.”

Os olhos azuis de Sophie brilham com lágrimas. “Obrigada.”

“Nash.” Ouço a voz de Derek. “Tira a mão.”

Sei que ele está brincando, mas tiro o braço dos ombros de Sophie. Ela, por sua vez, dá risada e dá alguns passinhos saltitantes até o namorado.

“Oi, lindo”, ela o cumprimenta.

“Fica longe dele, gata. Esse cara tem um charme poderoso. Não duvido nada que ele te conquiste.”

Dou risada.

Sophie fica na ponta dos pés e beija meu amigo. “Nash é inofensivo.

Nós somos meio que melhores amigos agora.”

Sorrio inocentemente para Derek.

“E eu sou muito apaixonada por você para querer alguma coisa com qualquer outro cara”, ela completa, sorrindo de um jeito que deixa Derek abestalhado.

Derek abre um sorriso e dá um beijo no alto da cabeça de Sophie. “Vim buscar vocês”, ele diz, abraçando a namorada com um dos braços. “Temos que ir, cara.”

Faço que sim com a cabeça, desamarrando o avental.

Nessa hora, Annie e Betty entram pela porta do Tina’s. As outras duas garçonetes que vão assumir o turno assim que Sophie e eu sairmos.

“Oi, Nash”, as duas garotas dizem em uníssono.

E eu conheço exatamente o sorriso que elas estão lançando na minha direção. Sei que é arrogante o que eu vou dizer, mas basta que eu estale os dedos para ter as duas na minha cama. É o que esse sorriso delas me diz. Mas só tem uma mulher que eu quero na minha cama e não é Annie ou Betty ou ambas juntas.

“Oi, meninas”, respondo, educadamente, mas sem nenhum tom de segundas intenções. “Vamos?”, digo a Derek.

Pego a bolsa de Sophie atrás do balcão e olho para Camila antes de sair. “Tchau, princesa.”

“Desaparece, Nash.”

Saio do Tina’s gargalhando.

30.

NASH

“Bola!”, eu grito.

Derek dribla um jogador adversário e lança a bola no alto para que eu a enterre na cesta, e é exatamente o que eu faço.

A torcida vai à loucura. “Defesa! Defesa!”

Kansas Jayhawks é o time com quem estamos jogando essa noite. O ataque deles é forte, então todo o cuidado e atenção são poucos. Estamos todos concentrados em segurar o monstro do Ala-Armador deles. Acho que o nome dele é Steve O’Brien.

Como já estamos nos playoffs, a tensão é ainda maior. Quem perder, está fora. Ou seja, perder não é uma opção.

Os jogadores do Jayhawks estão vindo para o ataque como foguetes.

“Kyle”, Derek grita.

O bom de jogar muito tempo com um mesmo time, é que você entende os comandos do Armador antes que ele realmente os dê.

Kyle avança para roubar a bola, mas não consegue. O jogador que estava com a posse, lança para o companheiro de time, que é justamente o cara que eu estou marcando, então eu mesmo tento roubar a bola, e consigo.

“Avança! Avança!”, grita Burke da lateral da quadra.

Nosso treinador nunca consegue ficar sentado no banco. Ele está sempre em pé, gritando com a gente, com a arbitragem... Basicamente, com Deus e o mundo.

Não vejo nada na minha frente, entro no garrafão para arremessar a bola e assim que ela sai dos meus dedos em direção a cesta, sinto baterem na lateral do meu corpo, o que me faz cair no chão.

A torcida prende a respiração.

Mesmo do chão, consigo ver que a bola entra na cesta.

“Isso foi falta”, Burke grita.

E o juiz marca a falta.

Ryan aparece do meu lado, estende a mão para mim e me ajuda a levantar do chão.

“Tudo bem?”, meu amigo pergunta.

“Tudo bem”, respondo, mas sinto minhas costelas doerem.

O cronometro para e eu vou até a linha de lance livre para cobrar a falta. Os outros jogadores ficam em volta do garrafão e o juiz me entrega a bola para que eu possa arremessar.

Procuro Eretria na plateia. Sei que ela está aqui e sei que sempre senta no mesmo lugar.

E lá está ela, no meio de Sophie e Brianna, olhando para mim com aqueles olhos verdes. Sustento o olhar dela até o juiz soprar o apito, então olho para frente e arremesso, convertendo a falta em outro ponto.

A torcida comemora, olho para Eretria e mando um beijo para ela, apontando na sua direção para que entenda que a cesta é para ela. E sei que ela sabe porque Sophie, Brianna e Savannah se aglomeram ao redor dela e começam a pular, animadas com o meu gesto de amor.

O cronometro volta.

O jogo está puxado. Segurar Steve O’Brien está sugando todas as nossas energias, mas, em compensação, os jogadores do Jayhawks estão com dificuldades de segurar a mim e ao Derek também.

De acordo com nossas posições, — Derek como Armador, e eu como Ala-Armador — temos funções muito parecidas dentro da quadra. A diferença é que eu sou muito mais ofensivo, então preciso marcar mais pontos do que ele. E, como já mencionei antes, eu sou bom pra caralho quando estou jogando. Se tem um setor da minha vida onde eu erro pouco, é no basquete.

Faltando um minuto para o final do segundo período, Burke paralisa o jogo e nós nos aglomeramos ao redor dele para ouvir as instruções. O placar está acirrado, o que já esperávamos, mas faltando um minuto para acabar o jogo e correndo o risco de sermos eliminados se perdermos, a tensão é absurda.

“Eu sei que vocês estão cansados. Eles também sabem disso, mas isso aqui é *March Madness*, nós nos preparamos para isso. Então, eu quero que vocês entrem lá pensando que é a final”, ele discursa. “Nash, abuse da sua estrutura óssea e abre caminho entre os caras. Força a entrada naquele

garraão.”

Assinto.

“Kinsley, segura o O’Brien o máximo que você conseguir.” Kyle assente. “Prestem atenção no jogo. Olhem para os jogadores, não para a bola. Antecipem as jogadas deles e roubem a posse.”

Todos concordamos com a cabeça.

“Blue Devils no três”, diz Burke. “Um, dois, três.”

“Blue Devils”, nós falamos em uníssono depois de juntar nossas mãos.

Mexo meus braços para aliviar a tensão. Quando o cronometro volta, eu estou com sangue nos olhos para vencer esse jogo.

“Bola!”, eu grito para Jeremy.

Meu amigo lança a bola para mim por cima da cabeça do adversário, eu a seguro e atravesso a quadra como um foguete. Lanço de trás da linha dos três pontos, querendo abrir o placar o máximo que eu conseguir.

A torcida vai à loucura quando a bola entra na cesta. “Defesa! Defesa!”

“Ryan. Nash”, grita Derek. Não olho para ele, mas presto atenção na chamada de jogada. “Erro. Erro.”

Olho para Ryan e ele faz sinal de positivo.

Kyle está lutando para marcar o O’Brien, mas o cara é um monstro, e consegue arremessar perfeitamente por cima da cabeça de Kyle, marcando uma cesta de três pontos.

Caralho.

O jogo está 75x79 para o adversário.

“Ryan”, eu chamo.

Meu amigo entende sem que eu precise falar. Derek lança a bola para Ryan e ele atravessa a quadra de um lado, comigo o acompanhando do outro. Os jogadores adversários concentram sua atenção em Ryan, mas com a jogada que Derek chamou, nós os enganamos e ele lança a bola para mim, que estou livre e do outro lado da quadra. Eu a recebo com precisão e salto, a bola gira no aro, mas cai para fora.

Porra.

Kyle entra em ação, roubando a bola do adversário e enterrando na cesta.

“Posse de bola!”, grita Burke.

Olho para o cronometro. Faltam vinte segundos e nós ainda estamos perdendo.

Expulso o medo do meu corpo. Não vamos perder esse jogo nem por

cima do meu cadáver.

Avanço até O'Brien, mas ele joga a bola para outro companheiro. Derek consegue pegá-la, no entanto. Ele atravessa a quadra, marcando uma cesta de três.

Meu coração está batendo na boca. Falta dez segundos e agora nós estamos vencendo por um mísero ponto.

“Segura!”, Derek ordena. “Um a um. Segura!”

Cada um de nós deve marcar um jogador deles, além de segurar a bola. Nove segundos. Muita coisa pode acontecer.

“Jer, segura!”, grita Derek para Jeremy, que está tentando avançar ao invés de segurar.

Sobrou para mim marcar o O'Brien.

Sete segundos.

E ele está com a bola.

Seis segundos.

“O jogo é meu, Nash”, ele diz para mim.

Cinco segundos.

“Porra nenhuma”, eu respondo.

O'Brien tenta passar por mim, mas eu não cedo. Ele joga o corpo para cima de mim, mas eu continuo bloqueando.

Três segundos.

“Bola!”, um companheiro grita para O'Brien.

Ele lança a bola para o cara, mas Ryan toma a posse.

“Segura essa bola, porra”, grita Derek.

O cronometro zera e o som indicando o final da partida dispara. Os caras que estavam no banco se aglomeram, pulando em cima de mim.

“Vencemos, caralho!”, grita Babyface.

“Você segurou um monstro”, diz Chad.

“Eu e Kyle”, digo, não querendo todo o mérito. “Mandou bem, cara.”

Minha relação com ele ainda está meio estremecida, mas Kyle abre um meio sorriso para mim. “Valeu.”

No vestiário, a alegria toma conta. Friends está cantando We Are The Champions do Queens como se já tivéssemos vencido a Final Four, mas ninguém reclama, mesmo ele cantando mal pra caralho. Juro. Fere os ouvidos.

“Estou considerando começar a perder se tiver que ouvir Friends cantando sempre que ganharmos”, diz Derek, aparecendo do meu lado.

“Te entendo totalmente, cara.”

Derek olha ao redor rapidamente, como se quisesse garantir que ninguém está nos ouvindo.

“O que foi?”

“Sophie me disse que vai te ajudar com Eretria”, ele sussurra. “Ela quer devolver o favor de cupido.”

Abro um sorriso. “Sua namorada e eu somos melhores amigos agora.”

“Tô sabendo.” Ele sorri. “Minha loirinha tem um plano.”

Sorrio. “Estou ouvindo.”

31.

ERETRIA

Sophie: Vc demorou mt no banheiro. Fui c Derek p uma festa na casa de Chad.

Savannah: Peguei carona c Zach. Te encontro no Chad.

Brianna: Tô c o seu irmão. Te vejo na festa.

Não se pode nem ir ao banheiro hoje em dia sem que suas amigas te abandonem para ir a uma festa. Que absurdo. Eu nem sei onde Chad mora, como *eu* vou para a festa?

Estou parada do lado de fora do Cameron Indoor Stadium, a casa do Blue Devils, esperando que alguma das minhas amigas traidoras me passem o endereço da casa de Chad para que eu possa pegar um táxi.

Não acredito que elas me deixaram para trás desse jeito.

“Precisando de uma carona?” Nash aparece na minha frente com aquele sorriso arrogante. Ele está vestindo terno e gravada, a vestimenta do protocolo, mas os cabelos estão úmidos por causa do banho, e é quase um pecado que alguém seja lindo assim.

“Não, mas agradeceria se você me passasse o endereço do Chad.”

“Tô indo pra lá”, ele me avisa. “Te levo.”

Muito convenientemente, Nash é o único dos meninos que ficou para trás, e isso me diz que minhas amigas traidoras armaram para mim.

Que raios elas estão pensando? Eu estou saindo com Carter. Elas sabem disso.

“Qual é, gata, não vou te morder. É só uma carona.”

“Prefiro pegar um táxi.”

Nash dá de ombros. “Então tá.” Ele começa a se afastar.

“Eu preciso do endereço.”

“Eu preciso de você, mas parece que não estamos conseguindo o que queremos ultimamente.”

Meu coração dá uma cambalhota dentro do meu peito. Nash sempre foi direto, mas normalmente falava putaria comigo. Mas o Nash romântico parece ainda mais perigoso do que o Nash pervertido.

“E aí, você vem ou não?”, pergunta Nash depois de perceber que eu não vou responder ao que ele disse.

Eu não deveria entrar no carro com ele. Não faço ideia de onde Chad mora, não sei se é longe ou se é perto, e a ideia de ficar dentro do carro com Nash por sabe-se Deus quanto tempo não me parece bom. No entanto, quais outras opções eu tenho? Posso voltar para casa. Duvido que minhas amigas vão me passar o endereço de Chad, duvido que Kyle fará isso, pois Brianna deve estar de olho nas mensagens que ele recebe.

Então, ou volto para a Bassett House ou aceito a carona de Nash e vou para a casa de Chad matar minhas amigas.

“Eu vou”, respondo contra a minha vontade.

Nash não diz nada, apenas concorda com a cabeça. Eu o sigo até o Rover, entro do lado do passageiro, coloco o cinto, Nash faz a mesma coisa, e em segundos, nós já estamos fora do estacionamento.

Pode ser meu coração querendo enxergar coisas onde não tem, mas Nash parece diferente.

“Fiz uma cesta pra você”, ele diz.

“Eu sei.”

Seus olhos cinzentos desviam rapidamente da rua. “Você gostou?”

É claro que eu gostei. Ninguém nunca fez uma cesta para mim antes, nem mesmo Kyle.

Penso em responder com um dar de ombros ou simplesmente não responder, mas eu tinha dito a ele que não queria mais esses joguinhos.

“Gostei. Obrigada.”

De repente, Nash para o carro no acostamento.

“Ah não”, protesto. “*De novo?*”

“O que eu preciso fazer para você me desculpar?”, ele quer saber, e ignora meu comentário anterior.

“Você esgotou o meu estoque de desculpas.”

Ele pensa um pouco. “Tá. Então o que eu preciso fazer pra ter você de volta?”

Suspiro, resignada. “Nash, acabou. Você não precisa fazer nada. Nós

não somos certos um para o outro.”

“Somos, sim.”

“Não, não somos”, insisto. “Somos agressivos um com o outro, dizemos e fazemos coisas sem pensar que nos magoam. Eu vi você com várias garotas diferentes nos últimos meses, eu beijei dois dos seus amigos na sua frente. Como isso é ser certo um para o outro?”

“Só porque não foi fácil não significa que não é certo.”

“Não deveria ser tão difícil assim, Nash”, minha voz sai cheia de frustração. “Olha, eu tô cansada de brigar com você, então, por favor, só dirige.”

Ele não move um músculo. De soslaio, percebo que ele continua olhando para mim. Tenho medo de olhar para Nash e ele tentar me beijar, mas, ao invés disso, ele segura a minha mão e a leva até o seu peito, o que me faz olhar para ele.

Consigo sentir seu coração batendo acelerado sob a palma da minha mão.

“Você acha que isso é errado?”, ele me pergunta, e eu engulo em seco. “Sei que machuquei você. Sou um idiota. Burro pra caralho. Eu sei disso, tá legal? Deveria ter dito que queria você quando soube que te queria, e eu sinto muito por não ter feito isso.”

Engulo em seco, sentindo meus olhos enchendo de lágrimas. “Você sempre sente muito, Nash. Mas a verdade é que, quando eu estava lá para ser sua, você me rejeitou. Você teve que sentir que me perdeu para perceber que eu era importante o suficiente pra vir atrás de mim.” Puxo minha mão de volta, tirando-a do peito dele. “O que vai acontecer comigo se amanhã ou depois você mudar de ideia?”

“Eu não vou mudar de ideia.”

“Você não pode me prometer isso.” Limpo uma lágrima que escapa. “Você estava se protegendo, eu entendo, mas agora é a minha vez de me proteger.”

Abro a porta do carro e saio. De novo. Não consigo mais ficar aqui.

“Onde você vai?”

“Para casa”, digo, batendo a porta do carro atrás de mim.

Começo a caminhar, mas escuto uma porta batendo atrás de mim. Não demora para que Nash segure o meu braço e me impeça de continuar andando. De novo.

“Você tá fugindo de mim.”

“Só você tem o privilégio de fugir das pessoas?”

“É, eu fugi e olha o que eu ganhei com isso”, ele diz com impaciência. “Você não pode fugir de mim pra sempre.”

“Não temos mais nada para conversar, Nash. Eu já disse tudo o que eu tinha para dizer.” Puxo meu braço de volta. “Que droga. Tudo com você é difícil. É difícil ficar com você e agora é difícil me livrar de você. Eu não...”

Ele me interrompe com um beijo. Um dos seus braços se fecha ao redor do meu corpo, e, com a mão do braço livre, ele adentra o meu cabelo, me puxando para mais perto dele.

Merda. É tão bom beijá-lo de novo. Ter o seu corpo junto do meu me causa dor e alívio em lugares que eu nem sabia que poderia sentir alguma coisa. E quando meus lábios se abrem contra a minha vontade, Nash tira o máximo proveito disso, passando a língua pelos meus dentes até encontrar a minha.

Quando ele solta um gemido do fundo da garganta, meu corpo inteiro treme. O beijo é firme, mas, ao mesmo tempo, é lento, carinhoso e... apaixonado?

Não. Eu não posso cair na dele de novo. Tudo o que Nash fez nos últimos meses foi me machucar e me usar. Ele queria sexo porque, sim, eu sou muito boa de cama. Ele me disse várias vezes que queria transar comigo, mas era só isso. E, mesmo que agora ele me queira, sou eu quem está com medo.

Sofri por Lucas quando me dei conta de que ele só me usou, quando ele me drogou e me deixou lá para morrer como se eu não fosse nada importante. Mas a forma como meu coração se partiu quando Nash me rejeitou, doeu mil vezes mais.

Eu separo nossos lábios, empurrando Nash para longe de mim. “Você *não pode* me beijar quando você quiser.”

“Você me beijou de volta”, ele argumenta. “Você ainda me quer, Eretria. Eu sei que sim.”

“Você não percebe o quanto está me machucando? Se você gosta minimamente de mim, me deixa em paz, Nash.”

Tento ir embora de novo, mas ele vem atrás.

Viro de frente para ele. “Para de me seguir”, digo, firme. “Para. De. Me. Seguir”, repito pausadamente.

Sem dizer mais nada, retomo a minha caminhada para casa. Não fomos muito longe do campus, então consigo voltar a pé.

E, dessa vez, Nash não me segue.

32.

NASH

Basta que eu entre na casa que Chad divide com outros caras do time para que Sophie venha até mim parecendo um míssil teleguiado.

“Cadê ela?”, pergunta a namorada de Derek, seus olhos azuis fixos nos meus.

“Foi para a Bassett.” Bufo, frustrado. “Ela não vai me perdoar, Soph. Acho até que ela tá me odiando agora.”

“O que você fez?”, o tom acusatório na voz dela não passa despercebido por mim.

“Não fiz nada. Nós dois conversamos. Fui sincero com ela sobre como me sinto, pedi desculpas e ela me afastou.”

Sophie abre a boca para falar, mas um grito agudo a interrompe.

“Nash chegou!”, diz uma garota loira que eu nunca vi antes.

A desconhecida tem o cabelo cacheado, olhos verdes enevoados pela bebida e só está usando uma calça jeans skinny e sutiã. Ela joga os braços na minha direção, praticamente caindo em cima de mim, e eu tento segurá-la porque a garota está visivelmente bêbada. Talvez até um pouco chapada, considerando a vermelhidão dos seus olhos.

Sophie fecha a cara para mim.

Merda.

Se eu ainda fosse o Nash interessado em pegar todo mundo da Duke, abriria um sorriso para a desconhecida, passaria o braço ao redor da cintura dela e a levaria para um canto mais silencioso da casa. Provavelmente perguntaria se ela tem uma amiga interessada em fazer parte da nossa festinha. No entanto, percebo que não sou mais assim quando meu corpo não reage nem um pouco ao ver uma garota gostosa seminua se jogando em cima de mim. E meu cérebro está em outro lugar, em outra pessoa. Só tem uma

garota que eu quero que esteja se jogando em cima de mim, e é bem a única que não quer nem olhar na minha cara.

“Nash, eu estava te esperando, gato”, diz a desconhecida.

Ai, caralho. Sophie está olhando para mim como se eu fosse o próprio Judas.

“Opa”, digo para a desconhecida, tentando mantê-la de pé. “Foi mal, ahn, moça.” *Moça? Quem sou eu nesse momento?* “Tô ocupado agora. Te vejo depois?”

A loira desconhecida abre um sorriso lascivo. “Com certeza.”

Quando ela sai, Sophie dá socos no meu peito. “Você tá de brincadeira comigo, Nash?”

“O que eu fiz?” Tento me proteger dos golpes. “Eu dispensei a garota. Nem toquei nela.”

O rosto de Sophie está vermelho igual um tomate. “E o que foi esse ‘te vejo depois’?”

“Uma forma educada de dispensar a menina”, esclareço. “É o que nós fazemos, Soph. Falamos isso e desaparecemos.”

“Babaca.”

Savannah aparece logo em seguida. “Cadê a Eretria?”

“Nash a afugentou”, diz Sophie.

Ah, Deus. Cadê os meus amigos quando eu preciso deles?

Com raiva, Savannah me encara. “O que você fez?”

“Eu não fiz nada”, repito. “Nós nos desentendemos porque ela não quer me desculpar.” Olho para Sophie. “Pensei que você ia me ajudar, caramba.”

“Eu tô tentando, mas é difícil quando o seu histórico não está a seu favor.” Sophie bufa. “Você disse que a ama?”

Faço que não.

“Por que caralhos não?”, Savannah exige saber.

“Porque ela não vai acreditar em mim”, respondo, resignado. “Ela vai achar que eu tô falando isso para levar ela pra cama. Vai achar que tô jogando sujo. Quero fazer isso direito. Quando eu falar que a amo, não quero que ela duvide disso nem por um segundo.”

Pareço ter convencido Sophie e Savannah de que não era uma boa ideia dizer as três palavras agora. Enquanto Eretria não me desculpar, meu eu te amo não vai valer de nada para ela. Ou talvez valha, mas não quero correr o risco de ela achar que estou dizendo isso como subterfúgio para tê-la de volta. Ela tem que sentir que eu a amo antes de eu dizer. Ações falam melhor

que palavras, não é isso o que diz o ditado?

“Tudo bem aqui?”, Derek aparece, abraçando Sophie por trás. “Vocês parecem tensos.”

“Tudo certo, lindo”, ela responde. “Sav e eu só estávamos tentando ajudar o Nash.”

Derek assente. “Cadê a Eretria?”

Parece que essa é a pergunta da vez.

“Vou pegar uma bebida”, digo, cansado de responder essa pergunta e reconhecer o meu fracasso ao tentar reconquistar minha garota.

Deixando meus amigos para trás, vou até a cozinha a procura de alguma coisa forte para acalmar minha inquietação. Estou dirigindo, então não vou poder encher a cara como gostaria, mas posso tomar uma única bebida forte, só para dar uma leveza na cabeça.

Atravesso o mar de gente, cumprimentando alguns caras do time e outras pessoas conhecidas pelo caminho. Recebo vários tapinhas no ombro e frases como “parabéns pela vitória”; além de vários sorrisos sugestivos vindos do público feminino.

Se eu for parar para pensar, é até engraçado. Não vou dizer que nunca me imaginei me apaixonando por alguém, mas com certeza não esperava que isso fosse acontecer na faculdade. Também não esperava que fosse com uma garota mais nova do que eu. Sempre gostei de mulheres mais velhas, apesar de não ter tal discriminação na hora de transar. No entanto, as mulheres mais velhas são mais experientes e gosto disso.

Assim que entro na cozinha, encontro Kyle se servindo de um copo. Ele está sozinho, e eu avalio a sua feição antes de me aproximar. Ele parece calmo e um pouco bêbado, mas parece seguro chegar perto.

“E aí”, cumprimento, pegando um copo plástico da torre de copos e me servindo de uísque.

Kyle levanta os olhos para mim. “E aí.”

Odeio esse clima de merda. Odeio mesmo. E odeio mais ainda não saber como consertar as coisas.

“Escuta, será que podemos conversar?”

“Sobre?”, ele pergunta, lacônico.

“Sua irmã.”

O maxilar de Kyle se contrai. “O que tem ela?”

“Podemos conversar ou não?”, pergunto. Não vou ter essa conversa no meio da cozinha e com uma música eletrônica insuportável de fundo.

Kyle aponta com a cabeça para a porta dos fundos que leva até o quintal da casa. Ele vai andando na frente, comigo logo atrás.

Do lado de fora, as pessoas se amontoam em pequenos grupos para conversar, beber e fumar maconha. Kyle e eu paramos em pé, longe das outras pessoas. Ele dá um gole na sua bebida e depois olha para mim, esperando que eu comece a falar.

“Sei que já disse isso, mas queria me desculpar por ter sido um otário. Eu fiquei a fim da sua irmã assim que ela passou pela porta de casa. Sabia que se falasse com você, você diria não na mesma hora, mas deveria ter falado. Ou, pelo menos, não deveria ter mentido quando você me perguntou.”

Kyle assente, mas não fala nada, então continuo.

“Não quero ficar nesse clima de merda com você, cara. Então, se você ainda quiser socar a minha cara, não vou reagir. Só... me bate logo pra gente acabar com isso. E me desculpa.”

Sinto que tenho dito muito isso ultimamente, e tenho estou começando a entender que me desculpar não ajuda muita coisa. Claro que é necessário dizer o quanto você sente muito, mas não acho que realmente resolva alguma coisa. Penso que, se minha mãe de repente voltasse me pedindo desculpas, eu provavelmente não aceitaria. De que valem essas palavras quando você continua fazendo merda atrás de merda?

“Deixe ela em paz e estamos quites.”

“Eu tô apaixonado pela sua irmã, Kyle. Peça o que quiser para mim, mas não peça que eu fique longe dela porque não farei isso. Na verdade, estou tentando reconquistá-la.”

“Eu não sei se você realmente sabe o que é estar apaixonado por alguém. Quando você ama uma pessoa, você não a machuca”, diz, rispidamente.

Solto um suspiro pesado. Alto. “Eu não posso mudar o que eu fiz, mas eu posso tentar fazer melhor daqui pra frente. Não tô pedindo sua permissão para ficar com a sua irmã, mas queria que você soubesse que eu a amo e que vou lutar por ela. Fui um babaca, mas vou provar que posso ser o que ela precisa. Eu só tô pedindo que, se Eretria voltar para mim, você apoie. E eu prometo pra você que vou fazer sua irmã feliz.”

“Não é comigo que você tem que se preocupar, Nash. É com os meus pais”, diz. “Eu conheço você, e sei que embora você seja mulherengo, não é uma pessoa ruim. Meus pais não sabem disso. Depois do que aconteceu com Lucas Fisher, eles vão colocar a segurança dela em cima da felicidade dela.

Se você não os convencer, não me surpreenderia se eles tirassem Eretria da Duke e a mandassem para o outro lado do país só para deixá-la longe de você.”

Eretria mencionou que os pais dela iriam surtar, mas eu não imaginei que seria desse jeito. Nunca precisei conhecer os pais de uma garota antes, e considerando o meu mau jeito, não acho que posso causar uma boa impressão logo de cara.

“Se eu tiver que enfrentar seus pais para ficar com ela, farei isso. Mas não acho que consiga convencê-los sem a sua ajuda.”

Kyle concorda. “Provavelmente não.”

Nós ficamos em silêncio por um momento, encarando um ao outro.

“O quê? Você quer que eu implore pela sua ajuda?”, pergunto.

“Não seria ruim”, diz Kyle. Talvez eu esteja errado, mas acho que ele está zoando com a minha cara.

“Não sei dizer se você tá falando sério ou tá tirando uma com a minha cara.”

“Tô falando sério, porra”, garante ele. “Ajoelha aí, filho da puta. Quero ver você implorar.”

“Vai se foder.”

E de repente, estamos os dois rindo. E por algum motivo, não conseguimos parar. Olhamos um para a cara do outro e começamos a rir mais ainda. Isso porque eu nem estou bêbado ainda.

“Nash e Kyle se beijaram e fizeram as pazes.” Ouço a voz de Friends gritando.

“Vai se foder”, Kyle e eu gritamos em uníssono para o nosso amigo.

“Eles estão até falando as frases juntos”, grita Friends de novo. “Que romântico.”

Friends aparece do nosso lado junto com Babyface e Jeremy. Não demora para que eu perceba que meus amigos estão provavelmente chapados, pois nenhum deles consegue ficar em pé direito.

“Somos uma família feliz de novo.” Babyface passa o braço pelos meus ombros e pelos de Kyle. “Somos tipo as Tartarugas Ninjas, cara.”

“Eu sou o Donatello”, grita Friends, fazendo uma posição de luta.

Babyface e Jeremy riem como se Friends tivesse contado a piada mais engraçada do mundo inteiro.

“Que porra vocês usaram?”, pergunto, dando risada.

Os três dão de ombros. Acho que não sabem os próprios nomes agora, o

que me diz que eles não só beberam. Tem outra toxina correndo no sangue desses malucos.

O resto da festa não é lá muito divertido. Embora Kyle e eu estejamos bem agora, o que é um motivo para se comemorar depois de tantos dias em um clima de merda, eu não consigo entrar no clima dos meus amigos. Está todo mundo bêbado e chapado, e eu estou sóbrio pra caralho e com vontade de ir para casa, mas fui intitulado o motorista da noite, então, tenho que esperar os caras decidirem ir embora para garantir que nenhum deles vai pegar o carro no estado que estão.

Estou sentado no sofá ao lado de Brianna, que é a encarregada da vez de manter as garotas longe de mim. Ideias de Sophie. Mas, não estou reclamando. Depois da conversa que tive com Kyle, é até melhor que ele não me veja cercado de garotas.

“Nash, podemos conversar?”

Estou tão cansado que minha visão demora alguns segundos para levar a imagem da pessoa a minha frente até o meu cérebro e eu me dar conta que é Carter quem está falando comigo.

Endireito a postura. “Claro.”

Levanto do sofá, deixando Brianna e sua conversa entusiasmada com Jeremy sobre as coisas que ela costumava aprontar com Derek quando eles eram crianças.

Carter e eu vamos para o lado de fora da casa, onde é possível conversar sem precisar competir com o volume da música.

Não sou idiota. Sem muito bem que ele vai falar comigo sobre Eretria, então já estou na defensiva antes mesmo de ele abrir a boca.

“Vou direto ao ponto, o que você quer com a minha garota?”, ele exige saber.

Cruzo os braços, escondendo meus punhos cerrados. Que porra de “minha garota”. Os dois nem estão namorando ainda.

Abro um sorriso arrogante. “Foi mal, cara. Mas quem é sua garota?”

“Você sabe muito bem”, ele diz, rispidamente. “Eretria e eu estamos juntos.”

“Vocês estão *saindo juntos*”, eu o corrijo. “Não fale como se já estivessem namorando.”

“É só uma questão de tempo. Eu gosto dela, Nash, mas não sou burro e nem cego. Eu vejo como você olha pra ela. Só que parece que você olha assim para todas as garotas. Não é essa a sua reputação?”

Não bata no cara. Burke vai te matar.

“Eu não tenho que me explicar pra você. Eretria é quem me importa. E já que você veio falar comigo sobre ela, acho que devo retribuir o favor.” Abro um sorriso. “Não vou desistir dela, Carter. Então, se veio aqui para me pedir para ficar longe, esquece, isso não vai acontecer. Vou jogar limpo, claro, mas não vou desistir dela. Então, agora que estamos esclarecidos, vamos deixar que ela decida o que é melhor pra ela.”

Ele me encara com desdém. “O melhor para ela não é você. Na verdade, acho que você é a causa de ela estar chateada.”

Me esforço para não deixar transparecer o meu incomodo. Eretria contou sobre as nossas conversas para ele?

“Cara, você pode tentar o seu melhor, mas Eretria e eu fomos feitos para ficarmos juntos. Ela é minha namorada. Eu sei disso e ela também sabe. Nada mais importa pra mim.”

Consigo ver os olhos verdes dele brilhando de raiva. “Ela não é sua namorada.”

“Quem você tá tentando convencer? A mim ou a você mesmo?” Desisto do sorriso presunçoso e coloco uma mão no ombro dele. “Olha, eu fui um otário com ela. Não nego. Tô pagando por isso agora. Ela tá me odiando, e ela me odeia porque ela me ama. Não tô falando isso pra te irritar ou te magoar; tô falando porque é a verdade. Pergunte a ela.”

33.

ERETRIA

“Você o ama?”, pergunta Carter.

Ele apareceu na Bassett House poucos minutos depois que eu acordei. Ainda estou um pouco confusa de sono, se for para ser sincera, e não faço a menor ideia do que ele está falando.

“Quem?”, pergunto, perdida.

“Nash. Você o ama?”

Meu queixo cai.

Sei que ele está me fazendo uma pergunta, mas o tom acusatório na sua voz não me agrada nem um pouco. Odeio ser colocada contra a parede.

“Que tipo de pergunta é essa?”

“Uma que você não está respondendo”, ele diz, ríspidamente. “Ele me disse que você o ama depois que eu o confrontei na festa ontem. Festa que, inclusive, você me deu um bolo.”

“Eu te disse que não estava me sentindo bem”, eu retruco, irritada. “E por que você foi confrontá-lo?”

“Porque eu queria que ele me dissesse o que está acontecendo entre vocês.”

“Você já tinha me perguntado isso e eu te disse que nada estava acontecendo entre mim e Nash. Você não acreditou em mim ou o quê?”

Carter bufa, sentando na minha cama. “Nada está acontecendo entre vocês, mas você o ama, não ama?”, ele pergunta, amolecendo o tom de voz.

Minha boca abre para falar, mas eu não digo nada. O que eu posso dizer? Não posso mentir para ele, não é certo, mas também não quero ter que admitir que, sim, eu ainda amo Nash. Porra. Claro que eu amo. Você não deixa de amar uma pessoa da noite para o dia.

“O seu silêncio fala bem alto, Tria.” Consigo sentir a tristeza em sua

VOZ.

“Eu não quero amar ele, eu quero seguir em frente, e foi por isso que eu te disse que nós tínhamos que ir devagar.” Eu me sento ao lado dele na minha cama.

Carter segura e beija as costas da minha mão. “Mas você não consegue desligar isso porque é o tipo de coisa na vida que nós não temos como controlar.” Ele suspira. Alto. “Eu sinto muito, Tria, mas não consigo competir com isso.”

“Você não tem que competir. Eu não vou voltar para ele.”

Carter força um sorriso. “Quem você está tentando convencer?”

Abro a boca para dizer que não preciso convencer ninguém de nada porque essa é a verdade. Não vou voltar para Nash. Ou, pelo menos, eu não pretendo. Droga. Será que posso mesmo prometer isso para Carter? Posso dizer que não vou ficar com aquele imbecil do Nash quando meu coração teima em bater mais rápido quando ele está por perto?

“Tudo bem, Tria. Eu não gosto, mas eu entendo.” Carter levanta da minha cama e dá um beijo na minha testa. “A gente se vê por aí, linda.”

Continuo sentada na minha cama mesmo depois que Carter sai do meu quarto. Continuo lá por mais dez minutos, repassando essa conversa na minha cabeça. Carter acabou de terminar comigo por causa do Nash. Não sei de quem eu sinto mais raiva; se é de Nash por abrir a boca, se é de Carter por desistir de mim tão facilmente ou se é de mim mesma por ter me enfiado nessa bagunça.

No entanto, Nash não tem nenhum direito de se meter nos meus relacionamentos. Ele teve a chance dele e desperdiçou. Agora, o quê? Ele vai falar para todos os caras que eu amo ele para que os garotos desistam de mim?

Ah, mas não vai mesmo.

É quarta-feira, o que significa que os garotos não têm treino prático. O que também significa que eles devem passar boa parte da manhã na academia da Duke. E sei que acertei o meu palpite quando vejo a caminhonete de Derek e o Rover de Nash no estacionamento perto das instalações atléticas.

Entro no prédio soltando fogo pelas ventas, igual um personagem de desenho animado. Sigo as placas de orientação que apontam para a academia

e a cada passo que eu dou, minha raiva cresce mais um pouco.

Quando passo pelas portas de vidro com sensor automático, encontro todos os garotos do time levantando peso, ou fazendo flexão de braço ou abdominais. É tanta energia em um único lugar que me sinto cansada só de olhar para eles.

“Eretria?”, pergunta Ryan, o primeiro a reparar em mim parada na porta.

De repente, todos os meninos param o que estão fazendo e olham para mim, mas estou focada em encontrar o par de olhos cinzentos que quero arrancar. Quando encontro Nash, que está sentado em um aparelho de musculação que não sei o nome, caminho a passos firmes até ele.

“Quem você pensa que é?”, eu grito, furiosa.

“Alguém com quem você está puta?”, ele supõe.

“Pode apostar que sim. Por que você disse aquelas coisas para o Carter? Qual é a merda do seu problema, Christopher?”

“Ela chamou ele de Christopher”, escuto Babyface sussurrar atrás de mim. “Ele tá *tão* fodido.”

Nash não parece nem um pouco preocupado que eu esteja gritando com ele na frente dos amigos.

“Você não tem o direito de fazer isso. Eu te disse para ficar longe de mim. Eu te disse para não se meter.” Bato no peito dele. “Fala alguma coisa, droga.”

“Eu tenho uma coisa pra você”, ele finalmente fala. “Tá no meu carro. Você consegue ir comigo até lá sem me matar? Você pode ir gritando comigo até lá, no entanto.”

Quero matá-lo. Juro por Deus que quero matá-lo, mas não posso negar que o desgraçado conseguiu me deixar curiosa. Mas nem morta vou deixar que ele perceba isso.

“Não quero nada de você. Na verdade, você pode ir para a puta que pariu, Christopher. Fica longe de mim.”

Viro as costas para ele e caminho para fora da academia, ignorando os olhares dos outros garotos em cima de mim. Nash pode ir para o inferno junto com sabe-se lá o que ele tem para mim. Vou engolir a minha curiosidade pelo menos uma vez na vida.

Estou quase na porta das instalações atléticas quando, de repente, alguém me pega no colo e me joga por cima do ombro. Alguém, não. Nash. O filho da mãe me jogou por cima do ombro.

“Me coloca no chão”, eu grito, batendo nas costas dele com os punhos

fechados. “Nash! Eu vou te matar! Me coloca no chão agora!”

Mas ele não me ouve, apenas continua andando para fora do prédio e depois até o seu carro. Só quando estamos do lado do Rover é que ele me coloca no chão.

“Você não pode me pegar no colo quando você quiser!”, eu grito, batendo nele de novo. “Eu sou uma pessoa. Não sou a merda de um saco de batatas.”

Nash abre a porta do carro sem dizer nada, e eu estou decidida a sair correndo quando ele tira um envelope de lá de dentro e entrega para mim.

Minha curiosidade fala mais alto. “O que é isso?”

“Abre.”

Desconfiada, mas extremamente curiosa, eu abro o envelope. Lá dentro, eu encontro uma passagem aérea para a Austrália. Sem entender, eu olho para Nash, que abre um sorriso tão lindo para mim que as minhas pernas tremem.

“Existe um programa voluntário na Austrália chamado Programa de Conservação das Tartarugas. Eles recebem voluntários para passar um tempo em meio a natureza e também para contribuir com ela, ajudando o ecossistema e essas coisas. Não entendo muito, mas achei que você fosse gostar.” Ele continua sorrindo. “Eu vendi minha moto. Precisava da grana para financiar a reabilitação do meu pai. Também tô trabalhando no Tina’s para continuar mandando dinheiro pra ele. Mas... ahn... sobrou uma grana e eu estava fuçando na internet outro dia e achei esse programa, pensei em você e... bom, é isso.”

Não sei o que dizer. De verdade. A última vez que fiquei sem palavras foi quando Sophie contou a mim e a Savannah que tinha sido vítima de uma tentativa de estupro. Ficar sem palavras é algo que não acontece com frequência comigo. Mas agora, nesse momento, eu realmente não tenho o que dizer. Um obrigada parece nada perto disso.

“Imagino que o Carter tenha falado com você. Eu não estava tentando fazer vocês terminarem nem nada do tipo, Tria. Juro que não. Ele veio falar comigo, dizendo que você era a garota dele e tal. Eu só fui sincero. Perdi muito contando mentiras.” Ele força um sorriso. “Sei que você não me perdoou ainda, mas, bom, considere esse presente a Parte Um do meu plano.”

Franzo o cenho. “Seu plano?”

Ele faz que sim com a cabeça. “Meu plano para ter você de volta.”

“E quantas partes tem esse plano?”, pergunto, dando o braço a torcer.

“Três.”

“Nash...”

Sem que eu tenha a chance de terminar de falar, ele se aproxima, coloca as mãos na minha cintura e apoia as minhas costas no Rover. Seu corpo está a centímetros do meu, mas ele não me ataca como normalmente faz, ao invés disso, sua aproximação é gentil e carinhosa quando ele toca o meu rosto e sorri para mim.

“Gata, me deixa reconquistar você”, ele pede, carinhosamente.

Minhas mãos estão formigando, pois estou louca para passá-las pelos cabelos de Nash. Meu corpo treme ao sentir o dele tão próximo, minhas células vibram e gritam. Sinto meu cérebro fundindo com a simplicidade do que ele está me pedindo. No entanto, a mágoa ecoando no fundo da minha cabeça me impede de ceder por completo.

Quando não respondo, Nash sorri, e é tão lindo que irrita. Desgraçado. Por que tinha que ser lindo assim?

“Preciso voltar lá pra dentro, mas espero que você aceite a viagem.” Ele dá um beijo na minha bochecha, deixando os lábios na minha pele por mais tempo do que o necessário. “Te vejo por aí, amor.”

Quando Nash está quase entrando no prédio atlético, eu lembro que não agradei. “Nash”, eu chamo, e ele vira na minha direção. “Obrigada.”

Sorrindo, ele lança uma piscadela para mim e vai correndo de volta para a academia.

34.

NASH

“Preciso da sua ajuda”, digo, entrando no quarto de Kyle.

Brianna solta um grito e puxa o lençol para cima do corpo.

“Porra, Nash!”, Kyle rosna. “Você tem que bater! Tem que se comunicar, porra!”

“Como você bateu na minha porta quando me encontrou na cama com a sua irmã?”, devolvo.

Kyle faz uma careta, depois bufa e bufa mais uma vez. “O que você quer?”

“Quero conhecer os seus pais.”

Brianna comprime os lábios para não rir. “Que romântico, Nash. Mesmo. Eu acho que você está progredindo. Conhecer os pais é um passo muito importante em um relacionamento”, discursa ela. “Por que você não me disse que tinha um namorado, Kyle?”

“Ha-ha, muito engraçada. É sério, Kyle, porra. Você disse que seus pais iriam surtar com essa minha história com a Eretria. Quero resolver isso”, digo, resoluto.

Kyle franze o cenho. “Vocês nem estão juntos ainda.”

“Eu tô trabalhando nisso”, digo, impaciente. “Vai, levanta. Você vai me levar para a sua casa hoje.”

“Eu tô no meio de uma coisa agora, Nash, caralho.”

Suspiro. “Tá. Termina logo. Pelos gemidos da Bree, todo mundo nessa casa sabe que você não dura muito.”

Kyle pega o travesseiro atrás de si e joga na minha direção. “Sai do meu quarto antes que eu quebre a sua cara de novo!”

Começo a rir. “Vou deixar você acreditando que foi assim que aconteceu porque você precisa impressionar a Bree em algum aspecto.”

Brianna começa a gargalhar.

“Porra, gata!”, ele protesta.

“Não. Você manda muito bem. Não se preocupe com isso. É só que...”
Ela ri mais. “Nash é um palhaço. Você não pode cair na dele.”

Abro um sorriso inocente. “Cinco minutos deve dar pra você, certo?”

“Sai daqui, Nash, porra”, Kyle grita, lançando outro travesseiro na minha direção.

Saio do quarto ao som das gargalhadas de Brianna e os xingos de Kyle. Parece que a vida nessa casa finalmente voltou ao normal.

Ouçoo um grito.

“Derek, seu filho da puta, desgraçado!”

Ou não.

Estico o pescoço para o outro lado do corredor. Friends está parado na porta do quarto dele, de braços cruzados, emputecido.

“O que...”

Dentro do quarto de Friends, na cama do cara, Derek está dando um sorriso triunfante para o nosso amigo enquanto Sophie cobre o corpo com um lençol. Porra. Está todo mundo transando?

Ah, que saudade de transar. A última pessoa com quem transei foi Eretria, no dia que Kyle nos pegou. Acho que nunca fiquei tanto tempo sem sexo. E, se eu não estivesse tão focado em reconquistar minha garota, provavelmente já estaria louco.

“Que porra você tá fazendo na minha cama com a sua namorada?”, Friends exige saber.

Com toda a calma que lhe é peculiar, Derek responde: “Você transou na minha cama no aniversário do Nash, lembra? Eu disse que teria volta. Agora, sai fora!”

“Nem fodendo. O quarto é meu”, protesta Friends.

Sophie está mais vermelha que um tomate. “Eu disse que isso não era uma boa ideia”, ela murmura.

“Que nada, gata. Friends precisava aprender uma lição valiosa.”

“Que seria?”, pergunto por pura curiosidade.

“Não transe na cama dos amigos.”

Friends permanece de braços cruzados, decidido a não arredar o pé.

“Friends, por favor”, implora Sophie. “Eu tô morrendo de vergonha.”

Ele exala. “Por você, Soph. Mas depois vou quebrar a sua cara, Mackenzie.”

Derek ri. “Eu quero ver você tentar.”

Quando fechamos a porta do quarto de Friends, ele olha para mim. “Dá para acreditar nesse cara?” E desce os degraus da escada em seguida como se nada tivesse acontecido.

É. Só mais um dia normal em casa.

* * *

Estou tamborilando os dedos no joelho ao som de Humble do Kendrick Lamar enquanto Kyle dirige. Tento controlar um ataque de ansiedade porque nunca conheci os pais de uma garota antes. E considerando que Eretria não é oficialmente minha namorada ainda, estou um pouco mais nervoso do que normalmente um cara deveria ficar.

Me pergunto se Eretria vai me matar quando souber o que eu estou fazendo ou se vai ver isso como uma prova do que sinto por ela. Quer dizer, eu prometi que congelaria o inferno por ela, então coloquei conversar com os pais dela como a Parte Dois do meu plano para recuperar minha garota.

Planejo algo grande para a Parte Três, mas ainda não decidi o que exatamente vou fazer para a minha cartada final.

“O que eu devo esperar?”, pergunto a Kyle. “Seu pai tem uma espingarda ou algo assim?”

Kyle dá uma risadinha. “Não, mas ele não vai fingir simpatia com você, cara. Não leve para o lado pessoal, tá? Ele só está protegendo a filha do jeito que acha ser o melhor. E, no caso, é tentando intimidar você o suficiente para te manter longe.”

Confirmo com a cabeça. É, eu meio que esperava por isso.

“Algum conselho?”

“Eu diria para você ser você mesmo, mas não sei se é um bom conselho nesse caso.” Kyle faz uma careta. “Acho que se você convencê-lo do quanto gosta de Eretria, talvez tenha uma chance.”

Fico em silêncio, pensando. Se eu não posso ser eu mesmo, quem vou ser? Como vou interpretar um papel para os pais dela e conseguir convencê-los?

Você fez um trabalho muito bom convencendo Eretria de que não a queria, a voz na minha cabeça me lembra.

“Você realmente tá nervoso com isso, não é?”, observa Kyle.

“Pra caralho”, admito. “Nunca conheci os pais antes, e considerando o

que Eretria passou com o filho da puta do ex-namorado, acho que seus pais vão estar muito na defensiva.”

Kyle nem tenta discordar. “Com certeza.”

Respiro fundo.

“Você realmente ama ela, não é?” Ele tira os olhos da estrada para olhar para mim rapidamente.

“Pensei que você já tinha entendido isso quando conversamos na festa.”

Kyle não responde de imediato, mas consigo ver que ele está pensativo. E também consigo perceber que ele não acreditou muito no que eu disse, mas parece que estou conseguindo convencê-lo de que estava falando sério.

“Você tem certeza do que tá fazendo?”, ele pergunta. “Se você der esse passo, não tem volta, cara. Qualquer merda que você fizer depois disso...”

“Vou fazê-la feliz, cara. Eu te prometo”, eu o interrompo antes que ele possa terminar de falar.

Concordando com a cabeça, Kyle volta a prestar atenção na estrada, e eu foco na paisagem que corre pela janela.

Quando Kyle estaciona o carro na frente da casa dos pais, meu coração bate tão rápido que posso estar tendo um ataque cardíaco. Ai, caralho. Minha coragem se esvaiu tão rápido quanto apareceu.

“Pronto?”, Kyle pergunta.

“Não”, admito. “Vamos nessa.”

Saio do carro, empertigo os ombros e sigo Kyle até a entrada da casa.

Deus, me ajude.

Kyle bate na porta, e segundos depois ela se abre. Uma mulher que deve ter uns quarenta e poucos anos abre a porta. Ela é morena e tem os olhos verdes, exatamente como Eretria e Kyle. Ela parece bem surpresa de nos ver.

“Oi, mãe.” Ele sorri antes de abraçá-la.

“Oi.” Ela o abraça de volta, mas a vejo olhando para mim com suspeita. “O que você está fazendo aqui, filho? Por que não avisou que estava vindo? Eu teria feito um almoço especial.”

“Foi meio de surpresa.”

Ela continua olhando para mim com olhos desconfiados. “E quem é o seu amigo?”

“Meu nome é Christopher Nash. É um prazer conhecê-la, senhora Kinsley.” Abro o melhor sorriso que consigo e estendo a mão para ela.

Ela segura minha mão com hesitação. “Prazer conhecê-lo, Christopher.”

“Papai está em casa?”, pergunta Kyle.

Me pergunto se a senhora Kinsley tem a mesma perspicácia da filha, pois ela olha para mim e para o Kyle como se estivéssemos tramando alguma coisa. Bom, ela não está de todo errada.

“Está sim. Entrem.” Ela abre mais a porta para nós.

Kyle entra primeiro e eu vou logo atrás.

A primeira coisa que reparo na sala de estar é a quantidade de fotos de Eretria com orelhas de elfo. Preciso comprimir os lábios para não dar risada. Que diabos é isso?

“Ele está no escritório. Vou chamá-lo”, avisa a mãe de Kyle.

Quando ela sai da sala, eu me viro para ele. “Por que Eretria está com orelha de elfo?”, sussurro.

Kyle suspira. “Meus pais são dois nerds viciados em Senhor dos Anéis e Star Wars. Eles têm certeza que Eretria é um nome elfo ou sei lá. A pobrezinha foi um projeto na mão deles quando era pequena”, conta ele. “Não comente isso com eles ou com ela, se você tiver amor à sua vida.”

“Anotado”, digo. Irritar os pais de Eretria ou a própria Eretria é tudo o que eu *não* quero agora.

Não demora para o senhor Kinsley aparecer na sala.

Ele não é nada do que eu imaginava depois que Kyle disse a palavra nerd. É um preconceito, eu sei. Não é porque uma pessoa é nerd que ela precisa usar óculos, ser magricela ou gorducho e indefeso. O pai de Kyle prova isso. Ele é um homem alto e forte. Não usa óculos ou aparelho e nem nada parecido. Na verdade, ele parece um atleta, como eu e Kyle.

“Filho”, ele diz, cautelosamente. “Tá tudo bem? Aconteceu alguma coisa com a sua irmã?”

Acho que não me surpreende que eles fiquem receosos de Kyle aparecer em casa sem Eretria. Não depois do que aconteceu com ela.

“Não. Tria está bem.”

Os ombros do senhor Kinsley relaxam, e ele atravessa a sala para dar um abraço caloroso no filho. “Bom te ver, garoto.”

“Bom te ver, pai.” Kyle dá uns tapinhas nas costas no pai. “Esse é Christopher Nash, meu amigo da faculdade.”

“É um prazer conhecê-lo, sr. Kinsley.” Estendo a mão para ele que, assim como a esposa, a segura com certa desconfiança.

“Igualmente, Christopher.”

Há um momento de silêncio na sala. Eu deveria ir direto ao ponto ou devo esperar uma brecha?

“Podemos nos sentar por um momento?”, pergunta Kyle. “Nash quer conversar com vocês.”

Me esforço para não deixar o nervosismo transparecer.

“Acho que não vou gostar disso”, diz o pai de Kyle, mas ele concorda em se sentar.

Kyle e eu nos sentamos em um sofá e os pais dele se sentam no outro. Ambos olham para mim, esperando.

Limpo a garganta. “Desculpa vir sem avisar, mas precisava fazer isso antes de perder a coragem”, admito.

“E por que você precisaria de coragem para aparecer na minha casa?”, pergunta o homem, desconfiado.

“Porque quero pedir a sua permissão para namorar sua filha”, falo de uma vez. Se ficar dando voltas, vou ficar mais nervoso do que já estou. “E antes que o senhor diga qualquer coisa, quero que saiba que sei sobre Lucas.” Só de ouvir o nome do cara, os ombros do senhor Kinsley ficam rígidos. Não o culpo. “Eretria me contou sobre ele.”

Depois de um minuto inteiro de tortura, o senhor Kinsley decide quebrar o silêncio. “Se você sabe sobre Lucas, você sabe o quanto minha filha sofreu. Você também deve saber que nós quase a perdemos.”

Confirmo com a cabeça.

“É nesse momento que você começa a prometer que não vai magoá-la e que nunca vai fazer nada parecido com o que Lucas fez?”, pergunta ele, secamente.

Eu pretendia fazer isso, mas agora vou precisar pensar em outra coisa, e rápido.

Faço uma manobra arriscada e decido ser sincero. Não sei se é a melhor escolha, mas tenho a impressão que eles vão perceber rapidinho que eu sou uma fraude se eu tentar mentir.

“Na verdade, eu já magoei bastante a sua filha”, admito. “Estou executando um plano para reconquistá-la.”

O pai de Kyle ri com escárnio. “E você me contar isso deveria me encorajar a dizer sim para o que está me pedindo?”

“Não. Só estou sendo honesto, senhor. Eu amo a sua filha, mas infelizmente percebi isso depois de fazer muita besteira.” Evito dizer a palavra merda. Vou manter meu vocabulário o mais neutro que conseguir. “Eu nunca me apaixonei antes, então fiquei meio apavorado quando percebi que estava me apaixonando por ela. Tentei afastá-la, mas a determinação da

sua filha é implacável.” Tento sorrir, mas ele não retribui. “De qualquer forma, por conta do que aconteceu com ela, eu quis falar com vocês dois antes.”

A senhora Kinsley olha para o filho. “Você o trouxe aqui porque está concordando com isso?”

“Eretria e eu conversamos, mãe. Não vou mais me meter na vida dela, mas se vale alguma coisa para vocês, ela ama o Nash.”

Quero sorrir para Kyle por estar me ajudando, mas tenho medo que os pais dele vejam isso como um tipo de afronta, então, não faço nada.

“Eretria fica cega quando está apaixonada. Quase deu a vida para um desgraçado que só estava atrás de uma menina boba para enganar”, argumenta o pai. “Admiro a sua coragem, Christopher, mas a minha resposta é não.”

Ele se prepara para levantar do sofá, como se colocasse um ponto final na nossa conversa, mas eu sou mais rápido. “Senhor, por favor. Eu sei que minhas palavras provavelmente não valem de nada, mas se não consegue confiar em mim, confie em Kyle. Ele nunca me traria aqui se não acreditasse que posso fazer Eretria feliz, se não acreditasse que sou um cara decente. Não posso prometer nunca magoar a sua filha, mas posso prometer que eu nunca vou colocá-la em perigo.” Faço uma pausa para puxar fôlego. “Por favor, só estou pedindo uma chance. Kyle pode ficar de olho em mim o tempo todo, se isso for deixá-los mais confortáveis. Nós dois moramos juntos, ele sabe quem eu sou e ainda assim me trouxe aqui.”

O senhor Kinsley olha para a esposa como se os dois estivessem tendo um diálogo que só eles conseguem entender. No entanto, está claro para mim que é *ele* quem dá a cartada final.

Por fim, depois de alguns minutos de silêncio, ele olha para mim, sério. “Não.”

Quando o senhor Kinsley se levanta do sofá, eu entendo que perdi. Não sei como fazê-lo mudar de ideia.

“Pai”, chama Kyle, cauteloso. “Você conhece Eretria tão bem quanto eu. Você sabe que, no final das contas, ela vai fazer o que ela quiser fazer. Você tem duas opções aqui: ou você dá uma chance ao Nash e aproxima Eretria de vocês, ou você vira as costas agora e afasta ainda mais a sua filha.”

O pai parece incrédulo. “Você está de brincadeira comigo? Olha para ele, Kyle. Sei que você sabe que ele lembra o Lucas. O desgraçado também sentou a bunda nesse sofá e me fez várias promessas. Olha como as coisas

terminaram.”

“Eu não sou o Lucas, senhor”, digo, firme. “Posso ter todos os defeitos do mundo, mas nunca abandonaria uma pessoa para morrer. Mas acho que o senhor já formou sua opinião sobre mim independente do que seja verdade.”

O senhor Kinsley começa a andar de um lado para o outro na sala. A sua preocupação é tangível, mas estou esperançoso que ele escute o Kyle, já que obviamente não vai *me* escutar.

“Eu demorei para entender, pai, mas o que estamos fazendo só está afastando-a de nós. Se não confiarmos que ela pode tomar boas decisões, vamos perdê-la. E se isso acontecer, você vai perder completamente qualquer que seja o controle que você acha que tem sobre ela. Eretria vai seguir a vida dela independente do que você queira, pai. Ela não é mais uma garotinha. Está na hora de enxergarmos isso.”

Fico estático. Tenho medo de me mexer e acabar com a importância desse momento. Não só para mim e para o relacionamento que quero ter com Eretria, mas para a própria Eretria. Tentar controlá-la não é uma decisão inteligente e eu aprendi isso assim que a conheci.

Kyle levanta do sofá e vai até o pai. “Eu conheço Nash desde o primeiro ano da faculdade. Vi ele fazer muita merda, não vou mentir.” *Ah, obrigado, cara. Que ótimo você querer compartilhar isso agora.* “Mas, acredite em mim quando eu digo que nada vira o mundo dele de cabeça para baixo como perder Eretria.” Kyle aperta o ombro do pai. “Vamos confiar nela, pai. Dê uma chance.”

O senhor Kinsley desvia os olhos do filho e olha para mim. Levanto do sofá e encaro os seus olhos verdes, tentando descobrir se me dei bem ou se estraguei tudo.

“Não me decepcione, garoto”, é o que ele diz antes de sair da sala.

35.

NASH

O *March Madness* está acabando comigo. Dentro do Campeonato da NCAA, março é o mês com o maior número de disputas entre times universitário de basquete, para definir o campeão nacional. São sessenta e oito times disputando os playoffs. Ou seja, até esse número ser reduzido a dois, para ser disputada a final, nós temos muitos jogos eliminatórios, o que significa que eu estou morto de cansaço. Não só eu, o time inteiro está.

Para piorar, no meu caso, o meu emprego no Tina's está dificultando as coisas. As horas que eu teria para dormir e descansar, eu passo trabalhando.

Achei que não fosse dar conta, mas, quando falei com o meu pai pelo FaceTime ontem, tudo foi colocado em perspectiva. Ele parece bem. Bem de verdade. Recuperou um pouco o peso, os olhos pareciam estar atentos, ao invés de estarem nebulosos como eu costumava ver, e até a cor da pele dele parecia diferente. Ele parecia estar saudável pela primeira vez em muito tempo.

Aproveito todo o tempo que eu tenho para dormir. Tenho dormido nas aulas menos importantes também. Simplesmente não consigo manter meus olhos abertos.

No entanto, hoje acordei disposto a colocar em prática a terceira parte do meu plano Recuperar Minha Garota. Já tem quase uma semana que dei a passagem aérea para Eretria. O que ela não sabe, é que comprei uma passagem para ir com ela. Mas, antes de revelar isso, precisamos estar juntos. Se eu falar agora que comprei uma passagem para ir junto, provavelmente Eretria não aceitaria ir e eu quero que ela vá nesse programa das tartarugas.

De qualquer forma, reuni os caras e a Brianna no sofá da sala, determinado a ter uma ideia brilhante para a Parte Três do meu plano. Tentei pensar em alguma coisa nos últimos dias, mas tudo pareceu sem graça

demais.

“Deixa eu ver se eu entendi”, diz Brianna. “Você quer a nossa ajuda para conquistar a Eretria? Por quê? Nós todos vamos namorar com ela por um acaso?”

Os solteiros presentes abrem um sorriso.

“Porra nenhuma”, aviso.

Os caras gargalham.

“O Nash virou o Kyle”, zomba Babyface.

Mostro o dedo do meio para ele.

“Você tem que fazer isso sozinho, Nash”, continua Brianna.

“E eu vou fazer. Eu só quero uma ideia de como.”

Meus amigos ficam em silêncio, pensativos. Acho que nenhum deles nunca precisou se preocupar em fazer um grande gesto para ficar com uma garota.

“E se você desse flores?”, sugere Friends.

“Não. Clichê demais”, digo.

“Chocolate?”, Jeremy.

“Meu Deus do céu, vocês já tiveram que conquistar alguma menina antes?”, pergunta Brianna, incrédula. “Vocês não entendem nada mesmo.”

Meus amigos se entreolham. “As mulheres não gostam dessas coisas?”, pergunta Ryan para Brianna.

“Muitas mulheres gostam, mas não é uma coisa unânime. E essas são as coisas mais clichês do mundo. Eretria vai saber que ele nem se deu ao trabalho de pensar em alguma coisa melhor. E eu não sei se a Tria é uma mulher que gosta de flores”, argumenta Brianna.

“Ela gosta”, diz Kyle, descendo as escadas.

Ele estava terminando de tomar banho quando reuni a tropa para me ajudar.

“Mas, se você quiser conquistar ela de vez, tem que ser algo grande”, continua Kyle, sentando-se no chão perto de onde Brianna está sentada no sofá.

Ficamos mais alguns minutos em silêncio, pensando.

“Você está disposto a fazer algo em público?”, pergunta Derek.

Penso por um instante. Não sei se Eretria gostaria de uma demonstração pública de afeto, mas, à essa altura, estou topando qualquer coisa. “Sim”, respondo.

De repente, Friends abre um sorriso. “Acho que tive uma ideia.”

ERETRIA

É quinta-feira à noite e Sophie e Savannah estão em uma ânsia para sair que eu nunca vi igual. Normalmente, Sophie não gosta de sair no meio da semana porque acorda cedo todos os dias. Se não é para as aulas, é para ir trabalhar, portanto, é bem esquisito que ela esteja toda animadinha para ir ao Holme's em uma noite de quinta. Mas não sei do que estou reclamando. Beber alguma coisa é uma ótima forma de tirar a minha cabeça dos últimos acontecimentos.

Ah, na verdade, sei sim por quê estou reclamando. Levando em consideração que Sophie e Savannah namoram dois dos amigos de Nash, significa que os meninos vão estar no Holme's também, o que também significa que vou ficar frente a frente com Nash mais uma vez. E considerando que ele parece estar no modo reconquista, nunca se sabe que tipo de conversa nós vamos ter, ou o quanto as palavras dele vão me afetar.

Palavras sem gestos são só palavras, lembro da minha amiga da escola, Kim, falar isso para Selenia, uma outra amiga. Não lembro qual era o contexto, mas acho que Selenia estava em uma situação parecida com a minha agora.

Mas ele demonstrou. Ele comprou uma viagem para você salvar as tartarugas, meu coração me lembra.

É verdade. Isso foi muito legal da parte dele, não posso mentir. Eu encaro o papel com as passagens aérea todo o santo dia.

Gata, me deixa reconquistar você, ele me pediu. Não sei se gosto ou se odeio o fato de sentir que estou amolecendo.

Merda.

Quem eu quero enganar? É claro que eu quero ficar com ele, mas o que eu faço com esse medo que se alastra dentro de mim sempre que eu me lembro de Nash dizendo: *“Eu não namoro, Eretria. Essa palavra não existe pra mim. Se é um namorado o que você quer, está procurando no lugar errado.”*

Argh. A confusão na minha cabeça me deixa louca.

Quando chego no Holme's, vou direto para o bar atrás de algumas doses da minha querida amiga tequila. Não quero estar bêbada quando o vir, pois não confio nas minhas decisões de bêbada, mas com certeza não quero estar totalmente sóbria.

“Cadê os meninos?”, pergunto ao notar que nenhum deles veio receber as namoradas.

“Acho que devem estar chegando”, responde Sophie. “Vamos pegar uma mesa.”

Nós nos sentamos em uma mesa um pouco isolada, bem no centro do bar, o que é bem estranho porque sempre ficamos nas mesas do fundo, mas se elas querem ser o centro das atenções hoje, eu não vou impedir.

“Está bem cheio hoje”, comenta Savannah.

“Tenho a impressão de conhecer pelo menos metade das pessoas que estão aqui. Parece que são sempre as mesmas que frequentam o Holme’s”, diz Sophie.

Antes que eu possa abrir a boca para concordar com Sophie, as luzes do bar se apagam.

“Ai, merda. Acabou a energia?”, pergunto.

Um burburinho de pessoas falando se instala, mas logo a luz é ligada novamente. No entanto, me dou conta de que eu estou sozinha na mesa.

Meu Deus. Minhas amigas foram sequestradas? Isso é tipo aquela cena de As Branquelas quando as gêmeas são sequestradas depois que as luzes se apagam no desfile?

Puta que pariu!

Antes que eu possa começar a gritar por Sophie e Savannah, vejo Nash parado no fundo do bar. Os meninos estão todos parados ao lado dele, inclusive o meu irmão.

Um silêncio se instala no estabelecimento e eu estou com a bunda colada na cadeira, sem conseguir me mexer. O que está acontecendo?

De repente, o toque inconfundível da música Sorry do Justin Bieber começa a tocar nos autofalantes do bar. No entanto, o que me surpreende mais é ver que Nash está segurando um microfone.

Ai, meu Deus do céu.

Quando Nash começa a cantar, meu queixo cai. Estou literalmente arrastando o queixo no chão porque não consigo acreditar no que eu estou vendo. Todos os garotos do time começam a fazer uma coreografia que me faz dar risada. Não sei que diabos eles estão fazendo, mas tenho a impressão de que estão tentando imitar as meninas do clique da música. Bom, eles não chegam nem perto de dançar bem.

Nash canta olhando para mim, mas até para cantar o cara tem estilo. Eu nem sequer sabia que ele sabia como cantar. Com a naturalidade com a qual

ele faz isso, me pergunto se ele canta ou cantava em público com frequência.

Ao cantar a parte “*Agora é tarde demais para pedir desculpas? Porque eu sinto falta mais do que só o seu corpo*”, Nash passa as mãos pelo abdômen, sensualizando. Escondo o meu rosto com as mãos porque estou sentimento muita vergonha alheia desse garoto.

E então, ele começa a rebolar. Ah, meu Deus do céu.

Nash continua cantando enquanto os garotos dançam da forma mais desengonçada que eu já vi em toda a minha vida. Eu vou adorar saber como Nash conseguiu convencê-los de passar essa vergonha. E eu espero muito que alguém esteja gravando isso para colocar no Youtube.

Eu mesma gravaria se não estivesse petrificada.

Não sei no que devo me concentrar, se é na voz surpreendentemente razoável de Nash para cantar ou se é no fato dos meninos estarem rodando no próprio eixo enquanto rebolam.

O público feminino do Holme’s parece gostar de ambas as coisas.

Quando ele canta novamente a parte que diz que ele não sente falta só do meu corpo, Nash desenha curvas no ar e me lança uma piscadela sedutora com um sorriso torto.

Meu coração está tão disparado que acho que vai sair voando pelo bar. Eu estou quente por inteiro... Não, na verdade, eu estou *pegando fogo*, e não é pela vergonha de ter recebido uma serenata. Estou fervendo porque amo esse cara e amo que ele esteja tão empenhado em me conquistar.

Depois de dar uma reboladinha final em sincronia com os meninos, Nash caminha até mim e estende a mão. E eu a seguro, sorrindo ao mesmo tempo em que estou roxa feito uma beterraba de tanta vergonha.

Como se não desse para ficar ainda mais escandaloso, Sophie e Savannah aparecem segurando um buquê de flores bem exagerado. Lírios. Minhas flores favoritas. Kyle deve ter ajudado nisso. O que significa que ele e Nash já devem ter feito as pazes.

Minhas amigas entregam o buquê para mim, eu o seguro com uma mão enquanto seguro a mão de Nash com a outra. Mal consigo enxergar um palmo a frente do meu rosto porque meus olhos estão transbordando de lágrimas.

Ai, minha nossa.

As pessoas aplaudem e assobiam quando a música acaba. E, pelo que pareceram cinco minutos inteiros, isso é tudo o que elas fazem. Aplaudem e assobiam. No entanto, a forma intensa com a qual Nash está olhando para

mim nesse momento me diz que ele não está nem vendo e nem ouvindo nenhuma dessas pessoas. Eu sou tudo o que ele vê e ouve. Eu sou tudo o que ele *quer*.

“Eu te amo”, ele diz, e eu desabo. É isso. Eu virei uma chorona incontrolável. “Eu te amo, Eretria. Sou um babaca, burro, cego e provavelmente vou cometer muitos erros nessa parada de relacionamento, mas é você quem eu quero do meu lado, me vendo cometer todos os erros do mundo, mas aprendendo com cada um deles.” Ele toma fôlego. “Eu sei que eu parti seu coração várias vezes, e eu sinto muito por isso, gata. Mas eu mudei. Eu sei como amar você agora.”

“Beija! Beija! Beija!”, as pessoas no bar começam a gritar e a bater palmas ritmadas para me encorajar.

Como se eu precisasse de algum estímulo para beijar esse cara.

Fico na ponta dos pés e grudo meus lábios nos de Nash. Sinto seus braços ao redor do meu corpo logo em seguida, me puxando para mais perto e me tirando do chão.

“Finalmente”, ele sussurra nos meus lábios, aliviado. “Te amo pra caralho, gata.”

Dou uma risadinha, ou talvez seja um choramingo. Não sei dizer. “Também te amo.”

Ele abre o maior de todos os sorrisos para mim e meu peito explode. Se isso for um sonho, me deixa morrer aqui.

Assim que Nash me coloca de volta no chão, Savannah, Sophie e Brianna vem gritando na minha direção e começam a pular ao meu redor.

“Christopher Nash tem uma namorada, senhoras e senhores”, Nash diz no microfone.

As pessoas no bar começam a gritar em aprovação, mas não deixo de reparar alguns olhares tortos vindos de parte do público feminino. Mas, quer saber? Elas que se danem.

Os meninos se amontoam ao redor de Nash e começam a *bater* nele. Pois é. Nunca vou entender a comemoração esquisita dos homens.

“Vocês armaram tudo isso?”, pergunto para as minhas amigas.

“Sim”, Savannah responde com um sorriso de orelha a orelha. “Assim como armamos a carona no dia do jogo, mas o tiro saiu pela culatra. Mas, a gente deu um jeito.”

Dou risada. “De quem foi a ideia brilhante do show?”

“Do Friends”, conta Brianna, rindo. “Nash fez uma espécie de reunião

de família em casa e exigiu nossas melhores ideias.”

Rio mais ainda. “Ah meu Deus. Não acredito que isso aconteceu.”

Sophie sorri. “Pode acreditar, amiga. Você merece ser feliz, Tria. E, não se preocupe, eu ameacei o Nash com o meu taco de beisebol.”

Jogo a cabeça para trás, gargalhando. “Não acredito!”

“Pois acredite. Ele que não fique bem esperto”, ameaça Sophie, rindo também.

Olho para os meus amigos por um momento, olho para o meu namorado recém adquirido e não posso acreditar em como meu coração está batendo aquecido agora.

36.

NASH

“Não, senhora”, protesto. “Fica paradinha aí. Eu ainda tô te devendo um orgasmo, gata. Preciso pagar a dívida antes de morrer.”

Minha namorada bufa, mas assim que a minha língua encontra o seu clitóris, Eretria abandona a teimosia e geme. O som entra nos meus ouvidos e me deixa maluco. *Ela* me deixa maluco.

Depois da minha enorme demonstração de amor ontem à noite, Eretria veio para a minha casa. Por incrível que pareça, não transamos logo de cara. Nós nos sentamos na minha cama e passamos a noite inteira conversando e nos beijando. Embora não tenha terminado em sexo, foi uma das melhores noites da minha vida. Eu tenho minha garota de volta e isso é tudo o que me importa.

No entanto, acordei com um tesão do caralho. Estou há semanas sem transar, e quando vi o corpo de Eretria na minha cama essa manhã, perdi todo o controle. Acordei minha namorada enchendo-a de beijos carinhosos e safados, que ela não demorou nem um pouco para retribuir. Porra, sexo matinal é a melhor coisa que existe no mundo.

Prendo o clitóris de Eretria entre os meus lábios e puxo ao mesmo tempo em que ela enfia as mãos no meu cabelo, arqueando as costas e gemendo um pouco mais alto. E quando eu enfio dois dedos dentro dela, seus músculos internos me recebem, me apertando. Ela é deliciosamente apertada.

Não tenho interesse em provocá-la dessa vez. Então me dedico incansavelmente a fazê-la chegar ao clímax. E é exatamente o que acontece quando eu a lambo e chupo com força. Seu corpo começa a tremer e vejo que ela fecha os olhos, aproveitando cada segundo do que consigo fazer com o seu corpo.

Passo os dedos lentamente pela sua boceta molhada e quase gozo.

Cacete. Eu amo tudo nessa mulher.

Ela estremece. “Nash”, ela ronrona meu nome, a voz carregada de lascívia.

“Hum?” Beijo o interior de suas coxas enquanto minhas mãos deslizam pelas suas pernas nuas. “Me fala o que você quer, amor.”

Ela ofega. A respiração pesada com cada toque dos meus lábios na sua pele macia. “Quero... você... dentro de mim. *Agora.*”

Sorrio para a ordem, mas obedeço, porque eu também estou louco para entrar nela.

Subo meus lábios pela sua barriga, beijando todo o caminho até os seus seios empinados. Chupo os mamilos e faço círculos preguiçosos com a minha língua. Não consigo parar de tocá-la, não consigo parar de beijá-la.

“Nash”, ela choraminga, sedenta. “Para de me provocar!”

“Impaciente”, resmungo.

Estico meu corpo até o criado-mudo ao lado da cama, abro a gavetinha e pego uma camisinha lá dentro. Rasgo a embalagem com os dentes e visto a proteção.

Quando entro em Eretria, chego a enxergar pontos pretos na visão. Tenho certeza absoluta que não vou durar muito tempo. Não depois de tanto tempo sem transar. Mas Eretria não está dando a mínima para isso. Essa mulher vai me comer vivo.

Abraçando o meu quadril com as pernas, Eretria agarra os meus bíceps com as unhas. Ela me arranha, e é tão gostoso que fico perigosamente perto do limite.

“Porra, gata!”

Arranhando as minhas costas, Eretria ergue o corpo para morder meu lábio inferior e me puxar para um beijo. Deito totalmente meu corpo em cima dela e a beijo com tanto desejo que fico sem ar em questão de segundos.

Apoio meus cotovelos um de cada lado da cabeça dela e aumento o ritmo das estocadas até o corpo dela estar tremendo embaixo de mim.

“Christopher”, ela geme meu nome no meu ouvido e eu explodo.

“Putá merda!”

Em um último movimento de força, eu saio de dentro dela e de cima dela, caindo de costas na cama. Me livro da camisinha e puxo minha garota para que ela se alinhe nos meus braços.

Depois de alguns minutos que tiro para recuperar o fôlego, beijo o alto da cabecinha linda dela e lanço a bomba. “Fui falar com seus pais.”

Eretria levanta a cabeça para me olhar, os olhos verdes em choque. “O quê?”

“Kyle me levou lá três dias atrás”, conto. “Fui pedir permissão para o seu pai para namorar você.”

O queixo dela cai. “O quê?”, ela repete, atordoada.

“Pois é”, confirmo, despreocupado. “Não foi fácil, se quer saber. Por um momento achei que não daria certo, mas Kyle conseguiu convencer o seu pai de me dar o benefício da dúvida. Acho que estou em um tipo de período de teste com ele.”

“Meu pai concordou que você namorasse comigo?”

Confirmo com a cabeça.

Os olhos verdes da minha garota brilham com certo divertimento. “Como você sabia que eu iria aceitar namorar com você?”

“Gata, você sempre foi minha namorada, mesmo quando ainda não tínhamos nos dado conta disso. Não tem outra mulher para mim além de você.”

Vejo que ela se esforça para não sorri. “Hum.”

“Pode falar.”

“Falar o quê?”

“Que não tem outro homem para você além de mim, porque nós dois sabemos que isso é verdade. Eu sou seu e você é minha desde aquela transa no banheiro.”

“E todas as pessoas com quem ficamos entre aquele momento e hoje?”

Dou de ombros. “Algumas pessoas são o caminho, não o destino. Você é meu destino. E eu sou o seu.”

Dessa vez, ela não consegue segurar e abre um daqueles sorrisos lindos que aquecem o meu peito. “Tenho certeza que você pegou essa frase de algum lugar, mas vou aceitar mesmo assim porque foi extremamente e surpreendentemente fofo.”

“Eu sei ser fofo quando quero.”

Ela não discorda. “Obrigada. Por ir falar com o meu pai. Talvez ele não admita, mas tenho certeza de que ele tem respeito por você por ter ido falar com ele primeiro.”

“Kyle me disse a mesma coisa no caminho de volta.”

Eretria começa a desenhar círculos no meu peito, e a sensação de pertencimento é a melhor coisa que já senti.

“Talvez essa seja uma boa hora para dizer que eu tenho uma passagem

aérea para ir com você para a Austrália. Se você me quiser, terei o prazer de te acompanhar na missão das tartarugas.”

“É sério?” Seus lindos olhos verdes brilham.

“Pode apostar, gata.”

“Isso vai ser incrível.” Ela se senta na cama, empolgada. “Vamos salvar as tartarugas juntos, e quem sabe eu consiga te convencer a virar vegano.”

Faço uma careta. “Você está exigindo muito do meu amor por você, linda. Vamos com calma”, brinco.

“Tá. Acho que posso aceitar um namorado não vegano.”

“Graças a Deus.” Sorrio, e meus olhos inevitavelmente são atraídos para os peitos de Eretria. Minha boca enche de água. “Agora, traz esses peitos maravilhosos para cá. Deixa eu dar uma atenção para eles.”

Rindo, ela se deita de novo na cama.

E nós começamos tudo de novo.

37.

ERETRIA

Abril

Meu coração está batendo na boca.

Depois de uma quantidade infundável de jogos, o Blue Devils chegou à final dos playoffs. Finalmente chegamos na Final Four. Nosso último adversário é o Virginia Cavaliers, e eles são bons.

Desde que o jogo começou, eu não me sentei nenhuma vez. Meu irmão e meu namorado estão naquela quadra e eu não consigo tirar os olhos desse jogo nem que a minha vida dependesse disso. Sophie, Savannah e Brianna estão comigo, também em pé, enquanto acompanhamos os últimos minutos do segundo período.

Como a maioria dos jogos nos playoffs, esse também está acirrado. Ambos os times dão tudo de si na quadra, o que é bom e ruim ao mesmo tempo. É bom porque eles estão dando um verdadeiro espetáculo e muitos olheiros da liga assistem a esses jogos, mas é ruim porque você não consegue ter certeza de quem vai ganhar.

Nesse momento, por exemplo, o placar está 72x70 para a Duke. Os garotos voam feito foguetes de um lado para o outro da quadra. Burke dispara ordens, e é outro que não consegue ficar com a bunda no banco nem que isso fosse um decreto da NCAA.

Os nervos estão à flor da pele e eu prendo a respiração a cada porrada que Nash leva do Ala-Armador do Cavaliers. Os dois estão se estranhando o jogo inteiro, mas meu namorado está se controlando para não bater no cara. Consigo perceber isso pela forma como ele cerra os punhos e contrai os músculos dos braços fortes.

Nash está a um ponto de explodir. Nem consigo imaginar a troca de

insultos que deve estar rolando na quadra entre os dois, mas estou quase dando uma Gabriella de High School Musical em uma tentativa desesperada de acalmar meu namorado.

“Nash está puto”, Sophie constata o incontestável.

“Está. Estou com medo que ele perca a cabeça”, admito.

Todos os meus músculos estão tensos.

Acho que Burke também percebeu que Nash está uma pilha de nervos, pois ele pausa o jogo faltando dois minutos para terminar. Os meninos se reúnem ao redor dele e eu torço para que meu namorado olhe para mim.

Olhe pra mim, amor. Olhe pra mim, mentalizo.

Quando Burke termina de falar, Nash levanta os olhos cinzentos e olha para mim. Graças a Deus. Faço um sinal com as mãos como quem pede que ele fique calmo e sopro um beijo para ele. Piadista, meu namorado segura meu beijo no ar e leva até os seus lábios enquanto eu me sinto a verdadeira Gabriella Montez.

O cronometro retorna.

Kyle faz uma cesta de três pontos, abrindo um pouco a vantagem, mas isso não dura muito, pois o Pivô do Cavaliers também faz uma cesta de três logo em seguida.

“Eu não aguento isso”, diz Savannah, passando as mãos pelos cabelos, nervosa. “Meu coração vai explodir.”

Faltando quinze segundos para a final nacional acabar, o placar está 85x83 para a Duke agora. O Cavaliers com certeza estudou os nossos jogos, pois eles sabem que Derek tem a tendência de pedir que os garotos segurem a bola quando o jogo está acabando e eles estão ganhando, pois os jogadores do time adversário tentam, de todos os modos possíveis, roubar a bola.

Meu grito está entalado na garganta.

Treze segundos.

Kyle passa a bola para Babyface, que passa para Derek, que passa para Nash e eles vão fazendo esse joguinho para tentar manter a posse.

Nove segundos.

“Acaba logo, porra!”, xinga Brianna.

Sete segundos.

Vou explodir em desespero.

Cinco segundos.

O Ala-Armador do Cavaliers rouba a bola quando Derek a lança de volta para Babyface.

“Putá merda!”, Sophie grita.

Três segundos.

Do meio da quadra, o garoto lança a bola até a cesta tentando fazer o último ponto para virar o jogo. O cronometro zera, mas no basquete, o jogador precisa arremessar a bola *antes* do cronometro zerar. Se a bola entrar, o ponto vale mesmo que o jogo já tenha acabado.

Tenho a impressão de ver a cena em câmera lenta enquanto a bola faz a trajetória até a cesta. Eu seguro as mãos das minhas amigas, e quando a bola bate no aro, mas não entra, a arena explode em um berro.

“AAAAAAAAA”, eu berro.

“AAAAAAAAA”, Sophie berra.

“AAAAAAAAA”, Savannah.

“AAAAAAAAA”, Brianna.

Os garotos se jogam em cima uns dos outros na quadra enquanto berram em comemoração.

“Ah, meu Deus! Ah, meu Deus!”, eu não consigo parar de repetir.

“Parabéns, Duke Blue Devils, campeões nacionais!”, diz uma voz nos autôfalantes da arena.

Toda a cerimônia de entrega do troféu é tão emocionante quanto o próprio jogo foi. Eu e as meninas gritamos tanto que tenho certeza que vou ficar sem voz depois, mas que se dane, eu vou continuar gritando até não ter mais voz nenhuma e nem ar nos pulmões.

NASH

Eretria pula nos meus braços assim que eu saio da arena junto com meus companheiros de time, o treinador Burke e o troféu que vamos levar para casa.

Envolvendo meu corpo com as pernas, ela se agarra a mim. Seguro Eretria pela bunda para mantê-la no meu colo. Seus lábios se chocam contra os meus antes que eu tenha a chance de dizer qualquer coisa. Sinto sua língua se insinuando nos meus lábios, querendo passagem, e eu concedo.

Todo o meu corpo está dolorido porque levei porrada demais nesse jogo, mas tudo some quando ela me beija. E de repente, tudo o que eu quero é mais e mais dela. Quanto mais ela me dá, mais eu quero. Nunca é suficiente.

Eretria chupa a minha língua, e um gemido escapa do fundo da minha garganta.

“Você vai me deixar louco, gata”, murmuro nos lábios dela.

“É essa a intensão.” Ela me lança um sorriso diabólico. Ah, Deus. Essa mulher... “Parabéns pela vitória, lindo. Você mandou muito bem. Fiquei excitada, e agora você tem que resolver isso.”

Abro o sorriso mais safado que eu tenho. “Ah, é? Me ver jogar te deixa excitada?”

“Muito”, ela admite.

Aperto a bunda dela e Eretria solta um gemido baixinho.

“Na minha frente, não”, resmunga Kyle. “Porra, Nash!”

Eretria dá risada, soltando as pernas do meu corpo para que eu a coloque no chão.

“Foi mal, cara.” Rio também.

“Não peça desculpas”, repreende Eretria. “Casais se beijam, se tocam e transam. Kyle tem que se acostumar de ver a gente se agarrando.”

Concordo. “Tem razão, linda. Amigos, aqui eu me despeço de vocês porque a minha farra hoje vai ser na cama com a minha gata.”

Kyle reviro os olhos, insatisfeito.

Eretria ri, vai até o irmão e dá um beijo na bochecha dele. “Te amo, Ky. Você é o melhor irmão do mundo.”

E fácil assim, ele se derrete pela irmã exatamente como acontece comigo quando ela me olha com esses olhinhos verdes brilhantes. “Também te amo, pequena.”

Passo os braços pelos ombros da minha namorada. Estamos juntos há duas semanas e eu ainda não consigo parar de tocá-la. Parece que quero compensar todo o tempo da minha burrice. Mas Eretria é muito viciante. Quanto mais a toco, mais quero continuar tocando-a. E beijando, abraçando, cheirando, apertando e fodendo o dia e a noite inteira, porque eu a amo perto de mim, em cima de mim, embaixo de mim e eu dentro dela.

“Cuida da minha irmã, Nash”, diz Kyle, estendendo o punho fechado para um toque.

Bato meu punho dele, selando uma promessa. Olho para a minha garota e sorrio antes dar um beijo no alto da cabeça linda dela. “Eu vou cuidar.”

EPÍLOGO

ERETRIA

Junho

“Gata, tô saindo de casa pra te buscar”, diz Nash no telefone.

Estou terminando de fazer a minha mala porque vamos para a Austrália hoje. O semestre acabou, os garotos venceram o Final Four da NCAA, eu tenho um namorado lindo e gostoso, minha relação com o meu irmão está salva e a com os meus pais está melhorando, graças a Kyle. E, para completar, estou indo passar um mês na Austrália com o cara que eu amo para fazer uma coisa que eu amo tanto quanto ele.

A vida pode ter momentos perfeitos, sim.

Ah, sem mencionar que o pai de Nash recebeu alta da clínica de reabilitação na semana passada. Eu o conheci por uma chamada no FaceTime.

Nem consigo descrever o quanto fiquei feliz em ver o sorriso no rosto do meu namorado e o alívio nos olhos dele em finalmente ver o pai melhorando.

Combinamos de vou conhecê-lo pessoalmente assim que voltarmos da Austrália.

“Tá bom, amor. Eu tô terminando de arrumar tudo. Me manda uma mensagem quando chegar.”

“Pode deixar. Te amo, gostosa.”

Dou risada. “Também te amo.”

“Espera aí... Será que dá pra transar no banheiro do avião? Porra, isso deve ser irado!”

“Informação demais”, protesta Sophie. “Você está no viva voz, Nash.”

Ele dá risada do outro lado da linha. “Oi, Soph. Vou sugerir isso para o D quando ele te levar pra Nevada.”

Sophie revira os olhos.

Dou risada. “Sabia que eu sempre quis tentar isso? Transar nas alturas deve ser divertido.”

“É por isso que você é minha namorada, gata. Somos iguais. Chego em trinta minutos”, ele avisa. “Tchau, linda. Tchau, melhor amiga.”

Sophie ri. “Tchau, Nash.”

Quando desligo o celular, sento em cima da minha mala e peço que Sophie me ajude a fechá-la. Nunca se sabe o que se pode precisar em uma viagem de um mês em outro continente, então, eu enfiei tudo o que podia e o que não podia dentro da minha mala.

“Cadê a Savannah?”, pergunto. “Quero me despedir dela antes de ir.”

“Ela estava aqui agorinha”, diz Sophie. “Como ela desapareceu e a gente não viu?”

Como se ouvisse o chamado, Savannah entra pela porta do quarto.

Não demoro nem meio segundo para perceber que tem alguma coisa errada. Ela parece consternada, mas não faço ideia do motivo.

“Sav?”, chamo. “Tudo bem?”

Minha amiga parece nem estar me ouvindo.

Olho para Sophie e ela dá de ombros, como quem diz que também não está entendendo o que está acontecendo.

“Sav”, tento de novo. “Ei.” Toco no braço dela e ela olha para mim como se estivesse saindo de algum tipo de transe. “Tudo bem?”

Os olhos cor de âmbar de Savannah olham para mim, olham para Sophie e, de repente, ela começa a chorar.

“Amiga, o que aconteceu?”, pergunta Sophie, preocupada, se aproximando de Savannah.

Demora um minuto inteiro para que Savannah consiga falar de novo. Começo a pensar que ela e Babyface podem ter terminado quando ela lança a bomba. “Eu tô grávida.”

FIM DO LIVRO II

Nota da autora

Oi, meus queridos leitores!

Que alegria saber que vocês chegaram até aqui.

Não fique por fora das novidades dos próximos livros que serão lançados. Savannah logo, logo está chegando para vocês se deliciarem com a continuação da história dessas três amigas.

Acompanhe minhas redes sociais para mais detalhes e novidades.
Instagram: @fersfreittas

Um beijo imenso para vocês!

Agradecimentos

Eu adorei contar a história da Eretria e do Nash, e adorei como vocês se apaixonaram por eles já no livro da Sophie e do Derek. Agora vamos ver o que vai rolar com a Savannah, não é mesmo?

Família, amo vocês. Obrigada pelo apoio, pela compreensão e pelo entusiasmo ao ouvir cada uma das minhas ideias. Vocês são tudo para mim!

Agradeço às minhas meninas, Maria Isabel Oliveira, Thais Cortez, Nathaxa Santos, Ana Imthon e Beatriz Matias por me mandarem mensagem todos os dias perguntando se o livro estava pronto. Por me manterem motivada a continuar escrevendo e por cada surto com os spoilers que eu lançava aqui e ali. Não me abandonem nunca!

Também quero muito agradecer às meninas e meninos do grupo de A Seleção no WhatsApp. Fiz amizades incríveis e encontrei pessoas maravilhosas que passaram a ser minhas amigas de verdade.

Agradeço meus irmãos e meu namorado por me ensinarem cada vez mais sobre o basquete. Eu já era muito fã do esporte, mas com tudo o que aprendi para escrever essa série, me descobri ainda mais apaixonada. Felipe, Caique e Matheus, obrigada! Amo vocês!

E, como sempre, Toddy Cleiton, companheiro das madrugadas, meu cachorro que é um shitszu, mas pensa que é um pitbull. Oh, meu Deus! Te amo, meu filho!

Foto de capa: designed by Svetlanasokolova – Freepik.com

E, minha queridíssima amiga Halexia Helen que, mais uma vez, me ajudou com essa capa maravilhosa. Você arrasa! Muito obrigada, amiga!